

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA PORTUGUESA

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA



EDIÇÃO DA *CRÔNICA DE DOM DUARDOS*
(SEGUNDA E TERCEIRA PARTES)

Nanci Romero

VOLUME III

Doutoramento em Linguística
Especialidade Linguística Portuguesa

2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA PORTUGUESA

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA



EDIÇÃO DA *CRÔNICA DE DOM DUARDOS*
(SEGUNDA E TERCEIRA PARTES)

Nanci Romero

VOLUME III

Tese orientada pela Prof.^a Dr.^a Lênia Márcia de Medeiros Mongelli (Universidade de São Paulo) e pelo Prof. Dr. Ivo José de Castro (Universidade de Lisboa), especialmente elaborada para a obtenção do grau de doutor em Linguística, especialidade Linguística Portuguesa.

2012

Para Andréa Honório da Silva,
porque princesas vivem para sempre.

Crônica de Dom Duardos

Terceira Parte



Dom Gonçalo Coutinho

Códice ANTT 1202

Crônica de Primaleão Emperador de Grécia

Terceira Parte



[1] Capítulo 1

De ãa aventura, que aconteceu a Dom Duardos, com ã cavaleiro estranho.

Apartado Dom Duardos de Albaizar, pelo modo que na segunda parte desta história deixamos escrito, caminhava em busca de algum despovoado, onde acabasse a vida, tão aborrecido de si, porque vivia, como enamorado da causa com que desejava a morte, que era o gosto, que a seu parecer Carmélia teria dela.

Lembrava-lhe quão perto estivera de Constantinopla e mais o entristecia cuidar, que poderia sua senhora ofender-se daquela vizinhança, do que o inquietava o pensamento, de que pudera ir a vê-la. Temos nós dito já tantas vezes as razões, com que estas suas finezas se fundavam, que seria pesada cousa o multiplicá-las agora.

Acompanhava-o Tregônio contente de o ter achado, por meio de tantos e tão vários casos, como por ambos tinham passado. Descontente e malencólico, de ver o pouco remédio, que o tempo tinha dado às imaginações e fantesias, com que o deixara, parecendo-lhe, que ou o mal de seu amo, já não teria remédio, ou que seria o remédio muito peor, que esse mal.

Assi iam ambos praticando, às vezes em suas cousas [2] passadas, outras metidos nas contemplações das misérias presentes, tão absortos, cada ã por seu modo, que muitas vezes, nem o escudeiro ouvia se o chamava o senhor, nem o senhor se lembrava se o escudeiro o seguia.

Não se contentava Dom Duardos de qualquer sítio para gasalhado da sua tristeza, por isso enjeitava todo, o que até então se lhe oferecia, quanto mais, que aquela terra, por que caminhava era tão povoada de lugares grandes e de gentes, que acodiam à corte a seus negócios, que mais é para espantar, que caminhasse¹ sem achar algũa aventura, que o detivesse, que de lhe faltar de certo lugar,² em que descansasse; e assi tendo passado já três dias, que se apartara de Albaizar, indo caminhando ao quarto, com suas costumadas meditações, acordou-o delas, os gritos, que ãa donzela vinha dando, após ã cavaleiro grande e bem feito, que pela estrada, que ele fazia, o ia a donzela seguindo e ele caminhava sossegadamente e com muito pouco cuidado daquela grita. Concertou-se Dom Duardos na sela e tomando a lança a Tregônio, foi andando, até que pouco antes de emparelhar com eles, a donzela levantou a vox e com maiores

¹ A: caminhasse / C: fosse

² A: de certo lugar / C: deserto

demonstrações de sentimento, se lhe começou a queixar daquele descomedido cavaleiro.

Ao que ele voltando para ela lhe disse:

— Por certo minha amiga, que deveis ser a mais cruel mulher do mundo, pois vos não doeis de dous pobres homens, a quem ocasionastes a morte, com essas queixas e [3] quereis agora ocasionar o mesmo a estoutro. Já vos disse, que buscásseis o dono das armas, que vos tomei e se é o que vós dizeis ele vos vingará. E se não, para parte imos, onde não pode faltar quem o faça, se não com mais gosto vosso pela tardança, pelo menos com mais certeza pela bondade dos cavaleiros dessa casa.

— Traidor (lhe respondeo a donzela) não deixarei de me queixar enquanto não acho esses que dizeis, aos com que me encontrar a fortuna, porque quando não sirvam de me darem a justa vingança, que de vós desejo, não pode deixar de servir a multiplicação de meus queixumes, de apressar a justiça divina, a tornar por ãa sem razão tamanha, deparando-me, quem de vós ma faça.

Pasmado ficou Dom Duardos daquele colóquio, que ouvira, porque nem as queixas, da donzela, lhe pareciam de pouca consideração, nem as palavras do cavaleiro de homem, que faria força a donzela. E desejando de entender bem aquilo, chegando-se-lhe mais perto, lhe disse:

— Por melhor que se este cavaleiro desculpe, senhora donzela e por mais, que nos ameace, aos que vos quisermos servir, não hei de deixar de saber de vós a causa, com que vos queixais, nem se for tão justificada, como parece grande o sentimento, de trabalhar por vos dar a satisfação, que desejais, antes que vades mais adiante a buscá-la.

— Nem eu (respondeo o cavaleiro) deixarei de caminhar enquanto vós vos informais, mas não será ao maior passo, [4] que este, que até ‘qui trouche, porque não vos custe muito ir a buscar-me, quando vos parecer, que estais obrigado a fazê-lo.

E com isso deu de esporas ao cavalo e seguiu o caminho que trazia, do modo que de antes o fizera.

Dom Duardos não ficou contente da cortesia do cavaleiro e a donzela menos, que não detreminava deixá-lo alargar muito e respondeo-lhe:

— Por vida vossa senhor, que venhais comigo e dir-vos-ei o que me traz após este homem, antes que se nos perca de vista, ou vos ide embora, que eu não o hei de largar até que me veja vingada.

E acabando de dizer isto, foi-se também seguindo o cavaleiro. O mesmo fez Dom Duardos mais desejoso de saber aquelas cousas, do que suas malencolias parece que pediam; mas resiste-se mal a natureza particularmente quando se esforça a

veemência de seus impulsos, com força a quem tem os da obrigação de honra, nos ânimos generosos.³

Ouvia Dom Duardos queixar-se ãa molher e via derramar lágrimas, (que ainda que nelas não são de preço, não deixam todavia de ser lágrimas) e não era possível que deixasse aquela matéria sem remediá-la,⁴ pois era Dom Duardos e trazia armas vestidas.

Voltou também, como dizíamos e a donzela lhe disse, que vindo da corte de Trácia, com recados da rainha Leonarda, para el-rei Floriano seu marido encontrara, havia três dias, aquele cavaleiro, o qual depois de se salvarem cortesmente [5] ã a outro, lhe perguntara donde vinha e para onde fazia seu caminho? Do que informando-o ela ele lhe tomara por força ã lio em que a rainha mandava ãas armas a seu marido, dizendo que a el-rei lhe não faltariam outras e que ele havia mister aquelas, para que em ãa empresa, a que ia, lhe pegasse algũ valor de seu dono. E juntamente para que o mesmo rei, ou cousas suas, lhas pedissem.

— E como isto disse (dizia a donzela) sem lhe dar nem de minhas lágrimas, nem da ofensa, que fazia a ã tão valente cavaleiro, como é el-rei Floriano meu senhor, vestio as armas tirando primeiro as suas e disse-me, que ele ia direito a Constantinopla, que ali daria razão de si, a quem lha pedisse. E seguiu o caminho que vedes. E eu após ele, desejosa de achar antes que lá chegue, quem me satisfaça de seu atrevimento, de que já não levo muita confiança, porque ontem encontramos dous cavaleiros, que pareciam valentes em verdade e sobre me quererem vingar, houveram batalha com ele, na qual ã morreo no primeiro encontro da lança e o outro, com poucos golpes de espada se lhe rendeo, com ã braço menos, que de ã, se⁵ lhe lançou em terra.

Não moveo menos isto, que a donzela disse a Dom Duardos, do valor daquele cavaleiro, para desejar provar-se com ele, que o mais das queixas, que lhe fazia. À satisfação das quais, tão obrigado se achava, que mais não podia ser. E assi lhe respondeo: que se [6] fossem trás ele e que esperava em Deus, que lhe daria a vingança, que aquela força pedia, ainda que cuidava, que o cavaleiro tomara as armas, mais com intento de haver brigas, com el-rei Floriano, por algũ respeito, que por tomá-las, pois quando assi não fora, nem deixara de se livrar da importunação dela, com mores descortesias, nem fizera o seu caminho, com aquele descuido e sossego, que levava.

E como eles todavia caminhavam e o outro se apressara pouco, depressa foram

³ A: generosos / C: honrados

⁴ A: remediá-la / C: precurá-la remediá-la

⁵ A: se / C: só

com ele, o qual em os sentindo nas costas, voltou, tomando a lança ao seu escudeiro e cobrindo-se bem, com o escudo esteve quedo, a ver o que Dom Duardos lhe dizia.

Esteve-o ele vendo, não pouco namorado da gentil disposição, que tinha e da fermosura das armas e divisa, que levava. As armas eram verdes, como seu dono as costumava e no escudo em campo branco ã salvagem, com dous leões por ãa trela e tão conhecida no outro tempo no mundo, como a sua fama era invejada naquela hora.⁶ Dom Duardos depois que gastou ã pequeno espaço, assi no que via, como nas memórias, que daquela vista lhe resultaram, disse para o cavaleiro, chegando-se-lhe mais:

— Por certo cavaleiro, que se vos eu vira com essas armas vestidas, antes de saber o como as houvéreis, que não deixaram de me fazer tão grande medo, para vos não acometer, como agora me fazem inveja as cousas, que com essa divisa se acabaram. Nem eu sei, que causa [7] podia haver para as tomardes por força a esta donzela, senão saberdes ao que ficáveis obrigado, não tanto pelas tomar, como por querer vesti-las, porque é carga, com que só os ombros de seu dono podem.

— Eu conheci as armas e não ignorei a obrigação e por isso as tomei (respondeo o cavaleiro) mas fui tão mofino, que não quis essa donzela apartar-se de mi, para que pudessem ter lugar os intentos, que em tomá-las tive, dos quais vos não detremino dar conta, porém sabeí, que não foram querer-lhe fazer força a ela.

— Em verdade (tornou a replicar Dom Duardos) que se lhas quisésseis tornar, que acabaria eu com ela, que perdesse a queixa de vos ofender por isso, porque vos confesso, que creio tudo, quanto me dizeis.

— Não hei de tornar as armas, senhor cavaleiro, (respondeo ele) porque o não sofreram os intentos, que vos disse, que se são para servir a seu dono, não o faço tornando-as por vós mo mandardes e se para o desservir, como melhor o poderei fazer, que tendo-as vestidas? Trazendo-as eu, ou me comunicarão o ânimo para acabar as empresas dificultosas, ou quem me vir fazer fraquezas com elas, cuidará (algũ espaço pelo menos) que é fraco o Cavaleiro do Salvagem. Por isso se me não quereis deixar, fazei o que vos parecer, que para tudo me achareis prestes.

Muito bem e cada vez melhor, parecia o cavaleiro a Dom Duardos, mas como aquilo se não havia averiguar com palavras e eles tinham já gastado tantas, não querendo [8] despender mais, tomando do campo o necessário, voltou sobre seu contrário, que da mesma maneira o vinha já a buscar e topando-se ambos em cheio foi o

⁶ A: naquela hora / C: naquele; ora

encontro tal, que as lanças quebradas em muitos pedaços voaram por esses ares e eles vieram ambos ao chão. Dom Duardos em pé, com a sela entre as pernas e o outro por cima das ancas do cavalo e com ã pouco de desacordo, mas não porém de maneira, que deixasse de se levantar depressa e meter mão à espada e vir a buscar seu contrário, que já com a mesma compostura, o ia a receber.

Esta foi ãa das notáveis batalhas, que em toda esta história se lem, porque o cavaleiro, ainda que até ‘gora não tínhamos feito menção dele, pelas razões, que em seu lugar diremos era tão valente, que não só não sofria ventagem, mas estava armado, com ãas armas novas e inteiras, mandadas fazer por ãa rainha poderosa e amiga de seu marido, para assegurar sua pessoa dos perigos, que lhe ela temia, com ãa boa espada.

E Dom Duardos era Dom Duardos, contra quem parece, que ninguém podia resistir, porém armado, com ãas mui velhas armas e mui bem⁷ encetadas da mão de Albaizar e de outros, com ãa mui ordinária espada.

Verdadeiramente que bem ponderadas as circunstâncias, que nesta matéria concorreram, que não sei se podemos dizer, que este foi o mor perigo em que se ele nunca vio, porque no em que estive com Palurdão em que o vimos desarmado [9] de todo e com aquele inimigo diante, vimos-lhe também ãa facha e ã venablo nas mãos, tais, que com qualquer golpe deles, poderia fazer o que fez. E fora isto, a vista e o perigo de Fidélia, quando não concorressem⁸ com Dom Duardos para o ajudar, naquele trance não podia deixar de obrigar a Deus, a lhe assestir a ele, para a livrar a ela. E aqui, nada disto havia e assi lhe foi a vitória tão custosa, que quasi a comprou, com quanto sangue tinha, o que não particularizamos, por fogir da moléstia dos golpes feros e más⁹ estocadas; basta sabermos que a resolução daquela batalha foi que depois de Dom Duardos mui ferido, pelas roins armas que trazia e seu contrário também, ainda que não tanto, pelo que temos dito, vendo-se perdido e seu inimigo cansado, remeteo a ele e tendo-se abraçados ã ao outro, largando Dom Duardos a espada, que trazia presa ao braço por ãa cadea, como naquele tempo alguns cavaleiros costumavam, arrancando de ãa adaga, com ela rematou a contenda, dando duas feridas mortaes, no fingido Cavaleiro do Salvagem, com que abrindo os braços, lhe caío aos pés, ficando Dom Duardos tal, que lhe conveio sentar-se junto ao outro, fazendo termos de pouco mais vivo, do que aquele estava.

⁷ A: mui bem / C: já

⁸ A: concorressem / C: corressem

⁹ A: más / C: mais

Acodio-lhe a donzela, acodio-lhe Trigônio, acodio o escudeiro daqueloutro também a seu amo, a quem Dom Duardos ainda naquele estado, fez que Trogônio ajudasse primeiro.

E fazendo-se [10] assi entendeo Tregônio, que não o poderiam desarmar, sem lhe acabarem de todo a vida, pelo que lhe pareceo ir a ver se haveria por ali alguma comodidade, de os levarem adonde fossem curados. Deparou-a Deus, que não queria que nenhũ daqueles cavaleiros acabasse tão depressa e foi o abade, de ã mosteiro, que ali perto estava, o qual ia mal disposto de ã quinta para o convento em ã liteira.

E vendo o que ali passava, dando-lhe força a coriozidade, ou a caridade,¹⁰ para sentir menos os males próprios, que os alheos, se apeou dela e como melhor puderam ele e os que o acompanhavam, com Tregônio e o outro escudeiro, acomodaram os feridos na liteira e os levaram ao mosteiro, onde foram curados, com grande deligência e regalo.

Sarou Dom Duardos brevemente porque como a falta de sangue foi o maior mal nele, logo em se lhe tomando as feridas, foi para melhor.

O outro cavaleiro esteve muito arriscado, porque ainda que as punhaladas não tocaram os intestinos, não deixaram contudo, por serem penetrantes, de serem difficilíssimas de curar, necessitando ao cirurgião a fazer-lhe contra feridas e outros perservativos, que o detiveram muito.

Não aguardou tanto a donzela, a qual como vio Dom Duardos melhorado, tomando as armas, que lhe tinham tomado, deixando os cavaleiros no estado em que estavam sem poder alcançar de Dom Duardos que lhe dissesse quem era [11] se foi para Constantinopla aonde pelos sinais, que deu, não houve quem deixasse de o conhecer. No outro cavaleiro não poudo cair ninguém, acrescentando-se com isto mais o desejo, que todos tinham de conhecê-lo, particularmente Floriano, que propôs consigo de não descansar, ‘té se ver com ele para saber a quem devia aquela afeição que mostrara a suas cousas. A Fidélia e a Carmélia lhes pesou de Pleonido ser partido, porque segundo a donzela dizia, não estava mui longe aquele mosteiro, onde os feridos ficavam e puderam-no encaminhar ali com as sospeitas, que todos tinham.

E já por este caminho Dom Duardos vivia na memória de Carmélia.

O que lhe a ele mais aconteeo e quem era o cavaleiro, com quem se combatera, diremos no próximo capítulo.

¹⁰ A: a coriosidade, ou a caridade / C: a caridade

Capítulo 2

De quem era o cavaleiro, com quem Dom Duardos teve a batalha e do que mais fez depois que foi são de suas feridas.

Mais necessidade temos de pedir licença a el-rei Floriano e à rainha sua mulher, [12] para dizer quem era o cavaleiro, com quem Dom Duardos tivera as brigas, que aos leitores, para fazer esta digressão do caminho, que imos seguindo, porque nomeá-lo e dá-lo a conhecer, não é possível, sem pejo de el-rei e desgosto da rainha e o mais porventura será variar o sabor aos apetites dos que lem.

Mas como o ofício de historiador seja assencialmente investigar a verdade das cousas, com deligência e referi-la sem afeição, nem dissimulação, com muito rigurosa neutralidade, não se pode dispensar, com tão precisa obrigação em ãa muito pequena parte, sem grande culpa de quem escreve e grande prejuízo da mesma história, quanto mais em ã membro, que acerte de ser o principal e grande nela.

Pelo que assi os leitores se se enfadarem, como el-rei Floriano se se pejar e a rainha Polinarda¹¹ se se ofender, me hão de perdoar, que não posso deixar de dizer, como no muito tempo em que o dito rei Floriano, andava por Espanha acompanhando Arlança e duas donzelas, ãa das com que teve conversação estreita, foi Polifema, companheira e parenta da mesma Arlança, da qual conversação resultou, que Polifema quando sua senhora e as mais princesas casaram em Constantinopla, se achava prenhe de poucos meses.

E ainda que as novas ocupações em que Arlança entrava e os temores da guerra que logo houve em todos, a puderam assegurar a ela naquele trabalho, contudo, não querendo aventurar [13] o segredo próprio, ao descuido alheio, fingindo-se doente, pediu licença a Arlança, para a ir esperar a sua ilha, para onde ela dizia, que se havia de partir logo, com Dramusiando. E alcançando-a levemente e detendo-se por cá a parenta mais do que se cuidava, com as cousas, que sucederam, poudo Polifema ocultar a prenhez e o parto, que foi pouco antes do nascimento de Pavorante e dos mais.

E se o coronista de Palmeirim de Inglaterra, não conta isto, como parece que estava obrigado a fazer, não lhe sei outra causa, que ser mais amigo da honra destes culpados, que da sua, o que eu porventura também fizera, se não saíra tal o fruto daquela culpa, que pode, não só alegrar o mundo, mas levá-la a ela, temporalmente,

¹¹ A: Polinarda / C: Leonarda [Trata-se de erro de A, pois a esposa de Floriano é Leonarda.]

onde tinha sido maior.

Pario Polifema, pois, ã menino, a quem se bem faltaram as creações e doutrinas, que por filho de tal pai se lhe deviam, não faltou a natureza, com ã engenho tão vivo e pronto e com ã coração e ânimo tão grande, que não só nos hábitos e exercícios rústicos em que se criou era espírito de seus iguais e companheiros, mas não deixara de o ser, se com seu irmão e parentes se criara.

Descuidou-se a mai dele, ou por muito cuidadosa da sua honra, ou por pouco lembrada da sua consciência, porque depois de o parir e mandar entregar pelos meios que teve, a ã lavrador, que o criasse, andando o tempo, poucas foram as vezes, que o viu sendo menino, [14] e menos depois que começou a sair daquela idade, antes com ãa desacostumada¹² crueldade¹³ nem lhe lembrava que era vivo, vivendo em companhia de Arlança e não atada a nenhũ outro cuidado, que ainda fazia o espírito maior.

E desta maneira foi aquele pobre moço perdendo os melhores,¹⁴ e o mundo suas obras, que não puderam deixar de ser excelentes e conformes às que depois fizera. Ele tão triste desta perda sem a entender, que vinha a parecer intratável as pessoas, com quem conversava, o que antes era muito ao contrário, porque tinha mostrado em todos seus atos, grandes indícios de natureza dócil e inclinações nobres.

E vencendo o costume daquela gente sua companheira, tinha aprendido a ler e escrever e das artes liberais tudo o que naquela ilha se lhe poudo ensinar, furtando o tempo para isso aos passatempos de menino. E das manteigas e leites e caças, que podia haver, pagava aquela sua doutrina com mão tão larga e cuidado tão grande, que com isso e com se ver a diferença de engenho e curiosidade, que mostrava, inclinava aos preceptores de maneira, que eles eram os que o buscavam para o ensinarem.

E crescendo com a idade a força e o ânimo, mostrava em outros exercícios maiores, o muito que disto tinha. E assi pelo que lhe acontecia ordinariamente com touros, com ussos, com leões e em outros casos particulares era conhecido por homem intrépido e sem medo. E a ele devia Arlança a recuperação de sua terra, quando teve a guerra, [15] com seus sobrinhos, porque espiando-os e entrando e saindo no seu exército e peleijando armado, como peão, com os peões, de que constava, lhe tinha feito notabilíssimos serviços. E acendendo-se assi com a natureza, como com aquele motivo

¹² A: desacostumada / C: das costumadas

¹³ A: crueldade / C: brutalidades

¹⁴ A: melhores / C: melhores anos

de andar entre gente armada em grande desejo de ser cavaleiro e vendo-se sem¹⁵ calidade para isso, veio a cair na tristeza, que temos dito, que o fazia julgar por outro, do que antes era.

Bem o conhecia a mai e nem lhe doía o ânimo para o livrar daquela miséria, declarando-lhe quem era, nem ainda para lhe procurar ã pouco de melhor vida, no tratamento ordinário. Mas acodio-lhe Deus a ambos, dando-lhe a ela ãa pesada doença, de que se lhe ocasionou a morte e o arrependimento de suas culpas, confessando-se inteiramente a ã religioso pio e douto (o que parece que até então não tinha feito) obrigando-a ele a que desse conta a Arlança do que passava, parecendo-lhe que assi convinha, para que aquelas cousas caminhassem seguramente e sem escrúpulos.

Fê-lo assi Polifema e expirou juntamente. Arlança era sesuda e ainda que aquilo lhe parecia muito verissímel, lembrada de seus passados ciúmes e perigrações em companhia daquele cavaleiro, não quis todavia apressar-se, antes cuidando na matéria e representando-se-lhe alguns inconvenientes encomendou-se a Deus e aconselhou-se, com aquele mesmo confessor de Polifema. E a primeira diligência trás isso, foi falar, com o lavrador, que ainda [16] vivia, do qual foi informada de maneira, que em que aquele mancebo era pelo menos filho de Polifema, não de todo, detreminou-se de o mandar a Dramosiando, com cartas suas, nas quais lhe dava conta do que passava, para que lá se fizesse do moço, o que lhe parecesse a seu pai, querendo que o soubesse o pai primeiro que tinha filho, do que o filho, que tinha pai. E assentando nesta detreminação, fez vir ante si Florislao (assi se chama ele) e disse-lhe, que pela confiança, que tinha de seu bom termo e procedimento, com que saberia buscar e achar Dramosiando, o queria mandar naquela demanda.

E dando-lhe ãa carta larga, o mandou embarcar para Constantinopla, onde lhe ordenou que fosse primeiro que a toda a outra parte. E ficando mui satisfeita do bom termo e jeito que mostrava ele se partio o mais contente homem, que podia ser, porque todo o seu desejo era sair daquela terra e ver o mundo e as cousas dele.

Porém já Daliarte, a quem nada se escondia, acodindo à honra de Arlança e quietação de Dramosiando, querendo tirar toda a matéria ao diabo de urdir suas acostumadas teas em dano daqueles dous casados, ordenou para que a Dramosiando lhe não ficasse algum escrúpulo do nascimento e criação de Florislao, que a caravela em que ia, tomasse a sua ilha, aonde catequisando-o por bem a seu modo, lhe descobrio e

¹⁵ A: sem / C: com

contou o que passava. E armando-o cavaleiro, ajuntando à carta de Arlança, o que lhe pareceo necessário, por outras que escreveo ao [17] irmão e ao mesmo Dramosiando.

Mandou-o que se fosse direito a Constantinopla e que ali primeiro que tudo falasse com Dramusiando em segredo, dando-lhe aquelas cartas, que levava e fizesse depois o que lhe ele ordenasse.

Partido pois Florislao da ilha de Daliarte, com o alvoroço, que se pode crer, assi de saber quem era, como de se ver cavaleiro, cousa que então estimava ainda mais, que os novos parentescos, com que se via, tomou terra no império de Grécia e saindo armado nela com ã escudeiro, que lhe Daliarte dera, filho de Satiaflor,¹⁶ aquele velho honrado, que tantos serviços na própria ilha lhe tinha feito, chamado Dalispro, que saõ extremada pessoa, como adiante diremos, começou a caminhar desejoso sobremodo de lhe acontecer algũa cousa primeiro que chegasse à Constantinopla, que pudesse acreditar as novas, que de si levava.

E indo ã dia afligido, com este pensamento, sem ter achado nada do que desejava encontrou aquela embaixadora da rainha de Trácia, que saudosa de seu marido, lhe mandava aquelas armas, dizendo-lhe, que pois tornava a ser mancebo e peregrinar o mundo, não podia andar seguro, senão com aquelas armas e divisas, a troco daquela segurança, que ela queria antes sofrer o mais, que a mesma divisa lhe pagaria. De parte disto deu a donzela a carta¹⁷ a Florislao que lha tinha pedido cortesmente como ela dissera [18] a Dom Duardos.

E dizendo-lhe também que em menos de oito dias esperava chegar a Constantinopla ele se resolveo em lhe fazer aquela honesta força, de que se ela queixava esperando ter sobre as armas algũas questões em Constantinopla em que mostrasse quão justamente as vestia e sem discurrir que poderia ser seu próprio pai, quem lhe pedisse aquela conta, ou outrem, que lhe fosse muito, nem se era¹⁸ bastante desculpa da força, a tenção, que ele tinha nela, levado daquele primeiro apetite de honra, que nos moços é veementíssimo, sempre tratando a donzela com muito comedimento.

No mais tomou-lhe as armas e vestio-as e persuadio-a a que se fosse, com aquela queixa à corte, que ele lhe dava sua palavra, que não pararia, até chegar lá e dar-lhe satisfação de si, porém ela arrependida tarde do muito que tinha falado, não o quis crer, no que lhe aconselhava e foi-o seguindo, como fica dito, até que lhe aconteceo tudo o

¹⁶ A: Satiaflor / C: Satiafor [No *Palmeirim de Inglaterra* aparece Satiafor.]

¹⁷ A: carta / C: conta

¹⁸ A: se era / C: necessária

mais, que vimos.

Ora Dom Duardos, que como também fica dito sarou de suas feridas, muito mais depressa que Florislao, tanto que se achou em disposição de poder caminhar, tratou de fazê-lo e vendo quão pouco de prestar estavam as suas armas e informando-se da disposição¹⁹ do cavaleiro, com quem se combatera e sendo-lhe dito, que dali a muitos dias se não poderia armar, detreminou pedir-lhe as que ele trazia, antes que tomasse [19] as do Salvagem porque entretanto lhe ficaria tempo de mandar fazer outras. E querendo-o ver para isso e porque também o estimava sobre todos quantos²⁰ homens até então tinha encontrado, foi-se ao seu aposento, com o abade, que os ali trouxera, de quem tinham recebido benefícios e caridades grandes. Sobressaltou-se Dom Duardos infinito quando o viu, porque se lhe parecia, com Palmeirim seu pai bravamente. E assi era verdade, que Florislao mais tomou no parecer do tio, que do pai, porém na lealdade não, que nela foi filho de senhor seu pai muito às direitas.

Sossegando-se ã pouco mais, após os ordinários cumprimentos, quis saber dele quem era.

Não lho disse Florislao, ali, nem lho dissera quando estava caído a seus pés, se Dom Duardos então o quisera saber, mas escusando-se com muita cortesia e bom termo, deixou-o igualmente satisfeito da criação, que do valor.

E trás isto pedindo-lhe as armas, por aquele modo, que dissemos e com aquelas suposições ele lhas largou alegremente²¹ dizendo-lhe que lhe deixasse as suas, porque não queria levar outras melhores a Constantinopla, para onde havia de ir, se dali se levantasse, porque sabendo-se lá pela donzela, o como ele fora vencido, se visse naquelas armas, que trabalhara por vencer, o que também a ele não podia estar mal.

Deixou-lhas Dom Duardos, com muito boa vontade e despedio-se dele afeiçãoado [20] a suas cousas em extremo e desejoso sobremodo de conhecê-lo.

Com os mesmos desejos ficava Florislao, mas com diferentes²² aflições, porque ainda que se não podia queixar no que lhe com Dom Duardos acontecera senão da fortuna, todavia ele lhe não estava muito inclinado por instrumento, sendo esta pena²³ em matéria de tanto sentimento, como para qualquer homem é ver-se vencido de outro, quanto mais Florislao, que cuidava de si tanto e que tantas razões tinha para isso. E ver-

¹⁹ A: disposição / C: indisposição

²⁰ A: o estimava sobre todos quantos / C: estimaria saber todos quantos

²¹ A: alegremente / C: brevemente

²² A: diferentes / C: as mesmas

²³ A: esta pena / C: ela

se perder a primeira batalha, que fizera, não sabendo particularmente quem era Dom Duardos, tinha-o cheio de ãa certa melencolia, que não só lhe detinha a saúde, mas também não podia ver com bons olhos as cousas daquele cavaleiro. E folgou de ele lhe levar as armas, para lhe ficarem em sinal e rasto, para as tornar²⁴ a buscar. E assi se ficou até que de todo foi são.

Sem querer mandar fazer outras armas, vestido naquelas rotas e espedaçadas, que Dom Duardos lhe deixara, caminhando para Constantinopla encontrou com Pleonido, que enganado com elas, cuidando que era o cavaleiro que buscava, ocasionou ãa boa balcoriada.²⁵

Mas primeiro que tratemos dela, convém tornarmos a dar conta de Dom Duardos.[21]

²⁴ A: para as tornar / C: de o tornar

²⁵ A: balcoriada / C: balcurriada

Capítulo 3

De ãa aventura que aconteceu a Dom Duardos, depois que se partio do mosteiro, onde fora curado.

Desejoso de conhecer a Florislao, muito mais de achar ã sítio não conhecido de ninguém no mundo, para habitação sua, se partio Dom Duardos daquele mosteiro, onde fora curado das feridas, que da sua batalha tirara. E revolveo nesta demanda ãa não pequena parte dele, armado, com aquelas armas, que Daliarte tinha dado a seu sobrinho, que eram bem melhores do que ele cuidara quando as pedio a seu dono, tanto na riqueza, divisa e louçania, como em fortaleza e fineza da tempera; e assi o exprimentou ele em muitos e vários perigos em que as meteu, no bem que o livraram de todos, com que fica assaz provado, que não foi cobiça, nem necessidade o roubo, que Florislao fez das outras.

Estas que Dom Duardos agora levava eram brancas, semeadas de uns como alcachofres roxos, dourados em partes e em partes esmaltados em cores diferentes com que faziam ãa fermosa e aprazível vista. No escudo em campo verde duas cabeças de malmequeres amarelos, com as folhas todas juntas, com ãa letra de três regras [22] curtas, à maneira de mote, mas intrincadas de modo que se não podiam ler. Por esta divisa lhe chamaram o Cavaleiro dos Malmequeres, com tanta satisfação sua de se ouvir nomear assi, como o tinham de suas obras, os que recorriam a ele, com necessidade delas.

E em verdade que, segundo Daliarte antevia o futuro, que não duvido que fizesse aquelas cousas²⁶ mais para Dom Duardos que para Florislao particularmente porque para novel, não pareciam mui próprias.

Com estas armas, com este nome, com esta satisfação, vagou o Cavaleiro dos Malmequeres pelo mundo, socorrendo afligidos, desagravando veúvas emparando donzelas, perdido por Carmélia, aborrecido de si, vivo para suas adorações, morto a todas as mais cousas de vivo, de que nascia estender-se a fama de seu valor, até pelas mais remotas partes da terra e juntamente a de sua tristeza, não se podendo julgar, se era mais proveitoso para as gentes, se danoso para si.

Andando pois em busca do sítio, que sempre desejara, caminhando ã dia pela terra do arqueduke de Áustria, no Ducado de Cleves, ao longo de ãa ribeira, já quando

²⁶ A: cousas / C: armas

o sol começava a querer deixar lograr sem receio aos olhos, que a²⁷ viam, a fermosura dela, que era muita, sentio cair de golpe ãa garça e ã falcão, que a trazia rendida entre ãas espadanas, que pelas margens daquele rio havia.

Exercício era aquele, [23] em que o Cavaleiro dos Malmequeres gastava não pouco tempo, com grande deleitação daqueles primeiros anos descuidados e livres. E como depois deles passados (inda que não havia muitos) tudo o mais foram perigos, discursos e fantesias, não lhe ficou lugar para aquele passatempo, porém oferecendo-se-lhe ali de súbito aos olhos, assi o alvoroçou, como se ele fora agora o homem que dantes era. Poderes da natureza, que nunca serão²⁸ de todo, ao menos, por sua vontade.²⁹

E assi subitamente lançando-se do cavalo entrou a socorrer o falcão, que tinha aquela ave³⁰ presa, mas porém não pouco à sua custa, porque já do ar vinha, com ãa não pequena estocada por baixo de ãa das asas. Recolheo ele a garça já degolada e o falcão ferido, não pouco pesaroso de seu desastre, porque lhe pareceo fermoso e bem mudado.

E estando tratando de o curar, o que ele mui bem sabia fazer, sentio o ruído dos caçadores, cujo era, que pela outra parte da ribeira vinham àquele mesmo socorro.

Eram dous homens vestidos de monte, os que chegaram primeiro e logo após eles quatro cavaleiros armados e cinco, ou seis donzelas, moças fermosas e bem vestidas em palafréns corredores, mansos e bem selados. Não fazia vao o rio por aquela parte e o Cavaleiro dos Malmequeres a pé e Tregônio também estava como dizíamos tratando daquela cura, quando os cavaleiros chegaram, os quais alegres de [24] verem o falcão recolhido, mas enfadados de o verem em poder daquele cavaleiro, a seu parecer não bem tratado, porque como lhe olhava a ferida, tinha-lhe levantado a asa, julgando-o por homem mal práctico, deram-lhe gritos e repreensões juntamente.

Com sossego lhe respondeo ele, avisando-os da necessidade, que aquela ave tinha de ser acodida. Com que eles ficaram com sentimento novo, particularmente, que como conheciam a terra, sabiam que não havia passagem, senão dali a ãa légoa e receavam que entretanto se lhes perdesse ã falcão mestre e estimado muito de ãa daquelas donzelas, que já tinham chegado, cujo ele era, com toda a companhia.

Disse-lhes o cavaleiro, que se traziam remédios, que lhos lançassem metidos na bolsa dos reis,³¹ porque ele sabia ser mui bom cirurgião daqueles desastres. Fizeram-no

²⁷ A: a / C: o

²⁸ A: serão / C: cessam

²⁹ A: de todo ao menos por sua vontade / C: ao menos aos moços por sua vontade

³⁰ A: ave / C: ralé [ver glossário]

³¹ A: bolsa dos reis / C: bolsa do rol [ver glossário]

eles assi, porque a ribeira era estreita.

Assi estando já toda a companhia junta e começando o cavaleiro a entender na sua obra, com tão boa maneira, como ele para tudo tinha, saíram de entre ãs árvores, que não mui desviadas daquela parte, onde as donzelas se viam estavam, cousa de dezoito, ou vinte cavaleiros, armados todos de negro e com ãs toucas brancas atadas nos braços direitos, para sinal de se conhecerem uns aos outros, se a noite, de quem parece que se temiam, os tomasse porventura, sem acabarem ao que vinham.

Chegaram [25] ao mor correr de seus cavalos, aonde a outra companhia os aguardavam, já as donzelas postas a pé, os vilões esmorecidos e os cavaleiros, com pouca esperança de seu remédio, mas detreminando-se fazerem o que pudessem, conforme estavam obrigados, porque se de todo não conheceram logo os que os acometiam, suspeitavam que mal se poderiam livrar. E assi foi, que se defenderam quatro tanto³² de seus contrários, que durou a pendência, até que³³ o Cavaleiro dos Malmequeres os socorreo, o qual vendo vir aquela gente e a demonstração que estoutros faziam entendendo o que podia ser, largando o falcão a Tregônio, pôs-se depressa a cavalo e tomando a lança na mão, vendo como já os quatro cavaleiros, que guardavam as donzelas estavam derrubados e cercados de alguns, dos que chegaram e que os outros se iam adonde as donzelas estavam, não cuidando que era para respeitá-las, como se lhe devia, sem curar de perguntar se o vao era perto, ou longe, com ãa generosa e arriscada resolução, deu de esporas ao cavalo e lançou-se à ágoa.

Ia Dom Duardos a socorrer donzelas e não a dizer suas lástimas a Carmélia e assi me não espanto, que lhe não faltasse a fortuna, que em tudo o que não era isto o favoreceo sempre. Pou-lo³⁴ o cavalo enfim da outra parte molhado e com trabalho, a tempo, que dous dos quatro acabavam de cair de todo e os outros dous se rendiam aos que os apertavam. [26]

E a tempo também que ã daqueles cavaleiros e outros³⁵ muitos com o elmo fora estava sentando em giolhos diante de ãa daquelas donzelas, que sem se poder ter em pé, ou com o sobressalto do que viam, ou com o temor do que esperavam ver, se sentara na relva e lhe dizia:

— Louvado seja Deus Senhora Luciana, que vos posso ver fora dos apertos

³² A: tanto / C: a tantos

³³ A: contrários, que durou a pendência até que / C: contrários porque inda que com eles vinham algũs extremados entre os daquela terra, todavia não deixaram de durar até que

³⁴ A: pou-lo / C: passou

³⁵ A: e outros / C: dos

daquela casa e em parte, onde nem a cólera de vosso pai será bastante, para estorvar o justo galardão do que vos quero, nem minha fortuna, para me deter tanto bem.

Algũas das companheiras choravam a desgraça de sua senhora e dos cavaleiros, que viam matar. Outra que se não mostrava tão sentida estava todavia medrosa do horror do caso presente e receio dos futuros.

Tinham-na desmaiada e perdida, assi o que via, como o que esperava. E quasi que neste estado estava também sua senhora, que ainda assi respondeo àquele cavaleiro:

— Por vida vossa Nastróbio, que vos queirais ir e deixar-me, porque ainda que é verdade, que vos escrevi que viesses aqui, nem eu soube o que fiz, nem vós se me amais, como dizeis, não houvêreis de caminhar pelos passos da minha perdição. Fazer o gosto ao doente, mais é apressar-lhe a morte, que procurar-lhe a saúde. Que contentamento vos parece a vós que terei, à vista de meus criados mortos, por me defenderem, de meu pai ofendido, de minha opinião perdida, com tanta publicidade? Não vi isto a bom tempo. [27] Bem entendendo pudêreis vós vê-lo, que dizíeis que vos ia mais em mi. Mas triste, que quero finezas de quem foi instrumento de meus desatinos sempre!

E como isto disse, demaiou-se de todo. E aquele cavaleiro vendo-a naquele estado, tratava de a tornar a por no palafrém, de que se descera, para a levar aonde, com os sentidos esperava que lhe tornasse o gosto, que ela mostrava ter perdido.

A este tempo, como dizíamos, chegou Dom Duardos, o qual cuidando, que tudo aquilo eram forças e maos procedimentos, depois de ter o cavalo os pés bem firmes na terra, gritou aos que já traziam o palafrém, com a donzela, dizendo-lhes:

— Não imagineis treidores, que tão levemente haveis de sair com o roubo, dessas pobres donzelas.

Ao que voltando aqueles homens os olhos e vendo ã só cavaleiro, uns não interromperam o que faziam e outros remeteram a ele.

Não era o Cavaleiro dos Malmequeres como os mais, que aqueles tinham encontrado, nem eles como Florislao, que só³⁶ o pôs no estado, que vimos.

E assi depois de quebrada a lança em poucos golpes lhes mostrou a necessidade que tinham de se ajuntarem e socorrerem todos, porque o dos Malmequeres, cortando braços e abrindo cabeças e derribando aos que colhia em cheio, parecia fúria infernal entre eles e primeiro se acharam seis, ou sete mortos e aleijados, que os outros

³⁶ A: só / C: assim

tornassem sobre ele, nem que Nastróbio, [28] que era o principal senhor dos mais, largasse a Luciana, que desmaiada lhe caía nos braços, porém vendo que aquele era o caminho de perdê-la entregando-a àquela donzela que dissemos, que menos sentida se mostrava e enlaçando o elmo, se foi a socorrer os seus, que já andavam juntos e mortos por matarem, a quem os matava a eles.

Eram os mortos e os que ficavam bons cavaleiros todos, Nastróbio o era melhor e seu amo, com cujo amor e exemplo se animaram mais e apertavam todavia ao dos Malmequeres de maneira, que já não parecia tão bravo, como ao princípio. Era a culpa do cavalo, que andava cansado e ferido e pudera meter a seu senhor em algũa afronta, porque a pouco mais que durara³⁷ a contenda caíó de todo no chão.

Estavam já nele dez dos contrários estirados e o dos Malmequeres se bem pisado dos muitos golpes, que recebia, contudo demasiadamente³⁸ ferido, a respeito das extremadas armas que vestia. E saindo-se o melhor que poudo do cavalo exprimentou a necessidade que tem dele, quem houver de ter brigas, com gente, que não esteja a pé, porque seus contrários ainda que o receassem já mais que a mesma morte, vendo-o contudo naquele estado, remetendo a ele, atropelaram-no de modo, que não sei se se vio algũa hora em maior perigo, porque antes que se tornasse bem a indireitar, tornaram a dar com ele no chão.[29]

E em verdade que se de ãa vez ao passar que Nastróbio fez para o levar debaixo do cavalo ele lhe não acertara ã revés pelas pernas do seu, com que o fez vir a terra e ao amo juntamente em socorro do qual os outros se apearam todos, que porventura tivera aquela batalha ã fim lastimoso, visto como não podem as forças de ã só homem deter a fúria de dez, ou mais cavalos, que o encontram com os peitos ãa e muitas vezes, mas fê-lo melhor a sorte.

Enfim quem nasce para não ser vencido, ou por aqui, ou por ali ela lhe engenha o sucesso.

Caído Nastróbio e apeados os seus para o ajudarem, ficaram nas mãos de Dom Duardos raivoso e indinado mais do que em sua vida se vira, que lhes foram a todos muito maior perigo, que o que lhes eles procuravam, ou igual em tudo. Começou a dar neles, desembaraçado do cansaço, com que seu cavalo se movia enquanto lhe durara.

Começaram eles a cortar-se de medo e trataram de se salvar os que puderam. Não o fez assi o amo, antes tendo já tragada a morte e vendo a sua empresa perdida,

³⁷ A: durara / C: durou

³⁸ A: demasiadamente / C: devisamente

querendo acabar de todo, remeteu a Dom Duardos e começou a ter-lhas só tão tesas, que se cinco ou seis companheiros, que lhe fogiram, o souberam ajudar, ainda puseram o negócio em dúvida, não o de vencerem, mas si o de levarem a donzela entrando principalmente a noite, que se chegava. Porém os que fogiram, não voltaram, nem Nastróbio [30] pode esperar os golpes, que recebia e estando para cair de todo ao peso³⁹ de seu contrário, aconteceu o que no próximo capítulo vos diremos.

³⁹ A: ao peso / C: aos pés

Capítulo 4

De como aquela donzela disse a Dom Duardos quem era e do que ele fez mais no remédio de suas cousas.

Não lhe ia tão pouco a Luciana em Nastróbio, por cima daquele descontentamento, que mostrara, que folgasse de se ver livre da força, que lhe fazia, a troco de se ele desgostar, quanto mais de aventurar a vida. E assi tendo havia espaço tornado já do acidente, com que caíra enquanto lhe pareceo que não tinha que recear, mais que o que aventurava nas rezões, com que se queixava esteve revolvendo consigo, quais seriam os fins, que a suas cousas se guardavam, sem se lhe dar muito do perigo, que parece que corria naquela desigual batalha, quem a começara só por seu serviço. Porém depois que se foi mostrando tanto contra Nastróbio, a quem ela tanto queria, já com este cuidado se applicou mais àquele sucesso. E vendo-o caminhar àquilo que não queria sem [31] poder outra cousa consigo, levantando-se donde estava, foi com a mor pressa que poude meter-se entre aqueles cavaleiros a tempo, que como temos dito, o pobre Nastróbio andava para cair de todo. E pondo-se em gijolhos diante de Dom Duardos, disse-lhe, como se à sua conta dela se não fizera a batalha:

— Peço-vos senhor cavaleiro, pela Ordem da Cavalaria, que recebestes, que vos queirais contentar, com o que hoje tendes feito na destruição destes homens, sem chegar ao cabo a vida do que só tem escapado de vossa fúria. E se a causa, que vos eles deram para os matardes, foi todavia maior, do que o é pedir-vos eu desta maneira o contrário, asseguro-me que pelo menos não seja tamanha, como a obrigação que tendes, por qual vos Deus fez, ao socorro e emparo de ãa mulher miserável, como eu sou, a quem fortuna alhea e inconsideração própria, tem feito perder o pai, a casa, a honra e a opinião e vós agora com a morte deste cavaleiro a reparação e remédio, de todas estas cousas juntas. Assi senhor, que a vós vos rogo, que me valhais contra vós mesmo, quando como digo, se fundar vossa indignação em rezões mais forçosas, que as lágrimas, com que vos peço a fim, ou modificação dela.

Eram muitas as lágrimas e eram eficazes grandemente as razões e sobretudo brandíssimos os efeitos, com que se pronunciavam.

E Dom Duardos, não entrara naquela matéria, senão em serviço, [32] de quem já julgava, que tinha ofendido nela.

E assi confuso e enleado sobremodo, querendo responder a Luciana e desculpar-

se, a vio desmaiada e sem sentido, junto de Nastróbio, que havia já ã espaço, que sem ser visto dela caíra da mesma maneira. Do que dando fé enquanto Dom Duardos se preparara para lhe responder, não podendo com tanta dor junta, ficou no estado, que dissemos.

Trogônio estava já havia muito tempo daquela mesma parte, porque atravessou o rio a nado, com menos perigo, do que Dom Duardos fizera, por não vir tão carregado.

E chegando-se ao amo, vendo-o naquela confusão, lhe⁴⁰ disse que chamasse a companhia daquela donzela, que estava ã pouco afastada, para que a socorressem e que tratassem da cura daquele cavaleiro e dos demais, que por ali jaziam⁴¹ em estado de o haverem inda mister.

Assi se fez aquilo, porque as donzelas chegaram a sua senhora e tomaram-na entre si, fazendo-lhe os remédios, de que julgaram que tinha necessidade. E Tregônio e os dous vilões caçadores, que se não tinham bolido, puseram-se a desarmar a Nastróbio, para o curarem primeiro porque assi lho tinha Dom Duardos ordenado.

Fazia-se isto já mais com a luz da lua, que com outra algũa claridade, porque o sol tinha-se posto e a noite estava entrada de todo. E porque as árvores donde Nastróbio estivera em cilada não eram mui longe e [33] pareciam de mais comodidade para passar a noite, que aquela parte em que estavam, a pouco e pouco e como melhor poudeser, fez o Cavaleiro dos Malmequeres passar para lá, assi a Luciana e suas donzelas, como Nastróbio e ã ou dous cavaleiros dos seus, que ainda viviam e os quatro, que acompanhavam, que também estavam vivos.

Duas noites havia que Nastróbio (como logo diremos) estava lançado naquele sítio escondido⁴² ou que por ele ser mimoso de natureza, ou porque cuidasse que Luciana poderia ter necessidade daquele regalo, conforme a como as cousas acontecessem, tinha ali ã tenda em que os feridos e as donzelas se agasalharam, com muito maior sossego, que aquela pobre molher, porque as feridas de Nastróbio não eram de perigo, no que só consistia o seu contentamento.

E bem podemos assi dizer, que também o ele mostrava de se ver curar por aquelas mãos, de quem soía afirmar, que eram instrumentos de outras maiores feridas suas.

⁴⁰ A: lhe / C: ele lhe

⁴¹ A: jaziam / C: traziam

⁴² A: duas noites havia que Nastrobio (como logo diremos) estava lançado naquele sitio escondido / C: tinha Nastrobio tornado a si e Luciana tambem e como ele havia duas noites que estava lançado naquele sitio escondido (o que logo diremos)

Era Dom Duardos novo até então naquela matéria.

Vendo já tudo sossegado, querendo-se justificar com Luciana e ir-se, porque não era aquela conversação a que ele buscava, lhe disse as razões que o moveram a entrar naquela batalha.

Ela que se inteirou do erro, de que fora causa em lugar de agradecimento da primeira vontade e do arrependimento, que ela mostrava de lhe ter errado com [34] ela, na obra com que a servira detendo-o em lhe dar conta de si, o meteo em novos trabalhos.

Temida Luciana do que tinha feito, sabendo a vezinhança em que ali estava da casa, que deixara, na qual por sua conta, devia andar já tudo revolto com sua tardança. E vendo-se com Nastróbio no estado que temos dito, cujo perigo era tão certo, como o seu e de mais sentimento para ela. Tratou de interessar a Dom Duardos em seu socorro, não tanto pelo valor, com que a já tinha socorrido, como por não achar outra cousa, de que naquele presente estado lançasse mão. E assi lhe começou a dizer:

— A mi me chamam Luciana, senhor cavaleiro, sou, ou fui filha do duque de Cleves, senhor desta terra em que estais, sobrinho do arqueduke de Áustria e vassalo seu. É meu pai casado segunda vez, com ãa molher, que me a mi criou, a quem eu alguns anos amei, com mai própria e outros servi e respeitei como senhora. Tinha ã sobrinho minha madrastra, que é este cavaleiro, que aqui vedes, filho do conde Henao, cuja irmã ela é, o qual criando-se em casa de meu pai, veio a criar pensamentos dentre de si, de se ficar de todo nela, casando-se comigo, para o que me começou a granjear e minha madrastra também, porém ou que meu pai desejasse casar-me com Leopoldo, filho do arqueduke seu tio, ou que não lhe parecesse Nastróbio, que assi se chama este cavaleiro, casamento conveniente [35] para sua filha, se bem herdeiro de senhorio tão grande, não somente deixou de admitir o que lhe sua molher persuadia, mas nem consentir a Nastróbio em sua casa mais tempo. E enfim ido eu, que até então me lembrava pouco, nem dele, nem do negócio, que tratava, comecei, com ãa secreta força, que sentia, fazer-se a minha vontade e inclinar-me à pessoa de Nastróbio, muito mais ainda, que ao seu casamento. Solicitava-me ele por meios poderosos e grandes, quais para mi eram saber que padecia muito porque me não via e que se aventurava à indignação de meu pai, por vir desconhecido a ver-me, o qual ainda que de idade, é homem áspero e severo de natureza. Ajudava a Nastróbio sua tia, com contínuas

lembranças, que me⁴³ fazia e finalmente veio Nastróbio a ter-me a mi tanto da sua parte, que sem cuidar que ele me podia ouvir estando ãa tarde, com minha madrastra só em ãa aposento, lhe disse me casaria com ele, ordenando ela como aquilo fosse, sem que meu pai o soubesse. Mal tinha eu acabado de pronunciar estas palavras, quando ela abrindo ãa porta em que tinha as costas, me mostrou o sobrinho, que nos estava ouvindo. Sobressaltada fiquei e posto que não arrependida do que tinha dito, todavia, não detreminada a cumpri-lo, pelo menos, com aquela pressa. Mas que importava, que eu estava só em poder de ãa enemiga e de Nastróbio, a quem ela [36] deu lugar, para me pressuadir pelos meios, que lhe a ele melhor estavam e que me a mi menos convinham. Qui-los intentar, vendo como se a tia fora e nos deixara sós e isto lhe devo em verdade, que o pude deter, afirmando-lhe, que o mais certo caminho de perder-me era o que ele devia de julgar por melhor para obrigar-me. Pedi-lhe que se contentasse da palavra, que logo lhe dei, de me não casar senão com ele e despedindo-me assi daquela casa, tornei a minha pousada, mais satisfeita do comedimento do sobrinho, que do procedimento da tia, de que me senti de maneira, que estive alguns dias que a não vi, com a particularidade, que soía. E finalmente por vos não deter em cousas, que sabem bem os que as tratam e que julgam por desprepósitos os que não as exprimentam, não se passaram muitos tempos, sem que com meu consentimento Nastróbio tornasse àquela casa e eu a ver-me com ele. E indo-se daquela vez mais assegurado e deixando-me a mi mais penhorada, quis ele e quisera eu, que tornasse muitas outras, porém como o intento de sua tia era só quietar-se em que não escolheria eu outro marido estando-o já (como parece) não consentio, que nos víssemos mais, dizendo-me (olhai quando) que não queria que seu sobrinho se descomedisse ã dia comigo, ou que soubesse meu pai que ele vinha àquela parte. Fez com isto esta molher, que consentisse eu no que Nastróbio me [37] pedia, que era sair-me ã dia à caça (como fazia alguns) e que lhe desse licença, para que me levasse a sua casa, onde nem teria que temer a meu pai, nem ele se descontentaria de o ter a ele por genro. Vim no partido, cega de meu mesmo desejo, que era só procurar-lhe o gosto em tudo; mas porque da cidade onde vivíamos, não saía eu quando algũa hora o fazia, sem muita gente comigo, aguardei que se passasse meu pai para ãa casa de campo, que tem aqui perto, da qual com mor comodidade de Nastróbio, podia fazer, o que eu tanto como ele desejava. E assi lhe avisei há dias, que me viesse aguardar nesta parte, a qual não poudes vir, senão hoje e por mais que procurei vir só,

⁴³ A: me / C: lhe

não foi possível desembaraçar-me da companhia, que me vistes. Tenho por certo, que não tardarão gentes a buscar-me, porque ainda que às vezes vou a dormir, quando a noite me toma por fora, a ã mosteiro de freiras, que não está daqui longe, dali aviso todavia. E tardando este recado, não pode ser que tardem em me buscar. Nastróbio está qual vós o parastes, o que eu sinto mais por amor do perigo, que com meu pai corre, que pela morte que sei tenho tão certa como merecida. Se se vos oferecer algũ meio, com que o possais salvar, isto é o que vos peço e a mi deixai-me embora, que trás o ver salvo a ele, nenhũ mal me pode vir que possa ter este nome.

Escandalizado da fortuna ficou o Cavaleiro dos Malqueres, depois que acabou de ouvir aquela história, [38] não tanto por ser ocasião de cousas semelhantes, como pelo querer fazer a ele terceiro nelas, matéria tão oposta a sua natureza e porfissão, porém como já ali estava e o perigo daquela senhora não lhe parecesse pequeno, afora ter entendido que era parenta de Fidélia, detreminado a não a desemparrar no que pudesse, começou logo a entender em seu remédio, para o que chamou aqueles dous caçadores, que ali estavam e informando-se deles, que a casa, aonde o duque estava seria ãa boa légoa e o mosteiro, que Luciana dizia meia, despedio-os a ambos, ã que fosse dizer à abadessa, que ela ia a dormir lá e o outro ao duque que a filha estava no mosteiro encomendando-lhes, que nem em ãa, nem em outra parte, dessem conta do que passara.

Não fizeram estes homens nada do que se lhes ordenou, porque como saíram da tenda, imaginando-se culpados no em que não tinham culpa e temendo que o duque lhes pedisse a eles, o que lhes não entregara, por desviados caminhos, puseram as pessoas em salvo, porém não foi necessária a deligência de Dom Duardos, que tão importante parecia, porque a senhora duquesa, que sabia daquele trato, a tinha feito mui a tempo naquela mesma conformidade, para que o sobrinho o tivesse de se apartar sem perigo.

E assi o duque dormio descuidadamente naquela noite, tendo a filha fora de casa, privilégios parecem estes de senhores grandes. [39]

Capítulo 5

Do mais que passou Dom Duardos, com Luciana e com Nastróbio e da treição que lhe ele fez.

Não ficou quieto o Cavaleiro dos Malmequeres, com despedir os vilões, antes não se assegurando da deligência, que eles fariam, pareceo-lhe, que para tudo convinha amanhecer aquela donzela no mosteiro.

E perguntando-lhe, se se atrevia a atinar com o caminho, ãa das da sua companhia lhe disse, que muito bem, porém aquela que ao princípio dissemos, que se não mostrara menos medrosa no receio comum, que era a sua aia e cúmplices em suas cousas, respondeo-lhe, que como queria meter aquela princesa no mosteiro, pois era o mesmo que entregá-la a seu pai em cujas mãos estava sua morte tão certa?

Que diferente cousa era, para sua segurança dela e para que ele cumprisse também com o que a si mesmo se devia, levá-las a todas logo e a Nastróbio, como melhor pudesse ser, ao estado de Henao, na arraia do qual estavam, porque aquele rio só o dividia do de Cleves. E que a ponte por onde se podia passar era dali pouco mais de ãa légoa, onde chegariam quasi ao mesmo tempo, que ao mosteiro, se caminhassem logo. E que não havia que recear as guardas [40] delas, porque nem aqueles estados estavam de guerra, nem falando Nastróbio, deixariam de abrir e dar passagem.

Era aquela ãa ponte, que tinha duas torres, ãa em ãa ponta e outra na outra e cada ãa tinha diferente guarda.⁴⁴

A isto que a donzela disse, respondeo Dom Duardos:

— Eu senhora donzela ofereço-me a servir esta senhora, no que for salvar-lhe sua vida e sua honra; e por esse caminho, que vós dizeis, já que porventura a vida não corra risco, a honra, não se pode livrar dele. Os concertos, que ela fez com este cavaleiro, não os sabe seu pai, nem pode saber, que era ele, o que aqui a veio a demandar. Sabe que fora a caça e terá sabido já agora, que está recolhida no convento. Que mais risco, nem que mor perigo corre, quando amenhã mandar avisar o que lhe aconteceu e que venha por ela, já que por amor dos cavaleiros que trouche, o não possa esconder, do que corria antes que saísse de casa? Eu não o vejo certo, quanto mais que Nastróbio é tal cavaleiro e seu pai tão grande senhor, que com algũa boa diligência, não deixará o duque de vir no casamento com o que se escusaram os escândalos e trabalhos,

⁴⁴ A: cada ãa tinha diferente guarda / C: cada ãa guarda diferentes senhores, que eram os de que falamos

que por essoutro caminho estão tão certos. E ainda que nem eu o conheço, nem ele me deve conhecer a mi, fio tanto da justificação desta causa, que me parece que a hei de acabar muito a satisfação das partes, para o que necessariamente convém que esta senhora esteja aonde vos digo.

Luciana [41] lhe replicou:

— O que outra vez vos torno a pedir senhor cavaleiro, é que salveis a Nastróbio e de mi ordenais como vos parecer, que nem eu quero vida sem honra, nem vejo como uma nem outra cousa se possa salvar por nenhũ caminho.

— Ouçamos a Nastróbio, tornou a dizer Dom Duardos, que eu me afirmo, que se merece esses extremos, que não dessinta⁴⁵ daquilo, que vos aconselho.

Passavam estas cousas ao longo da cama em que ele estava, já não só tornado a si, mas com a cura, que lhe fizeram e sangue, que lhe tomaram, muito mais em seu acordo.

E com o medo do perigo em que se representava estava tão assentado, que logo se pudera armar e caminhar, como fez, porém era alemão, nação onde o amor tem menos força, que em outras e onde o juízo nos homens consiste mais na imaginativa e flema, que na cólera, nem na malenconia e por isso aqueles alcançam ordinariamente melhor a perfeição das mecânicas, para que convém este humor, que as outras cousas em que é necessário prontidão de engenho e especulação aguda.

Por estas razões me não espanto daquilo que ele ali disse, muito menos do que fez.

Era por natureza o que dissemos e estava tímido da vezinhança do duque, a cujas mãos entendia, que lhe não cumpria chegar, tendo passado o que ele não sabia, como se lhe podia esconder.

Via-se ferido e seus cavaleiros mortos, por mão de ã só. Tinha suspeitado [42] ao princípio, contra toda a boa razão, que seriam aquilo traças da triste de Luciana e já que o sucesso das cousas mostrasse tão claramente sua inocência naquela parte, contudo, com ele por então mais podia o desejo de se ver da outra parte do rio, que a pessoa de Luciana, que o amor e obrigações, que lhe tinha e o que é mais, que o seu perigo dela.

E assi respondeo a Dom Duardos, que quisesse acompanhá-lo primeiro a ã vao, que no rio havia, dali ãa légoa para o defender se algũa gente do duque o buscasse,

⁴⁵ A: dessinta / C: desista

porque ir a ponte, julgava por perigoso, afora ser mais longe e que então tornasse a levar Luciana àquele mosteiro, porque também ele não podia encarregar-se dela naquele estado em que estava sem gosto de seu pai, porque se de antes o fazia era parecendo-lhe, que a podia ter escondida enquanto se aquietavam as cousas.

Não ficou ali alguém, que se não escandalizasse daquela reposta, senão só Luciana, a quem o amor, que tinha a Nastróbio, fazia entender o mesmo, que ele entendia. E nesta conformidade instava com o Cavaleiro dos Malmequeres, que fizesse aquilo, que lhe o outro pedia, porém ele, que em sua vida se vio tão justamente enfadado em matéria alhea, sorrindo-se lhe quis responder e mandou a Tregônio que aprestasse depressa os palafréns daquelas donzelas.

Não se tardou muito naquilo, assi porque ainda estavam do modo que tinham chegado, como porque as demais delas se ajudaram ãas [43] às outras e se puseram neles.

Não se apartava Luciana de boa vontade, da cabeceira daquele seu amigo, mas enfim obrigada do Cavaleiro dos Malmequeres, que lhe dava pressa, derramando muitas lágrimas e dizendo-lhe quantas branduras sofria a respeito daquele mesmo vizinho, saíu pela porta da tenda a pôr-se no seu palafrém.

Ficavam os seus quatro cavaleiros, que a tinham acompanhado feridos e maltratados e dous, ou três mais dos de Nastróbio e ele com Tregônio, a quem seu amo deixava para os acompanhar e servir, até que ele tornasse do mosteiro, ao qual chegou depressa, porque as demais donzelas desejavam aquele couto e apressavam os palafréns quanto podiam.

Não esperava a madre abadessa pelos hóspedes e assi houve algũa detença primeiro de os recolher. E naquele espaço (como em todo o caminho tinha feito) não cessava a pobre Luciana, nem de chorar, nem de encomendar Nastróbio àquele cavaleiro.

E advertindo-a ele, que não dissesse do que lhe tinha acontecido, mais que o que se não podia negar, prometeo-lhe de se ver com seu pai ao outro dia, para tratar suas cousas, depois de ter posto em seguro a Nastróbio.

E com isto deixando-a se foi outra vez depressa, pelo caminho, que touchera, cuidando no que prometera e arrependido de o fazer, porque verdadeiramente lhe parecia, que não merecia aquele homem a Luciana, ao termo da qual ia tão afeiçoado, como pesaroso de sua má fortuna. Depois tornando a [44] disculpá-lo a ele, com a dor das feridas, com a perda dos companheiros e com o perigo e sobressalto daquele caso,

não detreminava deixar de ajudá-lo no que pudesse.

E depois de ter andado mais de duas partes do caminho esteve para o perder de todo por ãa novidade, com que o desconheceo, que era ã fogo grande em que deu com os olhos em sobindo a ãa portela, pela qual tinha descido. E ficando enleado com aquela vista, parecendo-lhe, que ia perdido esteve para torcer as rédeas, desastre, que ele bem sentira, se acaso lhe acontecera. Enfim reconhecendo outros sinais, foi todavia por diante e quanto se mais chegava, mais confuso ia dentro de si, porque entre o estrépito do fogo, se lhe afigurava ouvir ais e suspiros lastimosos. Não deixara ele nada daquilo, mas aquelas eram as cousas, a que queria ser presente e assi apressando mais o passo, veio a conhecer claramente que o fogo ardia na tenda, onde ficara Nastróbio e em parte das árvores entre que ela estava e os gritos e queixumes aí mesmo.

E imaginando que podia ter⁴⁶ gente do duque, que viesse ali ter em busca de Luciana e fizessem aquele honrado castigo, afligido mais do que se pode imaginar, a rédea solta, se ia a meter no fogo, a ver se poderia remediar algũa cousa.

Era ele tamanho e dava tanta claridade, que se podia ver mui bem, de mui longe. E assi a primeira cousa, que se lhe ofereceo à vista, foi Tregônio enforcado pelos pés, com a cabeça para baixo e tão perto já donde [45] o fogo vinha lavrando, que a tardar ã pouco mais o socorro, acabara ali o melhor escudeiro, que então havia no mundo.

E era o caso, que Nastróbio, como Dom Duardos se partio, o primeiro pensamento que teve foi, que as lágrimas de Luciana eram fingidas e tudo o mais que em seu favor fizera e que a verdade era só, mandá-lo ela vir ali, para que aquele cavaleiro o matasse e se ficasse com ela por despojos da vitória. E que assi se iam aonde lhes bem estivesse, ou que por fazerem melhor seu negócio, depois de a ele levar ao mosteiro, tornaria a prendê-lo, para o entregarem ao duque e pedir-lhe em satisfação daquele serviço, a mercê pública, que lhe sua filha teria já feita em segredo.

E vendo-se com a morte certa, atochado entre verdade, ou mentira, se detreminou em fogir, antes que Dom Duardos tornasse e para isso disse a Tregônio, que o ajudasse a armar, para que quando chegasse seu amo, não ter aquilo por fazer.

Servio a ele, com deligência grande e não menor resguardo a suas feridas, tornando-lhas a apertar de novo para que as armas o ofendessem o menos que fosse possível.

E depois de ter isto feito, quis que também lhe chegasse logo o cavalo, no que o

⁴⁶ A: ter / C: ser

escudeiro não vinha, parecendo-lhe que se fazia mal com a pressa.

E cuidando que queria esperar posto nele, lembrava-lhe quanto com mor comodidade o faria, lançado sobre a cama, de que se erguera. Porém replicando ele que receava que o Cavaleiro dos Malmequeres errasse o caminho, [46] e que o queria ir a buscar, porque o não fizesse.

A Tregônio lhe pareceo razão e foi pô-lo a cavalo.⁴⁷ Mas antes que lho trouchesse entraram pela porta da tenda os seis cavaleiros de Nastróbio, que se tinham fogido, os quais no cabo de ãa larga carreira, não se vendo seguidos de ninguém, pararam. E depois que entrou a noite, sossegadamente se chegaram à tenda para verem o que seria feito de seu amo,⁴⁸ e viram como Dom Duardos partira com as donzelas, ao qual não deixaram de seguir para lhe ladrarem de longe pelo menos e saberem o caminho que levava, se não sentiram que ficava Nastróbio em que lhes mais ia.

E espiando depois bem se havia de que se temerem, assegurados de todo entraram como dizíamos, com não pequeno sobressalto de seu amo, antes que os conhecesse e sentando-se eles de gíolhos, começaram a pedir-lhe perdão, disculpando sua fraqueza com afirmarem que era do valor de Dom Duardos, sonhos e falsidades sem nome.

Não estava Nastróbio para averiguar aquelas questões e folgando em extremo de os ouvir, abraçou-se com eles, perdoando-lhes não só mas encomendando-se em suas mãos, como que não tivera visto havia pouco espaço, aquilo para que prestavam.

Tinha Tregônio acodido ao rumor que sentira e foi em forte hora, porque como o diabo entrasse então na cabeça de Nastróbio ou que o tivesse já antes ele se resolveo na mais abominável maldade, que se pode imaginar.[47] E foi a primeira cousa mandar prender ao pobre Tregônio, que lho merecia como temos visto.

E depois traçando novas máquinas consigo escolheu entre os cavaleiros de Luciana, o que mais são estava e prendeo também.

Aos mais, fê-los degolar ali perante ele. E depois disse ao preso, que se lhe fizesse pleito e homenagem de o servir, no que lhe mandasse, que lhe daria a vida.

Não recusou o partido aquele pobreto nem Nastróbio dilatou mais o partir-se, tímido de que viesse Dom Duardos a pedir-lhe novas contas. Levando também os seus feridos consigo.

⁴⁷ A: foi pô-lo a cavalo / C: foi-lhe pelo cavalo

⁴⁸ A: amo / C: amo de fora estiveram ouvindo quanto ali tinha passado

Porém fazendo primeiro ferir fogo e largou a tenda,⁴⁹ para que pelos despojos dela, o não conhecessem a ele.

Mandou por a Trogônio naquela postura em que seu senhor o achou, não porque lhe quisesse poupar a vida, senão para que mais cruelmente a acabasse, vindo as lavaredas do fogo a tirar-lha pouco e pouco.

E como fez tudo isto, partio-se com a companhia, que dizíamos em busca do vao, não se ousando a fiar das guardas da ponte. E tanto que chegou a ele, despedio aquele cavaleiro do duque que levava dizendo-lhe, que o que lhe prometera era dizer a seu senhor, que Dom Duardos fora o que os matara a eles e levava Luciana.

Tão cegos são os juízos dos homens no que desejam, que se pressuadia Nastróbio, que podia aquela deligência ser do efeito, que ele pretendia estando todas as razões que se podiam considerar contrapostas àquilo mesmo.

E depois passando o vao, com algum trabalho, [48] e vendo-se d'além entrou em novas considerações e enfim se detreminou em ir demandar a ponte por aquela parte de que se não temia e curar-se naquela torre, fechando o passo, ou comércio até ver pelo menos, o que fazia o duque no caso, que tinha acontecido.

E do que ali fez e o que sucedeo a Dom Duardos diremos logo o processo.

⁴⁹ A: e largou a tenda / C: pô-lo à tenda

Capítulo 6

Do perigo, que correo Dom Duardos, no passo da ponte e como ficou preso nela.

Inda que o processo da história parece que pedia tornássemos a buscar Florislao, que caminhava para a corte de Constantinopla e que não nos esquecêssemos, nem do que se nela fazia, nem do que fez Pleonido, é tanto para saber o que aconteceu a Dom Duardos naquela aventura, que ainda que ele não fora o dono da mesma história (com quem não é culpa grande continuar muito) bem pudéramos ver-lhe o fim sem ser mui arrependidos por isso e assi me detreminei a contar a fio todas estas cousas, posto que Henrique Frusto interpoladamente as escreve.

Achou Dom Duardos a Trogônio [49] vivo por milagre grande de sua boa ventura, porque ainda que o fogo não tinha chegado a ele, a quentura de sua vezinhança, o fumo, o medo, a postura em que estava, bastantes cousas eram para acabarem cem vidas, porém guardou-o Deus por amor de seu senhor, de quem se dava por bem servido, ainda que tinha deixado o hábito de ermitão, que já vestira.

Conheceu-o, gritou, correo, desceo-se e foi a livrá-lo, com ãa pressa incrível.

Chegou-se a ele, tomou-o nos braços, arrancou da espada, cortou-lhe as ataduras e afastando-o para onde o ar estava mais temperado, pô-lo no chão e desenlaçando o elmo, ajuntou o seu rosto ao do seu Trogônio e derramou algũas lágrimas de compaixão de o ver qual estava. E entendendo que tinha necessidade de ágoa para se refrescar, foi a encher o elmo no rio e trouxe-lha, de maneira, que se Trogônio o servio algũ hora, com aquilo bem podemos dizer que na mesma moeda lhe pagou seu amo.

Tornaram os espíritos, já quasi exalados, a animarem e vivificarem aquele corpo.

Tornou o escudeiro enfim a cobrar outra vez a fala e os sentidos, com os quais fez ãa nova protestação da fé, no serviço de seu amo não tanto pela vida que devia a sua deligência, quanto pelo amor, que vira na sua mágoa.

Contou-lhe depois o que acontecera, de que Dom Duardos ficou tão espantado, como todo o homem de bem por mais entendido que seja, costuma a ficar à vista de maldades, que não usa.

E detreminando-se a [50] não deixar aquela injúria sem castigo, ofereceu-se-lhe logo Luciana, a quem parece que prometera o contrário, porém cuidando juntamente que ter piedade dela naquela parte seria a maior crueldade, que se lhe podia fazer, passou o que ficava da noite irresoluto naquilo que faria.

E enfim a cabo de muitos discursos, assentou em a ir a demandar ao mosteiro em que a deixara, para que quando a não pudesse pressuadir a não continuar naquele seu amor, lhe levantasse pelo menos a palavra, que lhe dera, de a ajudar na execução dele, porque verdadeiramente entendia, que era ato de piedade grande, não tratar daquele casamento.

E fazendo-o assi, tanto que amanheceu chegou ao mosteiro a hora que Luciana chegava à portaria a despedir duas de suas donzelas, ãa a saber da saúde de Nastróbio e a outra a avisar a seu pai, assi o perigo, que correra, como o modo por que livrara dele, atribuindo o assalto e o socorro, a gente não conhecida.

Mal enxutas tinha ainda a pobre as lágrimas do outro dia, quando lhe Dom Duardos a quem ela saía a receber, com o alvoroço que o seu presente estado consentia, deu nova ocasião delas na história, que lhe contou após algũas palavras, que lhe primeiro disse encaminhadas ao fim que temos dito, as quais serviram mais de lhe arrancarem a alma envolta nas próprias lágrimas, que o amor da parte em que o ela tinha posto; e assi lhe disse que lhe levantaria a palavra, [51] que lhe tinha dado de a ajudar no seu casamento, se lha empenhasse de novo de que não procuraria vinganças de Nastróbio desculpando-o daquele seu roim procedimento, com sua fortuna dela, a quem chamava autora de todas aquelas cousas.

E foram tantas as que sobre isso lhe disse, tantos os suspiros e as desconsoações e lástimas tantas, que se as dores de Dom Duardos não foram para ele o bem de mor estimação, que fora de Carmélia tinha no mundo, aquele amor de Luciana, bem pudera ter inveja, porém era tamanho o que ele tinha a Carmélia, que a troco de a não ver tão perdida, se queria antes ver a si mal pago.

E prometendo a Luciana, que pelas cousas até ali passadas, não desserviria a Nastróbio, disse-lhe todavia, que no casamento não havia de entrevir, por não ficar obrigado aos trabalhos, que adivinhava, que resultariam dele, porém que fora disso não deixaria de a servir sempre.

E despedindo-se dela, com lástima grande de sua roim fortuna, se foi seguindo ãa estrada, que o levou àquela ponte, de que temos dito, que dividia os estados de Cleves e de Henao.

Não soía haver guardas nas torres, que nela havia, que impedissem a passagem, antes era caminho público e gasalhado comum dos que queriam deter-se. E assi sem nenhuma dificuldade, poudes passar o Cavaleiro dos Malmequeres aquela, que estava da parte de Cleves, donde ele ia.

E vendo-se [52] no meio da ponte, que era comprida e fermosa veio-lhe vontade de se não apartar daquela terra sem saber o que o duque fazia com a filha. E mandou a Trogônio, que tornasse atrás, a espiar⁵⁰ os progressos daquele negócio e que até o segundo⁵¹ dia o viesse buscar àquela segunda⁵² torre, por que nela o esperaria.

Fê-lo assi Trogônio e ele foi-se adiante, porém antes de chegar à torre que ia buscar, foi visto e conhecido dos cavaleiros de Nastróbio, que o dia de antes tinham escapado de suas mãos, que estavam ali com ele, como temos dito, as quais não custaram tão pouco aquelas armas, que as pudessem desconhecer tão depressa.

E confirmando-se de todo pelo verem sem escudeiro, sabendo o que tinham feito ao seu, foram-se com estranho sobressalto e alvoroço, a dizê-lo a seu amo, que estava na cama como suas feridas pediam. O qual em ouvindo aquilo, com o mesmo alvoroço e sobressalto, tomando ãa roupa de levantar, se pôs ao postigo de ãa janela a vê-lo vir pelo seu pé a meter-se em o maior perigo em que nunca estivera.

E assi foi, porque entre uns arcos sobre que a torre crescia havia ãas portas de ferro que fechavam de pancada, como rastilho, tamanhas e tão pesadas, que não somente impediam a passagem deixando-as cair de cima, mas puderam desfazer a própria torre, se deram nela. E destas havia duas, ãa na boca de um arco, outra no outro e soltas ambas ficava ãa prisão no meio escura e terrível.

Não detreminou Nastróbio [53] prender ao Cavaleiro dos Malmequeres, senão acabá-lo logo de golpe, deixando-lhe cair a primeira porta na cabeça e para isso mandou fazer prestes e estava aguardando o sucesso tão alvoroçado, como o fazia ser o desejo, que daquilo tinha.

Porém guardando Deos (que é poderoso sobre todas as malícias dos homens) ao nosso cavaleiro aconceco que, como com a longa pax e descuido com que se ali vivia se não baixavam aquelas portas havia muitos anos, ainda que o seu peso era tão grande que ele mesmo como lhe largavam as cadeas, que as sostinham as fazia vir voando abaixo, contudo a ferragem e imundícias que havia nelas e nos encaixos por onde corriam, não deixaram vir aquela primeira com que quiseram matar a Dom Duardos tão de repente, que deixasse ele de sentir o estrondo e apressar o cavalo, o qual todavia por melhor que saó dos pés, não poude livrar-se a si e colhendo-o a porta de meias cadeiras para trás assim lhe desfez e cortou aquela parte, como se ali não houvera nunca carne,

⁵⁰ A: espiar / C: copiar

⁵¹ A: segundo / C: outro

⁵² A: segunda / C: vezinha

nem osso.

Caíó o cavalo e caíó seu dono juntamente, ã de todo morto e o outro nunca tão vivo, porque isto teve este cavaleiro sobre todos os outros de sua geração, que quanto era mor o risco em que a fortuna o metia, tanto era maior também o valor e o brio com que se ele achava.

E assim vendo-se naquele caso tão súbito e tão arriscado, saltando do cavalo, meteo mão à espada, porém não achou alguém [54] a quem ofendesse com ela, nem de quem se defendesse, nem ainda poude saber aonde estava, porque como as portas se largaram ambas a ã mesmo tempo, ficou naquela escoridade, que dissemos entre elas e os parapeitos da ponte, donde se levantava o edifício da torre e o pavimento de seu primeiro sobrado.

Devisou ele por ãa pequena greta, que em ãa das ilhargas havia, dali a algum espaço, isto que temos dito, porque pela tal greta entrava algũa luz, de que ou não sabiam os de cima ou não tiveram tempo de a consertar, porque como temos dito não havia muitas horas que Nastróbio ali viera ter.

Pouco esteve Dom Duardos vacilando no que lhe tinha acontecido, quando sentio, que a ã dos lados daquela casa se abria ãa janela, que nela havia ferrada toda, que servia de se ver dali, o que passava dentro, quando havia casos semelhantes, porém tão alta, que sem ãa larga escada mal se lhe podia chegar.

Esta mandou abrir Nastróbio, para se certificar do que a porta tinha feito e acodindo Dom Duardos ali logo, os que a abriram, vendo-o em pé e correr para lá com a espada na mão, fecharam-na outra vez com tanta pressa, como se estiveram menos seguros e foram a dar recado a quem os mandara do que viram.

— Não importa, lhe respondeo ele, ser-lhe-á mais penosa a morte, quando for com mais vagar.

E fazendo fechar logo as cadeas, para que as portas se não pudessem levantar sem ordem sua, tomou as chaves delas e escreveo trás isso [55] ãa carta à duquesa sua tia dizendo-lhe do que lhe tinha acontecido o que menos oprobrioso lhe parecia. Dizia-lhe mais, que tinha aquele encantador preso (e assim chamava ele a Dom Duardos) e que esperava cortar-lhe a cabeça, para a mandar de presente a Luciana, sem lhe dizer a razão por que, nem lhe falar nela outra palavra.

Já quando este recado chegou à duquesa, Luciana estava com ela, porque seu pai com o aviso que teve pela donzela acodio logo ao mosteiro com a mais gente, que pode levar e alegrando-se de ver a filha salva, sentio a morte dos seus e culpava-se a si do

descuido, com que a mandara.

E passando-lhe pela imaginação se poderiam ser aquilo obras de Nastróbio, que era o que a livrara, porque não havia por aquela terra outro cavaleiro, de quem tamanhas obras se pudessem esperar, com o que o duque ficou quieto naquele primeiro pensamento e mais disposto também para ouvir à mulher acreditar-lhe o sobrinho.

Neste estado estavam as cousas de Luciana, que com generosidade grande lhe mandou estranhar o que fazia com aquele cavaleiro. E parecendo-lhe, que ele pelo que lhe tinha acontecido, cuidaria porventura que ela se teria feito em outra volta, assegurando-o de sua primeira vontade, dizia-lhe sobre isso, que não esperasse ver-lhe nunca o rosto, se logo o não deixasse ir livremente embora.[56]

Aconselhava-o a que não impedisse o bom curso,⁵³ que suas cousas iam tomado, dando-lhe conta daquela nova disposição boa, que seu pai mostrava, para se lhe tratar delas, persuadido que poderia ser ele quem a livrara e não quem a assaltara.

Com o que esperava, que muito cedo se vissem com o descanso, que ela desejava e que tudo se perderia, se quisesse levar tão roim opinião adiante, porque então não deixaria ela de dizer a verdade do que passava e tomar ã vaso de peçonha trás isso, por não ver assim morto um cavaleiro, a quem devia tanto, como os castigos, que o ceo e o duque seu pai fariam justamente em quem ela também amava tanto.

Não estava Dom Duardos repousando enquanto estes recados iam e vinham, antes tendo como dizíamos acodido aonde se abrira a janela, vendo-a fechar outra vez sem poder recolher nem esperança de sua salvação, nem conhecimento da gente, que ali vivia estava impacientíssimo.

E contudo conhecendo sua necessidade e perigo encomendava-se a Deos, o qual me parece, que por aquele espaço lhe tirou a Carmélia da memória, porque se lhe então lembrara, nenhũa dúvida tenho, senão que se contentara de ficar ali, sem procurar remédio a sua salvação, porque para o que ele buscava nenhũ sítio lhe eu via tão a propósito, mas a violência e o engano com que ali entrara e primeiro [57] que tudo Deos, que lhe quis fazer aquela mercê, lhe mostraram o caminho de escapar, donde a esperança humana parece que desfalecia.

Tudo temos no próximo capítulo.

⁵³ A: curso / C: pulso

Capítulo 7

Do que fez Nastróbio depois que teve preso a Dom Duardos e do modo por que se ele livrou da prisão.

Enquanto Dom Duardos estava envolto nos discursos, que seu presente estado lhe pedia, tinha chegado a Nastróbio o recado da duquesa e de Luciana. E como a malícia é muito mais engenhosa para o mal, que a bondade e singeleza para o bem, daquelas mesmas palavras que lhes elas mandaram dizer para que soltasse o preso, achou ele razões para o matar e sumir, donde nem depois de morto parecesse.

— Galante cousa são mulheres (dizia ele consigo) mandando-me estas dizer muito sesudas que solte estoutro e alegam-me para isso, que têm dito ao duque, que são minhas as obras com que o diabo favoreceu este homem contra mim, como que quando o ele cresse e as cresse a elas [58] houvera algum meio melhor de acreditar esta mentira, que matar, a quem só descobrira logo se vivera. E persuadem-se⁵⁴ estas senhoras que lhe contentara ele mais da soltura, para que em agradecimento dela se vá sem falar palavra do que se sentirá da prisão, sobre as obrigações em que cuida que lhe estamos para me acusar e matar a mim se puder. Verdadeiramente que se Luciana estudara para me meter ciúmes na cabeça, que não pudera achar melhor modo de o fazer. Que quer esta mulher a este cavaleiro? Ou lhe ela agradece livrá-la de minhas mãos, tanto a minha custa, ou lhe está obrigada do termo com que o fez. Eu fiz o que pude, não sou mais obrigado. Não ser mais valente será pena, porém quem pode dizer, que é culpa? Não senhora Luciana, não que são estas ãas vaidades e uns primores, que não servem de mais que de matar e destruir a quem os usa. Se foi prudência, se foi aviso grande dizer ao duque o que se lhe tem dito, não ver Luciana e não ver minha tia que pende o ser esse aviso e o ser essa prudência de perpetuação da fé que o mundo der àquilo que elas dizem, a qual em tudo e por tudo, depende também só da morte deste homem a quem desejam tanto a vida! Mas que me dá a mi! Eu lhe escreverei isto e se forem tão obstinadas que todavia persistam em sua opinião ficar-se-ão com ela, que o meu senhor [59] sem vida se há de ficar e porventura que depois dele morto, morrerá nelas também esta sua desentendida piedade.

E após dizer estas palavras, lhe tornou a mandar logo aquele recado e ficou ordenando meios de matar aquele príncipe mais depressa do que a fome o faria, porque

⁵⁴ A: persuadem-se / C: pressuadindo-se

como tinha entendido que o duque estava de bom humor em suas cousas, não queria ter aquele comércio e passagem impedida, porque lhe não desse que cuidar a novidade.

Parece que estava já Nastróbio quieto no primeiro pensamento que contra a prudência de Luciana tivera, cuidando que mandara vir ali a Dom Duardos, com os intentos que dissemos em outra parte. E assim se deixava ver facilmente, porque quando ela lhe quisera fazer aquela treição, melhor meio era para matar um só, o mandar vir vinte, que para matar vinte chamar a um só.

Mas⁵⁵ bem se prova pelo menos era nele o medo muito maior que o amor, porque todas as abominações que fez, mais se encaminharam à salvação própria, que à estimação alheia; porém o responder ele a Dom Duardos, quando a donzela aconselhava, que as passasse todas ao estado de Henao que sem gosto do conde seu pai, o não podia já então fazer, aquilo foi mais que medo e quanto a mi foi dar-se por desenganado de que Luciana se aborreceria dele por sua fraqueza e quis-se fazer muito fero e pontoso para ãa molher, respondendo [60] primeiro o que cuidava que ela responderia, porque a verdade é que sempre dá em erros maiores, quem por maos meios quer encobrir seus erros.

Enfim Nastróbio, com os fundamentos, que dizíamos, tomou a determinação, que vistes e para o que sucedeo, não foi pequena dita que não mandasse dizer logo a Luciana que Dom Duardos era morto, como parece que pudera fazer conforme ao que ele mesmo dizia, porque ela tanto que recebeo aquele segundo recado seu, que foi já com bem poucas horas do dia, porque todavia, ainda que viviam perto, já gastavam muitas em ir e vir e negociar, quis-lhe tornar⁵⁶ a responder logo, porque não sossegava tendo preso a quem a livrara doutra mais rigorosa prisão, qual fora a que se ela dera se Dom Duardos lhe não soltara a Nastróbio.

E parando-se para o fazer a ãa janela, que se ia a uma parte escura, deu logo com os olhos em Trigônio, que tendo ido ao mosteiro em busca dela, para o que o amo lhe mandara e achando que o pai a tinha trazido, viera ali também e andava como descuidadamente rodeando tudo, para ver se podia colher cousa que lha levasse.

Conheceo-o ela subitamente e sobressaltando-se primeiro o chamou.

Depois levantou ele o rosto e vio-a com grande gosto seu, cuidando que não podia levar melhor nova ao amo, que a quietação em que julgava, que estava aquela casa. Perguntou-lhe ela, quem o trazia por ali? [61] E dizendo-lhe ele, saltando-lhe as

⁵⁵ A: mas / C: mais

⁵⁶ A: quis lhe tornar / C: que lhe tornasse

lágrimas pelos olhos, achando-se cada vez mais obrigada e finalmente fazendo esperar ao escudeiro, acabou de escrever a Nastróbio na conformidade de sua natureza e a Dom Duardos também na da obrigação que lhe tinha e na do que era necessário para lhe persuadir o que de novo lhe pedia, que era o ir-se encubertamente daquela terra.

Prossopunha a pobre senhora, que o soltariam logo e provando os novos agravos para dar lugar à ficção que ela tinha inventando para descanso seu e de Nastróbio, o que julgaria também por fruto e efeito, de sua primeira palavra.

E tendo as cartas escritas deu-as a Trogônio, declarando-lhe o que ele não sabia, mas consolando-o juntamente com a certeza e esperança de que o soltariam em ele chegando.

Causou-lhe aquela nova tanta torvação no triste que a ouvia, que esteve de todo para ir ao duque e dar-lhe conta de quem Dom Duardos era e do estado em que estava; porém querendo ver primeiro o que resultava da deligência de Luciana, parecendo-lhe que para o outro sempre haveria tempo, foi-se voando para a ponte. Porém assi Luciana, como ele, parece que erraram aquela negociação.

Luciana porque tendo já vistas as razões, que lhe Nastróbio dava para matar a Dom Duardos, a respeito de ficar em segredo o que em seu socorro passara e tendo [62] sabido também, o que o mesmo Nastróbio fizera àquele escudeiro, mais era para cuidar que serveria mandar-lho lá com aquelas cartas de lhe dar novas razões de os matar a ambos que causas para que os largasse tendo-os nas mãos, porque afora o que Nastróbio interessava de honra e de gosto no que se ordenava o bom sucesso do que ele já dizia que dependia da vida ou da morte das testemunhas daquele caso, não há nenhũ homem que folgue de ver vivo outrem, a quem tem obrigações mal satisfeitas, quanto mais as próprias testemunhas dos excessos, que ele deseja encobrir.

Trogônio errou também em dilatar dar aquela conta ao duque, porque se ganhava em prevenir o dano que da dilação podia resultar, do que perdera em ficar Dom Duardos conhecido, a troco de se livrar sem controvérsia, o que não poderia deixar de fazer, porque nem Nastróbio replicaria a ã duque, a quem desejava agradar, nem aquele duque dilatara ã ponto o socorro de Dom Duardos, porque afora as razões geraes, tinha-as ele particulares com a casa de Inglaterra, por ser sua mãe descendente da emperatriz Agriola, irmã de el-rei Fadrique, que foi pai de el-rei Dom Duardos seu avô. E tudo isto sabia Trogônio, mas ele com a dor e perigo de seu amo, desatinou e ela com a estimação de si, desenganando naquela carta a Nastróbio, que se não soltasse aquele preso, nem lhe [63] escrevesse, nem tratasse mais de lhe granjear a vontade, não discorreo também

por aqueloutros inconvenientes ou os teve porventura, por de pouca sustância, a respeito do que consigo oferecia e negava.

Caminhava Trigônio com as asas do desejo para a ponte e pouco antes de chegar a ela encontrou dous vilões, que depois de o salvarem, lhe perguntaram se ia para aquela parte?

— Por que me perguntais isso meus amigos? Lhe respondeo ele.

— Para vos avisaremos senhor (tornaram a dizer os vilões) que se ides para lá, que escuseis de o fazer, porque hoje não sei com que ocasião, se fecharam as portas da torre d'além e por aquilo se fecharam também as nossas de cá e não houve em todo o dia passagem com grande queixa dos caminhanes, pelo que nos agora nos imos a desalagar um barco, que aqui abaixo temos, com que as vezes pescamos por⁵⁷ este rio, com tenção de passar gente de pé e ganhar nisso algũa cousa, se as portas se não abrirem.

Não determinava Trogônio entregar-se de maneira nas mãos de Nastróbio que, quando ele lhe quisesse fazer outras obras como as passadas, ficasse impossibilitado o remédio de seu amo, por falta de quem lho procurasse e assi ia cuidando, que daquela primeira torre que ele tinha por segura, lhe mandaria as cartas e veria se soltavam ou não o Cavaleiro dos Malmequeres para se tornar, quando o não [64] fizessem, a fazer com o duque a sua deligência, pelo que não podia deixar de estimar muito aquela comodidade do barco, para que dele seguramente se pudesse chegar até falar com Nastróbio.

E assi agradecendo-lhes o aviso, foi-se com eles até o lugar aonde o tinham e chegados ali apeando-se, ajudou-os a desalagá-lo e a limpá-lo o melhor que puderam e depois não lhes dando o tempo para dormirem e descansarem como queriam fazer, fê-los ir vogando mansamente pelo rio acima a espiar pelo menos a guarda que nas torres havia, que era tão pouca que de nenhũa delas os sentiram.

Os de Cleves, porque se bem tinham fechadas as portas, fiados na fortaleza delas e no descuido em que a longa paz os tinha, não fizeram mais deligência e lançaram-se a dormir. Os de Nastróbio, porque entendendo ele pelos recados que teve que estava seguro de seu medo, pelo duque não ter sabido que saltara a filha, antes o contrário e seguro também do ânimo de Luciana, acodir ao remédio de suas feridas e do trabalho passado, que era o repouso; e os seus, com o seu exemplo, fizeram o mesmo.

⁵⁷ A: pescamos por / C: passamos

Assi que por estas razões não foi sentido aquele barco, se não da pessoa em que elas não melitavam, que era Dom Duardos, o qual tendo gastado aquele dia todo na sua prisão em vários e pesadíssimos discursos, chegava-se de quando em quando àquela fenda, que dissemos, por que entrava a luz, para ver [65] se divisava algũa cousa de fora, mas era ela tão pequena que não o deixava ver nada. E querendo meter a adaga por ali, para a fazer maior, foi o trabalho vão, por ser toda a parede de cantaria lavrada. Vão⁵⁸, digo, a respeito de acrescentar a rotura, porém utilíssimo por outro melhor caminho e foi que com a força que fez para que a adaga entrasse, se acabou de abalar ã macho, que tendo-se afastado do outro cunhal fazia aquela greta que dissemos.

Sentio o cavaleiro e entrando em esperanças de poder arrancar a pedra de todo do seu lugar, deixou ficar a adaga donde a tinha, com o que, com o dia se ir acabando de todo, lhe anoiteceu a ele mais depressa e querendo prevenir aquele inconveniente, deu em outro maior, porque tirou a adaga, com o que logrou um breve espaço a claridade que lhe ela impedia, mas depois que se serrou a noite, não atinou aonde estava a greta, que era o seu único remédio. E enfim após ã longo trabalho de andar apalpando e chegando os olhos às juntas das pedras, veio a dar nela e no cunhal abalado. Então aplicando de novo a adaga, não só poudé tirá-lo de todo fora e pô-lo na casa embaixo, senão a tantos outros que abriu ãa grande janela. E não esteve só a dita nisto, senão que bem ali vinha a nascer a cabeça de um dos botareos, de que a ponte tinha muitos, a qual era tão larga por cima, que puderam mui bem estar [66] quatro cadeiras nela.

Saío-se Dom Duardos logo a ela a ver se haveria lugar de se poder calar de todo ao rio e ainda que não era baixo dele à ágoa, todavia se ele soubera nadar, tirando as armas e fazendo um lio delas com suas mesmas correas, bem se pudera lançar seguramente, porque era ela⁵⁹ naquela parte tão alcantilada, que nenhum perigo correria no salto dando-o direito e a pés juntos; porém ele não sabia aquela arte e não foi esta a primeira vez, que lhe pesou de a não ter aprendido e assim guardou aquele último remédio para a última necessidade também e tornou-se a recolher dentro, a descansar do trabalho que o desfazer da parede lhe tinha dado, contente de que pelo menos, já o não matariam as escuras.

Entrava por aquela nova janela a claridade da lua e das estrelas, a vista das quais trouxeram a memória daquele cavaleiro Dom Floris de Lusitânia, que as tinha por armas e divisa e percorrendo por sua condição colérica e mal sofrida, cuidando no que fizera se

⁵⁸ A: vão / C: não

⁵⁹ A: ela / C: ele

se vira ali metido, provocou-se um pouco a riso. Depois levantando mais alto o pensamento, parecia-lhe ainda cousa e matéria indigna para assento e lugar de Carmélia aquele oitavo firmamento em que estão colocadas as estrelas. E indo-se preparando para dar as razões daquela opinião, tirou-lhe a ele a comodidade de fazê-lo e a nós o gosto de as sabermos, o ruído da voga do batel, [67] que então sentio, ao qual acodindo, o viu claramente e aos homens, que vinham nele não tão claro, porém, que pudesse conhecer a Trogônio, posto que já àquele tempo ele tinha feito chegar o barco bem ao pé daquele buraco, que estava mais perto da ágoa, que todos os outros vãos, que na torre havia. E dali levando os remos estava quietamente escutando se ouvia alguma cousa.

Tudo Dom Duardos via e vendo que não faziam movimento, nem sinal algũ, quis ele fazê-lo, sucedesse o que sucedesse. E assim saindo-se outra vez à coroa daquele botareo⁶⁰, perguntou-lhes manso quem eram e o que buscavam? Menos era necessário para Trogônio, que trazia a vox de seu senhor impressa n'alma e endoudecera e dera gritos com aquele súbito alvoroço, se o não livrara o parecer-lhe que convinha outra cousa a sua saúde e salvação. E dando-se-lhe a conhecer também com grande silêncio, a cabo de algumas breves práticas, lançou-lhe acima a ponta de ãa corda, das que nas redes dos pescadores havia, a qual ele atou depois bem naqueles cunhais que tinha arrancado da parede e trás isso pendurando-se por ela, chegou ao barco sem alguma moléstia, pondo primeiro os pés nas mãos de Trogônio, que o aguardava nelas com tantas lágrimas de contentamento, como até então tinham sido do contrário. Também Dom Duardos o abraçou tenramente e caminharam [68] logo, por não serem sentidos, ainda que não tinha ele o ânimo de se apartar muito dali, sem saber a quem devia o gasalhado que lhe fizeram e muito melhor depois que Trogônio lho disse. Porém do que ele nisto obrou e do que Nastróbio fez também, quando ao outro dia o achou menos e a parede rota, contaremos em outra parte, que agora, pois ele vai já livre, rezão será que vamos livrar também a Pleonido, com a pessoa de Florislao, de outros perigos não menores.

⁶⁰ A: botareo / C: buraco

Capítulo 8

Do que aconteceu a Pleonido depois que se apartou da corte com uns cavaleiros.

Quando Fidélia chamou a Pleonido para lhe dar a carta, com que o despedio em busca de Dom Duardos, a primeira cousa que lhe disse foi encarregar-lhe o segredo, depois a deligência e trás isso que, se viesse com ele, a avisasse pouco antes de chegarem à cidade, para lhe dar de novo a ordem que haviam de seguir.

Era Pleonido, como muitas vezes temos dito enano no corpo, mas gigante no entendimento e no discurso. [69] Queria bem a Primaleão e vivia obrigado a Fidélia e ainda que lhe parecesse que seus merecimentos não tinham satisfação igual na terra, ali cuidava que se empregariam menos mal, pelo menos, bem entendido esforçado moço, gentil homem e moço, herdeiro da maior monarquia que então se conhecia no mundo e sobretudo tão afeiçoado e rendido à adoração desses mesmos merecimentos, que não se podia temer que faltaria algũ tempo com o culto que se lhe devia.

E ver-se agora chamar de Fidélia e mandar-lhe buscar, com aquela particularidade, ã cavaleiro avaliado de todos pelo melhor que vestia armas entendido também, gentil homem também, príncipe também e que a tinha obrigado a ela com tantos e tão calificados serviços e gastado tanto tempo em sua conversação e companhia, não lhe pareceo que devia fazer a jornada, sem que de algũa maneira lhe lembrasse primeiro o que se devia a si, se devia ao cavaleiro do sol algũa cousa. E com este pensamento, depois que recolheo a carta e o recado, lhe disse:

— Eu vou senhora aonde me mandais, não só porque nasci com obrigação de servir-vos, senão porque entendo que aquilo que vós fazeis, é aquilo que mais convém que façais. Buscarei Dom Duardos em qualquer parte que o tenham lançado as malencolias daqueles seus amores, com que o vós achastes entre os penedos da Serra da Lua e quererá Deos que quando venha [70] com ele, vos ache já senhora desta terra e desta casa, que é o que só há para que vossos merecimentos fiquem de algũa maneira satisfeitos e satisfeita também ela convosco de tudo o que sempre mereceo e que até ‘gora não poude alcançar nunca.

Bem o entendeo Fidélia e bem lhe lembrou logo sua antiga natureza o que lhe houvera de responder, se se governara por ela, mas os tempos não eram já todos uns. Já tinha ido à casa de Daraja, já tinha caminhado levemente por onde em outras eras tropeçara e em verdade, que se Primaleão vestia botões azuis, que já lhe eles pareciam

de outra cor. E nesta conformidade não é possível que se encolerizasse muito com quem lhe falava bem nele, porém quem ainda se não perdoava a si, a outrem como lhe perdoaria? Assim foi que não deixou de responder ao enano, senão com quatro pedras na mão. Pelo menos não deu dous suspiros e duas cabeceaduras, com ã meio de cerrar⁶¹ de olhos por resposta e disse-lhe:

— Se me conheceis bem a natureza, se sois tão agudo como quereis parecer, bem vereis que não ides a negócio meu, pois que consinto que vades, tendo entendido vossas ocultas suspeitas. E no mais ordene Deos aquilo que for servido.

E com isto voltando-lhe as costas, deixou-o contente de se ter declarado e mais contente ainda de lhe parecer que se lhe declarava ela também. E com este alvoroço se saíu logo aquele dia da cidade, [71] tendo bem frescos⁶² na memória os sinais das armas que Dom Duardos levava, que eram as mesmas que ele Pleonido em Escalabis lhe comprara. E perguntando por elas, atravessou bem perto do mosteiro em que Florislao e ele se curavam. E como aquele príncipe por ali andara, achou o enano novas que o fizeram voltar inutilmente por aquela terra muito tempo, porque não achando saídas aquelas mesmas, tornava sempre aonde primeiro as achara, para lhe tomar outra vez de novo rasto. E foram tantas as que fez isto, que um dia já tarde, não mui desviado daquele próprio convento encontrou três cavaleiros que caminhavam de companhia, menos cortesões do que é razão que todos sejam e mais cortesãos por outra parte, dos que ele porventura houvera mister. Salvou-os o enano e trás isso perguntando-lhes o que costumava, um deles lhe respondeo:

— Se vos vai muito nisso e me pagardes bem eu vos direi onde achareis esse cavaleiro e bem depressa em verdade.

— Dizei senhor (replicou Pleonido), que na largueza das alvíssaras veríeis vós o que me ia em saber o que vos pergunto, se eu tivera mais cabedal para vo-las dar, que a miséria e necessidade com que vos peço isto, porque eu cuidava que não era ele pequeno para obrigar cavaleiros.

— Excelente me parece o podengo, disse ã e acodio logo o outro:

— Levemo-lo por vida vossa, que me tem jeito de saber negociar⁶³ bem o que nos cumpre.

— Sabeis dançar? [72] (lhe disse o que primeiro lhe falara)

⁶¹ A: meio de cerrar / C: meio cerrar

⁶² A: frescos / C: fixos

⁶³ A: saber negociar / C: negociar

E o enano respondeo, porque já não gostava muito daquelas práticas:

— Ao vosso som não, por certo!

E voltou as rédeas ao palafrém para se ir, porém os cavaleiros eram pesados e assi tinham as zombarias e vendo o enano e o modo com que se lhe despedia, aquele, que até então não falara, levantando a lança, lhe deo com ela por cima da cabeça e ainda que não com força, o derribou todavia do palafrém com os focinhos cubertos de sangue, que rebentou de ãa ferida, que aquela pancada lhe fizera.

— Oh dou-me a Deos! (disseram logo os outros, mortos com riso daquela graça) que nos deitastes a perder, que era extremado este para Clarina⁶⁴, que lho houvéramos de levar e porventura que nos rendera ãa grande cousa.

— Ainda poderá ser (tornou o que lhe dera) que eu não fiz mais que matar-lhe ã mosquito que o estava molestando na moleira.

Tinha-se entretanto sentado Pleonido no chão, sobre que caíra, queixoso de sua fortuna. E tirando um lenço da algibeira, alimpava o sangue que pelo rosto lhe caía e punha de quando em quando as mãos na fonte de que nascera. O que vendo aqueles seus amigos, ã deles lhe disse:

— Ora não choreis⁶⁵ mais, por amor de mi, vinde-vos⁶⁶ conosco, curar-vos-emos desse ache e ficareis depois no serviço de ãa senhora que vos há de estimar tanto como mereceis.

— Senhores cavaleiros (respondeo Pleonido) ide-vos muito embora contentes da façanha, [73] que fizestes e não me queirais levar a mi convosco, porque vos serei sempre roim testemunha dela.

E trás isto apertando aquele lenço na cabeça, tomou o seu palafrém pela rédea e foi-se para ãa pedra grande, que ali perto estava, para que dela se pudesse melhorar à cela. Notável feição devia ter este coitado, ou eram mui abalados de riso aqueles cavaleiros, porque eu não vejo graças que o enano dissesse e Henrique Frusto conta que os cavaleiros se finavam com riso e que vendo-o estar naquele trabalho de sobir à pedra e depois ao palafrém, se foram a ajudá-lo, tomando-o dois deles entre si, cada ã por sua orelha, que ele tinha mais estiradas, que um cão de ágoa.

Queixou-se o pobre do socorro, já com vozes altas e eles dizendo-lhe era mao de servir, começaram a correr à carreira, levando-o pelo ar, suspendido daquelas asas. E

⁶⁴ A: Clarina / C: Clavano

⁶⁵ A: choreis / C: seja

⁶⁶ A: vinde-vos / C: ide-vos

antes que parassem, viram vir para si daquela parte aonde levavam o rosto, ã cavaleiro com ã galope apressado, o qual tendo ouvido os gritos que Pleonido dava, vinha com mor vontade de livrá-lo do que para o ofender havia nos mesmos, que se desenfadavam assi com ele. E vieram a parar todos tão pertos já uns dos outros, que poudes Pleonido, a quem os dous deixaram cair em terra com as orelhas meias arrancadas, conhecer as armas, por que perguntava, ainda que tão espedaçadas, a que ele tão afligido então cuidando [74] que quem as vestia era o homem que buscava erguendo-se donde caíra, se foi correndo⁶⁷ a abraçar com o seu cavalo, dizendo:

— Por amor de vós senhor cavaleiro estou qual me vedes, porém a troco de vos achar, muito mais caro comprara inda o fazê-lo.

Florislao, que era o cavaleiro, não conhecia o enano, nem ele vinha tal que da primeira vista pudesse ser conhecido, nem da mesma mai que o parira. E cuidando que o medo de seu presente estado lhe fazia dizer aquelas cousas, recolhendo-o, lhe respondeu que se aquietasse, porque para o vingar não eram necessárias mais obrigações, que a sem razão, com que o via ofendido. E isto disse concertando-se na sela e endireitou a lança para aqueles descomedidos cavaleiros, que já se tinham juntado, ainda que três, com o riso de todo seco⁶⁸, porém não que cuidassem que os poderia ofender muito aquele só, se lhe quisesse tomar conta de seus desordenados passatempos.

— Homens torpes e indignos da ordem da cavalaria que recebestes (lhe disse Florislao) que vos moveo a pordes as mãos naquele miserável enano, que como ãa molher só na confiança dos bons anda seguro?

E eles em lugar da reposta, baixa as lanças, o foram a encontrar. O mesmo fez Florislao e acertando naquele que a princípio dera em Pleonido espetado na lança, o fez vir a terra, não morto todavia, porque o tomou a soslaio, [75] e não recebeu dano algum em sua pessoa. Dos encontros que eles lhe deram, no cavalo o teve grande, porque ã dos companheiros, ou a caso ou de prepósito, metendo-lhe a lança pelos peitos, o fez cair com seu amo. E achando-o os dous quando voltaram embaraçado em tirar ãa perna que lhe ficou debaixo, apearam-se depressa para o matarem primeiro que o pudesse fazer. Permitio assi Deus, para que não pudessem fogir, porque ao mesmo tempo que eles se puseram no chão, se levantou Florislao e com a espada que logo arrancou, os necessitou brevemente a tomarem por remédio a quem mais ofendido tinham.

⁶⁷ A: correndo / C: depressa

⁶⁸ A: com o riso de todo seco / C: o riso cessou

Puseram-se de gíolhos diante de Pleonido e pediram-lhe que os não deixasse matar, oferecendo qualquer outra satisfação que quisessem tomar deles. Nobre era o enano e boa criação fora a sua, porém parece-me a mi que se ele não cuidara que tinha Dom Duardos diante, que não fora então mui bom padrinho daqueles miseráveis, mas o gosto de lhe parecer que acabara seus trabalhos, lhe fez que se esquecesse das dores presentes e assi rogou a Florislao, que estava vendo o em que se detreminava, que os deixasse sem mais dano, tomando-lhes palavra que dentro de quinze dias se presentariam todos três em Constantinopla à princesa Fidélia, da parte dele Pleonido, contando-lhe fielmente o que ali passara.

Com facilidade veio Florislao [76] naquilo, parecendo-lhe que assi começaria a chegar alguma notícia de suas obras àquela corte, cousa que então sobre todas as do mundo desejava. E fazendo os cavaleiros ã solene juramento de comprirem aquela romaria, deixando o melhor cavalo que traziam em paga do que mataram, se foram seu caminho menos contentes do que ali chegaram. E Pleonido tanto que os vio apartados, assi maltratado como estava arrancando a carta que trazia, sem nenhũa lembrança de que podia aquele cavaleiro ser outro homem, lhe disse:

— Ora por minha vida senhor cavaleiro⁶⁹, que se me socorrestes bem que vo-lo não pago eu peor. Esta carta me deu minha senhora para vós e com segredo, que é muito melhor ainda que a carta. Vede-a e após isso vos direi, o que mais mandou que vos dissesse.

Era aquilo já tão tarde, que nem Florislao podia ler, nem Pleonido conhecer de todo seu engano, particularmente que o outro vendo-se julgado pelo que não era em matéria a que sua natureza o inclinava, dissimulou-se com sagacidade, para ver se podia colher mais e assi o foi entretendo com palavras geraes, dizendo-lhe que o via tão mal tratado que até o por em parte onde se reparasse, se não podia alvoroçar com cousa algũa, que se fossem a buscar aquilo e que lhe tivesse ele em segredo aquela grosseria, quando se visse com sua senhora.

Dores tiram o [77] entendimento muitas vezes e contentamento também. E se damos que ambas estas cousas podem estar juntas, não poderemos negar que produziã este efeito com muito maior eficácia, que cada ãa per si só. Estava Pleonido por ãa parte ferido na cabeça e com as orelhas quasi que despegadas dela. Por outra imaginava-se com Dom Duardos diante, a quem buscava havia muitos dias, com o cuidado e desejo

⁶⁹ A: senhor cavaleiro / C: senhor Dom Duardos

que sua lealdade lhe fazia ter. Como podia pois deixar de sair de si e que culpa ficava tendo em se entregar tão depressa, se viu as armas que ele mesmo comprara e viu a prova do valor na facilidade, com que aquele homem, que as vestia, vencera a três cavaleiros juntos? Vio que se bem o ele não festejara com o alvoroço que pudera esperar do seu conhecimento, que todavia o não esquivava, nem desconhecia de todo.

Assi achara eu razões para desculpar Florislao de não falar singelamente, com quem via que se enganava com ele, como elas não faltaram ao triste, que se enganou, para enganar-se, particularmente que durou aquilo tão pouco que antes que se apartassem dali muito, já Pleonido ia mais morto, pelo que fizera, que pelas feridas que levava, porque o bom de Florislao, querendo ver se lhe podia colher a boa conta o lugar de que vinha e o nome de quem o mandava, para que se a carta o não dissesse e a ele se lhe [78] abrissem os olhos, não lhe ficasse aquele caso tão escuro que não pudesse segui-lo fazendo-lhe perguntas, ainda que dessa maneira veio a abrir alguma suspeita no enano, o qual se confirmou logo assim com o tom da fala, como com ver que perguntando-lhe pela saúde e entretenimento de sua senhora, não descia a particularidade alguma de tantas como no seu acompanhamento tinham passado. E tendo caído enfim de todo no seu desatino, a primeira cousa em que se resolveo foi em ver se podia com indústria tirar-lhe a carta da mão, para o que deixando-se ir mais ã pouco, acodio como com descuido dizendo:

— A pressa em que aqueles homens me meteram, me fez errar o papel. Não é esse que vos dei o que trazia para vós. Tornai-mo, que vedes aqui o outro.

Tinha ele tirado parece, algũ que levaria e cuidava, se colhesse o seu, ou fugir àquele cavaleiro com o escuro da noite ou engolir a carta e deixar-se martirizar por lha não tornar, se lha ele quisesse pedir. Porém Florislao levava já também⁷⁰ ao enano lido e ouvindo-lhe o que lhe dizia, lhe respondeo rindo:

— Meu amigo, o remédio desse erro não está nisso, se não em o levar até o cabo. Vamos ambos aonde vossa senhora está e fazei-a errar a ela também e depois todos três ficaremos desculpados.

Enforçar-se quisera o triste ouvindo o que lhe o cavaleiro dizia e vendo o mal que podia remediar-se e assi lhe respondeo:

— A isto se chama, senhor, cair da [79] sertã nas brasas, mas eu o não cuido certo, porque quem com tanto valor me defendeo a vida em que ia tão pouco, não

⁷⁰ A: também / C: tão bem

quererá tirar-me a honra e o remédio que aventurei no engano que essas armas me fizeram. E antes que vá mais por diante vos peço que me queirais dizer onde e de quem as houvestes e porventura que esteja nisso a composição de minhas torpezas.

Alegrou-se Florislao de o ouvir, porque já pelo menos entendeu que lhe ficaria daquele negócio conhecimento do cavaleiro com que se combatera, o que desejava tanto, como temos dito, mas não querendo largar a isca que tinha na mão, antes apertando com razões engraçadas a Pleonido, o reduziu a ãa total desesperação, com a qual lhe disse o que veremos logo.

Capítulo 9

Do que se fazia em Constantinopla e de como vieram a ela os três cavaleiros, que Pleonido mandara.

Eram vários os homens de que constava a corte de Constantinopla naqueles [80] dias e assi eram vários os humores de cada ã deles, vários também seus apetites e cuidados. O emperador aliviado já da paixão que a vinda de Albaizar e o sucesso dela lhe causara esperava o fim daquela aventura, que cada hora via e lograva com gosto grande de seus hóspedes, festejando-os com o amor e parentesco que com todos tinha e regalando-os com a grandeza e magnificência de sua condição e estado. Platir e Floriano, Dramusiando e os mais reis tratavam de se irem a suas casas onde os chamava a razão, a natureza, a saudade de suas mulheres e todas as outras circunstâncias que concorriam neles para aqueles desejos.

Primaleão perfeioava cada dia o amor que tinha de Fidélia, não crescendo, porque do ponto a que chegara, não parece que se podia passar, mas purificando-o no esquecimento e esquivança dela, a qual não podendo acabar consigo já⁷¹ continuar naquela dissimulação sua antiga, fruto de entendimento e liberdade grande, acabava todavia, mostrar ã rigor e ã desabrimento tamanho como a mesma dissimulação o tinha sido e contudo assi ela, como ele, o entendiam de maneira, que Fidélia se desconsolava julgando que favorecia a Primaleão e Primaleão alegrava-se de ver que lhe lembrava para o desfavorecer pelo menos.

Vasperaldo corria após seus desejos com tão pouca ventura que sem que tropeçasse, nem parasse nunca [81] naquele curso, tomando-se cada dia novas contas, sempre se imagina atrasado na opinião de Flérída. Não o cuidava ela assi, nem se enganava porventura, porque se via inclinada à aceitação de seus serviços e com ã vontade disposta à aceitação de seu pai para lhe obedecer⁷², quando lhe ordenasse aquele paradeiro a sua fortuna. Mas não sei que têm as mulheres, que sendo mui mais fracas por natureza e por composição que os homens encobrem o que querem nestas matérias com tanto mor valor que eles, que ou vêm a parecer mais fortes ou menos sensíveis e assi ficava Vasperaldo lutando com o amor próprio e com o desamor alheio juntamente.

⁷¹ A: já / C: ia

⁷² A: à aceitação de seu pai para lhe obedecer / C: a obedecer a seu pai

Trineo, a seu passo, também seguia seu fim, melhor recebido exteriormente que os outros, porque ainda que Gridônia não mostrasse que o estimava, não se lhe entendia contudo desamor e crueza, nem dissimulação e descuido.

Palmeirim de Lacedomônia, apertado⁷³ do que queria a Valerisa e do que cuidava que ela queria a Dom Floris, se sostinha mais do que podia, pois não fazia nenhuma alteração no procedimento antigo antes de não poder executar o que o amor e o ódio lhe tinham metido na fantasia, caíó em ãa doença tão perigosa pelos grandes acidentes que tinha e pela rebilião que esses mesmos acidentes mostravam a todos os remédios que se lhe aplicavam, que só aquele cuidado auguava em parte [82] o contentamento comum daqueles senhores.

Dom Floris levantando-se sobre si emplumou as asas com as penas do amor, de maneira que em breves horas, satisfez a liberdade dos anos que o não reconhecera. Mas não contente o Amor ainda do que ele padecia, vendo-o às vezes quieto na causa que mais o atormentava, que eram os ciúmes de Palmeirim, contraposto em tudo ao brio de sua condição, não lhe querendo deixar lograr aquela paz que seu entendimento lhe granjeava algũa hora, fazendo-lhe demonstrações contra o que se lhe afigurava no coração daquele seu amigo, meteo-lhe em cabeça que buscasse ã remédio para poder de todo esquecer-se daqueles estímulos, que não só não o remedeou, antes lhe destruíó totalmente aquela quietação que dizíamos.

E foi que ao pobre mancebo estando acometido ã serão do favor de suas imaginações, contendendo com o que vira e com o respeito que devia àquela princesa no crédito daquilo mesmo, vendo o Amor, como dizíamos, que ia vencendo a razão, o persuadió interiormente a que corroborasse mais, o que seu entendimento parecia que Valerisa naquela parte lhe dizia, indo outra vez àquela casa fazer segunda prova, porque não era possível deixar de se ter enganado na primeira.

Levado desta esperança se armou Dom Floris e sem que dissesse aonde ia, cometeo aquela entrada na qual como cousa vencida, não achou nenhuma [83] das dificuldades de antes, porém depois que entrou na casa, ao resplendor que das paredes dela saia, vio não só as mesmas aparições que já vira, mas em figuras distintas Palmeirim e Valerisa, com mãos dadas, diante do trono do Amor sentados em gíolhos e todas aquelas personagens, que de pintura ali estavam retratados em figuras também no mesmo sítio. Após o que lhe pareceo que o Amor desposava⁷⁴ aqueles dous príncepes e

⁷³ A: apertado / C: apartado

⁷⁴ A: desposava / C: desprezava

com ãa grande bênção os fazia levantar. E fazendo-lhe eles e os que os acompanhavam danças uns e outros, lhe iam dar a ele Dom Floris os parabéns daquela festa.

A operação, que fez esta visão em seu ânimo, não sei como se possa contar, porque nem seus próprios inimigos deixaram de ter-lhe lástima. E não parou aqui só aquela vingança do Amor, que vencendo⁷⁵ enfim a paixão do que via a todos os respeitos que o puderam deter, pondo mão à espada, quis acometer a todo aquele exército de sombras que ele tão diferentemente julgava. E não se podendo menear, ouviu ao Amor, que lhe dizia que em penitência daquele descomedimento, visse primeiro que se dali fosse o leito que tinha aparelhado para descanso daquelas bodas e levasse por sua mão os desposados a ele.

Porém porque muitas vezes as dores dessa calidade têm o remédio na sua própria grandeza, particularmente onde **há** disposição contraposta às [84] branduras e aos merecimentos do Amor, tanto que ele teve trespassado o coração daquele cavaleiro com as palavras que lhe disse, não querendo que a verdade delas lhe fosse medicina, fez com que desacordado se achasse no padrão como antes.

Tornou em si o triste daquele desmaio e, cuidando no que vira e no que ouvira entrou em fúria primeiro consigo, logo⁷⁶ contra o Amor, depois contra Palmeirim, contra si outra vez. E enternecendo-o esta última consideração mais do que sua natureza prometia, ficou triunfante o Amor, levantando as bandeiras vitoriosas de Valerisa dentro de sua alma, porque ele após ã copioso rio de lágrimas, que tenramente derramava, após ãa tormenta grande de suspiros, que furiosamente despedia do coração abrasado, começou a dizer:

— Que é isto, Dom Floris? Se verdade, para que queixas? Se mentira, para que dores? Se Valerisa é casada, pese-me embora, se quiser ser sensitivo e enganado comigo, mas queixoso, como é possível que o seja sem ofensa de meu juízo? Que me rompeo Valerisa? Que palavra me quebrou? Que esperança me deu, que não cumprisse? Que me fez Palmeirim em procurar para si a melhor cousa do mundo? Fiei-lhe eu meus segredos porventura? Sabiam⁷⁷ eles meus intentos ou devia-me respeitar neles para perder o que só o pode fazer também⁷⁸ aventurado entre os homens? Não por certo. [85] Pois em que está logo o fundamento desta queixa? Ou que desprepósitos são estes? E se é mentira o que se me representou, vaidades, ilusões vãs como mais realmente me

⁷⁵ A: vencendo / C: vendo

⁷⁶ A: consigo, logo / C: logo

⁷⁷ A: sabiam / C: sabia

⁷⁸ A: também / C: bem

parece, larguem as dores o lugar às queixas que então serão arrezoadas contra os autores destas ficções aparentes, inventadas para dano das gentes e permitidas por Deus para castigo de néscios. Senhora Valerisa, casada ou não casada, a verdade é que eu vos amo com todos os efeitos de minha alma, se casada pelo que sois, se não casada por isto mesmo e pelo que eu tomara que mais fôsseis. Não sei se vos ofendo com este pensamento, sei só que se salva toda a materialidade dele em que estou certo que estimo mais amar-vos possuída de vós mesma do que me doera ver-vos possuída de outrem; porque isto serão, quando sejam, arremessos da ventura em alguém e aquilo sacrefícios do meu entendimento em mi. Conheço-vos e conheço-me. Amo-vos pelo que mereceis e sofro-me pelo que vos amo.

E acabado este colóquio que naquela parte consigo mesmo teve, não tendo ainda amanhecido, foi-se a sua pousada, onde aquele e todos os mais dias passava com tamanhos tormentos, que em nenhuma cousa se parecia consigo. E era ãa tão grande⁷⁹ o que se tirava daquele seu novo modo de viver, que não ficava em pequena matéria de conversação aos cavaleiros e muito mais às damas. [86] E falando nela e no mais que se oferecia, passavam uns e outros em comum, aplicando-se em particular a seus particulares fins.

Quando ã dia depois de jantar estando o emperador praticando com aqueles príncipes entraram pela porta os três cavaleiros, que Pleonido ali mandara, não bem sãos de seus passados desastres, nem mui contentes nos aspectos. Deram-lhe lugar os da sala para chegarem ao emperador e postos ali de gíolhos, lhe disseram que eram enviados à princesa Fidélia, que se lhes desse licença, a ela dariam a sua embaixada. Presente estava a emperatriz e com ela todas as princesas, porque como o emperador queria festejar os hóspedes, como temos dito, não lhes faltava nunca com a presença daquelas senhoras, que para todos era a melhor festa de todas; E assi respondeu aos cavaleiros mostrando-lha e mandando-lhes que fossem a fazer o a que vinham.

Levantaram-se eles e indo-se ao estrado, postraram-se diante da princesa, que já os aguardava com alvoroço de toda a casa. E depois de algũ silêncio, ã deles lhe contou ponto por ponto tudo o que com Pleonido e Florislao lhe acontecera e o que ultimamente o enano lhes mandou que fizessem. Tinha-se ele já achado menos naquela corte, como ãa mui principal pessoa e tinha Fidélia dito que o mandara a Boêmia, pelo que não ficou lugar mais que de lástima daquele [87] sucesso e de raiva contra os

⁷⁹ A: tão grande / C: tamanha novidade

cavaleiros. Mas porém entre ãa e outra cousa, não deixou Fidélia de se rir, quando lhe contaram como o levavam entre si dous deles pelas orelhas, lembrando-se de quais as ele tinha. E o emperador, que também estava provocado, vendo a licença que ela lhe dava, lhe disse:

— Destes-me a vida senhora com vos rirdes, porque vos confesso que por amor de vós, o não tinha eu feito, desejando-o.

E então não ficou ninguém na sala, que o não fizesse e depois respondeo ela ao emperador também rindo:

— Mui bom exemplo dá Vossa Majestade a estes cavaleiros para se emendarem. Eu cuidava que me fosse necessário entreceder por eles para os não castigarem e agora vejo que me releva tornar pelo meu criado. Mas enfim pois mos ele mandou, vão-se embora, que quando os reis faltarem, não faltarão cavaleiros honrados que os envergonhem.

Ao que o emperador, com novo riso respondeo:

— Ora Senhora, para que eu saiba a quem devo o socorro de Pleonido, dai-me licença para que me informe desses homens se sabem quem o fez.

— Eu sou a que o quero saber, lhe tornou ela, porque eu sou a que devo.

— E se vier à mão (replicou Floriano) de vós tomara ele antes a satisfação, que de Sua Majestade.

Fidélia se corou⁸⁰ ã pouco e todavia lhe disse:

— Si fará se souber o quanto eu estimo a vingança de quem se me atreve.

E voltando [88] para os cavaleiros, perguntou-lhe com grande severidade o que o emperador queria saber, tendo seco o riso com aquela reposta. E dizendo-lhes⁸¹ os cavaleiros o pouco que sabiam, todavia, pelos sinais das armas entenderam todos que era Dom Duardos, o que fizera o socorro, porque a donzela que trouxera as da rainha de Trácia a seu marido, tinha dado os primeiros⁸² das que trazia vestidas, a quem lhe restituíra as que Florislao lhe tomara pelas que, como então dissemos, foi conhecido. E como se ela partira antes de ver a troca que eles fizeram, toda a corte se enganou, como Pleonido tinha feito, o que lhe depois não foi mao padrinho para suas desculpas e perdões.

E com este alvoroço de ouvirem novas de Dom Duardos, se recolheram os reis,

⁸⁰ A: corou / C: correu

⁸¹ A: reposta. E dizendo-lhes / C: reposta que em todas as bocas em que o Floriano de novo provocara

⁸² A: os primeiros / C: primeiro

tendo Fidélia despedidos os cavaleiros e ela e Carmélia se foram também, depois que a emperatriz se recolheu, a falarem no que Pleonido teriam negociado, pois ficava com Dom Duardos. E nós para vos darmos conta do que praticaram e de outras cousas, será razão que também nos recolhamos ã pouco.

Capítulo 10

Do que passaram Fidélia e Carmélia e do que succedeo a Dom [89] Duardos depois de solto.

Idos uns e outros, aqueles príncipes e princesas, damas e cavaleiros a suas pousadas entenderam uns e outros em suas cousas, conforme a disposição delas lhe pedia. Carmélia e Fidélia juntas começaram a discorrer pelo que Dom Duardos faria, quando Pleonido lhe desse a carta, se partiriam logo, onde estariam já, que desculpas se lhe dariam depois, que sucessos teriam aquelas matérias. E notou Henrique Frusto que de passagem culpou Carmélia a Fidélia de não perguntar aos cavaleiros quanto havia que tinha passado o caso de que lhes deram conta e trás isso lhe disse:

— Ai Fidélia, perdoe-vos Deus que me metestes em desejar ver ã homem a quem mais aborreço que todas as cousas do mundo. Não fora muito melhor ter acabado já a vida que sustentá-la com esperanças tão encontradas ao gosto dessa mesma vida? Ai triste em que estado me pôde a mi já pôr a fortuna, que não seja desconto de todos os bens e veneno de todos os contentamentos a lembrança de que os deverei a quem nunca quisera dever nada? Verdadeiramente Fidélia vos afirmo que quando às vezes cuido nisto que agora vos digo, que nenhũa remédio acho para me não matar, senão lembrar-me do que padece aquele coitado, [90] que por este caminho só pode ser livre e nem inda assi fico de todo quieta, porque como posso eu aborrecer quem lhe há de fazer o bem que lhe eu desejo tanto? E enfim eu não me entendo e vós estais vos rindo. Queira Deus que não venhais a sentir o de que agora zombais.

— Bofé Carmélia (lhe respondeo ela) que não me rio, antes sinto de maneira ver-vos nesse estado que mal o podereis crer de mi; porém ainda sentira mais não me achar convosco nesta ocasião, porque o espírito me adivinha que não só vos hei de servir a vós nela, mas ao emperador e a toda esta casa, para de algũa sorte agradecer as honras e gasalhados, que se me aqui fazem. Venha Dom Duardos embora, deixai-o vir e não o considereis por aquele Dom Duardos que vos adora e que vos obedece com os excessos de que o mundo é testemunha. Considerai-o como o meio de vossos fins estimai-o como a este e seja só até ‘li. Depois enforque-se Dom Duardos, como já outra vez vos disse, que esse agradecimento em que vos parece que sois obrigada a ficar-lhe nem o quero agora, nem vo-lo quitarei então. Mas disse-me por vida vossa, já que aqui estamos sós e como eu cuido com o caso na mão. Que detreminais fazer solto e

desencantando Albaizar? Que eu por sem dúvida tenho que assi acontecerá.

— Menos dúvida fazia eu (replicou Carmélia) em que me não perguntareis vós nunca isso, por me não arriscardes, ou a escandelizar nossa [91] amizade com fingimento, ou a vossos ouvidos com verdades. Mas pois que quereis descobrir ãa, que já por si vos deve estar tão manifesta, prometo-vos que vos não negue tudo o que passa nesta alma, porque quando me julgardes a essa conta por leve e por ignorante, não é possível que deixeis juntamente de julgar-me por verdadeira e por vossa amiga. Eu senhora não posso negar que depois que entrei naquela casa e vi a Albaizar da maneira que está nela, que fiquei tão outra da que sempre me conheci, que se Flérída o soubera, vira bem a sem razão com que remoqueava antes meus pensamentos. Bem me lembra que ouvi dizer a meu pai quando nos desencantaram a todos, que em agradecimento das finezas que este príncipe fez comigo tendo-me em seu poder, que se ele se quisesse fazer cristão, por nenhũa cousa da vida, deixaria de me casar com ele. O que sobre isto digo é que me sinto em estado, que se me houver de governar pela vontade, que eu sou a que me fizera moura para seguir a sua, mas devo a Deus entre outros benefícios ãa resolução em que estou tão firme, que não me tirará dela nem a mesma morte. Desejo muito senhora ver Albaizar livre de seus tormentos. Desejava não ser pela mão de Dom Duardos, mas já que não há outro remédio, seja embora. Trás isto hei-me de fazer freira e sejamos duas Darajas, ainda que ãa por amor e outra por [92] ódio e afirmo-vos que há de ser isto tanto assi, que ainda que Albaizar se faça cristão e que meu pai me quisesse a obrigar a ele, que de nenhũa maneira viesse em outra cousa do que vos tenho dito. Ora julgai-me agora como quizeres, pois sabeis tudo o que em mi há, que quem vos não negou nada de si, não poderá tomar mal nada que lhe digais de vós.

Ouvido tinha Fidélia aquela sua amiga muitas vezes, falando-lhe em muitas e naquelas mesmas matérias, porém não pôde deixar de se achar ãa diferença grande não só no que lhe então ouvia, senão no termo com que lhe falava. Notava a gravidade das palavras, o assento das razões, a compostura e sossego da pessoa e tudo lhe mostrava ãa detreminação grande, cuidada estudada e fundada de muitos dias. E vendo como por aqui ou por ali, tudo se encaminhava à ruína total de Dom Duardos, a quem ela tinha tantas obrigações enterneceo-se interiormente muito, mas por dar lugar ao tempo e dá-lo também a Carmélia para senão julgar por penhorada no que tinha dito, com ãa dissimulação prudente, lhe respondeo rindo e tomando-lhe as mãos:

— Jesus e que bonita freirinha aqui terão os padres.

E depois compondo mais a vox, acrescentou:

— Senhora Carmélia eu não vos perguntei o que haveis de fazer convosco, se não o que faríeis com Albaizar. Com o que toca a [93] isto me contento, com o outro não vos ouço, porque tenho muitas razões, para cuidar que não sois vós a que agora me fala. Tenho para mi estamos encantadas todas, porque também eu não vim daquela romaria com tanta saúde como trouxe de Boêmia. Não falemos por hora mais nestas cousas, vamo-nos a nossas companheiras, que já nos devem esperar. Virá Pleonido e o tempo nos mostrará o que havemos de fazer.

E com isto levantando-se, se foram à pousada de Valerisa, onde as outras estavam entretendo-se em seus ordinários exercícios. Assi passaram até que Dom Duardos chegou àquela corte, a enchê-la de novas maravilhas, como em seu lugar diremos, do qual diz agora a história que tanto que se saíu do barco em que se salvou das mãos de Nastróbio, pagando aos pescadores seu trabalho muito à sua satisfação, se pôs no palafrém de Trogônio e tomando-o nas ancas, começaram a caminhar aquele espaço, que da noite ficava, sem saberem por onde. E porque Dom Duardos, informado que era Nastróbio o em cujo poder estivera, se não queria apartar muito daquela parte, mais para ver se podia tirar a Luciana da sua devação, que por vingar-se do que lhe o outro tinha feito. Temendo que com o escuro se iria por algũ caminho desviado, apeou-se entre ãas árvores e ali encostado no elmo [94] e o coração em Carmélia, passou até que vendo amanhecer chamou a Trogônio, que com o trabalho passado e com a alegria de ver seu amo livre, dormia descuidadamente.

Acordou Trogônio e porque ainda era muito cedo estiveram praticando ã pouco. Perguntou-lhe o amo se seria dali perto algũa povoação, onde se achasse ã cavalo? Ele lhe disse que na casa aonde estava o duque vira meneio de muita gente, que porventura ali não faltaria quem quisesse vender algũ e que ele iria lá e que também se pudesse falaria com Luciana para dar-lhe conta de sua necessidade, que sem dúvida cria que ela a poderia remedear. Não lhe pareceo mal a Dom Duardos o que o escudeiro dizia e porque o sol lhe tinha já mostrado que não estavam desviados da estrada, ficando-se ele ali mandou a Trogônio que fosse a negociar.

Tinha Nastróbio entretanto, inquieto de sua consciência, perdido o sono de todo e chamando à primeira hora do dia, quis consultar com aqueles cavaleiros, que ali tinha o modo que teria para se assegurar da pessoa daquele preso, porque as portas convinha que se abrissem para que se não impedisse o comércio em desprazer do duque, a quem ele já queria contentar pelas razões que tendes ouvido.

E porque a passagem era cousa de logo e o mais pedia algũ vagar, se resolveo

que houvesse barca [95] por entanto e que dissessem que se faziam ãas obras nas portas e por isso se derrubavam. E mandando buscar pelo rio abaixo e espreitar o sítio em que poderia andar, lhe vieram com a triste nova do postigo ou janela, que de novo se abrira.

Levantou-se ele com sobressalto grande e mandando abrir aquela que dissemos que caía sobre a prisão, vio-se o que passava com tanta dor de Nastróbio, que esteve para se arrojar dela abaixo. Mas como ele tinha ainda por fazer o que logo veremos, não quis Deus que tomasse aquele castigo para que melhor, mas com menos perigo de sua alma, merecesse depois outra.

Assi foi porque recorrendo prontamente ao remédio, recolheu-se a escrever ãa carta ao duque, fiado na deligência que no dia dantes tinha feito com aquele criado seu e disse-lhe nela que indo o dia atrás à caça para aquela parte, com alguns cavaleiros seus acaso encontrou a três que estavam matando seus criados e queriam roubar a sua filha e que ele e os seus acodiram àquela força e ainda que lhe custara a vida de alguns e a ele não pouco sangue, que todavia dos salteadores morreram dous e o principal fogira, a quem não quisera seguir por que a princesa não ficasse desamparada no campo. Que acodindo ao seu perigo dela a acompanhara até o mosteiro, sem se lhe dar a conhecer porque Sua Alteza não [96] sabia com que fundamentos o tinha desterrado de sua corte e casa. E que vindo-se depois recolher àquela sua torre para curar de suas feridas, achara que as guardas dela tinham preso aquele salteador que inadvertidamente antes guiado por Deus se viera ali meter. E que querendo mandar-lho para que Sua Alteza fizesse o que lhe parecesse dele, lhe fogira aquela noite, desfazendo por algũa arte diabólica o parapeito da ponte. Que o avisava disto, para que se por lá aparecesse, soubesse o que lhe devia. E sobre isto lhe dava os sinais das armas que trazia e o avisava que se informasse da filha e do criado que escapara de suas mãos.

Primeiro chegou esta carta ao duque do que Trogônio lá chegasse e assi quando ele ali apareceu, já achou tudo revolto em despedir espias e fazer averiguações, porque o duque colérico e não mui discursivo, crendo primeiramente tudo o que não era para crer, informando-se da filha, à vista dos caçadores que já tinham aparecido e do cavaleiro ferido que ali fez logo vir.

E como Luciana tinha dado a entender ao pai que podia ser Nastróbio o que a livrara, não sabendo que ofendia nisso Dom Duardos, porque nem o pai lhe comonicou a carta, nem o esposo lhe avisou o que intentava, ou por pressa ou por indústria, falou na conformidade do que Nastróbio escrevia. E os criados ouvindo-a a ela, cuidando que a serviam, confirmaram ãa tão verdadeira verdade.

E daquela deligência tinha resultado [97] o rumor que Trogônio achara. E como o duque dera ordem que prendesse a toda a pessoa que se não conhecesse em aparecendo aquele escudeiro, lançaram logo mão dele e informados do que buscava, avisaram ao duque, o qual fazendo-o reter a bom recado, mandou armar cinquenta cavaleiros e ãa grão tropa⁸³ de peões para que lhe trouxessem aquele para quem o preso tinha dito que buscava cavalo. E bem se deixa ver das experiências passadas, quão caro lhes a eles custara aquela comissão, se Carmélia, ou memórias suas, lhes não deram armas para que a seu salvo pudessem prendê-lo.

Assi foi que tendo Dom Duardos despedido a Trogônio, ficando só entregue a suas imaginações, lembrando-se de como pouco a pouco se ia metendo no mundo e embaraçando em aventuras e sucessos, assi do pesar disto como das dores que sempre o acompanhavam, caíó em ã desmaio dos que ordinariamente naqueles passos o tomavam, tal e tão profundo que não tornou dele, senão atado de pé e mãos, sem se poder defender nem menear, porque achando-o assi os que o buscavam, tendo ouvido como sabia ferir, não quiseram fazer-lhe cumprimentos e em lugar de benefícios, lhe lançaram os laços que dissemos com os quais acordando, deu ã queixoso suspiro, cuidando que ainda estava somente preso das operações interiores⁸⁴; porém vendo-se daquele modo com não pequena confusão [98] sua, duvidava se era vivo. E enfim conhecendo-o pelos efeitos que o amor de Carmélia ainda lhe causava, primeiro que tudo, disse entre si:

— Onde vos eu tenho, não chegam mais prisões que as vossas, claro sinal do pouco que vos vai em mi, no mais vê-lo-ei agora em poder alheio. E contudo, se estes me quisessem descarregar da vida, não deixaria de me doer de poder mais o ferro dos traidores, que as saudades de ã leal.

E trás isto, perguntou àqueles homens a quem cuidavam que tinham preso? Eles lhe responderam que a ã salteador de donzelas, mágico e traidor juntamente. Rio-se Dom Duardos e não lhe replicou mais palavra algũa.

E eles tomando-o assi sobre ã dos cavalos em que vinham, o levaram ao duque que estava entrado em grandes e novas confusões, porque tanto que despedio aqueles cavaleiros, deu conta à filha e à mulher do que lhe Nastróbio escrevera e mostrou-lhes a carta, à vista da qual caíó Luciana no que tinha feito e no que Nastróbio urdia, rebentando em lágrimas, cuidando que poderiam matar aqueles muitos a Dom Duardos,

⁸³ A: tropa / C: cópia

⁸⁴ A: interiores / C: exteriores

meteu novas imaginações no ânimo do velho, que não sabia a pobre mulher como desenredasse aquele engano.

Culpar a Nastróbio não o consentia o seu amor. Deixar perecer a honra de Dom Duardos, já que a vida se perdesse, não o consentia a obrigação em que lhe estava e assi meia desmaiada não tirava os olhos do pai, que também com os seus [99] nela, confuso daquele seu silêncio, não sabia o que dissesse. Enfim apertando-a, houve ela de responder-lhe e dar-lhe razão de si e porque até saber o que fariam os cavaleiros que tinham ido a buscar o dos Malmequeres não lhe pareceo declarar-se muito, disse-lhe só que se afligira tanto porque temera que cuidasse ele que sabia ela quem era Nastróbio quando a acompanhara ao mosteiro, sobre o que ele escrevia.

Não caíó o duque na dissimulação, porém caíó em que ela queria desacreditar com a verdade a verdade e ficou tendo para si que sem dúvida eles se deviam conhecer naquele caminho, de que não estava pouco indignado, porque por sua conta não podia ele já dispor da filha. E não aproveitou pouco esta consideração a Dom Duardos para não aventurar muito naquele primeiro ímpeto, porque o duque com o pensamento em que tinha entrado contra Nastróbio, ouviu-o pacientemente quando lho troucheram, que foi dali a breve espaço e fez o que logo diremos.

Capítulo 11

Do que passou Dom Duardos com o duque, da detreminação que ele tomou e do sucesso dela. [100]

Nestas perplexidades que ouvistes estava o duque, quando sentio o rumor e alvoroço dos que traziam aquele cavaleiro, de que lhe logo deram a certa nova alguns, que correram a ganhar as alvíssaras. Então entrou Luciana em novas perturbações, temendo ãa vez que, ou o pai o mandasse matar logo, ou que ele lhe contasse a verdade de quanto tinha acontecido. E antes que se ela detreminasse, saíu o duque a ãa casa fora a ver os que já chegavam ao terreiro.

Traziam aqueles homens a Dom Duardos em ã cavalo sem freio, porque como atravessado na sela lhes não fazia boa carga, tendo-o desarmado da espada e adaga elmo e escudo e com as mãos atadas atrás, desataram-lhe os pés e deixaram-no **por a** cavalo, ao qual tiraram o freio e com ã cabresto o entregaram a ã daqueles peães, que o trouchesse, rodeado de todos eles.

Não passa Henrique Frusto este lugar sem fazer ãa longa ponderação das calidades daquele príncipe e da indignidade desse tratamento, pregando depois contra a fortuna e sua variedade, a qual por proluxa não tresladamos e porque também nenhũa cousa que aconteça, a quem anda peregrinando com as armas às costas, pode parecer estranha e nova, ainda que lacrimosa e grande.

Vio o duque vir aquele mancebo daquela maneira e ainda que estava [101] tão inquieto no ânimo, contudo tal era sua presença e tal o modo de que vinha, que em qualquer coração movera lástima, quanto mais no de ã príncipe, como enfim o duque era. Teve-lha grande e pareceo-lhe extremadamente bem, ainda naquela postura. Apearam-se os outros e trouxeram-lho acima. Esperou ele naquela casa de que o vira sentado no poial de ãa janela. E tanto que Dom Duardos foi diante dele, fazendo-lhe ãa reverência qual se lhe devia, sem nenhũa maneira de humildade, nem de arrogância, lhe disse:

— Estes vossos cavaleiros me prenderam dormindo, parece-me maior o castigo que a culpa. Não sei que tenha outra, folgara que mo dissésseis para que pelo menos não tenha tão roim opinião da gente desta terra, como a com que agora me acho.

Bem lhe pareceo ao duque que não lhe desconvinham as palavras com a pessoa, de que cada vez estava mais contente. E primeiro que lhe respondesse a elas, lhe disse:

— Posto que estando com tanta gente armada nesta casa e vós sem armas ofensivas, pudera escusar perguntar-vos se me posso fiar de vós para vos mandar desatar as mãos, todavia quero que mo digais antes que vos responda ao que me tendes dito.

Ao que lhe replicou, que ainda que estivera em todas suas armas e ele duque só, podia estar seguro, porque ele as trazia mais para defesa de [102] velhos e molheres, que para outra algũa cousa.

Fê-lo desatar então o duque e dar-lhe ãa capa com que se cobrisse, após o que lhe perguntou a razão, por que com dous companheiros acometera havia dous dias a sua filha? E finalmente tudo o mais que Nastróbio tinha escrito. Ouvio Dom Duardos pacientemente e entendendo com pouca maravilha donde vinha o dano, respondeo depois que vio que o duque calava nesta sentença:

— Primeiro que tudo folgarei que me digais se estou em minha liberdade para provar com minha pessoa minha inocência, ou se estou preso para que o faça com testemunhas e obras alheas?

Disse-lhe o duque que a língua era só a que tinha livre e que com ela respondesse o que quisesse e que sobre isso ele julgaria o que lhe parecesse.

— Mui em forma vai isto (replicou Dom Duardos sorrindo-se) O que digo é que mente quem diz que eu fiz tal. E inda que nesta casa há quem sabe que falo eu verdade, que o provarei com minha pessoa a quatro⁸⁵ cavaleiros que digam o contrário. E sobre isto não tenho que falar mais palavra.

Pareceo-lhe ao duque que a matéria era de consideração e respondeo-lhe:

— Quem vos acusa, não está presente, porém não está⁸⁶ longe, mandá-lo-ei vir e entretanto vos recolhereis aqui em ãa casa com guarda, mas com melhor tratamento do que vos fizeram no campo.

E com isto assinando-lhe a prisão, que o foi ãa [103] guarda-roupa fermosa, que nas casas havia, o mandou servir de todo o necessário, pondo guardas todavia, para que não escapasse. E como proveo nisto escreveo a Nastróbio que viesse ali logo, se sua disposição lhe desse lugar. E ele que cuidava que era para lhe remunerarem aquele serviço, afora que estava já mui melhorado, não tardou e dando-se-lhe conta do caso, replicou que não sabia para que Sua Alteza quisesse pôr em juízo a batalha quando havia tantas testemunhas oculares do excesso daquele homem, nem para que era tê-lo

⁸⁵ A: quatro / C: dois

⁸⁶ A: está / C: tão

solto, porque quem fogia das prisões fechadas, como o teriam seguro nas casas abertas?

Favorecia-o a tia, a cuja vista isto passava e Luciana não estava presente, por se não arriscar ao de que se temia, que era vencê-la o amor ainda no que não era razão. Inclinou-se o duque ao que lhe persuadia a molher e o sobrinho e fez outra vez vir as testemunhas, que se ali achavam. Mas como a verdade nunca se esconde bem, começaram a variar do que Nastróbio e eles mesmos tinham afirmado com o que o duque severamente então disse aos seus caçadores e ao cavaleiro que falassem a verdade se não, que os enforcaria a todos. Do que temendo-se Nastróbio, acodio depressa dizendo:

— Para que são senhor estas cousas? Dê este homem quem defenda sua inocência que eu com minha pessoa provarei o que digo. E para que vejais o [104] como me fio na verdade, ainda que estou mal são, se logo tem quem o defenda, logo saia a batalha.

Foram dar conta daquilo a Dom Duardos, que até então se não tinha desarmado e ele respondeo que não era virtude de Nastróbio querer a batalha logo, senão impossibilitar o poder ele ter quem o defendesse⁸⁷, porque não conhecia ali ninguém. Que se lhe dessem lugar ele responderia por si e que quando não, fizesse o duque o que lhe parecesse, que só lhe afirmarva que a maior dor que tinha era a vida própria⁸⁸.

Sentenciou o duque que em três dias naturais desse Dom Duardos ã cavaleiro, que entrasse em campo, com Nastróbio e que não o dando, se haveria por provadas as culpas, de que o acusavam e se procederia contra ele pela calidade delas.

Passaram-se os dous dias sem haver quem falasse em defendê-lo e ao terceiro, depois de jantar entrou pela porta da casa em que o duque estava ã cavaleiro armado de todas as peças, pequeno de corpo, mas bem feito e airoso à maravilha e presentou-se-lhe com poucas palavras, por defensor da verdade e da inocência de Dom Duardos.

Não folgou Nastróbio com aquela nova, mas como verdadeiramente era bom cavaleiro, disse que se ia a armar e que entretanto soubessem do preso se se comprometia no cavaleiro que o defendia. Dom Duardos avisado [105] do que passava, não quis responder a prepósito, nem o duque disestir de que se fizesse a batalha.

Entraram finalmente os cavaleiros nela, no terreiro que diante das casas havia, ao qual correo toda a gente que se ali achava. Partiram ã para o outro ao som de ãa trombeta e foi admirável o sucesso, porque o cavaleiro estranho ao tempo de encontrar,

⁸⁷ *Defense* no manuscrito A.

⁸⁸ A: vida própria / C: vida

indo para levantar a lança pelo não fazer embaraçou-a na viseira de seu contrário e caíu-lhe da mão.

E Nastróbio o encontrou a ele tão duramente que com ãa mortal ferida o fez cair desacordado em terra. E querendo-se apear para lhe cortar a cabeça, foi-se a sela com ele e ficou na barriga do cavalo, o qual espantando-se, lançou a correr pelo terreiro de maneira que quando veio a parar, já o bom de Nastróbio estava tão pisado e feito em pedaços, que lhe ficou pouco mais tempo de vida, que o que lhe bastou para confessar suas culpas.

O cavaleiro caído se tinha sentado no chão e tornado a cair com desmaios grandes. E acodindo-se a ã e a outro, porque Nastróbio gritava por ã confessor e pelo duque, achou-se (oh estranha e nunca vista novidade!) que o cavaleiro ferido era Luciana, filha herdeira e única daquele duque, a qual apertada de amor e honra, vendo o que Dom Duardos por seu respeito dela padecia e [106] ponderando como pela não culpar, não dizia o que tinha acontecido, com tanto perigo de sua própria vida e considerando o pouco que devia a Nastróbio, não ponde todavia acabar consigo declarar a verdade em seu dano dele, mas detreminou-se em acabar a vida a suas mãos, para que o sucesso de sua morte mostrasse o que ela vivendo não queria dizer e cuidava que tinha merecido.

De tudo isto lhe acharam ãa carta, que escrevia a seu pai pedindo-lhe perdão para Nastróbio e galardão para Dom Duardos. Resolveo-se nisto aquela princesa e tomando de ãa casa de armas, que seu pai ali tinha, ãas, que lhe vieram, com ajuda daquela donzela sua aia, a quem disse que com outros intentos fazia aquilo, ajudada sobretudo de sua honra, fez o que tendes ouvido.

Acodio o duque à grita que logo se levantou na gente e vendo o que passava, como homem pasmado estava entre aqueles poucos vassalos seus, derramando lágrimas sem conta de lástima da filha que acabava.

Mandou-se Nastróbio chegar ali e pediu-lhe que fizesse vir a Dom Duardos, que até então não se quisera chegar a ver nada. Veio avisado do que passava o mais sobressaltado homem do que em sua vida se vira. E diante dele e de toda a mais gente, confessou Nastróbio o que tinha acontecido, após o que expirou de todo.

A Luciana quasi no mesmo estado levaram para cima. [107] E tornada a si, confessada e recebidos os sacramentos, acabou aquela noite.

O duque trabalhando de mostrar coração em caso, que tinha quebrados os das mesmas pedras tendo-lhe Dom Duardos dado-se a conhecer pelo consolar, consolava-se

com ele e consolava-o juntamente que o não havia mister menos. E pedindo-lhe que se detivesse ali alguns dias, o outro lho prometeo, inda que contra sua vontade; porém foram eles poucos, porque mandando o duque lavrar ãa sepultura para sua filha, na qual de relevo estava esculpida toda a sua história e por epitáfio aquele seu soneto, caíó em cama e em dous dias de doença, acabou também a vida, havendo desde que o caso da filha acontecera.

Dom Duardos então assegurado a pessoa da duquesa, a quem a dor dos vassalos do marido queria pedir satisfação dos desaforos do sobrinho, fê-la ir, como ela queria, para a casa de seu irmão, pai de Nastróbio e ordenando governadores no estado que ficava devoluto ao Arqueduke de Áustria, mandando-o avisar, se partio com aquela nova causa de tristeza, tão entregue a desesperações grandes, que não foi menor maravilha depender-se⁸⁹ de si naquele estado para se não precipitar a algũa monstruosidade, de que o tinha sido aquela a que Luciana por seu respeito se precepitara.

Correo a nova deste lacrimoso [108] sucesso pelo mundo e não ficou corte de príncepe algũ, que não enchesse de lástima. Na do emperador Primaleão, que fora das primeiras a que a levava a fama e juntamente avisou el-rei de Boêmia a sua filha, que fez notáveis considerações, porque deixadas as lástimas que se deviam ao caso, as abominações de Nastróbio, os louvores de Luciana, os acontecimentos de Dom Duardos, de que geralmente falavam todos.

Carmélia não descuidada de Albaizar, ou porque sentisse dilatar-se tanto sua liberdade, rebentando-lhe Dom Duardos em Áustria ocupado em socorrer damas, quando o ela esperava em Grécia peleijando contra o saber de Daliarte, ou que verdadeiramente lho parecece assi, publicou entre aquelas suas companheiras que não podia Luciana fazer aquele extremo pelo que devia a Dom Duardos, senão pelo que lhe ele devesse a ela, que quando menos seria ã amor grande. Ajuntava razões a esta opinião e não bastavam as de Fidélia para lhe dessuadirem o que afirmava. Praticavam elas ambas e dizia-lhe Carmélia:

— Folgo que tendes visto o que Dom Duardos fez pela minha carta, agora quisera eu que me respondera Valerisa sua madrinha para ver aonde achava razões, que desculpassem esta grosseria tamanha.

Dizia-lhe Fidélia:

⁸⁹ A: depender-se / C: defender-se

— Assi as achara eu senhora para desculpar Luciana da sua tolice e a vós das vossas [109] como a eu vejo, inda que não sou Valerisa, para desculpar a Dom Duardos, porque primeiramente a ele lhe podiam dar a carta e mais não ter culpa em não ser já aqui, com os ordinários desastres que acontecem no mundo. Trás isto eu não quero crer que o achou Pleonido, porque ou ele fora já aqui com algũa reposta, ou relação que meu pai me mandou deste acontecimento me haviam de falar nele, assi como falam em Trogônio escudeiro de Dom Duardos, porque o conhece e estima. E o enano, se o achara, ou o acompanhara, ou se viera e mais por vida vossa que não culpeis a quem não quereis disculpado. Ajudai-me a sentir a perda daquela minha parenta e não queirais tirar-lhe pelo menos a constância de seu ânimo bem ou mal aplicada.

Não ficava isto sem reposta, nem entre as outras pessoas havia menos contenções sobre a matéria enquanto o tempo as não levou da memória e das línguas com outras novidades de que Florislao foi causa, a quem a história primeiro que a tudo o mais nos leva agora.

Soneto

Salteada Luciana e defendida,

Aqui jaz, por calar o que passara,

seu defensor⁹⁰ morrera se falara

E calando ao ofensor privou da vida [110]

De amor foi toda a culpa conhecida,

Se em seu silêncio da honra triunfara

E ela porque vencida a honra ficara

Pela honra quis também ficar vencida

Satisfez seu amor, mas foi de sorte

Que à satisfação da honra achou ã meio,

com que ficou igual de ambos a glória

Trofeo foi de sua honra a sua morte

⁹⁰ A: defensor / C: ofensor

Seu silêncio de amor foi o trofeo,
E escândalo do mundo a triste história

Capítulo 12

Do que mais succedeo a Pleonido com Florislao sobre a carta e de como se apartaram ã do outro.

Pedia Pleonido a carta a Florislao com palavras, com encarecimentos e com lágrimas e Florislao lha negava com zombarias, com travessuras e com graças. Chegou o enano a desconfiar de todo de a haver e queria ir-se. Detinha-o o cavaleiro, com alguma esperança de lha tornar. Desta maneira o foi levando trás si até ãa malhada de pastores onde se apeou estranhando pouco a pousada. [111] E a primeira cousa foi fazer que ali curassem a Pleonido a ferida da cabeça em que ele não queria consentir, dizendo que pois lhe não dava remédio para sua honra, que o não queria para sua vida. Contudo, veio a consentir na cura, porque o cavaleiro era bem assombrado e dizia-lhe que se não agastasse tanto, porque ãa hora às vezes era melhor que outra.

O enano era discreto, mas não estava para gracejar enquanto via aventurado o mesmo entendimento no que fizera e assim lhe respondeo:

—Senhor cavaleiro se eu tivera a minha carta ou certeza de ma dares eu vos entertivera mui bem o serão, mas confesso-vos que enquanto a não vejo na minha mão, que nem vós me pareceis cavaleiro, nem eu vos posso parecer homem de corte.

— Encontrados estamos (lhe disse Florislao) que ãa e outra cousa me pareceis por certo. Mas venhamos a partido. Dizei-me quem é vossa senhora e quem é o cavaleiro para quem levais a carta e eu vo-la darei, ou ma deixai ler sem o sobressalto de cuidar que ma apanhareis da mão e veremos o que se pode colher dela.

— Já vos disse (replicou o enano) que nem ãa cousa, nem outra haveis de saber de mi. Se vos dispensais convosco em o fazer, cuidarei que nem sempre se juntam valor e fidalguia de ânimo; porém ainda que o veja, o não hei de crer pelo que vi de vossas obras, pois não é possível [112] que as maculeis com estoutras tão contrapostas àquelas.

— Ora senhor, lhe respondeo Florislao, ceemos ã par de bocados e então, sobre mantimento colheito, pode ser que estejais de melhor condição.

Tinha-lhe Dalis⁹¹ prestes assi do provimento do alforje, como do que lhes deram os pastores a cea, mas como Florislao se criara asperamente, não trazia regalos, o enano si, que os costumava. E vendo-o comer sem os postres que lhe a ele não faltavam, tirou da sua mala ãa confeitadeira, com doces cubertos que lhe ofereceo, ao que o cavaleiro lhe

⁹¹ Todos os manuscritos registram *Dalis*, mas trata-se de Dalispro escudeiro de Florislao.

fez ãa grande festa e deu-lhe grandes abraços, dizendo-lhe que agora imaginava que a cartinha havia de ser mais doce, pois ele a queria resgatar com aqueles tão excelentes. Depois se mostrou duvidoso de comer, temendo-se de peçonha, perguntando-lhe se levava ele também aquilo de presente ao cavaleiro que buscava?

— Que vos parece isto? (dizia o enano entre si) Que passatempo tão galante, que me deparou o diabo! Arrenego de Dom Duardos e não sei se Fidélia também, que me meteu nisto. Não me fora a mi melhor não encontrar nunca com este homem, ainda que os outros me arrancaram as orelhas de todo? Si fora por certo. Certo que este deve ser algũ barganhão que se quer desenfadar comigo e no cabo apertar-me os cordéis para que lhe diga o que quer saber de mi. Parece-me que o melhor será deixá-lo e ir-me esta [113] noite buscar o outro mal-aventurado. Se se quiser vir comigo, venha e senão o diabo o leve a ele e a elas e a mi juntamente, que pouca necessidade tinha eu de andar nestas andadas.

Com este pensamento estava o enano em ãa tristeza e silêncio notável e Florislao, que tinha os olhos nele, vendo-o tão absorto, lhe disse:

— Que estais cuidando? Que me não parece bem esse vosso silêncio. Não vos agasteis (falo agora de siso) amanhecerá Deus e porventura que o novo sol nos traga a ambos cousa de que nos contentemos.

O enano lhe respondeo:

— Entendestes-me senhor, porque detreminava fogir-vos esta noite, que vou vendo que é por demais esperar de vós que dareis o que mostrais estimar tanto. Fique-vos a carta embora, que a pessoa de quem é não pode perder nada nela e a para quem ela vai, com as novas que lhe eu darei, se consolará. Eu sou só o que perco, porém desavertimentos e erros na gente comum não se podem estranhar muito. Se vós perdeis ou ganhais em ma tomar, vós mesmo o julgai e sobre isso fazei o que quiserdes, que eu até menhã esperarei e mais não.

Ao que Florislao replicou:

— Cada vez mais me persuado que é ã grão tesouro esta carta e não vo-lo digo para que cuideis que vo-la não darei, senão para que se o fizer entendais que sei o com que vos sirvo. Agasalhemo-nos e falaremos amenhã.[114]

Assi o fizeram, ã de todo quieto, outro com alguma mais esperança. Veio a menhã enfrearam os cavalos, satisfez-se o gasalhado aos pastores e começaram a caminhar por ãa estrada, aonde Pleonido determinava chegar com aquele negócio ao cabo e apartar-se da companhia assi ou assi.

Não tinham eles bem entrado nela, quando se sentiram dar vozes, às quais voltando, viram vir cinco cavaleiros ao mor correr de seus cavalos e após eles, pouco atrás, duas donzelas que também os seguiam correndo. Parou Florislao concertando-se na sela e com a lança na mão esperou que chegasse aquela gente, a qual não tardou e querendo acometê-lo logo, disse **ũ** deles que esperassem pelas donzelas que também com aquela breve detença, chegaram depressa. E estando já todos juntos, ãa delas, que melhor assombrada parecia, lhe disse:

— Por que razão cavaleiro, matastes ontem três homens que me queriam levar este enano por sua vontade dele e sem nenhũa queixa sua? Mas graças a Deos que já vos não ireis sem pagardes o que tão injustamente fizestes.

Florislao lhe respondeo que vinha mal informada, porque nem os homens eram mortos, nem o enano estava ainda bem livre das dores que eles lhe fizeram passar; porém se gostais de que ele vá convosco e ele vos quiser acompanhar, nem eu lho impedirei, nem ele terá já que me guardar segredo [115] no que lhe perguntava.

— Aí vos digo eu, que andaria bem (acodio Pleonido) nem conheço esta gente, nem sei o que me eles a mi querem. Ontem me quebraram a cabeça sem ocasião algũa os três cavaleiros, que esta senhora diz e me pararam as orelhas deste modo, agora querer-me-ão acabar estoutros e tudo me parece menos, que negardes-me vós o que vos peço.

— Segundo isso (replicou Florislao) quereis, que estes senhores vos satisfaçam do maior dano que eu vos tenho feito?

Ao que ã dos cavaleiros respondeo para a donzela:

Este cavaleiro senhora desenfada-se, vede o que quereis que façamos e far-se-á logo, que o mais é perder tempo.

— Que levemos ã e outro para casa, acodio ela e lá saberemos qual deles nos engana.

Florislao era afeiçoado àquelas roupas e disse:

— Para vos acompanhar e servir, não era necessário mais força que a que fazem esses vossos olhos, que não sei eu a quem não levem trás si com muito boa vontade. E se depois desta companhia, dais licença ao enano que se vá, vereis como vos sirvo à vossa satisfação.

A donzela era vã e cuidava que era mais formosa que Miraguarda em seu tempo, ficou com a lisonja menos colérica, porque lhe respondeo rindo, porém mais perigosa pela qualidade da reposta, a qual foi dizer-lhe que como havia ela de despedir a cinco,

para se acompanhar só com ã, se o [116] ã não prestasse para mais que todos cinco?

— Isso vereis vós logo (cevado já no cheiro⁹² daquela caça), se o mandardes e eles se não quiserem ir.

Os cinco cavaleiros não conheciam bem o humor àquela senhora e cuidando que tardavam já a sua obrigação, por se despacharem depressa, dizendo que para que era estar ouvindo mais despropósitos e baixando as lanças, moveram todos juntos para Florislao, a quem naquela hora ã exército inteiro parecera pouca gente. E assi em muito pequeno espaço os pôs em estado aos quatro que lhe ficaram a cavalo (porque no que encontrou quebrou a lança, dando com ele em terra desacordado de todo) que sem nenhuma defesa se lhe renderam e pediram de mercê as vidas.

A donzela, que os ali trouchera, voltou as rédeas ao palafrém e vagarosamente se foi daquele lugar sem falar palavra a Florislao, mas voltando sempre para trás, a ver se era seguida. Não determinava ele perder o alcance e vendo o passo que ela levava, pareceo-lhe primeiro despachar assi a Pleonido como aos cavaleiros. E tomando a carta da maneira que o enano lha dera, lha tornou dizendo:

— Ora vedes aqui a vossa carta. Folgara que me disséreis quem é o cavaleiro, cujas são estas armas, que o modo com que eu as houve não me mostrou mais que as obras de seu dono, com quem troquei outras, [117] que trazia mais sãs e melhor coradas. Mas pois mo não quereis dizer, não vos detremino apertar mais, porque não será razão, que percais tão boa cousa como é o segredo. Porém quando vos virdes com ele, dissei-lhe que eu também o busco. E por que vos não torneis a enganar com outro, vos direi os sinais das armas que leva.

E assi o fez.

O enano não cabia com prazer, nem acertava com cousa que respondesse. Pelo que Florislao, que não queria perder o rasto da Clorena, que assi se chamava a donzela, nem deixar de conseguir o seu primeiro intento de se fazer conhecido em Constantinopla, quis lá mandar aqueles cinco cavaleiros como o enano tinha feito antes. E chamando-os, lhe mandou com juramento que se fossem lá e se apresentassem à princesa Fidélia da parte do cavaleiro que livrara a Pleonido dos três, que lhe lá mandara e que lhe dissessem que outro maior serviço tinha feito àquele enano, se algum pesar lhe fizera. E despedindo-se com isto, quis seguir a sua fortuna trás aquela donzela. Porém Pleonido, que ouvio falar em Fidélia e em si, ficou como pasmado e disse-lhe:

⁹² A: cheiro / C: erro

— Por vida vossa, senhor, que já que vos ides, que me digais de donde conheceis essa princesa e essa corte?

Florislao com toda a sua pressa veio a reparar naquilo e a criar ãa veemente suspeita, que de Fidélia era a carta, porém dissimulando-a [118] então respondeo-lhe que, porque vira que ele mandara os três cavaleiros àquela senhora, lhe mandava os outros e que o mais lhe esperava dizer em outra parte, com o que deixando-o desassombrado, partio trás Clorena, que se lhe não tinha apartado de vista em todo aquele espaço, porque as palavras e obras de Florislao mais foram freio para a deter que esporas para a levar.

Era esta moça ãa donzela, que ali vivia em ã castelo seu, que perto estava, mui rica e senhora de outros lugares na comarca. Não tinha pai, nem mai. Desejavam casar com ela todos seus vizinhos, ainda que tinha ãa certa leveza e natural,⁹³ com que os pudera deter⁹⁴, mas sempre este foi ã mal muito costumado no mundo, violentar a fazenda a cobiçosos e cobiçosas. Serviam-na a esta conta a ela e ela dando esperanças a todos, não se tinha até então obrigado a nenhũ. Destes seus sacripantes eram os três que quizeram levar-lhe a Pleonido, ã dos escudeiros dos quais, foi dar a nova ao castelo, com a qual composta a seu modo, juntando Clorena os outros que lhe rodeavam sempre a casa com as mesmas pertensões, saío em seguimento de Florislao aquela própria tarde e tomando-a a noite no campo, passou ao outro dia o que temos visto.

Chegando Florislao enfim fonfarrão e gentil-homem, deu a través em pouco espaço e com poucas [119] palavras com os serviços que todos seus pertensores lhe tinham feito em muitos anos, porque satisfeita Clorena do que vira e do que ia ouvindo, sem mais consideração entregou a Florislao no seu castelo, a que brevemente chegaram, tudo aquilo que ele soube desejar, porém ainda lhe ficou o que seus vizinhos lhe queriam.

E assi a cabo de três dias ela arrependida de suas pressas, cuidando que aquele cavaleiro se queria fazer absoluto senhor de tudo o seu, não via a hora que o despedisse. E ele enfadado da conversação contínua, imaginando-se preso, não desejava menos a partida. E concertando-se ambos facilmente, se despedio e partio na volta de Constantinopla morto por ver a Fidélia, a quem cuidava fazer algũ juguete com as novas da sua carta, que por averiguado tinha que de sua parte era a embaixada de Pleonido, o qual caminhando também na sua demanda, tomando-o as novas de Luciana e Dom

⁹³ A: leveza e natural / C: leveza natural

⁹⁴ A: deter / C: ter, se estimaram muito suas honras

Duardos muito perto daquela parte onde o levava a fortuna, que era naquele tempo a matéria em que todos os caminhanes se entretinham, foi-se a demandá-lo. E o que a ã e a outro aconteceo, iremos vendo nos capítulos que se seguem. **[120]**

Capítulo 13

Do que aconteceu a Dom Duardos depois que partio de Cleves em ã castelo, aonde foi ter.

Em verdade que era notável a fortuna de Dom Duardos, porque tomando suas cousas por ãa parte, parece que era nascido para motivo de invejas e, bem vista por outra parte, não é despropósito afirmar que nascera para argumento de lástimas. Mancebo, gentil-homem entendido, valeroso e príncepe, que tem o mundo que dar mais que isto? E que se pode invejar no mundo, senão estas partes? Como também, de que se pode haver lástima, senão de ã homem que tendo-as, nenhũa cousa que lhe desse gosto, lhe oferecia a fortuna acaso nem de prepósito. Amava a Carmélia e ela bem vedes o que fazia. Andava apartado da conversação dos amigos, preso aqui, perseguido acolá e finalmente indigno, na opinião da ventura, de ãa lapa em que se escondesse a si e a seus desastres. Não sei o que diga certo! Sei só que, se aos que lerem esta história ela cansa e enfada tanto como a mi que a treslado, que uns e outros poderemos escusar o trabalho.

Não tinha este cavaleiro ainda bem saído do que vos [121] contamos que em Cleves lhe sucedera, quando deu em outro perigo, tanto peor para ele, quanto a matéria era mais oposta a sua condição e natureza.

Ouvido tendes a história de Nastróbio e Luciana e juntamente como DomDuardos a primeira cousa que fez depois da morte do duque foi pôr sua molher em salvo da fúria do povo, que queria castigá-la dos excessos do sobrinho a que porventura dera causa. Recolheo-a o irmão, compadecido de seus infortúnios e não mui desconsolado com os do filho, porque era homem de bem e de boa natureza, inda que mofino com filhos, porque de Astróbio⁹⁵ tinha pouca satisfação por outros procedimentos de atrás⁹⁶ e de ãa filha que mais tinha, não sei se menos, a qual sendo moça bem parecida (partes que nas molheres causam estimação e ufania) ou se não conhecia a si, ou esquecida de quem era, dava mostras de condição e ânimo leve, com que o pai que era veúvo, tinha desgosto e cuidado contínuo e assi achou nos desastres da irmã e do filho, com que se consolar, por entender que vindo-lhe a duquesa para casa, lhe vinha ã grande freio para sua filha, a qual com a nova herança, casaria também depressa. Nada disto menos foi, porque se os filhos eram quais dissemos, a irmã não era

⁹⁵ A: Astróbio / C: Nastróbio

⁹⁶ A: atrás / C: outras

boa para guardar damas, com o que se ocasionou outro novo [122] trabalho a Dom Duardos, como logo ireis vendo.

Partio-se, como dizíamos, Dom Duardos de Cleves, deixando feitas as obras que ouvistes e saindo daquele estado por aquela mesma ponte onde estivera preso, atravessou o de Henao, levando ãa sobrevéstia negra sobre as armas, assi pelo não conhecerem, como por trazer aquela cor mais conforme a sua natureza. E por este estado ia ele tal qual vo-lo temos pintado e qual se pode crer que o trariam suas antigas e modernas paixões. Falava menos com Trogônio do que soía, sospirava como de antes e desmaiva-se como sempre e enfim crescia na tristeza, cousa que parecera bem impossível a quem o conhecera dantes.

Ia na volta dos matos da Transilvânia, onde tinha por certo que não faltaria comodidade para se esconder até de si próprio e antes de sair daquele estado, o levou a fortuna a ã castelo, que quasi na raia dele, pela outra parte estava, ao qual o conde mandara a irmã e a filha, assi para apartar ãa de Cleves, onde perdera tanto, como a outra de sua casa, onde cuidava que arriscava mais com algũa pessoa que nela assestia, de quem sem rumor quis que se alongasse e deu-lhes ãa casa moderada, como a veuva convinha e de guardas alguns cavaleiros à ordem de ã, de quem se fiava.

Não havia muito que eles ali tinham [123] chegado, quando Dom Duardos descuidado do que lhe aconteceu, chegou também. E posto que não havia outro gasalhado perto, senão aquele castelo ele o não foi demandar, porque se entretinha mais nos desertos, que se bem o tomou a noite junto do castelo ele se desviou e se foi apear debaixo de ãs árvores, onde detreminava passar. E fora-lhe melhor se se apartara mais, porque entre a gente que foi com a duquesa, não faltou quem o conhecesse pelo Cavaleiro dos Malmequeres e por Dom Duardos juntamente.

Deu-se este aviso no castelo e a duquesa, que se sentia obrigada a ele e também por se desculpar despacio dos⁹⁷ procedimentos do sobrinho e da enteada, detreminou agasalhá-lo e falar-lhe. E conhecendo-lhe já o humor, temendo-se de que não viria chamado ela mesma com poucos criados o foi buscar.

Nenhũa cousa pudera vir àquele cavaleiro que mais sentisse naquele lugar, porque enfim obrigado da cortesia houve de ir agasalar-se entre gente e ouvir outra vez falar na matéria, que tão atormentado o levava.

Esteve depois que se recolheram em casa, ã pouco com a duquesa e vio a

⁹⁷ A: despacio dos / C: dos passados

Tesbília (que assi se chamava aquela donzela filha do conde) com a singeleza com que ele costumava tratar a gente daquela sorte. Não lhe aconteeceo assi a ela, porque de tal modo a estragou o parecer e bom termo daquele [124] mancebo, que propostas todas as razões que homem pode dar, se detreminou em o ir visitar aquela noite na pousada que lhe tinham concertado, a qual era ãa casa, que no castelo havia, forte e sem luz algũa mais que a que lhe entrava por ãas frestas muito altas que a cercavam em roda, mas porque contudo era grande e estava bem armada, lhe fizeram prestes nela. Recolheo-se ali Dom Duardos despedido daquelas senhoras, dizendo que lhe importava madrugar. Tendo ceado por comprimento algũa cousa, se deitou na cama encomendando a Trigônio que o chamasse cedo, o qual para ordenar a partida sem que o despertasse senão a tempo, foi-se para outra casa, onde tinha o seu pouco fato.

E ficando tudo em silêncio Tisbília, que naquele repouso comum não descansava esperando a hora, compondo-se como lhe pareceo que podia incitar mais, abrindo ãa porta que aquela casa tinha para os aposentos interiores das mulheres, com passos seguros e coração quieto entrou na casa. Previlégio grande de resolução fatal.

Sentio Dom Duardos, que ainda não dormia e cuidando que era Trigônio, lhe perguntou se lhe esquecera algũa cousa? Ou se eram já horas de caminhar?

Chegou-se ela à cama e sem lhe responder nada àquilo, correo ãa cortina e mostrou-lhe à luz da alâmpada a matéria de maior escândalo de sua fortuna, que ele até então tinha visto. Não se [125] pode crer o seu sobressalto, a paixão e a vergonha que padeceo; o que ela conheceo logo na reposta, com grande mágoa sua, vendo que tinha perdido o tempo e o trabalho.

Não escrevo o que Henrique Frusto escreve que Dom Duardos lhe disse, porque me temo que o julguem mal, ainda os muito escrupulosos na matéria de firmeza, sabendo que as asperezas e repulsas bastam só nas obras, porém não nas palavras, particularmente tendo visto o exemplo de Vasperaldo com a fingida Arquidiana. E não foi por aqui este cavaleiro no caso que lhe aconteeceo, antes sendo grande o desabrimento da obra, cresceo muito no das palavras, quando ela cuidando que ele a desconhecia, lhe declarou quem era, porque então lhas disse mais severas.

Tornou-se finalmente Tisbília por onde viera espantada e confusa, mas raivosa e indignada grandemente. E provendo no que lhe pareceo que lhe convinha, foi acordar sua tia e assi como se lhe dera conta de ãa muito leve dor de cabeça, lhe disse lisamente tudo o que passava, dizendo que não fora muito casar-se Dom Duardos com ela, mas que pois ele não quisera então, que ela o faria querer.

— E de que maneira? (lhe respondeo a senhora duquesa, não muito maravilhada do excesso)

— Tendo-o preso (tornou Tisbília) tanto tempo naquele castelo, até que me ele rogue pelo que tem enjeitado e para isso vos venho contar o que cuido fazer e é que logo havemos de [126] chamar Arquilino (assi se chamava ã dos cavaleiros, que elas ali tinham, de quem faziam toda sua confiança) e este me há de prender em ferros ao escudeiro de Dom Duardos e tomar-lhe as armas de seu amo, que lá tem consigo e há-se de pôr Arquilino nos seus cavalos e sem que o sintam, amanhecer no mato e deixar-se estar ali ã espaço do dia e tornar-se a recolher dizendo que Dom Duardos se fora de madrugada como tinha dito, sem nos querer falar por nos não magoar mais e que o levava consigo para o desculpar conosco. E assi degolando no mato os cavalos e escondendo as armas e o escudeiro preso aonde estará e seu amo aonde está, sem que nenhuma outra pessoa o saiba, não nos pedirão conta dele e apertá-lo-emos nós de modo que se entenda, pois agora está tão fora de si.

Não lhe replicou a duquesa, ou por lhe não parecer mal o que ela ordenava, ou porque não se atrevesse a a contradizer, porque era aquela moça tão conhecida por voluntariosa, que não admitia nenhũa réplica naquilo que empreendia.

O mesmo lhe succedeo com Arquelino, que sem lhe responder depois que veio de fora chamado por Tisbília executou tudo o que lhe ela ordenara, porque chamando a Trigônio da parte do amo ele se levantou estrovinhado do sono e indo-se descuidadamente deu com ele em ã calabouço, donde passou uns poucos de maos⁹⁸ dias com [127] suas noites, como dissemos. E tornando depois a sua pousada, a despejou de todo o fato de Dom Duardos, que escondeo na em que ele vivia. E trás isso levando os cavalos se foi e veio às horas que lhe pareceo ao outro dia, com as novas da partida do Cavaleiro dos Malmequeres.

Algũ rumor causou esta notícia no castelo, mas como Dom Duardos tinha dito publicamente que havia de madruguar, àquela conta não falou nenhũ dos que o ouviram e assi ficou encubertamente preso este príncepe, aonde ele menos quisera, porque ida Tisbília, levantou-se em ã momento e foi a abrir a porta por dentro com escusada deligência, porque ela estava de maneira por fora que não havia dali que temer por então.

Vestio-se após isto e tomando a espada e escudo, que só ali lhe ficara, foi a

⁹⁸ A: maos / C: mais

tentar a outra porta, por onde entrara, que estava mais patente, para chamar a Trigônio; porém Tisbília tinha tanto melhor arrecadada aquela, quanto lhe a ela parecia mais importante que a outra para o que detreminava. E assi não podendo abrir, bateo rijo que este foi o rumor que se sentio. E vendo que era por demais, aquietou-se esperando a manhã, mais raivoso do que nunca se vira, porém cuidando que brevemente se poderia livrar daquela moléstia, passou até que amanheceo, sem nenhũa lembrança de oferecer aquele sacrifício [128] ao ídolo por quem o fizera, antes trabalhava de desviar a memória daquele caso, parecendo-lhe ou julgando por ofensa da fé própria, aquela inconsideração alhea e dizia consigo às vezes, que se ele amara a Carmélia, como era razão, que impossível fora não se lhe conhecer no rosto, nas obras e nas palavras e conhecido isto, também ficava impossível querer-lhe alguém falar em casamento.

Parece que isto fora o que Tisbília lhe dissera e assi, que a si punha a culpa e não a Tisbília, mas que ele se castigaria de maneira que nem errasse mais no que devia ao seu amor, nem fosse motivo de erros, de outra algũa pessoa. E estando em estas considerações entrou em ã dos seus desmaios, tão profundo que quando acordou dele, vio pelas frestas grande claridade do dia e havia já tanto que quando ele tornara a bater na porta para que Trigônio lhe acodisse, pareceo-lhe que dava em parede sólida e assi era verdade, porque Tisbília tanto que amanheceo fez vir ã pedreiro, tendo-se já dito que Dom Duardos era partido e fez cerrar aquela porta da casa em que ele estivera, por fora, de pedra e cal, dizendo que a queria para si e servir-se dela pela outra porta, que tinha dentro, porque não tornasse a pousar ali alguém, a respeito de ficar muito metida com os aposentos das molheres.

A todo aquele estrondo, não acordou Dom Duardos, nem quando depois [129] bateo e falou, poudo também ser ouvido. Sospeitando pouco e pouco o que aquilo era, ãa vez lhe parecia que com a espada e escudo, que consigo tinha, se poderia defender do mundo todo, outra que então perdoaria o agravo, que lhe ali tinham feito, quando lhe tirassem a vida, que tanto mais que tudo o agravava.

Nestas e naquelas considerações, passou todo aquele dia sem ver, nem ouvir pessoa algũa. Assi o tomou a noite, o escuro da qual o fez recolher à cama. E sem que se despisse, nem dormisse, a passou toda. Amanheceo no mesmo silêncio, tornou-se a levantar e recorrendo às portas, achou ãa como de antes de parede e na outra não ousava de bater, tímido que lhe aparecesse por ela aquele, a seus olhos, monstro horrendo de quem havia tanto mor medo que de Carmélia irada, quanto lhe a ele mais parecia que aventurava na culpa, que na pena.

E é notável cousa esta, que estando aquele homem ali preso no estado em que se via, achando tapada de pedra e cal a porta por onde tinha entrado, o que lhe mostrava não só a impossibilidade da saída, senão o ânimo do carcereiro, vendo a outra porta que dava de si com o vento e ouvindo falar gente por ela, só porque Tisbília por ali tinha entrado àquelas horas que dissemos, é⁹⁹ porque lhe parecia que as vozes que ouvia eram de mulheres, como realmente eram, não só não bateo, mas trancou-a [130] por dentro com os fechos que tinha e com tudo o mais que achou na casa que fosse a propósito para aquilo escolhendo antes acabar ali seus dias, que salvar-se por meio tão encontrado com seu gosto.

Passavam-se as horas e a natureza ia fazendo seu ofício¹⁰⁰, mas era tão regulado este cavaleiro e também tão acostumado a más venturas, que inda até então não tinha estranhado muito a falta que padecia. Não quis Tisbília, quieta já nas preparações que fizera, que a ele experimentasse mais e assi ao meio-dia sentio Dom Duardos que se abria ãa fresta, que entre as ameas que pelo alto daquela casa havia, que todas tinham vidraças e só aquela se fechava com porta, a qual aberta, vio pendurar dali abaixo, por uns cordões de seda verde, ãa bandeja de prata grande com toalhas alvas e cheirosas, a qual veio a parar quietamente naquele ladrilho. E não vio alguém, o que ele soffeo melhor. E indo a desenvolver as toalhas, achou mais de jantar do que ele quisera, nem havia mister. Tomou o que lhe pareceo, após o que se tornou a alar a bandeja com o mesmo vagar com que viera e desceo à noite com velas e com ãa alenterna acesa e de cear também.

Desta maneira o iam provendo com mais regalo do que ele queria e entre os mimos que lhe fizeram a cabo de alguns dias de sua prisão, foi lançarem-lhe papel e tinta e livros. Isto estimou ele [131] muito e veio a sossegar o ânimo de maneira que com não ver gente, nem lhe falarem, lhe parecia que tinha achado o que buscava, com tanta satisfação sua, que o julgava às vezes por obra de Daliarte seu tio. E assim passou contemplando em Carmélia, falando-lhe e escrevendo-lhe como se fora presente e as cartas se entregaram, até que se livrou por ãa estranha aventura, como diremos depressa.

⁹⁹ A: he (é) / C: e

¹⁰⁰ A: ofício / C: efeito

Capítulo 14

Em que se torna a falar em Florislao e Pleonido.

Caminhava Florislao para Constantinopla, tão esquecido de Clorena, de quem aquele mesmo dia se tinha apartado, como se o ela merecera, com as qualidades de sua pessoa, que eram as que tendes ouvido e com os gasalhados, que no seu castelo lhe fizera. Mas que faremos às sem razões dos homens e mais daqueles, que seguem natureza hereditária? Todo o cuidado daquele cavaleiro era naquela hora Fidélia, da qual não sabia mais, que ouvir-lhe chamar princesa. Tinha concebido que era seu aquele enano e parecia-lhe que pelo menos [132] era molher, que escrevia e que tinha segredos. Com aquela imaginação e com o conceito de Pleonido cuidava que tinha ãa grão cousa entre mãos. Enlevado neste pensamento, topou bem tarde ãa donzela, acompanhada com ã cavaleiro velho e desarmado e com dous escudeiros mais consigo. Saudaram-se uns a os outros cortesmente e vendo Florislao sinais de descontentamento em toda aquela companhia, perguntou-lhe a causa e ofereceu-se-lhe ao reparo dela, se fosse cousa que pudesse fazer.

— Pague-vos Deus essa vontade, respondeo a donzela, que ainda que meus males, senhor cavaleiro, tenham o remédio em outras mãos nem por isso deixarei de vos agradecer tão boa tenção e servir-vo-la no em que em mi for.

— Mal me persuadirei eu senhora, lhe replicou ele, que vos será de estimação a vontade, quando vejo tão desprezada a obra. E se pelo menos quereis que me console, digei-me aonde e de quem esperais a reparação dessa tristeza e porventura que seja a vossa razão alívio da minha desconfiança.

— Nem eu quisera, que vós a tivésseis de mi, acodio ela, nem que vos pareça que eu a tenho de vossas obras, que onde o parecer é tal, não cuido que desdirá nenhũa cousa. Mas porque vejais que vos pago o comprimento com enjeitá-lo melhor que se o aceitara, vos direi o que quereis ouvir. Haveis de saber senhor, que eu sou natural de Áustria e não mal herdada [133] naquela terra, se me a fortuna não dera por vizinho ã gigante, melhor acostumado, do que eles ordinariamente são, mas mui diferente contudo, do parecer e trato dos outros homens. Este pois ou cubiçoso de minha fazenda, ou com amor a minha pessoa, que é o que ele afirma, tratou de casar-se comigo, por meios decentes e honestos. Não vim eu no casamento, nem ele em sofrer a repulsa e fazendo-me guerra, necessitou-me a recorrer ao Arqueduke de Áustria e senhor nosso,

ante o qual o gigante, posto que seu vassalo, não quis vir, nem disistir da guerra, que ia fazendo, mas mandou-lhe dizer, que ele pertendia¹⁰¹ a sucessão de meu patrimônio, por ãas ficções e ações, com que quis corar¹⁰² a sua tirania. E que posto que o tinha já em seu poder, que ele queria por tudo em o juízo de ãa batalha, se eu achasse cavaleiro, que por mi a fizesse com ele, para o que assinou ã largo termo. Não tem o Arqueduke poder para desfazer este agravo, sem grande risco seu particularmente mostrando-se Atrônio, que assi se chama o gigante, justificado na herança, porque a verdade é que algũ parentesco tem comigo e assi encolhendo os ombros, deixou-me em as mãos de meu alvedrio. Este cavaleiro que me acompanha e que me criou, me fez por a caminho para Constantinopla, aonde está de presente Leopoldo nosso príncepe, [134] tão valente cavaleiro, que sem dúvida espero, que me emendará ãa força tão desarrezoada a que ele está tão obrigado, por sua calidade e pela minha e muito mais por ser na sua terra e em matéria, que toca a autoridade de seu próprio pai. Vedes aqui senhor cavaleiro o que me leva a Constantinopla. Vedes aqui a necessidade que tenho de chegar àquela corte onde se bem não estivera Leopoldo, não desesperara de achar quem se doera de mi e me remediara juntamente. Isto não é desfazer em vós, porque os cavaleiros, com os cavaleiros tem suas contendadas. Os gigantes são outra cousa e para estes parece que tem Deus aquele seminário em pé, onde se cria a triaga de tão perigoso veneno.

— E desses vos não parece a vós que eu posso ser ã? (respondeo Florislao) Ora ainda que estejamos mais perto de Grécia que de Áustria, contudo vos peço que arrepieis o caminho e porventura que vos não arrendais no cabo. E mais¹⁰³ faço-vos a saber que me não importa menos ir a Constantinopla que a vós, nem a busco de mais perto. E ajuntou a isto tantas outras palavras, que persuadio aquela donzela a fazer volta na sua jornada e a poucas que caminharam juntos, a que a fizesse também na sua opinião e procedimento antigo, com o que quanto mais perto chegavam da parte a que iam demandar, tanto mais sentida e mais receosa, ia a pobre molher do perigo alheio, se os de Florislao ante ela [135] podiam já ter este nome e deixara de muito boa vontade a fazenda a Atrônio, a troco de que ele lhe deixara a ela aquele cavaleiro livre, o qual para que vos não detenhamos nesta matéria, seguindo seu costume, de todo ia encontrado com a vontade dela, porque a cada passo, que dava por diante, lhe crescia o gosto e contentamento esperando a vitória de Atrônio, a restauração da donzela e a liberdade de

¹⁰¹ A: ele pertendia / C: lhe pretencia

¹⁰² A: corar / C: usar

¹⁰³ A: cabo. E mais / C: cabo, mas prometo-vos que não fique eu melhor livrado e mais

si mesmo.

Assi aconteceu, que em batalha singular venceu aquele¹⁰⁴ gigante, o qual lhe deu ãs armas para que a fizesse, vendo quão mal paradas as suas estavam. E Florislao movido daquela cortesia, depois do vencimento, não querendo deixá-lo mal satisfeito, detendo-se ali seis, ou sete dias, no lugar onde a batalha fora, que era da donzela, fez tão bons ofícios com ela e disse-lhe razões tão discretas, que a persuadio a casar-se com o parente vencido, o qual com aquela nova fez tamanhos extremos de contentamento, que pôs em perigo a saúde, que ainda tinha mal segura. Enfim Florislao se apartou deles, deixando-os obrigados e amigos e seguiu seu antigo caminho, com ter sabido, que era Dom Duardos o Cavaleiro dos Malmequeres, cujas cousas por aquela terra eram o fundamento de todas as conversações e alegrando-se, com aquela nova, pelo que com ele lhe acontecera, tinha por fortuna ser vencido por aquele monstro. Pesou-lhe¹⁰⁵ [136] todavia, conhecendo que para ele era a carta de Fidélia, o que não custou depois pouco trabalho a Primaleão, porque o meu senhorzinho, tinha ã pouco de chocalheiro e deu com a língua nos dentes em roim conjunção, como diremos a seu tempo. E antes que se apartasse daquela terra lhe sucedeo outra assaz graciosa aventura, mas é forçado, que falemos ã pouco em Pleonido, antes que vo-la contemos.

Não cabia em si o enano de prazer, como tendes ouvido, tanto que teve a carta na mão e após lhe Florislao respondeo o que fica dito à pergunta, que lhe fizera, se apartou dele a todo o correr do palafrém, como se se temera, que ainda lha tornaria a tomar. Assi foi aquele dia e o outro, ao fim do qual encontrando com certa companhia de gente, que caminhava junta, indo-se ã pouco com eles, veio a ouvir a história de Luciana, como a temos dito, pela qual passando a pouco e pouco, ficou com inteira notícia do lugar, onde pelo menos, Dom Duardos estivera. E levando-o a natureza de boa vontade àquela terra, donde ele era nascido e criado, caminhou para lá, com passo muito mais apressado, do que costumava. Levou-o enfim a boa ventura sua, ao cabo de algũas jornadas, àquele próprio castelo, onde Dom Duardos estava preso, o qual ele foi demandar de prepósito, sabendo como aquelas senhoras ali estavam, para se informar delas, com mais particularidade, [137] assi do caso acontecido em Cleves, como do caminho, que Dom Duardos fizera, se porventura o soubessem.

Era ele muito conhecido da duquesa, por razão do Arqueduke. Com Tesbília,

¹⁰⁴ A: aquele / C: àquele

¹⁰⁵ A: acontecera, tinha por fortuna ser vencido por aquele monstro. Pesou-lhe / C: acontecera porque se vencido seu ninguém o reputava por afronta pesou-lhe

também tinha conhecimento antigo, digo quanto sua idade dela sofria. Foi festejado o enano daquelas senhoras, com lágrimas primeiro, com saudades e contentamentos depois. Perguntaram-lhe por Fidélia e pela satisfação, que tinha, da nova vida, que escolhera? Deu-lhas ele as novas, com sagacidade e singileza juntamente. Disse-lhe mais que vinha a Boêmia e que folgara de passar por aquela terra e que não atravessara pouco por a ir ver, sabendo que elas estavam naquele castelo. E trás isto lhe fez também suas perguntas e teve suas repostas. Contaram-lhe como Dom Duardos ali viera ter muito depois de acontecido o desastre de Luciana e como se fora de madrugada. Mostrou-se sentido o enano, de não chegar àquele tempo e foi com tamanha demonstração, que lhe perguntaram aquelas senhoras, se o buscava para algũ negócio, ou socorro de prepósito?

— Não, (lhe respondeo ele) porém não houvera cousa na vida que mais estimara que achá-lo, porque tenho grande conhecimento com ele e não menor¹⁰⁶ obrigação, (que a perigrinação de Fidélia em sua companhia era já sabido de todos e assi não ficou aquilo com mistério algũ, para quem o ouvia.)[138]

Tesbília contudo lhe pareceo, que por via do enano, seria possível fazer algũa entrada no ânimo de Dom Duardos, o qual até então não tinha passado cousa que de contar seja, porque pelo quebrantar primeiro sofrendo sua pena consigo, não fazia mais que mandar-lhe dar de comer pelo modo, que fica dito. Neste estado estavam suas cousas, quando Pleonido ali chegou, do qual lançando mão Tesbília, ao outro dia à tarde, querendo o enano ir-se ela o levou a uns corredores descubertos, que rodeavam o alto daquela casa donde estava Dom Duardos, nos quais estavam as frestas, por onde lhe entrava a luz e lhe administravam o necessário do modo, que temos dito e ali, com os ordinários rodeos, que em semelhantes matérias costumam semelhantes pessoas, lhe perguntou Tesbília, se podia fiar dele ã segredo? Iguaria é esta, que pouca gente enjeita. Assi o fez o enano, o qual após ãa larga abonação de seus procedimentos, vio, (mostrando-lhe Tesbília, abrindo para isso aquela fresta, de que tinha a chave) a Dom Duardos passeando por aquela casa, magro e descorado, porém airoso e gentil-homem.

Conheceo-o o enano mui bem e foi aquele o mor trabalho em que se ele nunca vio, porque pedia-lhe o desejo falar-lhe e gritar; porém houve medo que o arrojasse a senhora, da fresta abaixo, se o fizesse, porque ainda até então lhe ela não tinha dito o para que ali o tinha, nem se o conhecia, ou não. E também o não querer errar [139]

¹⁰⁶ A: menor / C: melhor

nisto, o fazia encolher¹⁰⁷. Não o deixou ela estar muito naquelas perplexidades¹⁰⁸, porque tornando a fechar a fresta, lhe disse, se conhecia aquele homem?

— Parece-me que si, respondeo ele, mas duvido por qual o vejo e pelo lugar em que está, porém ainda mais pelo mistério que cuido que há nisso.

— Aquele é Dom Duardos, lhe replicou Tesbília e esse é o segredo, que me haveis de guardar e juntamente o que acerca disso vos disser. E lembro-vos que estais em lugar donde não saireis, se eu sospeitar somente que me faltareis na mais pequena parte.

Eram mui boas novas estas para o outro, que já de antes as começara a temer. E assi tornando de novo a jurar e a protestar, ouviu da boca daquela donzela a mesma história, que nós vos temos contado. E após isto, que queria, que lhe ele falasse e o persuadissem, a não desprezar vontade tão afeiçoada, com dote muito bastante e pessoa e calidade igual a tudo o que havia nas partes setentrionaes, donde ele também era. Respondeo Pleonido a isto:

— E se este homem não quiser acabar consigo a se persuadir ao que lhe eu disser, que detreminais vós fazer dele e de mi?

— Que vos vades vós e que fique ele como está, lhe tornou ela.

Não creu aquilo Pleonido, segundo a mi me parece, porque lhe respondeo, que não tinha razão no que dizia, porque o que havia fazer era matá-los a ambos logo sem mais algũa deligência, a ã porque não queria, a outro porque não falasse.

— E [140] digo-vos isto, dizia o enano, por cumprir, com a obrigação que vos tenho, porque ainda que sei de mi, que não hei de revelar nunca este segredo, não entendo como vós possais dormir o sono quieto tendo-o dito a pessoa algũa. Eu lhe falarei se vós quizerdes e daqui podereis ouvir-nos se vos parecer. Mas digo-vos, que é diligência escusada, porque eu sei que antes se deixará atanazar vivo, que ouvir falar em matéria desta calidade. Vive obrigado a pensamentos, que o trazem alheio de si e apartado do mundo. Tal o achamos na Serra da Lua, quando ali fomos ter. E se eu fora a vós em verdade que me desviara dali, como de atoleiro, porque verdadeiramente ele não quer por sua vontade e quando venha a querer contra ela, pesar do demo? Molher sois vós, partes são as vossas, para se empregarem na galantaria de forçar ãa vontade? O mundo é grande senhora Tesbília. Há trezentos homens nele melhores que Dom

¹⁰⁷ A: encolher / C: escolher

¹⁰⁸ A: perplexidades / C: proluxidades

Duardos, conhecem-se¹⁰⁹ pelo menos por mais livres e tratáveis. Que diabo se há de querer de ã cavaleiro, que de nenhũa outra cousa serve, senão de matar homens e mulheres? Eu não sei, vós lá vos avinde, aqui me tendes para o que me ordenardes e a ele também, ainda que não tão pronto. Vede o que quereis que faça. A experiência vos mostrará que presto para vos servir, ao menos com bons desejos.

Cuidando estava Tesbília no que ouvira e compungida [141] ã pouco disse-lhe, que o que por ora havia fazer era não se ir naquele dia, porque ela o queria tomar para cuidar no que lhe tinha dito e que ao outro lhe responderia. Assi se apartaram daquela conversação e ficaram discorrendo por outras matérias, levando-a sempre o enano em novas do mundo, porque andara, a ver se podia inflamá-la em desejos de ir a vê-lo e valer por aquele caminho a Dom Duardos. E assi que não lhe parecia que estava menos aventurado que ele e o que sucedeo, iremos vendo.

¹⁰⁹ A: conhecem-se / C: com cores

Capítulo 15

Do mais que passaram Tesbília e Pleonido e como Florislao veio ter àquele castelo.

Toda aquela noite passou Tesbília cuidando no que Pleonido lhe dissera. As razões foram sesudas, o amor era apetite, inda não estava de todo convertido em ódio. Era nobre, posto que lhe parecia que tinha perdido muito, também via que tivera arriscado mais. Estimulava-a o diabo por ãa parte, ajudava-a Deus por outra, não lhe negando as ordinárias [142] e suficientes inspirações e auxílios com que enfim veio a conhecer o que devia àquele cavaleiro. Vio também quão cheia de inconvenientes era a vida que fazia e quão mal se podia conservar o segredo daquela prisão, a troco do que começava já a contemporizar com a tia e criados, mais do que nunca costumava, sofrendo cousas, com que antes ninguém se lhe atrevera. Considerou-se também com as calidades, que tinha, nova herdeira do estado de seu pai, o qual sem dúvida entraria no de Cleves brevemente, porque ainda que tenhamos dito, que ficava devoluto ao Arqueduke, cujo feudatário era, nem por isso deixaria ele de dar a investidura ao conde, que era o mais próximo parente, que tinha o último possuidor. Isto se praticava entre seus criados e cavaleiros e isto afirmavam todos e assi o cria Tesbília, com o que não há dúvida, senão que tinha muita razão em se julgar por casamento igual ao maior príncipe do mundo. E com isto se resolveo em que não convinhão diligências tão afrontosas por ãa parte a tão grão senhora e tão infrutuosas por outra a ã amor tão grande.

E assi resoluta em soltar a Dom Duardos, não vacilava já se não no modo e em como ficaria só nele o segredo daquelas cousas. Nisto detreminava de se aconselhar com Pleonido e esperava que acharia nele ajuda e favor, qual lhe [143] compria; porém o cabrãozinho, pôs a perigo toda a boa detreminação de Tesbília e ainda a vida de Dom Duardos, com grande evidência; porque discorrendo também pelo que tinha passado, com aquela donzela, ponderando a determinação em que a vira, por uma parte e pela outra o humor e condição de Dom Duardos, veio a crer firmemente que o mesmo seria que a morte de ambos, falar-lhe ele no que Tesbília queria, porque exasperada do desengano e instigada da natural cólera de todas as mulheres resistidas e encontradas nas matérias de seu gosto, não aguardaria mais, que assegurar-se da reposta, pera executar o que ele mesmo lhe tinha aconselhado. E parecendo-lhe que não podia ser de maior dano àquele cavaleiro qualquer outra deligência, que fizesse por soltá-lo, que a

que tinha entre mãos, resolveo-se em fogir aquela noite donde Tesbília estava e que posto em salvo lhe escreveria claro, que soltasse o cavaleiro, senão que o iria dizer a seu pai e publicar pelo mundo.

Bem lhe pareceo a ele, que não era nada lerdo, que se abalaria ela muito com esta nova e que arremeteria ao preso, para que matando-o e enterrando-o, satisfizesse com ãa cousa a paixão e desmentisse com a outra a verdade; mas assentou que todavia o não faria, porque a gente que sabia da prisão, não merecia a morte pola encobrir, obrigada do respeito de sua ama, [144] e merecê-la-ia como total destruição de suas linhagens, se matassem assi aquele príncepe, a que todos eles conheciam. E finalmente entendeo Pleonido, que para que ã criado fizesse ãa tirania¹¹⁰ desarrezoadada por seu amo, ou ama, bastaria meter-lhe medo, ou não lhe ter amor; porém que para matar alguém por seu mandado era necessário, que também tivesse o mesmo ódio ao morto, que lhe tinha quem o mandasse matar. Fossem boas, ou más as rezões, com estas se determinou o enano e levantando-se da cama em que por dissimulação se tinha lançado, tanto que sentio a gente quieta, foi-se aonde estava o seu palafrém e pondo-lhe a sela e o freio, subio nele e tirou pelo caminho, que mais desviado lhe pareceo, com a mor pressa, que poudé levar e assi amanheceo perto de três légoas do lugar, de que partira.

E sentindo já que o rocim se movia froxamente entendendo que estava desviado de Tesbília, apeou-se a primeira hora do dia, para que ambos descansassem e desviando-se da estrada, para dentro de ãas árvores, que perto delas estavam, prendeo o palafrém, para que pascesse da erva e descansasse. E querendo encostar-se também, para quietar a cabeça, que trazia grande e pesada, com o sereno da noite e falto do sono, sentio falar gente e rinchar cavalos. Sobressaltou-se ele não pouco e querendo mudar de sítio, vio que [145] certo cavaleiro, que estava posto a cavalo, dizia a ã seu escudeiro, que acabasse com o que fazia e que o seguisse. Era ele grande e bem feito estava armado, com ãas armas azuis e negras, com os perfis de ouro entrando o negro pelo azul à maneira de raios e no escudo em campo das mesmas cores, a figura da justiça cortando uns laços, cavalgava em ã cavalo murzelo, tão crescido e orgulhoso, que o ajudava a parecer mais fero e medonho, a desposição grande do cavaleiro.

A solidão do lugar, a hora daquela aparição, o temor natural do enano, o caso, de que vinha fogindo, tudo ajudou a fazer o sobressalto e a confusão maior. E querendo, como dizíamos, mudar de sítio, antes de ter enfreado o palafrém, foi sentido do

¹¹⁰ A: tirania / C: terçaria

cavaleiro, visto e conhecido juntamente. Aquele era Florislao, aquelas as armas, que lhe dera Atrônio para a sua batalha, como tendes ouvido e o cavalo, que era dos bons do mundo, lhe deu também depois ao despedir, o qual caminhando direito a Constantinopla, veio a fazer noite naquela floresta e tendo-se levantado cedo, apressava a Dalispro a que o seguisse. Conheceo ele logo ao enano e entendendo que não poderia ser conhecido dele, detreminou de lhe fazer algũa travessura, cousa, a que naturalmente era afeiçoado e assi ajudando ao sobressalto, gritou-lhe, com vox pesada e grande:

— Cativa e vil creatura, que [146] fado mao teu, ou que inimiga estrela te trouxe a este tempo diante de meus olhos?

Estremeceo-se Pleonido àquela vox e desejou-se metido lá bem no centro da terra, porém contudo lhe respondeo:

—Bofé senhor, que tal mo parece ele a mi, mas não por medo que vos tenha, que dos homens como me vós pareceis, antes eu espero defensas e ajudas, que forças e sem razões. Mas porque vejo, que vos inquieta minha presença, terei sempre por roim a fortuna, que me aqui fez vir, porém o que posso, que é ir-me depressa, isso farei eu dando-me vós licença.

Mal se podia Florislao ter com riso, porém querendo passar adiante, lhe tornou a fazer outros biocos, após os quais mandou a Dalispro, que lhe atasse as mãos atrás e lhe tirasse tudo quanto trouxesse nas algibeiras. O escudeiro, que era homem bem criado e filho de ã cavaleiro honrado espantando-se daquela ordem e maneira de proceder, antes de executar ao enano, chegou-se bem a seu senhor e disse-lhe que olhasse cujo filho era e a obrigação que tinha, que já tomara ãas armas a ãa donzela, contra todo o bom procedimento de cavaleiro e que agora queria fazer aqueloutra força não menos prejudicial a sua honra. Que tornasse sobre si se quisesse e senão que lhe desse licença para buscar outra vida, porque ele não havia de acompanhar e servir, a pessoa tão esquecida de suas obrigações.

O enano com todo o desmaio em que tinha entrado, vendo a [147] puridade em que o escudeiro estava, não entendendo o que era, tratava de esconder a negra carta e mostrar o mais móvel e dinheiro, que trazia, a ver se sem outro dano da pessoa, podia escapar daquela tormenta. Florislao em ouvindo o que o escudeiro lhe dizia abraçando-o assi a cavalo como estava, respondeo-lhe:

— Dalispro amigo, de hoje em diante entenderei quanto devo a meu tio, por vossa conversação e companhia. As armas, que tomei à donzela, Deus sabe que não foi com tenção algũa de agravá-la, senão para que com a ocasião delas abonasse a minha

pessoa, de quem tão pouca notícia há no mundo, como vós muito bem sabeis. Isto que agora intentava com este enano era para nos entretermos ã pouco, porque ele é o da carta, que livramos dos cavaleiros de Clorena e sobre lha tornar a tomar antes que nos conhecesse, quisera ouvi-lo, porque verdadeiramente é galantíssima pessoa. Mas por si, ou por não eu vos prometo e dou minha palavra, que de hoje por diante zombando, nem de siso, faça mais cousa, que possa ser interpretada de ninguém no sentido em que vós julgastes estas ações minhas. E falemos ao enano, antes que de todo saia de si. E voltando então para ele, tirou o elmo e disse-lhe.

— Qual de nós é o que tem maior culpa? Vós em me não conhecer, ou eu conhecendo-vos, tornar outra vez a querer ver a carta na minha mão?

Bem folgava o enano [148] de o ver, mas ainda folgara mais se lhe ele não falara naquela matéria. E todavia indo-se alegrar com ele, lhe disse:

— Dou ao demo a carta, que a leve, que ela é a que me faz haver tanto medo. Parece-me que vo-la hei-de dar para descansarmos ambos. E contudo, bem pudéreis vós não me obrigar aos espantos, que me fizestes, mas pois ficais obrigado a sofrer-me e cheirar-me, bem vingado fico.

E com isto rindo-se ã e outro, se pôs o enano a cavalo, com detreminação de lhe dar conta do aperto em que estava Dom Duardos, crendo, que Deus lho deparara ali, para aquilo, porque no valor da pessoa e da inclinação do ânimo esperava que acharia Dom Duardos liberdade e Tesbília consolação.

E assi começando a caminhar o enano com grande prudência e resguardo, todavia da pessoa daquela donzela, lhe contou como tinha sabido, que Dom Duardos estava preso escondidamente naquele castelo e que cuidava que Tesbília o detinha por respeito da morte do irmão, que ele ocasionara e tudo o mais que lhe pareceo a propósito, assi para o acender em desejos daquela donzela, como para lhe tirar alguma suspeita, se a concebesse contra sua honestidade. Menos havia mister para Florislao, que por livrar a Dom Duardos, acometera os maiores perigos do mundo e por se ver mimoso de Tesbília rodeara o mesmo mundo facilmente. E assi apressando a Pleonido, [149] o fez encaminhar para o castelo, no qual tudo estava revolto, porque levantando-se Tesbília, com a detreminação, que dissemos e mandando chamar a Pleonido para a tratar com ele, depois que se assegurou que era partido de noite, não se pode crer a ira e paixão em que entrou contra ele, temendo-se que iria a descobrir o segredo em que ela aventurava tanto e não a deixando este pesar cuidar em outra alguma cousa, só o haver o enano à mão, foi por então toda a sua deligência e seu cuidado. Fez partir após ele todos

os cavaleiros, que ali tinha consigo, diviedos em diferentes tropas e por estradas diferentes.

Ua destas que constava de cinco cavaleiros tomou aquela por onde ele fora, que era a mesma, porque tornava a vir. Encontraram-se já perto do castelo e ainda cedo, que a pressa de Florislao não sofria detenções. E querendo os cavaleiros da duquesa, alegres daquele encontro, lançar mão de Pleonido, Florislao lho defendeo primeiro com boas palavras e depois com muito roins obras, que lhes fez. E vendo que eles resestiam froxamente não os querendo apertar, porque esperava que lhe seria necessário contentar a todos os moradores daquela casa, suspendendo a fúria, aconselhou-lhes, que se tornassem ao castelo e que dissessem à senhora Tesbília, que ele lhe levava o enano e o entregaria em seu poder, para que se se não contentasse das [150] razões e desculpas, que lhe daria, fizesse o que lhe parecesse dele.

Os cavaleiros lhe agradeceram aquilo e contentes do que tinham arrecadado, se foram e fizeram sua embaixada, contando quanto lhes tinha acontecido. Sossegou-se ela, com as novas e não tardou Florislao muito após eles, a quem o enano vinha dizendo:

— Contudo senhor, olhai vós lá, como fazeis estas capitulações, que não fiquem os reféns arriscados.

— Amigo Pleonido, lhe disse Florislao (parece que lhe tinha ele já dito o seu nome) o negócio não está em mais, que em querer Tesbília, porque por lhe fazer a vontade a ela, a vós e ao preso e ao mundo todo lhe hei de entregar para o que ela quiser.

— Bem aviados estamos logo eu e Dom Duardos (disse Pleonido, o qual bem via que zombava Florislao) mas eu me afirmo que ele se tomara naquela hora dali bem longe.

Chegaram nisto ao Castelo, a onde ainda não tinham voltado mais que os cavaleiros feridos. Apearam-se e encarregou Florislao a Dalispro, que se pusesse à porta e gritasse, se visse que a queriam fechar. Com só esta prevenção, tomando Pleonido pela mão, que não ia por hora de muito boa vontade, sobio acima, aonde Tesbília só o aguardava, porque a duquesa vendo já que não podia parar bem aquele negócio, afastava-se da sobrinha quanto podia, para ter desculpa, com seu irmão quando se tudo publicasse. [151] Finalmente por encurtarmos razões, foram tantas e tão boas, as que Florislao deu pelo enano e ele juntamente confessando de plano o temor, que o levava e o que cuidava fazer, que Tesbília disse que era contente de soltar aquela noite ao seu

preso, com que Florislao e o enano lhe prometessem de ter segredo na prisão, que ela tinha por de todo injusta¹¹¹, a respeito da morte de seu irmão, que ele causara. Pelo que com ele não queria que se fizesse deligência algũa em ordem a lha perdoar.

Tesbília¹¹² ou que estivesse arrependida de sua liviandade, ou porque imaginou que Florislao sabia algũa cousa dela se lhe atreueo com algũa galantaria, por desmentir aquela opinião se portou de maneira, com que o enfreou e fez que a respeitasse de modo, que nem ele se conhecia a si próprio, nem Tesbília deixou de ganhar neste caso, o que no outro perdera. E chegando os mais cavaleiros e sossegando-se tudo, falou Florislao à duquesa, a quem a sobrinha foi dar conta da detreminação em que estava, com grande gosto de ambas. Agasalhou-se enfim Florislao malencólico e Pleonido alegre e aguardava que chegasse a noite, para tirarem o preso sem o sentirem, os que ainda não sabiam que ele ali estava. Mas tão trancado se tinha o triste, que foi necessário falarem-lhe pelas frestas, para querer abrir. O que mais passou diremos adiante.[152]

¹¹¹ A: injusta / C: já justa

¹¹² A: perdoar. Tesbília / C: perdoar, Florislao mostrou trás isto boa vontade, mui desviado da que ele a encaminhava a sua causa que o fez meio mouro depois que entendeu quão debalde trabalhava porque Tisbélia

Capítulo 16

De como Pleonido se vio com Dom Duardos e lhe deu a carta.

Chegadas as horas da noite, que naquele castelo se aguardavam, Pleonido a quem todos julgaram, que convinha darem a mão, para falar a Dom Duardos, levado por Tesbília àquela porta que a casa da sua prisão tinha para os aposentos interiores, bateo rijamente nela. Menos bastava para que Dom Duardos o ouvisse, porque nem a noite tinha entrado muito nem ele a hora algũa se achava tão ocupado do sono, que deixasse de acodir com menor rumor, que aquele; porém como se temia dali pelas razões que temos dito, tinha-se trancado por dentro com tanta curiosidade, como que estivera o remédio daquela prisão sua em se não abrir aquela porta nunca.

E sentindo que a empuxavam e batiam, imaginando que era gente armada, que o vinha a descarregar da vida, ainda que o ela não molestava pouco, contudo o amor natural e o valor do coração, não se querendo render, o fizeram levantar apressadamente e tomar a espada e escudo, que consigo tinha e ir-se à porta cuidando que a arrombavam, para que defendendo-se como cavaleiro, o não matassem [153] como condenado. E chegando-se bem ali, vendo que não fazia movimento e que os golpes, que se continuavam eram mais encaminhados a despertá-lo do dormir, do que a quererem-no molestar, ficou em outro sentimento maior, porque de todo se persuadio, que Tesbília tornava à antiga deligência, que lhe a ele doía mais que a própria morte, não pelo perigo de sua fé, senão pelo desabrimento dessa fé mesma. E assi esteve vendo aonde aquilo pararia, resoluto a que se ela todavia entrasse por algũa maneira, sair-se por ali e arriscar-se ao que pudesse suceder.

Ora Pleonido, que estava com os ouvidos atentos, sentindo os passos pela casa e encaminharem-se ali, tornou a tocar a porta e a chamar por ele juntamente dizendo:

— Senhor Dom Duardos, abri a Pleonido vosso servidor e contar-vos-ei quanto mais me tem custado, livrar-vos desta prisão, do que vos a vós custou livrar-me a mi da de que me salvastes em Espanha.

Ouvio Dom Duardos as palavras e parte delas entendeu, mas estranhou a vox do enano, assi porque nem ele falava mui alto, nem a grossura da parede e porta, deixavam penetrar o som mui distintamente dentro. E imaginando que poderia ser engano para o

enterterem, detreminava abrir, porque não parecesse àquela gente temor seu;¹¹³ porém cuidando também, que se fosse aquilo, que eles se valeriam da força, quando vissem, que nas¹¹⁴ bastava a cautela, [154] e que então lhes mostraria, se lhe tinha, ou não tinha medo, não se querendo achar com Tesbília, sendo outra coisa mais fera para ele, que cavaleiros armados, resolveo-se em não abrir¹¹⁵ e disse:

— Quem bate, se quiser¹¹⁶ entrar derrube a porta, que nem dentro há quem a abra para buscar vida, nem quem se feche, porque tema a morte.

Quisera replicar Pleonido, que entendeu mui bem aquelas palavras, com não pouca magoa sua, mas Tesbília, a duquesa e Florislao, que ali estavam espreitando juntamente o atalharam entendendo que aquela diligência serviria mais para fazer acordar toda a gente, que havia no castelo e mostrar aos que ainda não sabiam, o que passava, que para reduzir a Dom Duardos a algũa boa detreminação naquela hora, se fazia aquela bulha. E guardando-se para o outro dia, com a resolução que logo tomaram, se foi cada ã a sua pousada, deixando ao triste toda a noite em pé, vigiando a porta e vacilando no que entendera das palavras, que ouvira. E confundindo-se, com o que se lhe oferecia acerca delas, vinham a romper-se sempre, conforme a seu ordinário costume aquelas ondas nele.

— Cruel fortuna (dizia e com razão aquele cavaleiro) se inda enterrado vivo te inquieto, porque não acabas de todo de te sossegar¹¹⁷ a ti, com me tirar na¹¹⁸ vida a causa do teu desassossego e a mi a de tanta pena? Mas se esta pena e se esta vida minha te deleita, como mais veressímil [155] me parece, sequer em satisfação do gosto que te dão meus males, me houveras de conservar em ã estado em que o mesmo dano em que te contentas, não viera a ser remédio de si mesmo, tirando-te diante dos olhos o passatempo destas misérias minhas. Senhora Carmélia, se isto que padeço servira, não de mitigar vossa ira, mas de aliviar minha culpa, ficando-vos vingada eu morrera contente; mas achou caminho a fortuna, para que fosse nova culpa a vida e achou também caminho o amor, para que a mesma vida fosse a pena. E assi ambos detém o passo à morte único e só remédio de suas tiranias; porém apesar de ambos, se me venho a confirmar em que vos ofendo em viver este pensamento só há de ter a vitória, de contenção tão crua.

¹¹³ A: temor seu / C: temor seu o fazia fechar

¹¹⁴ A: nas / C: não

¹¹⁵ A: abrir / C: fazer

¹¹⁶ A: se quiser / C: sem querer

¹¹⁷ A: sossegar / C: tirar

¹¹⁸ A: na / C: a

Nestas e outras tais palavras, gastou Dom Duardos o que ficava da noite e já quando amanhecia vencida a natureza do trabalho, adormeceu cansado sôbola cama, fantasiando ainda assi em suas perturbações. Florislao de todo desesperado de alcançar de Tesbília o que desejava, morria por se ir dali ela não menos pelo ver fora de casa e ao preso também. A duquesa mais que todos o desejava. Pleonido, com a mágoa de ouvir aquele cavaleiro e de qual o tinha visto e com o gosto juntamente de o ter achado, não via a hora de amanhecer, para executar o que todos tinham assentado. [156] E assi uns e outros dormiram pouco e tanto que foi de dia, pondo-se em ordem o que se havia de fazer, sentio Dom Duardos abrir a fresta, por onde se lhe lançava de comer e estranhou-o não pouco ser àquela hora, que até então não tinha acontecido.

E levantando-se vio vir a bandeja que soía, com maior volume do que de antes. E vindo aparar em baixo conheceu que eram as suas armas e a parte, que de seu vestido faltava, o que lhe quiseram mandar primeiro que tudo, para se assegurar mais, de que lhe não queria fazer dano, quem o armava. Assi o entendeu ele e começou a entrar em pensamentos novos do fim, a que aquelas cousas se encaminhariam. E alegrando-se com as armas, despejou a bandeja e começou de se armar, como melhor poudes, ainda sem saber o de que lhe serviriam. Tornou-se a puxar de cima e tardou pouco que não tornasse a descer, com outra carga mais nova e estranha para Dom Duardos. E foi que Pleonido, deposto¹¹⁹ todo o temor daquela maneira de escada, assentando-se na bandeja e pegando-se aos cordões, com que a levavam e desciam entregando-se a Florislao, que ali tinha ido com ele, se lançou abaixo, para lhe dar notícia de si e de Constantinopla, com mais secreto, do que pela porta fechada podia ser, pois ele não quisera abri-la. Com notável admiração vio Dom Duardos vir aquele ninho de cegonha pelo ar, conhecendo que era cousa [157] viva o que descia, mas não ainda quem, porém depois que a bandeja parou e que o enano saltou em pé fora dela e abriu os braços e foi correndo pela casa a abraçar-se, com ele, dizendo-lhe:

— Que é isto cavaleiro dos Malmequeres? Quem vos havia a vós de desencantar, senão Pleonido? Duas figas para Dramusiando, que eu sou o gigante e não ele.

Então verdadeiramente que não podemos deixar de confessar, o alvoroço dos primeiros movimentos, se não queremos negar que era humano este cavaleiro. E todavia, duvidando logo, se seria aquilo alguma ilusão, ou encantamento, ordenado à

¹¹⁹ A: deposto / C: posposto

instância de Tesbília, para o fazer torcer de sua opinião, chegou-se ao enano, com algũ cuidado e disse-lhe:

— É verdade Pleonido que sois este, ou sombra vossa, que aqui me vem buscar a esta sepultura de vivos?

— Não estejais nisso toda a vida, pesar de tal (respondeo o enano) Eu sou vivo e vós o sois também e todos havemos de viver. Preparai o coração para contentamentos novos, que eu vos trago outra mezinha, com que espero ver-vos outro homem e pagar-vos quanto por mi tendes feito.

Dom Duardos conhecia Pleonido por engraçado e galante homem e assi não fez muito caso de que lhe ele disse, cuidando que o fazia para divertir e alegrar em suas tristezas. E não deixando contudo de se alvoroçar com ele, respondeo-lhe e perguntou-lhe, quem o trouxera ali? E se o lançaram por força, ou se descera por sua vontade? E do [158] mais não tratou nada. Porém o enano que era qual muitas vezes vo-lo temos pintado entendendo que depois que lhe desse a carta, não ficaria capaz de nenhuma outra cousa, deu-lhe primeiro conta do que naquele castelo lhe tinha acontecido, da maneira que nos vo-lo temos contado.

E trás isso perguntando-lhe Dom Duardos, quem era o cavaleiro, que vinha, com tanta resolução a livrá-lo, acrescentou, que mandando-o Fidélia com certa embaixada, que logo lhe daria, topara com os cavaleiros de Clorena e finalmente estendeo a história por todos os seus termos, até vir enxerir com o mais, que de si lhe tinha dito, com a qual Dom Duardos conheceo, que aquele cavaleiro era, o com que tivera as brigas e de quem trazia as armas. E alegrando-se muito pelo ver, por que o estimava no grao, que temos contado, rio-se muito com Pleonido de seus acontecimentos e desastres, dizendo-lhe que lhe afirmava, que se o cavaleiro não dera a carta por sua vontade, que fora difícil cousa tirar-lha ninguém da mão. Para pessoa era ela, replicou o enano, que o fizera, sem lhe custar muito, se se encontraram a tempo.

— Bofé não fizera, acodio Dom Duardos, se não se fora a mesma Fidélia, contra quem não pode haver resistência algũa.

— Olá senhor (lhe disse o enano) pouco disso, que essas palavras nem são de morto, nem de morteficado e eu combater-me-ei por amor do Cavaleiro do Sol, com o mundo todo.

E com aquelas palavras, [159] acabou o enano de fazer com Fidélia e com Dom Duardos, o que seu amor lhe pedia em favor de Primaleão. Tímido ainda, contudo, do que lhe a carta traria, acrescentou logo mais:

— E contudo senhor, a carta para vos é e por isso a eu dei, a quem julguei que éreis vós. Fidélia me chamou em Constantinopla e me disse, que vos buscasse e vo-la desse e juntamente esta domina, da qual o cavaleiro não fazia mistérios, cuidando que eram relíquias e tais o pareceram certo a Dom Duardos, porque era ã escrito da mesma Fidélia, que vinha dentro, no qual lhe dizia que apressasse sua vinda, porque a senhora Carmélia a desejava ainda mais do que por aquela carta sua entenderia. Que tanto que estivesse perto da cidade a avisasse para lhe ordenar o que havia de fazer.

Leu Dom Duardos, o escrito e leu a carta. Tornou a fazer uma e outra vez aquilo mesmo. Depois olhou para o enano, que o estava espreitando bem curiosamente e enfim, tal foi o sobressalto, tal a maravilha, tal a convulsão de todos os membros interiores e exteriores, que sem se poder ter em pé, se sentou sobre a cama, com os olhos no enano, sem pestanejar, nem largar os papeis, nem despejar a língua. Bem via Pleonido a revolução¹²⁰, que ia dentro daquele peito e não penetrando inteiramente a causa estava também, com cuidado grandíssimo. [160] E todavia, vendo-o naquele estado, disse:

— Eu cuidei, que atalhava e rodeei. Parecia-me que vos trazia a vida e vejo que vos apresso a morte. Dizei-me que é isto, ou me acabarei eu primeiro, pois trabalhei tanto em vosso dano?

Respondeo-lhe ele, com ã suspiro, que lhe saia da alma.

— Grande é o bem, Pleonido, que me tendes feito e tamanho, que de não poder com ele, me vedes neste estado. E afirmo-vos, que se a carta, que me trouxestes, me não prometera matérias de maiores queixas, que nenhũa me fizera, porque não a crera e cuidara que eram ficções, ou encantos da ventura. Mas porque com esta cláusula não posso duvidar dela, ainda que sei, que será certa estimo tanto ver-me lembrado para o que quer que seja, de quem me não esqueço nunca, que de me julgar por inábil de mercê tão grande, fiquei qual me tendes visto. Mas vamos, se me derem lugar, se não façamolo nós, que já agora nenhũ impedimento tem o mundo, que me tire cumprir o que aqui se me manda.

E com isto levantando-se lhe disse, que o ajudasse a acabar de armar. Fê-lo ele alegre de o ver naquela detreminação esperando que não o mandaria chamar, quem se aborrecesse de o ver. E ainda estava mais contente, porque ao abrir da carta, vio que não era a letra de sua ama, com o que acabando de se certificar no que desejava, não via a

¹²⁰ A: revolução / C: resolução

hora, que saíam dali. [161] Espreitava-os Florislao de cima, sem poder ouvir nada do que passava; porém do que viu, inferio claramente que Dom Duardos morria por Fidélia. E achando naquilo novo argumento de pena, pelo que trazia na imaginação, a mesma imaginação fez logo suas contas e determinou-se em a despedir de si. E desta maneira o fez, como quem realmente era senhor de seus afetos e o mesmo iremos vendo.

Capítulo 17

De como Dom Duardos e Florislao, saíram daquele castelo e da aventura, por que se apartaram.

Armado e posto a ponto Dom Duardos, flutuando entre o contentamento de poder ir ver a Carmélia e a imaginação dos novos danos, que o esperavam, ãa vez lhe parecia, que depois de a ver, nenhũ lhe podia vir, que tivesse aquele nome, outra confiado na qualidade e quantidade dos que tinha padecido, julgava que não era possível, que houvesse caminho, para que se estendesse. E por outra parte tendo a verdade de Carmélia por infalível, tremia-lhe [162] a carne na imaginação do golpe, porém sempre o desejo de a ver pervalecia e dizia consigo:

— Que tenho que temer? Que tenho que recear? Esta carta é de Carmélia ela me chama ela me sabe o nome, o para quê que me importa¹²¹ em comparação disto? Quanto mais que estas mesmas palavras, que me espantam, são as que mais me devem consolar. Diz Carmélia, que acharei matérias de maiores queixas, já confessa logo que tenho eu razão para queixar-me e onde a há, não pode haver culpa. Pois trás adorar e trás estremecer a Carmélia e trás não ter culpa, diante de seus olhos, que mal me pode a mi vir, que tenha comparação com bem tão grande? Porventura o amor que lhe eu tenho é serviço que lhe faço? Porventura conhecer os extremos de suas perfeições, é cousa para a obrigar? Não por certo. Pois se ela merece ser servida de todo o mundo, com o excesso, que eu conheço, que outro serviço lhe podia eu fazer, senão padecer sem culpas e sem queixas, gostos e detreminações suas? Senhora Carmélia, mandai-me vós e seja o que quiserdes, que quem nasceo para servir, não fez eleição de serviço e então somente me pode a fortuna dar matéria de queixa quando vos a vós faltar gosto para ocupar-me em algũa cousa.

Nisto fantasiava Dom Duardos e tornando a acudir ao necessário para saírem dali, que era por então o maior desejo, que tinha, disse a Pleonido, que se devia tornar a [163] assentar na bandeja, para que o puxassem acima e ordenasse como lhe abrissem a porta e que perguntasse também por Trogônio, de quem não sabia o que seria feito.

— Nada disso hei de fazer, se me vós derdes licença (lhe replicou ele) porque não quero exprimentar tantas vezes, ou a força dos cordéis, ou a certeza daquele vosso amigo, que é homem zombador e temo que me faça algũ jugueto. Ali está papel e tinta

¹²¹ A: para quê que me importa / C: para que importa

escreverei a Tesbília. E assi como assi, nós não nos havemos ir senão de noite, jantarei primeiro cá convosco e depois me irei por onde vós fordes.

Sorrio-se Dom Duardos e não lhe pareceo desarrezoado o enano. E fazendo ele o que disse, avisou a Florislao e a Tesbília, que às horas, a que a noite passada bateram à porta, a tivessem agora aberta e a Trogônio livre e que se lembrasse que Dom Duardos tinha hóspede. E no escrito de Florislao dizia, que estivesse tudo prestes para se partirem logo, a qualquer hora da noite, que saíssem dali, porque Dom Duardos não queria parar no castelo ã momento. E pondo os escritos na bandeja, tirou por ãa ponta do cordão, com que se ela levantava e fora devagar se não tivera ajuda¹²², porque Florislao, que estava à mira, vendo-o naquele trabalho, não o quis ajudar e ele só mal podia levantar o peso dela. Com o que Dom Duardos depois que o viu a fadigar em vão, quis socorrê-lo e então puxou Florislao, [164] e alevantou acima.

E depois que vio o escrito, que ia para ele, mandou o outro a Tesbília, que fez mui cumpridamente tudo o que nele se lhe dizia, assi no que tocava a Trogônio, como no mais do regalo de Pleonido. E quando foi tempo desceu a bandeja mui bem provida e com ãa carta sua para o enano em que lhe rogava que a desculpasse, com Dom Duardos pela prisão; que pelo menos lhe parecia que o mesmo Dom Duardos era bastante desculpa e as qualidades da pessoa e estado seu dela. Que a porta se abriria e que eles se fossem em boa hora. Que também a desculpasse com Florislao, de lhe não falar, porque os seus despezos dele e as suas mofinas dela, lhe estorvaram fazê-lo. Assi tinha acontecido, que Florislao tanto que soube pelo escrito, que tivera, que se haviam de ir aquela noite, antes que mandasse a Tesbília o seu, quis ir a falar-lhe e dar o derradeiro tento a sua fortuna. E ela que o tinha já entendido, não quis vê-lo, nem via já a hora de ver despejada a sua casa daquela gente.

Com o que mandando-lhe ele o escrito, ficou como ãa bíhora de se ver obrigado a esperar ali até noite, que por sua vontade ao mesmo ponto se partira. Isto tem quem costuma a não ver nunca seus desejos afogados. Florislao tinha-o tomado a ventura às costas em todas as cousas, depois que saío das mãos de Arlança e não sofria faltar-lhe o cumprimento a seu [165] gosto em ãa tão desarrezoada cousa, como fora, se por amor dele Tesbília atropelara sua honra. E assi medindo o sucesso, pela condição, ficou agravado como de grande injúria e sem querer jantar quando lho davam, passou até que foram horas de se irem, malencônico e raivoso. Também Dom Duardos não comeu

¹²² A: ajuda / C: ainda

muito envolto em suas perturbações e fantesias; porém Pleonido, que não era tão especulativo e que tinha passado ã mau dia e duas piores noites¹²³, livre daquele cuidado e dos mais, que o traziam peregrinando, com tão felice sucesso, festejava o caso, brindava a quantos monsenhores havia em Alemanha e depois após aquilo, sossegou, com ã par de horas de sono, o peso, que lhe ficou na cabeça.

Tornou a conversar, com Dom Duardos, respondendo-lhe ao que lhe perguntava da corte e dando-lhe novas daquela aventura da Casa do Amor, que ali deixara e do que nela acontecera a todos, os que a provaram. Notável foi o alvoroço, com que o ele ouviu e notável o desejo, com que ficou de ir a vê-la. Pasmava do pouco que seu pai fizera, não alcançando o mistério, de se lhe ter acabado já o tempo. Também o espantava muito a volta de Dom Floris e o silêncio, que lhe dizia o enano, que as princesas tinham no que lhe lá sucedera. Tinha lástima a Braceliano e não ia já vendo com bons olhos a presseverança de Albaizar, porque se ã [166] tempo lhe parecera, que seu amor era obrigação forçosa e fora dividido à perfeição de Carmélia e suas finezas, forçosas também, à fidalguia de ã coração verdadeiramente rendido entendia agora, que após ter mostrado, com tão eficaz prova, aquele amor e aquela fidalguia era já¹²⁴ descortesia e atrevimento e digno de castigo grande. E de todo se persuadia, que Vasperaldo o devia querer ver livre à sua instância, para que descarregado das obrigações da liberalidade antiga, de cujas histórias, Pleonido então lhe dera conta, lha pedisse daquela sua nova romaria. Coitado deste pobre homem, que estava estilando o juízo em parafusos e sutilezas, ora salvando, ora acusando os procedimentos daqueloutro e tudo a respeito do decoro não só da pessoa, mas da decência de Carmélia, quando ela só por cuidar nele, só porque lhe doía vê-lo preso, só porque lhe tardava o remédio, que lhe procurava, andava magra, descorada, rabugenta e malencônica.

Eram forças de encantamento, é verdade, porém assi como elas lhe não tiraram o conhecimento de ver que não lhe cumpria casar-se com ele e se queria fazer freira, como dissera a Fidélia, folgara eu que lhe ficara também para entender que não era razão tomar a Dom Duardos para instromento da saúde alhea e da morte própria. Não sei o que digo, nem que imaginação me arrancou da boca [167] estas palavras! Perdoem-mas os amigos de Carmélia, ou me guardem o castigo, para quando ela livremente estivesse¹²⁵ em seu livre alvedrio.

¹²³ A: duas piores noites / C: e pior noite

¹²⁴ A: era já / C: era já mais

¹²⁵ A: estivesse / C: deixasse

Por derradeiro, chegaram entre tanto as horas de se abrir aquela porta, abriu-se e entrou por ela Florislao, armado de suas armas, sem elmo na cabeça e com os braços abertos. Assi o recebeo Dom Duardos, mostrando-lhe o amor, que verdadeiramente lhe tinha. E depois de se abraçarem e passarem algũas palavras de comprimento e cortesia, recebeo o Cavaleiro dos Malmequeres a Trogônio, que também tinha entrado descorado, mas não porque fosse maltratado. E saindo-se enfim a outra casa, acharam a duquesa, a quem Dom Duardos fez melhor rosto, do que ela cuidava e não lhe consentio, que lhe falassem em cousa algũa das passadas, antes lhe perguntou por Tesbília e lhe disse, que a queria ver e despedir-se dela. E porque a outra não se atrevendo a vê-lo, não quis aparecer ele lhe deixou empenhada sua palavra pela tia, de que a serviria no que pudesse, com tão boa vontade, como a experiência lhe havia mostrar. Tudo isto eram milagres de Carmélia, que com levantar o desterro, ressuscitou nele aquela humanidade, àquela modéstia, que por natureza tinha. E deixando grande satisfação de si àquelas senhoras e grande arrependimento¹²⁶ do passado, tendo-lhe Florislao [168] prestes dous cavalos, os melhores, que se puderam haver. Pôs-se neles com Trogônio e por aquele silêncio da noite, juntamente com o mesmo Florislao e Pleonido, se foram daquele lugar, onde estivera mais à sua vontade, que em todos, os que habitara, depois que partira de Constantinopla, pela sua solidão e aperto.

Apearam-se não mui longe do castelo para passarem o que ficava da noite e depois que amanheceo, tornaram a caminhar, indo Dom Duardos cada vez mais satisfeito do termo de Florislao, ao qual perguntou quem era, alegrando-lhe o estar também conhecido dele e o mimo grande, que lhe faria em dizer-lho, do que Florislao se escusou, afirmando-lhe, que sem quebrar certa palavra, que tinha dado, o não podia fazer, mas que se chegassem a Constantinopla, que ali o saberia brevemente.

Não o quis apertar mais Dom Duardos, nem detreminava chegar com ele àquela parte¹²⁷, por que sua companhia lhe não fosse de embaraço, ao que lhe quisessem mandar. E indo vacilando no modo, por que o despediria de si, ofereceo-lhe o caso melhorado, do que se pudera desejar e foi que havendo já dous dias, que caminhavam juntos, ao terceiro encontraram ã escudeiro, que vinha chorando a mui apressado passo e parando junto com eles, lhe disse:

— Se em vós, senhores cavaleiros, são as obras, quais as pessoas, tanto folgareis de me encontrardes, quanto eu de me encontrar convosco, [169] pois não dão menos

¹²⁶ A: arrependimento / C: arrependimento nelas

¹²⁷ A: parte / C: corte

gosto os socorros dos miseráveis, a quem os faz, que a quem os recebe.

— Escudeiro, lhe disse Dom Duardos, dizei-nos vossa necessidade, com menos palavras e querei antes ser socorrido; do que julgado por discreto, com perigo desse mesmo socorro.

Pareceo-lhe a Florislao, que conhecia o escudeiro e não afirmava mal, porque aquele era, o que acompanhava a donzela de Trácia, a quem ele tomara as armas, que Dom Duardos levava vestidas, o qual lhes contou, depois de lhe dizer quem era, que tornando de Constantinopla sua ama, com reposta de el-rei Floriano para sua molher, da embaixada, que lhe levava, aquele mesmo dia, não havia muitas horas, quatro descompostos cavaleiros a saltaram e lhe queriam fazer força, de que a pobre donzela se ficava defendendo, com lágrimas e com gritos. E que ele fugira, porque os cavaleiros por ele os repreender, lhe quiseram por as mãos e mandaram a dous escudeiros, que só traziam, correr trás ele e que havia pouco, que o perderam de vista.

Disse então Florislao a Dom Duardos:

— Assi senhor, porque esta empresa é pequena para vós, como porque eu possa fazer algũ serviço àquela donzela em satisfação do pesar, que já lhe fiz, de que vós me fizestes fazer já penitência, vos peço, que me deixeis ir a socorrê-la; [170] porque as cousas do mundo, não sucedem sempre como homem as deseja, se nesta demanda me acontecer algũa, que me detenha, segui vosso caminho embora e fazei-me mercê de me dar estas cartas a Dramosiando, ao qual eu as levava, porque lhe importam.

Então tirando ã maço delas, que Daliarte lhe dera, lhas entregou. Porque a pressa da donzela não sofria dilações, abraçando-o e pedindo-lhe licença, se foi, com o escudeiro, com muito apressado galope e assi era necessário, para chegar a tempo. Dom Duardos seguiu seu caminho, quieto pelo que tocava à donzela, tendo bem conhecido a Florislao e contente de se ver sem ele, para o não impedir, assi na contemplação de suas cousas, como na execução do que lhe ordenassem. E o que a ã e a outro sucedeo, nos irá mostrando a nossa história.

Capítulo 18

Do que succedeo a Dom Duardos e Florislao, depois que se apartaram ã do outro.

Apartados Dom Duardos e Florislao, [171] pelo modo, que no passado capítulo fica escrito, seguindo ã, ao escudeiro da donzela, que o guiava e outro a inquietação vária dos confusos pensamentos, que o levavam, assi como os caminhos foram diferentes, também os sucessos não difiriram pouco, porque Florislao não tendo andado muito ao passo, que levava, vio a donzela sentada junto de ãa árvore; rodeada dos quatro cavaleiros, que postos a pé, com os elmos na mão, lhe estavam rogando, que com sua eleição, quisesse acodir a dúvida em que todos estavam, querendo cada ã deles ser o primeiro, que lograsse o fruto da honrada façanha, que tinham intentado. E tão imbebidos estavam naquela negociação, que não sentiram o rumor dos cavalos, senão quando já o cavaleiro estava tão perto deles, que pudera facilmente colhê-los com a lança em descuberto, ou a algũ pelo menos; porém Florislao, que armados os estimava pouco por sua vileza, deixou-os enlaçar os elmos, muito de seu vagar e tomar os cavalos, parando o seu sem lhe dizer palavra.

E para que nos não detenhamos em golpes ele com poucos os apertou trás isso de maneira, que vendo dous deles, que ainda ficavam a cavalo, que não teriam remédio contra tamanho inimigo ensinados da necessidade engenhosa, deceparam-lhe [172] o seu cavalo e posto que ao cair, lhe levou ãa perna debaixo, com que se não poude desembaraçar tão depressa, contudo aqueles homens não querendo experimentar mais a fortuna, ainda com aquela ventagem, sem curarem dos companheiros, que deixavam estirados no campo, nem de se vingarem de quem os assi parara enquanto Florislao estava trabalhando por se sair daquela prisão em que o seu cavalo o tinha eles, mataram os dos companheiros, para que os não seguisse.

Tomaram a donzela à vista de quem a defendia e pondo-a diante de si, o que mais são estava, foram-se correndo, por entre aquelas árvores, que por ali havia, com tamanho pesar e paixão de Florislao, que lhe rebentara o coração de todo, se tardara em poder segui-los; mas Dalispro, o escudeiro da donzela, acodindo-lhe naquela pressa, tiraram-lhe o impedimento, que o detinha e pondo-se ele, ainda que não muita¹²⁸ são da perna em ã dos palafréns e os escudeiros ambos no outro, seguiram o caminho, que os cavaleiros levavam.

¹²⁸ A: muita

E ou que a justiça divina não quisesse, que aqueles homens estivessem mais tempo sem castigo, ou que o medo, com que lhe fogiram, se lhe acabasse depressa, cuidando que não poderiam ser seguidos, apearam-se pouco apartados [173] do lugar, de que partiram, assi para se curarem de algũas feridas, que levavam, como para se desembaraçarem daquela donzela, que o desejo de sua desonra, os levava igualmente inquietos, do que Florislao o ia, para a livrar deles. Assi que a maldade e a virtude de ãa mesma maneira estimulava, porém tiveram aqueles homens, o castigo, que mereciam, nas mãos de Florislao, que chegando a eles a tempo, que queriam começar a execução de suas danadas tenções, lhe cortou a ambos as cabeças, sem nenhũa piedade, com que acabou de assegurar aquela pobre donzela, do trabalho em que se vira e a si próprio, do receio, que tivera, de lhe parecer, que lhe não poderia acodir a tempo.

Chegaram logo os escudeiros e o palafrém, de que a donzela se tinha deixado cair também, que se viera após eles, que não foi pequeno socorro. E depois de estarem todos sossegados e contentes, Florislao disse à donzela, conhecendo-a claramente pela da rainha da Trácia:

— Ainda senhora donzela, que as armas que vos tomei, se empregaram na pessoa, a quem seu dono de melhor vontade as dera e de que eu fiz já maior penitência, do que foi a culpa, todavia, vivera sempre triste, se a fortuna [174] me não dera ocasião de vos poder fazer algum serviço e de ele ser tanto a vossa custa, me não pode pesar munto,¹²⁹ porque assi cuido, que o estimareis vós em mais. Vede se há algũa outra cousa, que por vos servir faça, que se bem me não releva pouco chegar a Constantinopla com brevidade, de muito boa vontade vos acompanharei até Trácia, se vos parecer que convém a vossa segurança e sossego.

Não conhecera a donzela a Florislao, posto que estivera menos perturbada, se ele se lhe não nomeara por aquele modo e estando-o ouvindo, com grande gosto, como vio que parava, respondeo-lhe:

— Perdoe-me a rainha minha senhora e el-rei seu marido, senhor cavaleiro, se eu confessar, que é de muito maior estimação para mi, a mercê, que me agora fizestes, do que foi o agravo, de que me tenho queixado de vós, ao mesmo rei e a todos os mais cavaleiros daquela corte. Porque entendo, que não deixará de produzir algum fruto, assaz azedo em seu ânimo este meu queixume em satisfação do benefício, que de vós tenho recebido, quero voltar convosco a Constantinopla e dizer lá, o que por esta causa

¹²⁹ A: pesar munto / C: pesar

vos devo, assi como já disse, o que pela outra, vos devia.

Agradeceo-lho Florislao, que não [175] folgou pouco, com aquilo e respondeo-lhe:

— Pelo menos senhora, tirareis deste caminho entregardes na mão de vosso amo a pessoa, que o desservio, porque eu vos prometo que me deixe guiar de vós até seus pés.

E com isto pondo-se a caminhar, aconteceu-lhes antes de chegarem à cidade, o que a diante diremos.

E tornando a Dom Duardos, diz a história, que depois que Florislao se apartou dele, caminhou para Constantinopla, ãs horas tão outro do que soía, que ele se não conhecia a si mesmo; porém outras, tão senhareado de suas imaginações antigas, que não ousava, não digo eu já Trogônio, mas nem ainda Pleonido, a cometê-lo. Quando cria que Carmélia, que lhe escrevera, que lhe lembrava o seu nome, que o chamava, fosse para o que fosse, praticava, perguntava, ouvia e respondia, granjeava o enano e lastimava-se com Trogônio dos sucessos¹³⁰ passados de suas aventuras; porém quando a desconfiança tornava a ganhar força, fazia recuar¹³¹ aqueloutros efeitos, de maneira, que foram muitas as vezes, que esteve de todo para torcer as rédeas ao cavalo e tomar outro caminho, parecendo-lhe, que nem a letra daquela carta podia ser de Carmélia, nem de Fidélia a do escrito.

Passava pela memória [176] as cousas do mundo, a invenção das gentes, a malícia¹³² humana e parecia-lhe, que podia ser aquilo ordem da princesa Polinarda sua mai, que desejosa de o ver, buscaria aquele meio, de o fazer ir.

E também lhe não deixava de lembrar as artes de Drúsia Velona, temendo-se ordenaria ela aquilo, para que fazendo-o torcer da fé e obediência, que devia às ordens de sua senhora, ficasse acreditando mais as fidalguias de Albaizar.

E com estas imaginações, chegava a termos este pobre homem, que até o próprio Pleonido, julgava por ministro da mesma Drúsia, ou de outro espírito assi como o seu, não cuidando que realmente era, o que lhe parecia.

E afligido destes pensamentos, tirava a carta e o escrito da algibeira a cada passo. Agora lia o escrito, agora a carta, agora chamava o enano e lhe fazia as mesmas perguntas, que pouco havia que fizera, para ver se podia colhê-lo em alguma palavra, que

¹³⁰ A: sucessos / C: excessos

¹³¹ A: recuar / C: recusar

¹³² A: a malícia / C: a sutileza da malícia

lhe causasse dúvidas pelo menos.

Triste de Dom Duardos, que estudava, com esta curiosidade, que ouvis, para achar razão de não crer, aquilo em cujo crédito a sua própria vida consetia. E assi atochado entre seu temor e seu desejo, vinha a soltar em lágrimas e suspiros, aquela [177] nuvem, que lhe ofuscava o juízo, para que não lograsse, pelo menos sem escrúpulos, ã gosto, que para qualquer outro ânimo, não deram lugar os alvoroços, aos mais bem fundados sobressaltos.¹³³

— Que é isto Dom Duardos (dizia ele) que fantasias são estas? Com dispensações duvidosas, quereis vós atropelar afeições tão certas? Eu ouvia a Carmélia e conheci-lhe a vox, dizem-me que esta letra é sua e não lhe conheço a letra. Mas vamos enfim, que impossível será que esta jornada não remate com a vida. Este cuidado fará vingança a morte dos enganos, quando acaso os houvesse nesta carta. E se ela em tudo fosse verdadeira, o duplicado golpe, que me espera, não deixará vida para mais dúvidas.

Tornava outra vez, sossegadas estas paixões, brando e tratável, a conversar, com Trogônio e Pleonido, como se de todo estivera fora delas. Perguntava por seus amigos ao enano, informava-se dos exercícios em que se entretinham, fazia suas instâncias e dúvidas, ao que se lhe oferecia e mostrava deleitar-se nas histórias de Vasperaldo, como nas mais peregrinas cousas, que ele ouvira. Lastimava-se da roim fortuna de Daraja, pelo tempo, que estivera em sua casa entendendo, que não fora voluntário aquele modo de vida, que escolhera.

Desejava conhecer a Braciliano, [178] e ria-se às vezes consigo, dos ciúmes, que Primaleão tivera dele e julgava-o pelo mais bem aventurado homem do mundo, pressupondo, que não seria possível deixar o emperador de o casar com Fidélia, a cujas partes e calidades, sem ofensa de suas idolatrias, dava o lugar, que verdadeiramente mereciam.

Não cansava de ouvir as súbitas mudanças de Dom Floris, a quem era em extremo afeiçoado, porque conhecendo-o pelo melhor cavaleiro, que encontrara e não lhe tendo nenhuma inveja por isso, ficava-o amando por aquelas e pelas outras boas partes, que nele concorriam. Tinha grande dó dele, antes das suas entregas, não deixando de confessar contudo, que no seu sojeito era mal empregada a liberdade, mas receava, que sua natureza o não deixasse enfim ser tão perfeito naquilo, como no mais era.

¹³³ A: ânimo, não deram lugar os alvoroços, aos mais bem fundados sobressaltos. / C: ânimo trazia concluída em sim tanto

Pesava-lhe muito do roim termo de Palmeirim seu primo, com aquele cavaleiro, temendo, que fosse causa de algũ mal grande entre todos os homens daquela conversação, porque ainda que Dom Floris por estado, não pudesse fazer concorrência a Palmeirim, contudo, por pessoa e por circunstâncias, seria forte empresa o ofendê-lo em matéria de sua honra estando particularmente declarados por ele os reis de França e Espanha, o de Nápoles e o de Sicília, [179] que era o melhor de toda a Europa e o de menos importância, que eram as brigas particulares, não folgaria ele de ver entre Dom Floris e seu primo e assi se dava pressa para chegar a tempo, que pudesse estorvar algum perigoso rompimento, que conforme ao que Pleonido lhe contara ele tinha já por certo que haveria, quando já não tivesse acontecido. Não devia saber o dito Pleonido que a causa daquela desavença eram ceúmes, que, se o soubera, não o calara como o mais e, dizendo-o, não cuidara Dom Duardos na composição, porque pelas sombras que a recaída de Albaizar lhe causaram, tinha entendido que o ferro e fogo eram médicos sós¹³⁴ daqueles males.

Cresciam com a vizinhança da cidade, que já não era mui distante, estas perturbações cada vez mais e por sem dúvida tenho que não deixara de tomar algũa estranha resolução, se estando já a ã só dia de caminho dela, não lhe tendo até então acontecido cousa que de contar seja, não encontrara ãa aventura que o fez resolver de todo em crer a sua carta e ir por diante, como no capítulo próximo veremos.[180]

¹³⁴ A: médicos sós / C: mediações

Capítulo 19

Do que succedeo a Dom Duardos e Florislao, apartados ã do outro e de ãa aventura que veio à corte.

Do modo que temos dito, caminhava Dom Duardos, senão quando, achando-se a ãa só jornada de Constantinopla, fazendo de novo reflexão sobre a mesma matéria de suas dúvidas, ofereceu-se-lhe escrever dali a Fidélia e comonicar-lhas para que o aconselhasse nelas. E estando para o fazer, tornou a cuidar que duvidar¹³⁵ nos atos da obediência seria porventura julgado daquela princesa (se era verdade que ela lhe escrevera) por dúvidas de sua fé e tornava atrás, com a mercê de chamá-lo e se fosse, ficava sendo mercê, a que o levava.

Como não podia mandar outrem a sabê-lo, senão ao mesmo ministro que lhe trouxera a carta, que tantas quantas vezes o mandasse, tantas tornaria a enchê-lo de vento e de fumo, se aquilo o era, pelo que escusando aquela diligência, deixou-se ir com tenção de parar em ã mosteiro de frades, que estava meia légoa da cidade e confessar-se ali e encomendar-se a Deus e determinar-se [181] trás isso no que havia de fazer.

E tendo caminhado tanta parte do dia quanta bastou para chegar à vista daquele convento, que era de poucos religiosos, situado em ã vale, apartado da estrada, solitário e saudoso, antes de se desviar dela para tomar o caminho que ia para o convento, sentio que, do mesmo convento, vinham a buscar aquela estrada e como com a espessura das árvores e pelo modo do sítio, se não podia ver ninguém até que saísse ao largo, deteve-se Dom Duardos para saber como lhe convinha obrar no que quer que aquilo fosse.

E não esperou muito, sem que visse desembocar, por aquele carreiro que entre uns valados cubertos de murtas, segação e madressilva se fazia, ãa donzela acompanhada de dous escudeiros, com cada ã seu lio e portamanteo diante. Vestidos eles e ela, de nova e estranha maneira para aquela terra, no que mostravam ser estrangeiros dela. E emparelhando com Dom Duardos a donzela, o saudou cortesmente em língua grega, mas mal pronunciada. E perguntou-lhe trás isso se era tão perto dali à cidade, como no mosteiro lhe disseram, porque o desejo que trazia de chegar e os enganos que cada passo naquela matéria lhe faziam, a não deixava crer a boa nova, que lhe tinham dado. [182]

— Se vos disseram (respondeo ele) senhora donzela, que era muito perto daqui a

¹³⁵ A: que duvidar / C: e duvidar

Constantinopla, podeis crê-lo, que assi o faço eu também pelo que ouvi, mais que pelo que sei.

— Segundo isso (lhe tornou ela) todos aqui samos¹³⁶ estrangeiros. E pois assi é, se ides lá, convido-vos para ãa estranha aventura, que àquela corte levo, com que espero que se acabará outra, que nela inventou o diabo, para consumir o mais excelente príncepe e o melhor cavaleiro deste tempo.

— Sou tão estrangeiro aqui por ora (acodio ele) que não sei que aventura seja essa, nem de que príncepe. E se me chamáreis para cousas de vosso serviço, tivera mor pejo de me escusar, do que agora o faço, pois para as de meu gosto sou convidado, o qual trago tão aborrecido há dias, que nem ã tão pequeno caminho farei por amor dele.

E despedindo-se ã do outro, a donzela caminhou para a corte e ele para mosteiro, donde sem outra algũa preparação se detreminou em avisar a Fidélia de sua chegada, porque na conformidade do que lhe ela tinha escrito, se tivesse licença para entrar na cidade, de nenhũa maneira queria deixar de se achar naquela aventura, temendo que se lhe antecipasse alguém na prova e resolução da outra, que bem entendo, posto que dissimulasse porque não podia ir, que [183] pela Casa do Amor e por Albaizar, lhe dissera a donzela o que ouvistes. E assentando nisto, chegou ao mosteiro, apeou-se entrou na igreja, que lhe pareceo devota e cheirosa em extremo. E depois de fazer oração, tornou-se a sair para fora e despachou Pleonido, que morria já porque tardava em ir ver Fidélia e pedir-lhe alvíssaras do bem que tinha servido.

Foi enfim, mas por mais pressa que se deu, já achou a corte toda revolta com a chegada da donzela e o ânimo de Carmélia, mais revoltado ainda pela mesma causa.

E para que não passemos mais adiante sem dar razão disto, é de saber que a sábia Milênia, sobrinha da sábia Drúsia, vendo a sua tia presa, Albaizar encantado, Daliarte contraposto a suas detreminações e intentos, Targiana quieta, sua filha afeiçoada a seu marido e a ele também namorado, com o que, nem dos conhecimentos da tia, nem das sutilezas próprias, nem das forças alheas se podia valer para a soltura da parenta, para o remédio de Albaizar, para a satisfação de sua dor, para a vingança do comum de sua Lei, tinha perdido o sono e o repouso, perdida a saúde¹³⁷ e o gosto de o ver e perdera depressa a mesma vida, se lhe tardara a esperança de ruinar o mundo.

Com que finalmente, no cabo de vários e continuados [184] colóquios e discursos, que com seus ministros tinha, lhe revelou um daqueles espíritos, com que

¹³⁶ A: samos (sic)

¹³⁷ A: saúde / C: saudade

tratava, que Daliarte, cansado do contínuo estudo ou salteado dos acidentes da idade, caíra em ãa doença natural, de que naturalmente se curava e que estava tão apertado dela, que não lhe seria de impedimento por muitos dias.

E por outra parte mostrou-lhe também como Carmélia, ocupada toda dos efeitos daquela força secreta e violenta, com que seu próprio tio a quis obrigar para mandar vir a Dom Duardos, com os intentos que temos visto, se não só de suas jóias e galas, mas também algũa vez de si mesma, aconselhando-a juntamente que se valesse do descuido de ã e do cuidado do outro, furtando a Carmélia o anel, que lhe o tio dera, para a preservar¹³⁸ dos desastres dos encantamentos que não fossem feitos por ele e agravando de modo que pudesse a doença do sábio piorar com excesso ou dificultando-lhe¹³⁹ a saúde pelo menos. E que isto assi feito, ordenasse algũ embuste e maranha com que, quando se não pudesse soltar Albaizar, se prendesse Carmélia e tudo o mais que naquela corte houvesse.

E filosofando sobre o que seria mais a prepósito, vieram a ordenar ãa bem perigosa e cruel aventura para aquela gente. Forjaram ãa quantidade [185] grande de cadeas ou bandas, todas de ãa mesma maneira e feitio, de matéria não conhecida, compostas de modo que infundissem sono mortal em quem as pusesse, à hora, que o autor daquela maldade lhe parecesse. E a traça foi que as mandassem à corte, por ãa donzela prática, apresentá-las ao emperador da parte do mesmo Daliarte, com intento e esperança que, fazendo eles o que lhe dissessem, colherem a todos na Casa do Amor e nela soltar a virtude às bandas para que obrassem, com o que caindo todos, seguramente cortassem as cabeças aos que quisessem e levassem o que lhe parecesse à vista de toda a cidade, porque como no sítio e casa não podia entrar alguém que impedisse aquela execução eles pelo ar depois dela feita, se tornariam seguramente com a presa que quisessem, vindo assi a valer-se da indústria e saber de Daliarte para ofensa mortal de toda sua geração.

Ordenado isto e posto em perfeição, furtou-se o anel a Carmélia, que o não trazia consigo, como lhe encomendaram e dobrando-se os acidentes ao pobre Daliarte, trocando os ministros de Milena certas ervas ao boticário com que se curava, mandaram, com o presente das bandas aquela donzela, que Dom Duardos encontrara, à corte, a qual era irmã da própria Milênia em sangue e inclinação. [186] E assi desejosa de efetuar o de que lhe tinham dado parte, tanto que se apartou de Dom Duardos,

¹³⁸ A: perzevar / C: preceverar

¹³⁹ A: sábio piorar com excesso ou dificultando-lhe / C: sábio indifcultando-lhe

caminhou sem se deter até chegar à presença do emperador, que estava rodeado de toda a corte, que ali tinha em casa da emperatriz, de quem fora convidado aquele dia para ã torneio de moços fidalgos, que se havia de fazer e acabar com serão exercício que então era mais desejado de todos pela comodidade de verem e falarem às damas, por cujo interesse não faltava ninguém naqueles atos. Impetrada pois licença a embaixadora, que com dizer que era de Daliarte, se lhe deu com alvoroço e cuidado, disse:

— O sábio Daliarte, que nunca tira o sentido desta casa, beija vossas reais mãos e vos faz a saber que não é culpa dos cavaleiros, nem das damas que provaram a aventura da Casa do Amor, não a acabarem, porque quem a fez, a compôs de tal maneira, que sem certas circunstâncias, que não é obrigação terem os homens, nem as molheres, fora impossível ver-lhe o cabo, mas que ele, assi porque estes reis, que aqui agora são presentes, se não vão sem terem o gosto de a verem acabada, como também por vos livrar a vós deste desejo estudou tanto que veio a alcançar o modo de que se lhe dará fim. E manda-vos [187] dizer, que assi damas, como cavaleiros, postas ao pescoço estas bandas que aqui trago (tinha ela tirado já ãs bocetas assaz curiosas à vista em que as trazia) entreis a um e um, como já fizestes, naquela casa e que lá espereis, sem fazer diligência algũa pelos mais e depois de estares todos juntos, que então cada ã per si suba os degraos e vá lançar a banda, que leva, ao pescoço do Amor. E o que o puder fazer, ou seja cavaleiro, ou donzela, tem acabado a aventura, de que se seguirá a liberdade dos presos e o fim, que há tanto que se deseja. Afirmando-vos mais que não faltará na companhia quem ficando afora a honra, com o interesse, que nas letras de um padrão, que lá aparecerá de novo, se declarará.

Com estranho contentamento e alvoroço, deixou a conclusão daquela prática os ouvidos de todo aquele ajuntamento. Carmélia, que sempre estava junto com Fidélia, lhe disse logo à orelha:

— Louvado seja Deus Fidélia, que posso ter inteiro o gosto da soltura daquele coitado. Por vida vossa, que se vós fordes, como eu cuido, a que acabeis a aventura e lhe falardes primeiro, que lhe digais da parte de nós todas, a lástima, que eu só lhe tenho.

Fidélia, que estava enfadadíssima, com aquele caso, por ver atalhado a Dom Duardos, ã meio tão eficaz de seu [188] remédio, respondeo-lhe:

— Bofé Carmélia, que não tinha eu agora outros cuidados, senão andar em provas de aventuras, nem pondo ao pescoço joias de tais ourives. Vão lá os cavaleiros, que é seu ofício e acabemos já com cousa tão importuna.

Estranha força era a que oprimia a Carmélia. Triste dela, que sendo tão soberba e tão ufana de sua fermosura, como vo-la temos pintado, muitas vezes não cuidando que nascera alguém no mundo como ela em alguma idade, agora posta em ãa aventura que havia de acabar a mais fermosa, sentio tanto dizer-lhe Fidélia que não queria prová-la, parecendo-lhe que faltaria a Albaizar a liberdade, que sem se poder ir à mão, lhe caíram as lágrimas pelos olhos em que não atentou ninguém, com o alvoroço com que todos iam recebendo as bandas que o emperador já repartia, tendo-as cobrado da donzela. E com esta agonia, lhe respondeo:

— Jesus, Fidélia, quem tal cuidara! Pobre de mim, que me atrevo a sofrer a morte, porém não em verdade o serdes vós causa dela. Jesus outra vez! Jesus minha e minha senhora! Que é o que vos eu tenho feito, para me matardes assi? E já que me queirais matar, que vos fez aquele homem, para lhe tirardes os anos da sua vida? Quem, se vós não provardes a aventura, há de acabá-la? [189]

Ia Fidélia a responder-lhe braba, como ãa leoa, mas atalhou o emperador, que as chamou para lhe dar as bandas, porque queria que todas o acompanhassem a ir provar a aventura. Tinha ele já a sua ao pescoço e dizia rindo que se sentia tão esforçado com ela, que seria impossível haver outrem que se lhe adiantasse naquela prova. Foram as princesas a receber aquelas novas e perigosas prisões e tornando-se a sentar cada ãa com a sua na mão, pareceo-lhe a Carmélia, cujo coração não sossegava, que via de roim humor a Valerisa e disse para ela:

— Parece-me Valerisa que estais triste, porque não é essa vossa cadea tão boa como a minha, se me peitardes, trocá-la-ei convosco.

E Valerisa, que estava com um trabalhoso pensamento acerca daquela novidade, lhe respondeo:

— Bem sei eu Carmélia, que me peitareis vós a mi, por vos tomar a cadea, se é melhor, porque deveis de não querer mores favores, que os da natureza, para entrar neste perigo. E já vejo quanta razão tendes de reputar por injúria da vossa perfeição, o acompanhá-la com arte vosso tio. Mas são cousas de encantamentos, a que não há senão encolher os ombros; porém não era inveja a minha malencolia, senão ã escrúpulo que me chegou desta donzela e quero comonicá-lo convosco e com Fidélia [190] para me dizerdes o que vos parece. Bem estais lembradas das letras do padrão que está diante da Casa do Amor e todos sabemos que é Daliarte o autor desta máquina e juntamente sabemos também todas que não se pode entrar naquela casa gente junta. Esta mulher diz agora que nos juntaremos lá todos para estas provas e o que me dá mais em que cuidar é

que disse da parte do mesmo Daliarte, que estudara tanto até que viera a alcançar o fim da aventura, como que não fora ele o autor dela e aponta caminho novo, contra o que nas letras do padrão está escrito. Eu não sei, digo-vos em verdade, que não me quieta o coração.

Não esperou Carmélia que Fidélia respondesse, que logo lhe disse:

— Pouco há Valerisa, que vós dissestes que em cousas de encantamentos, não havia mais que encolher os ombros. Meu tio, que é o autor disto, não há de procurar o dano desta casa. Vamos de bom ânimo a ver as novidades daquela, que tudo passará com maior gosto.

Já a este tempo, o emperador emperatriz e mais princesas e cavaleiros estavam em pé para partirem para o terreiro, porque os ministros de Milênia por a servirem a ela, não cessavam de invencivelmente moverem os corações de todos para aquela empresa, ainda que as horas não eram muito para tanta detença, se bem todavia, as tardes eram grandes. E [191] assi levados daquelas fúrias, deixando os conceitos de Valerisa sem reposta, se foram aonde lhes aconteceu o que no próximo capítulo vereis claro.

Capítulo 20

Do que mais aconteceu àqueles cavaleiros na corte e de como Florislao entrou nela.

Depois de toda aquela gente estar em pé e começarem a andar para o terreiro, pareceo todavia ao emperador e aos mais daqueles reis e cavaleiros que seria melhor guardarem para o seguinte dia aquela festa, assi pelos acertar de tomar a noite nela, como para que a festejassem com sol novo. E resoltos nisto, recolheo-se cada ã a sua pousada a concertarem armas e toucados.

Pleonido, que entre tanto alvoroço não teve lugar até então de falar a Fidélia, nem quisera também mostrar-se-lhe à vista de gente para que ela sem embaraço algum ordenasse o que lhe parecesse no negócio que tinham entre mãos, tanto que soube que as princesas se tinham ido cada ãa a sua [192] casa, como sabia as portas e tinha as entradas, apareceo a sua ama a tempo que ela o estava acusando a ele, ou de perguiçoso, ou de mofino, descontente em forma da roim fortuna de Dom Duardos e receosa que Carmélia metesse em desgosto aquela corte. E ponderando também o que ouvira a Valerisa, não assentava naquilo, nem deixava de lhe dar cuidado, achando razões para tudo. Festejou a Pleonido, que estava diante dela de gíolhos, mas porém com menos alvoroço do que fora, se aquela fingida donzela não tivera vindo à corte.

E todavia informada do que lhe tinha acontecido e do lugar em que ficava Dom Duardos, começou a entrar em pensamentos do que havia de fazer, porque ela tinha por cousa averiguada que Carmélia, persuadida já da soltura de Albaizar por meio das bandas, não quereria vir no que tinham concertado de Dom Duardos. E tomar ela à sua conta fazê-lo entrar na cidade, sem consentimento novo de Carmélia, não entendia que era cousa que lhe estivesse bem; mas antes que se resolvesse lhe entrou pela porta a mesma Carmélia, que a vinha persuadir as cousas em que naquela tarde praticaram e dando de rosto com Pleonido, apressou-se a ganhá-lo em perguntar-lhe como vinha, com melhor sombra e mais palavras [193] de contentamento do que sua ama lhe dissera, de que Fidélia fez pouco caso, parecendo-lhe leviandade nascida do gosto das vésporas daquela festa que esperava solenizar ao outro dia.

E depois que o enano lhe respondeo a algũas perguntas que lhe fez Fidélia, o mandou esperar fora para falarem e ficando sós, primeiro que tudo, lhe disse:

— Vi-vos tão alegre com Pleonido, que me parece que sospeitais que não traz ele a Dom Duardos, ou que quereis se o trouxer, torná-lo a mandar ser beguino, para

que a sem razão seja maior.

Rio-se Carmélia ao beguino e respondeo-lhe:

— O conto ainda vai por diante,¹⁴⁰ porque nenhũa cousa depois da vinda desta donzela de Daliarte, pudera ser que tanto me alegrasse como vir Pleonido, porque entendo que traz consigo a esse homem, ao qual vos rogo que mandeis logo dizer, conforme ao que já temos assentado, que venha e prove a aventura amenhã muito cedo, ou ainda hoje se está em parte para isso, porque como estou segura que a não poderá acabar, não quisera que vos ficara a vós lugar de dizer que acabou outrem a aventura, por ele não ser presente. E ainda vos digo mais, que como Albaizar for solto, lhe hei de dizer que esteja mui embora no regaço de sua mai e de sua irmã, porque ainda que é a cousa deste mundo que mais aborreço, menos me custará vê-lo, que cuidar ele que me lembra para o trazer [194] desterrado.

Pasmada e infiada ficou Fidélia daquela nova maneira de detreminação e dando ã pouco à cabeça, lhe disse:

— Praza a Deus Carmélia, que me leve para casa de meu pai primeiro que vos veja castigada, como merece ingratidão tamanha.

— Não faleis nisso (respondeo ela, morta com riso) Dizei-me que trajo haveis de levar amenhã e seja por vida vossa o mais curioso, que eu espero dever-vos a vós o resgate desta alma que Daliarte me tem cativa.

— Assi o cuido eu, lhe disse Fidélia, que ele é o culpado nessas palavras e por isso vo-las ouço. E pois quereis que venha Dom Duardos, chamemos a Pleonido para lhe dar essa ordem, mas não cuido que já hoje poderá ser a volta.

E com isto fazendo entrar o enano e tornando-o a despedir logo com aquele recado, foram aonde a emperatriz as mandara chamar, com muita pressa, para se acharem presentes a ãa aventura que chegara à sala, pouco depois de elas recolhidas, para que o emperador tornara outra vez a juntar todos.

Mas primeiro que demos conta dela, será forçado tornar a continuar com Florislao, para o que é de saber que ele e a donzela, que tinha livrado da força que lhe quiseram fazer os cavaleiros que matara, caminharam para Constantinopla aquele e o outro dia, sem acharem cousa que lhe impedisse o caminho. E ao terceiro dia, que era o em que haviam de entrar [195] na cidade, indo já mui bem perto dela, toparam quatro cavaleiros que tinham entre si ã velho desarmado, que lhes estava dizendo:

¹⁴⁰ A: O conto ainda vai por diante / C: O conto disso passa

— O corpo senhores aqui o tendes, para fazer nele o que vossa pouca cortesia vos ensina e meus muitos anos vos consentem. O mais que me pedis, nem eu vo-lo entregara se o tivera, nem seu dono o arriscara comigo a estes sucessos de que sempre foi o mundo cheio.

Tinham-no dous deles pelos braços e os outros o buscavam e com menos respeito do que sua pessoa grave e cãs reverendas requeriam.

Chegou Florislao depressa, que logo lhe pareceo que era negócio aquele, que havia mister sua ajuda e servio quanto ao primeiro de soltarem ao pobre velho os que o tinham e buscavam, fazendo-se prestes para ofender, a quem ainda até então não tinham ouvido. Mas estes são os primeiros castigos da maldade, que nunca quem a obra fica tão quieto em si que deixe de temer e recear tudo o que não vê, nem ouve.

Mas Florislao que vio o velho solto e a eles postos em postura de justar e de fazerem batalha, antes de entrar naquele jogo, quis saber a causa da força que se fazia àquele homem, porém os quatro já assegurados já de que não era mais que ã o que os acometia e assegurados também do primeiro movimento e sobressalto, deram-lhe por reposta, tornar ã a pôr as mãos no velho e os três remeterem a Florislao. [196]

Mais ditoso que eles foi o velho naquele encontro, que enfim veio a ficar livre, mortos dous de seus inimigos e os outros tão mal tratados, que não se puderam bolir sem ajuda. Parou em Florislao a fúria ao mesmo ponto que nos cavaleiros a força para se defenderem. E vio, ficando sossegado, o de que até então não tinha dado fé, que era estar Dalispro seu escudeiro de gíolhos diante daquele velho, tendo-o ele abraçado pelo pescoço, os quais vendo também que não havia mais que fazer, foram-se para ele e postos ambos naquela mesma postura, disse-lhe o escudeiro:

— Este cavaleiro, senhor, é meu pai, o modo por que veio a este trabalho de que o livrastes, vos dirá ele, que a mi não me fica língua mais que para pedir a Deus que me dê vida para vos servir a obrigação em que de novo me tendes posto.

Florislao não conhecia a Satiafor, nem Satiafor o conhecia a ele por quem era, porque como Daliarte o mandara com a pressa que temos contado, não lhe disse a ele quando lhe deu o escudeiro, senão que o estimasse por quieto e por entendido e por filho de ã cavaleiro honrado de sua obrigação. E disse ao cavaleiro que houvesse por bem livrado ao filho na companhia em que o mandava, porque dela lhe resultaria a ambos honra e proveito.

E como Dalispro acabou de falar, lembrado Florislao do que o tio lhe dissera, levantou a Satiafor, com muita cortesia e agasalhado, [197] e disse-lhe abraçando-o:

— Por certo que não cuidei que pudesse pagar nunca a Dalispro a companhia que me tem feito, segundo a estimo e ele merece. Mas dou graças a Deus, que em benefício de cousa tanto sua empregamos agora este pequeno trabalho. Folgarei de saber senhor que vos¹⁴¹ trouxe por esta terra e que ocasião houve para estes homens vos tratarem tão mal e se há mais alguma cousa que façamos por vós? Porque assi como de vosso filho, podereis dispor de mim.

— Guarde-vos Deus mil anos, senhor cavaleiro, respondeo ele, que ainda que as obras com que me livrastes sejam obrigação de vosso ofício, do qual vos Deus fez tão merecedor, não ficamos desobrigados por isso os socorridos da dívida em que nos poem o socorro. Dalispro é vosso criado e eu o sou também. O que me perguntais, folgaria de vos dizer pelo caminho da cidade, que já sei fazeis essa jornada, porque qualquer detença minha poderia danar muito, segundo me avisou quem lá me manda.

Puseram-se trás isto a cavalo, deixando aos feridos entregues a seus escudeiros, tomando-lhe Florislao primeiro a palavra de exercitarem a saúde, se Deus lha desse em melhores obras dali por diante. E começando a caminhar, disse Satiafor:

— Eu sou senhor cavaleiro, creado do sábio Daliarte do Valo Escuro, que vós conheceis, o qual depois não muito tempo que vos partistes de sua ilha, adoeceu [198] de ãa gravíssima¹⁴² enfermidade, da qual estando com alguma melhora, tornou a cair em terríveis accidentes. E parecendo-lhe que não poderia convalescer dela, se quis deixar de todo nas mãos de Deus, sem se aproveitar da ciência que aprendeo e sabia, para remédio do que ele cuidava que poderiam ser castigos do ceo. E tratando de se descarregar e dispor para morrer, detreminou de escrever ao emperador Primaleão e a el-rei Dom Duardos seu pai, que mandassem acudir à ilha, aonde tem em ã mosteiro a emperatriz Vasília e outras senhoras veúvas, que ficaram do cerco de Constantinopla, não entendendo que convinha estarem ali sós, sem ele que as servia e amparava com sua pessoa e assistência. E querendo também queimar alguns livros de que teria mais escrúpulo, posto que o mal que padecia, lhe não dava lugar para entender em cousa alguma, contudo, como era com temor de cair em outros males maiores esforçando-se, mandou-me a mi que lhe levasse certos papéis de que me deu a chave. Livre-nos Deus senhor cavaleiro. Não podereis crer o terremoto e rumor e alteração que houve no ar e na terra, tanto que eu desfechei ã escritório em que os papéis estavam e foi de maneira que caí sem sentido, nem força para me valer. Caíram eles todos. Levantou-se o mar,

¹⁴¹ ¹⁴¹ A: que vos / C: quem vos

¹⁴² A: gravíssima / C: grandíssima

que parecia querer engolir a própria [199] ilha. Daliarte, que vio aquilo, parecendo-lhe que poderia ser impedimento dos inimigos que não quisessem deixá-lo obrar no remédio de sua alma, com ã grande furor, começou a ler por outro livro, que lhe deu ã criado, que consigo tinha, de que se resultou entender que nem aquela alteração era por aquele respeito, nem os acidentes de sua enfermidade naturaes. E acodindo ao meu desmaio, depois que me livrou, me disse que me embarcasse logo no porto, que a ilha tem e me viesse com a maior pressa que me fosse possível a Constantinopla e que pouco antes de chegar a ela, teria ordem sua do que havia de fazer, que não convinha dar-ma logo, por causas que eu não podia alcançar. E tendo eu obedecido ao que se me mandara, sabendo que estava tão perto daquela cidade que hoje entraria nela, vinha com olhos longos, como dizem, aguardando pela ordem que espero. E topando ã escudeiro daqueles cavaleiros, cuidando se porventura seria de Daliarte, perguntei-lhe se me trazia algũ recado? Apartou-se ele de mi, sem me responder e metendo-se nesse mato que nos fica atrás, saíram os cavaleiros ao mor correr dos cavalos a perguntar-me adonde ia? E que ordem era a que esperava? E sobre o que lhe respondi, me trataram como vistes.

Não tinha Florislao ainda aberta a boca para responder [200] a Satiafor, que parara na sua história, quando lhe saíu ao encontro ã cervo correndo tão depressa que a primeira vista fez espantar os cavalos. E chegando-se bem a Florislao, abaixou a cabeça e ali lhe ofereceu ãa boceta pequena, que trazia entre os cornos e um maço de cartas atado em cima dela. Tomou-a e vendo que o sobreescrito falava com ele, abriu aquela primeira capa e achou-se com as cartas que tinha dado a Dom Duardos, quando se despedio dele, para Dramosiando e com ã escrito mais, que lhe dizia que aquelas cartas convinha que ele e não outrem, desse à pessoa para quem iam e que a boceta entregasse a Satiafor com outro escrito que também ali ia para que soubesse o que lhe mandavam fazer dela. E continha juntamente graças de sua liberdade e socorro.

Fez Florislao o que se lhe ordenava, não pouco espantado e corrido de ter largado as cartas. Satiafor leu a sua em que o avisavam que por aqueles primeiros cavaleiros lhe não tomarem a boceta, lha não deram quando partira e que agora se apressasse só sem a companhia que tinha e a desse ao emperador da sua parte. Tudo isto se fez assi, que Satiafor se adiantou e Florislao se foi de seu vagar, cuidando nas cousas do mundo e em quão enterrado vivera a tempo¹⁴³ em que estivera na ilha de Arlança.

Chegou o embaixador de Daliarte, [201] pouco depois que os reis se tinham

¹⁴³ A: a tempo / C: o tempo

apartado, como fica dito e falando ao emperador de quem era conhecido, pelo curar e servir, como na Crônica de Palmeirim se conta ele lhe fez gasalhado e cortesia. E perguntando-lhe como ficava o sábio e a que o mandava após a donzela, que ali tinha sua do mesmo dia, Satiafor lhe deu a boceta, a qual aberta achou o emperador seis bandas, nem mais, nem menos, como as outras que se lhe tinham dado e ãa carta em que o avisava Daliarte particularmente da treição e intentos de Milênia, rogando-lhe, que repartisse aquelas bandas da boceta consigo e com seus irmãos, tomando primeiro as outras, que não houvesse enleio na semelhança e que assi entrassem como detreminavam ao outro dia, sem receio, na casa, para que vissem com seus olhos o efeito da treição. E que depois que se governasse, como lhe ele avisaria, não fazendo entretanto alteração algũa, nem dando conta disto, senão aos a quem desse as bandas; porém que tornasse a juntar logo toda sua casa em sua presença, para agasalharem ã hóspede, que lhe havia de chegar.

Tinha o emperador lida esta carta e feitas as deligências dela, com não pequeno espanto e maravilha de todos os que aquilo ouviram, que foi o príncepe Florendos, Palmeirim, Floriano e Platir, a quem naquele favor [202] preferiam a todos os mais com¹⁴⁴ sua lealdade e serviços mereciam. Esta foi a ocasião com que a emperatriz mandou chamar as princesas. E saindo todas à sala grande, onde o emperador fazia todos os atos públicos.

Antes que ele dissesse o para que as tornara a fazer vir entrou pela porta aquele valente esforçado cavaleiro Florislao, acompanhando a donzela de Trácia, que pouco havia tinha dali partido,¹⁴⁵ airoso e bem posto no chão, levando trás si os olhos de toda a casa. E posto que não deixou de fazer algũa alteração em seu ânimo, aquele nobre e nunca dele visto ajuntamento, todavia ensinado já do que vira e melhor de sua natureza, com continente entre torvado e desenvolto, se chegou ao emperador e pondo-se de gíolhos, lhe disse pedindo-lhe primeiro a mão para lha beijar e negando-lha ele conforme a seu costume:

— Sou enviado senhor, a ã cavaleiro que está nesta casa e quisera dar de mi satisfação a outro. Peço a Vossa Majestade que me queira dar licença para que faça ãa e outra cousa e que me aconselhe também o por onde hei de começar, porque o ser eu estrangeiro e ser Vossa Majestade o que é, me escusa de outros preâmbulos e rodeos.

Contente ficou o emperador do cavaleiro e parecendo-lhe que aquilo podiam ser

¹⁴⁴ A: com / C: como

¹⁴⁵ A: partido / C: saído

brigas, pesava-lhe; porém respondeo-lhe:

— Parece-me cavaleiro pois me pedis [203] conselho, que primeiro deis a satisfação que dissestes, porque cumprindo com isso tão bem como vossa pessoa deixa entender que acontecerá, ficareis melhor visto daquele a quem vindes enviado. O cavaleiro tornou a fazer força para lhe beijar a mão e levantando-se com aquela licença, tomando a donzela pelo braço, que o aguardava em pé, foi-se com ela a el-rei Floriano, diante do qual posto em giolhos, disse sem se querer levantar por mais que o porfiaram, o que no próximo capítulo contaremos.¹⁴⁶

¹⁴⁶ A: contaremos / C: veremos

Capítulo 21

De como Florislao foi conhecido e do alvoroço que com isso houve na corte e de como se ordenou a prova da aventura.

— Se ter livrado esta donzela do perigo e afronta que ela contara (disse Florislao a el-rei Floriano, como no passado capítulo vos dizíamos) não é satisfação do agravo, que já aqui algum dia contou que eu lhe fizera em lhe tomar ãs armas, que vinham para vós, [204] e¹⁴⁷ se tornarem-vos elas às mãos, com muitos certos sinais da penitência que fiz por aquela culpa, vos não satisfaz a vós do desgosto que daquilo recebestes, aqui me tendes a vossos pés para tomardes a emenda de mi, que fordes servido, assegurando-vos que vos não ofendeo com a tenção, quem vos desservio com a obra, como espero que o testemunhe o Ceo, pois é o que só pode julgar disto.

Trás as quais palavras assi ditas, desenlaçando o elmo e descingindo a espada, pôs ãa e outra cousa no chão e deixando-se ficar assi de gíolhos, sem fazer algũ movimento esperou o que el-rei Floriano lhe respondia.

Estavam postos nele os olhos de toda a sala e não havendo ali pessoa que o conhecesse, não ficou algũa nela que se não sobressaltasse, parecendo a todos que viam um retrato vivo de Palmeirim de Inglaterra mancebo, posto que mais robusto, do que ele naquela idade parecia; porém primeiro, que lhe alguém falasse, a donzela, que já estava conhecida de todos, tornou a referir a el-rei seu amo, quanto com aquele cavaleiro lhe tinha acontecido, desde o primeiro ponto em que o vira e lhe tomara as armas e da batalha de Dom Duardos que lhas restituíra, até aquela hora em que ali estavam presentes. E querendo ir por diante enterceder por ele el-rei Floriano, que estava já pouco colérico com a sumissão do cavaleiro e afeiçoado ao que [205] lhe ele parecia, levantou-o atalhando a deligência de sua donzela e disse-lhe:

— Não posso negar cavaleiro, que desejava ver-vos em outro lugar e de outro modo para saber de vós esta tenção, que tivestes em tomar por força a esta donzela as minhas armas encontrada obra, por certo, assi às palavras, que então dissestes a Dom Duardos meu sobrinho, como ao esforço com que as procurastes defender dele e do com que obrastes as outras cousas, que de vós aqui sabemos pelos cavaleiros vencidos que a esta corte mandastes, mais conforme ao que agora a donzela refere que ao que já outra vez, como dissestes, nos aqui tinha referido. Mas vós agora muito melhor, com vossa

¹⁴⁷ A: ãs armas, que vinham para vós e / C: as cartas e

boa presença que com¹⁴⁸ o socorro que lhe a ela fizestes, me tendes tirado a paixão de todo, ainda que não o desejo de vos conhecer. Se não tiverdes pejo em nos dizer quem sois, a mi me fareis muito prazer e cuidado que o senhor emperador o estimará como serviço a todos.

O cavaleiro parecia bem e a todos lembrava então a mortal batalha que com Dom Duardos houvera.¹⁴⁹ Não lhe esquecia a Fidélia a obrigação em que lhe estava por livrar Pleonido, como fica dito. Assi aguardavam todos com cuidado que ele dissesse seu nome e quem era para que, conforme a isso, lhe fazerem o gasalhado, crendo que aonde o parecer e obras eram tão conformes com aquele príncipe, de que temos [206] dito, que não seria o sangue mui apartado; porém Florislao escusando-se com ù termo cortês, ficou calado¹⁵⁰ para dar comprimento ao segundo negócio que trazia. E tornando a por a espada na cinta e tomando o elmo na mão e fazendo de novo suas medidas e continências, menos cerimoniais que airozas, se foi ao gigante Dramosiando, que ele mui bem conhecia e que já tinha visto depois de ter entrado. Dramusiando se levantou vendo que o cavaleiro o demandava e ele levando já as cartas na mão lhe disse de cujas eram e a ordem que trazia para se lhe darem.

Ouvio o emperador tudo, que nunca ele apartava Dramusiando muito de si e entendendo que as cartas eram de Daliarte, como estava com o ânimo inquieto da matéria que tinha entre mãos da prova da aventura, imaginando, que podia aquilo ser alguma cousa tocante também a ela, pediu-as a Dramusiando, dizendo que ele as queria ler. Levou-lhas, com o comedimento e respeito que lhe devia e o emperador abriu as que traziam o sobreescrito para ele e indo a ver as firmas, sem ler nem largar as de Arlança, foi passando os olhos pelas de Daliarte e enchendo-se a princípio de sobressalto e logo de gosto. Tanto que acabou de ler aquela, disse para Dramosiando:

— Estoutras são de Arlança, mas vós me haveis de perdoar, que eu também as hei de ler.

Assi [207] o fez. E trás isso, abriu também a de Floriano, com o que acabou de se certificar e inteirar daquele segredo. Chamou Florislao para junto de si e pondo-se Florislao de gíolhos, o emperador o abraçou e beijou na testa com tamanhas mostras de alvoroço e contentamento, que a todas as pessoas daquele ajuntamento deixou pasmadas e confusas. E feito isto, levantou-se e tomando a Florislao pela mão, o ofereceu a

¹⁴⁸ A: com / C: como

¹⁴⁹ A: houvera / C: ouvira que lhe fizera

¹⁵⁰ A: ficou calado / C: e resoluto ficou l.do

emperatriz, dizendo-lhe que lhe fizesse honra, porque a merecia. Dramusiando e todos os mais olhavam uns para os outros, sem se saberem detreminar no que aquilo seria. A emperatriz agasalhando aquele cavaleiro, como a homem com quem o emperador fazia aquela demonstração, pedia-lhe que lhe declarasse aquele segredo. E ele então tornando-se a sua cadeira e sossegado o rumor que aquele seu abalo em todos causara, disse em vox alta, tendo a Florislao consigo:

— Estas cartas são do sábio Daliarte para Dramusiando e para vós senhor Floriano. E se eu houvera fazer o que ele nelas vos aconselha, com mais segredo tratara o negócio em que falaremos, mas a verdade é que os velhos temperamos mal nossos efeitos, quaisquer que eles sejam e assi vos não deveis espantar uns e outros do que me vistes fazer, porque levado do gosto de tão boas novas como vos hei de dar, não me sube¹⁵¹ ter nos termos do [208] respeito que devo às cãs e honestidade do senhor rei de Trácia meu sobrinho, que tem neste cavaleiro a parte que em Vespéraldo e ainda que a senhora rainha não tenha a mesma, é sem ofensa porém, do que ele a ela lhe deve.

Trás o que, dando a ler as cartas a Dramusiando e certificando-se todos do que no negócio havia, não ficou alguém que, com grande alvoroço, não festejasse aquele sucesso. Beijou a mão Florislao a seu pai e ao emperador, que lha deu e abraçou, como a ã de seus netos. Falou à emperatriz e às princesas e Carmélia lhe fez grandes gasalhados, deixando-o espantado e confuso do que ela e as mais lhe pareceram. Fidélia lhe agradeceo, com particularidade, o socorro de Pleonido e ele a olhou também particularmente como o obrigava cousa tão perfeita, assentando de todo que por ela eram os extremos de Dom Duardos.

E tornando-se a fazer os mesmos cumprimentos aos cavaleiros mancebos da casa, quis beijar a mão a Vespéraldo, que o abraçou com grande amor e contentamento e assi os mais. E ficando assentado entre Primaleão e Pavorante enquanto o emperador não dava sinal de se recolherem para a prova do outro dia, falando nas aventuras passadas e presentes, perguntou-lhe Primaleão por Dom Duardos?

Não lhe disse ele onde se apartaram nem ajuntaram a segunda vez, mas por algũas [209] cousas que lhe contou dele, lhe deu motivos com que o triste entrou em novos cuidados da tenção daquele cavaleiro com Fidélia, afirmando-lhe que cedo seria Dom Duardos naquela corte, porque ã enano chamado Pleonido o andava buscando da parte de pessoa, a que ele não podia deixar de obedecer. O enano era conhecido de

¹⁵¹ A: sube / C: soube

Primaleão na forma que temos dito. Tempos havia que lhe faltava a ele mais que a ninguém, pelas razões apontadas atrás. Trabalho foi, porque o coitado de Primaleão, que todo aquele tempo não tinha alcançado cousa alguma em suas pertensões que o fizesse contente, nem ainda menos triste, continuando sempre no mais levantado ponto de suas finezas, faltando-lhe, como dissemos, Pleonido para seus acostumados colóquios, sabendo agora os passos em que ele andava e tendo ouvido muitas vezes a Enaclia, com quem algúas falava, que Fidélia o tinha mandado a Boêmia, não poute ele tanto que pelo menos deixasse de acreditar a seus martírios, de que aquela nova lhe foi causa.

O emperador enfim, sem dar conta a mais gente do aviso que trouxera Satiafor, do qual temos dito, recolheu-se desejoso de amanhecer depressa para ver o fim daquela treição, tão confiado na palavra de Daliarte que só lhe dava cuidado o tempo, que tardava naquilo. [210]

Recolheram-se todos a suas pousadas entregue cada ão ao pensamento, que mais o afligia. Primaleão discursava acerca do que Florislao lhe dissera e vendo sempre tudo encontrado com seu desejo, recorria ao termo de Fidélia, a seu proceder e entendimento e ali achava o remédio de que necessitava a pessoa, idade, partes, calidades e serviços de Dom Duardos feitos àquela mesma princesa.

Vasperaldo levando ao irmão consigo entreteve com o hóspede algúas cousa aquela noite, seus cuidados e ele também com os efeitos das maravilhas do que vira e de sua regeneração e conhecimento. Trineo passou os seus consigo e não era o peor livrado, porque a grandeza de seu estado e as calidades de sua pessoa, lhe tinham granjeado ã certo sossego em seus pensamentos, que pelo menos, quando não fosse pax, não deixava de ser trégoa.

Palmeirim de Lacedomônia, perdido cada vez mais por Valerisa, aguardando tempo para que sem romper a palavra, que lhe tinham tomada, deixasse a Dom Floris, ou sem vida, ou sem competências. Passou melhor a noite, cuidando que se lhe chegava a hora; mas Dom Floris teve aquela¹⁵² o maior trabalho, porque da certeza, que todos tinham, de que ao outro dia se acabaria a aventura, lhe nascia a maior ânsia, porque¹⁵³ ele afligido da crueldade, com que o Amor o tratava e não achando nunca caminho para se desobrigar daquele [211] jugo, a que tão sem o sentir se tinha submetido entre os tormentos dos fingidos favores de Palmeirim e dos seus certos desvalimentos, tomava

¹⁵² A: Dom Floris, ou sem vida, ou sem competências. Passou melhor a noite, cuidando que se lhe chegava a hora; mas Dom Floris teve aquela / C: Dom Floris teve aquela

¹⁵³ A: lhe nascia a maior ânsia, porque / C: lhe nascia, porque

por remédio as mais das noites, sem o ninguém sentir, ir a Casa do Amor, aonde todos, os que ãa vez lá entravam, sem algũa dificuldade tornavam as vezes, que queriam, vendo sempre o mesmo, que tinha visto e ali as gastava todas, olhando e falando com Valerisa estimando por maior bem a comodidade de falar-lhe, que por mal, falar ela com outrem, na forma, que em seu lugar fica dito, que ali se lhe representava. E cuidando agora, que se lhe acabava aquela romaria, sospeitando também, que acabada ela se trataria da partida dos reis e primeiro dos casamentos de seus filhos, como já se soava na corte, determinou-se, o mais atribulado, que se nunca vira em se ir despedir daquelas sombras e trás isso partir-se da corte, para onde nunca ninguém visse no mundo; porém lembrando-lhe que tinha acusado Albaizar e que se a aventura se acabasse e ficasse livre, que o não estava ele, para deixar de prosseguir naquele negócio, tornou a enfrear-se na jornada, mas não na romaria, que fez aquela noite, com mais ofertas de lágrimas e suspiros e com mais certeza dos fingimentos que o matavam, do que nunca tivera.

Isto era o que passava àquela noite, quanto aos cavaleiros e quanto às princesas, [212] diz Henrique Frusto, que não¹⁵⁴ deixaram também de ter suas contradições e diferenças, porque Carmélia, cuidando que ao outro dia havia de ver Albaizar livre dos tormentos daquela sua prisão, mostrava tamanho contentamento, que para todas as companheiras, tirado Fidélia, não lhe ficava desculpa algũa, senão a do novo parente, que lhe viera, a qual, Valerisa e Flérída, lhe não aceitavam, dizendo-lhe cada ãa delas, que nem por ã irmão da qualidade daquele, se podia fazer tanto, nem por respeito da rainha sua mai, ao menos lhe devia mostrar tanto gosto, já que o tivesse.

Flérída que cuidava que acabada aquela aventura, se partiriam todos os cavaleiros mancebos dali a buscar outra cousa, o que ela muito desejava, para ficar vivendo alguns dias sem a moléstia de tocar sempre seu descuido e de desfavorecer com cuidado, folgava de se abrir aquele caminho.

Gridônia, que se lhe não dava muito disto, nem daquilo, amando a grandeza da corte de seu avô e seu pai e vendo qual ela estava com a companhia que tinham, desejava conservação de autoridade. Sentia, o com que a outra se alegrava. Valerisa que ainda não tinha visto cousa por onde perdesse as sospeitas, que concebera contra aquela fingida donzela, temendo muito algum revés grande àqueles príncipes e assim¹⁵⁵ os

¹⁵⁴ A: Isto era o que passava àquela noite, quanto aos cavaleiros e quanto às princesas, diz Henrique Frusto, que não / C: Isto quanto aos cavaleiros, as princesas não

¹⁵⁵ A: àqueles príncipes e assim / C: àqueles príncipes

encomendava a Deos a eles e a si, sem mostras de muito [213] medo, nem de muito contentamento.

Fidélia não sabendo se Dom Duardos, a quem tinha mandado recado, chegaria, ou não a tempo, nem o que lhe sucederia já que chegasse e vendo a Carmélia tão esquecida de si, foi a que peor noite levou, que todas.

Desta maneira passarão uns e outros, até que amanheceo e foram horas de se alevantarem todos e irem para o emperador e emperatriz, que cada qual em sua casa aguardavam já pelas gentes dela. E depois de tudo prestes, armados os cavaleiros e com as primeiras bandas de Milênia e Florislao, a quem o emperador mandara a própria, que tomara a seu pai, partiram para o aposento da emperatriz, onde já a acharam aguardando-os, com aquelas princesas consigo e as mais damas, todas o melhor e mais curiosamente vestidas, que se pode dizer, sem tirar algũa, que enfim por mais discursos que uns e outros fizeram em matérias diferentes, chegada a hora de tocar, cada ãa das mais agudas e das mais malencônicas, não se lhe podia achar ã ornamento de maneira, que se aventejasse a suas companheiras.

E assim foi aquele ã dos mais fermosos dias, que naquela corte se viram, tanto pela presença daquelas senhoras, como pelos accidentes do mesmo dia em seus sucessos, que ultimamente se remataram em universal prazer e contentamento de toda a corte, não faltando [214] Dom Duardos para acabar de lhe dar inteiro comprimento, a quem Pleonido foi buscar com a segunda ordem, que levara, não tão contente, como dele partira, porque o modo de que Fidélia o recebera, não foi o que ele esperava. E tendo tão grande amor a sua senhora como temos visto e tão bom entendimento para poder julgar dos efeitos exteriores¹⁵⁶ o que passava lá dentro, não podia deixar de se enfadar muito com o que lhe acontecera, pois não podia deixar de nascer o enfadamento, que enxergara em Fidélia, ou de que ela o aborrecesse a ele por algum mexerico, ordinário fruto da corte e mais que ordinário temor de validos, ou de estar aborrecida de si por certos respeitos, que poderia haver; E assi filosofando a verdade destas imaginações, ia como vos dissemos, não tão prazenteiro, como o ele era de natureza.

Achou a Dom Duardos já tarde à porta daquele mosteiro, adonde o deixara, passeando e fantasiando também nos sucessos, que o aguardavam.

Deu-lhe o recado de Fidélia, que ele com pouco sobressalto aguardava peor, quando vio o pouco alvoroço do enano antes de lho dar. E vendo que aquela tristeza,

¹⁵⁶ A: está escrito por cima o ex, mas embaixo lê-se in. A tinta parece diferente. / C:exteriores

não dizia com tão boa reposta, quis saber a causa, de que lhe o outro não disse mais senão, que se fossem logo para poder chegar a tempo, que assi lho encomendara Carmélia com particularidade (como era verdade).

Estremeceo o pobre àquele nome, [215] e pondo-se a cavalo partiram e o mais de uns e outros, veremos logo.

Capítulo 22

De como se acabou a aventura da Casa do Amor e Albaizar, Braceliano foram desencantados.

Na rede cuidava Milênia, que tinha toda aquela gente, que saía da casa do emperador para o terreiro, vendo-os ornados com aquelas cadeas, caminharem pelos passos de seus desejos, ao fim, que lhe ela tinha aparelhado e tão certa da consecução dele, que depois, que vio, como dissemos caminhar o emperador e a emperatriz, as princesas, as damas e cavaleiros, pelo terreiro e passarem o padrão primeiro, foi-lhe preparar o segundo, de que a sua donzela tinha avisado à porta daquela Casa do Amor (antes do ódio mais propriamente) ali o acharam aqueles senhores, com umas letras, que diziam: “Os que entrarem com as bandas, não sairão sem se acabar, o que deseja tanto o autor delas.” [216]

Não reparou ninguém em se tinham, ou não mistério, dos que não sabiam o aviso de Daliarte, porque o emperador só e Florendos e Platir seus filhos e Palmeirim e Floriano seus sobrinhos e Dramusiando seu amigo eram os com quem o comunicara. E por si e por estes cinco cavaleiros, repartio a contrapeçonha que Daliarte lhe mandara.

Iam todos armados, com as cadeas ao pescoço, (infausto sinal de suas perdições) e finalmente Milênia dentro da casa e aquela companhia à porta, com alvoroço igual, aguardavam muito desiguais fins e fortunas.

Entraram todos enfim, com a facilidade que lhe já granjeara as suas primeiras entradas e com a mesma caminharam antes pelo sítio defendido, com pouca maravilha sua, porque já sabiam todos, como a porta era franca, aos que tinham provado a aventura. Começaram logo a representar-se vários objetos àqueles olhos, que logo também em entrando, começaram a vagar uns pela curiosidade das pinturas, outros pela rotura dos peitos de Albaizar, onde se viam as verdades, que Dom Floris negava e amargava juntamente.

Pequeno espaço deixou aquela senhora honrada, lograr a uns e outros, a deleitação, ou dor, que daquelas aparições lhe resultava, porque querendo encaminhar os mais deles ao outro mundo, aplicou os atos interiores de sua vontade, à potência diabólica das bandas, [217] que eram a chave, com que até então a tivera fechada.

E logo subitamente caíram sem nenhũa sentido, todos quantos na casa havia

exceto o emperador e seus cinco companheiros. Lançou Dramusiando logo a mão de Milênia, que todos os seis viam, sem que ela cuidasse, que era vista, com o que foi tal sua perturbação, tal o rumor dos espíritos, que a acompanhavam e serviam, vendo-se prevenidos de outros mais forçosos, que Daliarte ali¹⁵⁷ tinha mandado, que se sentio ã grande terremoto,¹⁵⁸ não só no terreiro adonde estava infinito povo junto, mas em toda a cidade e muito longe dela, porque finalmente os vencidos fogiram enchendo o ar e a terra de confusões e espantos e Milênia trabalhando ã pouco vãmente, de se soltar por seus meios. Deixou-se ficar quieta em sua prisão, achando atalhados todos os remédios dela.

Quasi que junto aos muros da cidade tomou aquele estrondo a Dom Duardos, que por mais apressado, que o trouchesse o recado, que o chamavam, a vizinhança dela, as dúvidas do sucesso daquela romaria, as vezes que se parava a tornar a ler ãa carta e fazer jurar a Pleonido que lhe falava verdade e as ânsias, que a cada passo destes o ocupavam, lhe tinha impedido o chegar mais cedo; porém ouvindo aquele estrépito tão grande, parecendo-lhe que algũa grão cousa acontecia naquela aventura, que lhe a ele tinham mandado, que provasse, não [218] querendo pelo menos, que se acabasse por outrem, dando de esporas ao cavalo entrou correndo pelas ruas, que bem sabia e foi demandar o terreiro do paço, a tempo, que quasi todo o povo estava nele e nas bocas das travessas, que ali iam parar e assi estavam também cheas de gente as janelas e os telhados,¹⁵⁹ temendo algum perigo a seus príncipes sem lhe poderem valer.

Dificultosamente e quasi que à viva força, pôde chegar este cavaleiro aonde se começava o sítio defendido, que estava claro e desocupado de todo. E ali desafogado do trabalho, que o afastar da gente lhe tinha dado, vendo mais com algũa quietação aquela casa e contemplando os tesouros, que dentro em si encerrava (tinham-lhe dito parece, como e com quem o emperador estava dentro) e julgando por grande mimo da ventura, chegar ali àquele tempo em que esperava fazer ãa larga¹⁶⁰ demonstração do amor próprio e do ódio alheio, querendo pedir perdão a Carmélia, de haver de ser por força à custa da sua ingravidão dela, ouviu a Pleonido, que furando por entre a gente, se chegara a ele e lhe dizia:

— Que parais senhor corpo de tal? Está naquela casa o mundo todo preso,

¹⁵⁷ A: ali / C: lhe

¹⁵⁸ A: terremoto / C: sobressalto

¹⁵⁹ A: bocas das travessas, que ali iam parar e assi estavam também cheas de gente as janelas eos telhados / C: bocas das que ali saíam, nas janelas e nos telhados

¹⁶⁰ A: larga / C: grande

segundo mostram as novidades deste dia e vós quereis viver solto fora daquela casa? Dai-me cá essas armas entrarei eu lá, que se por desfavorecido vai isto, não sei eu [219] agora, quem o esteja mais que eu.

Não cuidou Dom Duardos, que ouvia a Pleonido, senão a sua própria obrigação, que lhe dava gritos dentro da alma. E assi tendo achado desarrezoadas as queixas de alguns, que por ali estavam atromentados, por terem sido ditosos e julgando que aqueles bens, inda que passados, lhe houveram de ser alívio de mores males presentes entrou a cavalo, como estava, pelo sítio dentro, sem não somente o não tirarem dele, antes com som de instrumentos músicos e acompanhados de vozes tão excelentes e suaves, que suspendiam toda a passada dor daquele cavaleiro.

Deixaram-lhe ãa paz e ãa quietação no espírito, nascida do gosto, que tinha do conhecimento de seu amor, que para ser de todo a bem aventuraça desta vida, não lhe faltava mais que a presença de Carmélia.

Tinha aquela suavidade penetrado os sentidos a todos os que dormiam de maneira, que apesar das bandas, que ainda experimentavam¹⁶¹ terríveis liames delas, se levantaram com memória e conhecimento claro, de quanto lhes tinha acontecido a tamanho espírito do remédio, como do mal, de que se viam livres,¹⁶² que tudo Daliarte representou naquele instante a cada ã dos caídos.

Não sei se quisera antes Carmélia não acordar nunca, que ver frustada a soltura de Albaizar, pelo meio, que ela a queria! E achando-se [220] perto de Fidélia, de quem nunca se apartava, naquele pouco espaço lhe disse:

— Em verdade que por mofino, merece Albaizar favores de toda a pessoa. Maldito seja Daliarte e quem o ensinou também. Não sei como pode saber tanto, ã sem sabor, tão enfadonho! E que dizeis a Dramosiando, que assi tem aferrada aquela pobre mulher, como se fora o maior trofeo, de seus antigos triunfos! Jesus que pesada gente. Acabe de vir já Dom Duardos. Devamos-lhe acabar isto, que eu lhe tenho bem pago este serviço, com querer que ele o faça; mas o respeito, sabe Deus qual é.

— Vedes ai ã segredo (replicou Fidélia) que só Deus é o que sabe. Carmélia tende mão em vós, que dais que falar a toda esta cidade e deixai-me por vida vossa, que já me custa mais defender-vos, do que cuidais que está encuberto e que se eu fora a que errara.

Não eram bem acabadas estas palavras entre aquelas princesas, quando Dom

¹⁶¹ A: experimentavam / C: tinham

¹⁶² A: livres / C: escapados

Duardos continuando-se a música em toda sua perfeição, chegou à porta da casa, aonde o foram receber e apear, os vultos de todas aquelas pessoas, que por ela estavam pintadas.

E depois de se lhe inclinarem uns e outros, como a senhor deles e tomando-o entre si com o maior triunfo, que se pode dizer, o levaram a apresentar ao Amor, cujo trono se tinha abaixado de maneira, que não teve degrao algũ, que subir.

Recebeo o Amor com [221] com¹⁶³ tão boa sombra, como seus desvalimentos mereciam. Pôs-lhe ãa capela das mais suaves e fermosas flores, que até então se tinham visto, na cabeça e Fê-lo levantar com grandes benções que lhe lançou à vista do emperador e de toda sua companhia, que admirado também do som e música, que ouvia, vendo levantados os que caíram, chegando-se a eles, que estavam todos juntos a ãa parte da casa, olhando em que pararia aquele negócio, não conhecendo ninguém a Dom Duardos, nem se certificavam se era aquilo homem vivo realmente, se sombra como as mais.

Fidélia só estava fora desta dúvida, que como o vio entrar com aquela diferença, vendo-lhe no escudo a divisa dos malmequeres, conhecendo-o subitamente, subitamente o mostrou também a Carmélia, dizendo-lhe:

— Aquele é Dom Duardos e no como o aqui tratam, vejo eu, o como vós o tratais e o como ele merece ser tratado. O que agora houvéreis de fazer para bem era ãa grande volta de vossas determinações, para que ficássemos aqui todos encantados e ele valido.

— Não hajais medo (lhe respondeo ela) que perca por aí o merecimento, de acabar a aventura, porque vos afirmo que igoala o aborrecimento, que lhe tenho, ao bem que me parece aquele pobre homem, que ali vedes, com os peitos abertos.

— Afastai-vos para lá por vida vossa (replicou Fidélia) cheirais-me já a freira e ainda à freira mais rendida. Não [222] sei em verdade, se há encantamentos, que desculpem tantas indignidades.

Tinha Dom Duardos neste tempo chegado a Albaizar em cujo coração, lhe pareceo, que via Carmélia entre ãa infinidade de cavaleiros, que a levavam forçada e que ela lhe pedia que lhe valesse. E querendo com aquele sobressalto, lançar mão à espada para acodir àquela força, não a achou, nem outra arma algũa, com que a socorresse. E com esta aflição, vendo a lança, que Braceliano tinha atravessado,

¹⁶³ A: com com

puxando por ela, a arrancou dele levemente com o que acabando-se de todo aquela aventura, começou a soar outro tamanho estrondo, com fumo tão espesso, como o que houve naquela mesma noite, que se ela fabricara, o qual durando poucas horas, no cabo delas, se acharam todos aqueles príncipes no terreiro do paço, como verdadeiramente estavam e desfeitas no mesmo fumo de que eram compostas, as matérias daquela casa e mais maravilhas dela.

Achou-se o emperador com ãa carta de Daliarte na mão em que lhe dava o parabém do fim da aventura e lhe pedia que se houvesse humanamente com Albaizar, que não tinha mais culpa em se vir meter em Constantinopla, do que o mesmo emperador tivera, quando chamando-se o Cavaleiro da Roca Partida, se fora entregar nas mãos da duquesa de Umedos¹⁶⁴, que o desamava mortalmente e lhe procurava a morte pela que dera a Perequim de Duacos. [223] Avisava-o também, que tivesse bem mão em Dom Duardos, não se lhe fosse outra vez.

Vasperaldo se tinha chegado a Albaizar, que estava naquele próprio estado em que fora encantado e Dom Floris a Braceliano, que ainda lhe pareceo, que justava. A princesa Polinarda tinha bem agarrado a Dom Duardos, a quem logo todos conheceram. Carmélia restetuída a si, lembrada como por sonhos do que passara por ela, não ousava a levantar os olhos para Fidélia e não lhe dando cuidado Albaizar, nem estava de bom ânimo para Dom Duardos. Valerisa, perdidos de todo seus sobressaltos, alegrava-se de ver aquele cavaleiro, porque lhe parecia, que viera ele ali sem ordem, de quem o mandara chamar. O mesmo sentia Flérída.

E querendo todas chegar a falar-lhe, o emperador vendo a multidão de gente, que carregava a ver tamanhas novidades, fazendo com sua autoridade, que se apartasse toda, se recolheo, com aquela companhia aos paços, levando a Dom Duardos pela mão dizendo-lhe, que o havia de mandar prender por fugitivo. E sem falar a Albaizar, o entregou primeiro a Vasperaldo, para que o tivesse a bom recado, até ver o que se havia fazer dele. E depois que uns e outros descansaram em suas pousadas, ã pequeno espaço, tornaram a pôr a mesa, a qual acabada sucedeo, o que logo no seguinte capítulo diremos.[224]

¹⁶⁴ A: Umedos / C: Urmedos

Capítulo 23

Do que mais succedeo na corte, até Albaizar ser solto e Drúsia Velona morta.

Acabada a mesa, a que a emperatriz e princesas não assestiram pelo trabalho e tribulação daquela menha, a primeira cousa em que o emperador quis entender, foi no negócio de Albaizar, contra quem não tinha o ânimo sossegado, temendo que se vivesse a longo andar, meteria aquela casa em algum grande perigo, ou com guerra, que lhe faria descuberta, ou com o que suas amigas lhe procuravam, particularmente que Dramosiando sem o sentir tinha perdido a Milênia da mão, porque como a aventura se acabou, ficando rotos e quebrados todos os liames arteficiaes, que se ali tinham obrado, ficou a dita Milênia também em sua liberdade, como os demais, o que conhecendo ela, usando de novo do que podia saber, tomou o caminho, que mais a propósito lhe pareceo e foi-se, mas com tanta pressa, que nem se lembrou de Albaizar, que pudera levar facilmente, nem da tia, que da mesma maneira, lha não defendera ninguém, porque Daliarte não tinha prevenido aquilo.

E tinha esta [225] nova da fogida de Milênia feito tanto rumor na corte acerca de Albaizar,¹⁶⁵ que verdadeiramente foi ãa grão cousa largá-lo o emperador, como fez, porquanto ele era por sua natureza, pouco inclinado a muitos cumprimentos com inimigos tão declarados e por velho e exprimentado nas máquinas, de que ainda se não via bem livre, lembrado como diante de seus olhos vira toda sua casa em profundo e mortal sono e que o mesmo lhe acontecera a ele e aos mais, que se livraram, se Daliarte tardara entendendo que enquanto Albaizar vivesse, não podia dormir o sono quieto.

O espaço, que durou a mesa, lhe estava traçando bem igoarias. E vendo-a acabada mandando levantar todos os mancebos, que ali estavam, ficou-se com os reis e Dramosiando, para lhes pedir seu parecer, acerca do que temia e detreminava; porém indo-se alguns daqueles a visitar Albaizar e Vasperaldo em pensamento de quem era e receoso,¹⁶⁶ que se tomasse algũa estranha resolução, querendo preveni-la quanto em si fosse, dizendo a Albaizar que o deixava bem entretenido, foi-se lá depressa e entrando com licença, quando o emperador estava já para propor aquele negócio, lhe falou ele

¹⁶⁵ A: tanto rumor na corte acerca de Albaizar / C: tão pouco por Albaizar

¹⁶⁶ A: Albaizar e Vasperaldo em pensamento de quem era e receoso / C: Albaizar e Vasperaldo que pelo acompanhar não viera a menza e dando novas da pressa com que o emperador desejava meteram a Vasperaldo em pensamento de quem era e receoso

nesta sentença.¹⁶⁷

— Não faltará quem diga e porventura que com razão, que eu tenho já satisfeito a Albaizar, com o que por ele fiz, as boas obras que [226] recebi de sua mão e que assi me pudera entrar na consideração a vingança da porfia de sua desenvoltura e a clareza dos pensamentos, com que ofende a el-rei meu senhor, que aqui está, a mi e a esta casa, maculando com a continuação presente, a fidalguia dos procedimentos passados, desobrigando-me o escândalo de uns, do agradecimento dos outros, pois se não pode negar, que estes mostram arrependimento daqueles. Porém senhor também se não pode negar que primeiro eu devi a Albaizar a honra no navio e a vida na sua terra, que me ele a mi devesse o que depois o caso ordenou em que o servisse. Também confessarão todos os que bem viram esta matéria, que me não devo eu contentar, com estar contrapesando muito ouro fio obrigações e satisfações, com Albaizar, que ainda que tão grande príncipe, nas obras da vontade, todos os homens podem correr parelhas igualmente. E assi para mi o mesmo será que ficar devendo tudo, poder-se duvidar se devo algũa parte. Dou graças a Deus, que trouxe a Albaizar a poder de Vossa Majestade e que se aclarou, que não tinha culpa na fingida morte de Braceliano, para que nem eu me corra de pedir por ele a Vossa Majestade, nem Vossa Majestade esteja obrigado como juiz à execução das leis, para me não fazer mercê. E assi peço a Vossa Majestade não pelos serviços, que lhe tenho feito (pois não são nenhuns) senão pelos que espero fazer-lhe, [227] que me queira dar a Albaizar, para que soltando-o, desempenhe com ele todas minhas obrigações e fique livre, para que sem ser notado, lhe possa depois pedir tão estreita conta de seus intentos, como eles obrigam à casa de Trácia.

Ajudou Floriano ao filho, que parara, pondo-se também aos pés do emperador, pedindo-lhe o mesmo e todos os mais que ali estavam, aos quais o emperador, com mostras de pouco contente, fez levantar e disse:

— Primeiro que tudo eu quero, o que todos quereis; porém é forte cousa, que possa o mesmo com homens prudentes e assentados, que com moços leves e de pouco discurso, ãa vaidade, que nem tem nome, nem ainda razão parece que se lhe dê o de vaidade.¹⁶⁸ Senhor rei Floriano, filho Vasperaldo, cuidai no que pedis e no que quereis, porque verdadeiramente vos afirmo, que na minha opinião, não é menos que a ruína de

¹⁶⁷ A: com licença, quando o emperador estava já para propor aquele negocio, lhe falou ele nesta sentença / C: com licença, tendo-a para dar ao emperador no que começava a dizer falou-lhe nesta sentença

¹⁶⁸ A: parece que se lhe dê / C: para se lhe dar este

nós todos. Sempre vós quereis que Daliarte nos defenda? E sempre quereis que ele o possa fazer? Quanto mais que com melhor razão (falo com Vasperaldo) se pode castigar hoje Albaizar por discortês ao respeito, que se deve à minha casa e presença, que amenhã por namorado, por que ãa cousa não tem desculpa e a outra não tem erro. Torno-vos a advertir que olheis isto bem e com tempo. E se vos detreminardes em seguir esse vosso parecer em duas cousas vos haveis de também de [228] detreminar. A primeira em que Albaizar há de ser livremente posto em sua casa, porque se o não castigaremos em público para que a justiça nos defenda, não é razão acometê-lo em segredo, porque o silêncio nos não acuse. A outra é, que ou Carmélia se há de casar logo, com quem parecer que lhe estará melhor, ou vós, ou vosso pai, a haveis de levar para sua casa, onde eu não veja, com os olhos, o que estou vendo com o ânimo. Porém se me crêsseis, dar-lhe-íamos mais tempo ao casamento desta moça e menos aos intentos desse príncipe, porque ela não tem errado, para que com a nossa pressa ponhamos o seu acerto em perigo e a ele, não lhe vejo desculpa, nem nós a ficaremos tendo nos desastres de que sua vida nos for causa. E sobre isto tudo, venho no que quereis, como ao princípio vos disse, mas de nenhuma maneira, quando quiserdes levar avante essa determinação em que se dilate o mais, que também vos tenho dito.

Foi tão ditoso Albaizar, que não houve naquele ajuntamento, não só quem se acostasse à opinião do emperador, mas nem ainda quem ouvisse o que ele dizia. E assi resolvendo-se primeiro que tudo sua soltura e beijando a mão por ela ao emperador todos os presentes, disse-lhe depois Floriano, que de Carmélia podia sua Majestade ordenar o que fosse servido, lembrando-lhe, que não lhe corria [229] menos obrigação de a emparar quando estivesse em Trácia, que agora que a tinha em sua casa, porque as razões, com que ele a trouxera a ela, tinham a mesma força acolá, que ali.

O emperador arrependido do que naquele particular lhe tinha dito, lhe respondeo abraçando-o, que lhe dissimulasse algũa velhice, se a dissera, porque lhe confessava que a paixão, com que Albaizar o tinha dera causa a ela. Que ordenasse mandá-lo e que no demais ele esperava proceder de maneira, com que lhe mostrasse a estimação, que fazia dele e de suas cousas.

E com isto saindo-se dali todos e tornando-se Vasperaldo a Albaizar lhe disse, que ele estava livre, para poder fazer de si o que quisesse, mas que em pago do trabalho, que lhe custara granjear-lhe aquela liberdade, lhe pedia que desse lugar a o levarem com segurança e autoridade, a seus estados, para que nem estas cousas corressem risco, nem a virtude e magnanimidade do emperador, perigasse nos desastres, que indo só lhe

podiam acontecer.

— Senhor Vasperaldo, lhe respondeo Albaizar, canso-me já de vos dever tanto e assi vos confesso, pois vo-lo não posso pagar, no que porventura vós mais quiséreis, que tomara, ou não atardes as mãos ao emperador, ou deixardes-me nas da ventura, para que ela disponha de mi, o que lhe bem parecer e pode ser que faça a vontade a todos os que me desejam a morte em que eu não terei também pequena parte, que não sou verdadeiramente quem [230] menos interessado ficaria no gosto dela, porque senhor não vos posso, nem determino negar, que se a vida não houver de servir para o que a eu quero, que me aborreço muito dela, pois só me serve de me fazer os pesares, que meus inimigos não podem. Mas ordene-se o que quiserdes e vamos aonde mandardes, com condição porém, que não cuideis que vos devo, senão o com que nal¹⁶⁹ folgo, não me desobrigando contudo de fazer sempre em benefício particular vosso, aquilo, com que mais folgardes, como seja cousa que possa fazer Albaizar livre. Drúsia Velona, que se perdeo por meu respeito, sentirei muito deixar cativa. Não ousou a vo-la pedir, assi porque não sois vós quem a pode dar, como porque vejo e conheço a justa causa, que todos os desta casa terão para a não desasir;¹⁷⁰ porém se entrasse em consideração o que se tem conhecido de mi, não sei se haveria muita dificuldade em se fiar do meu ânimo, o seu dela.

Vasperaldo não mui contente da pertinácia de Albaizar, lhe disse:

— Ordene-se a vossa ida com a licença, que me tendes dado e entendei que eu conheço que me não deveis nada, porque a mi me lembra ainda o que vos devo até aqui.¹⁷¹ Depois que estiveres em vossa casa, começaremos a contar de novo. No de Drúsia, falarei ao emperador e se me ele crer, não deixará de premitir, o que vós mostrais desejar, porque quem se não teme de vós como cavaleiro, não tem que se [231] temer de ãa pobre velha, que enfim as maldades de suas artes, mais servem de mostrar qual ela é, que de fazerem dano, a quem Deus defende.

E deixando-o com isto, foi a dar conta do que passara, com ele, ao emperador, que com indignação grande, do que se lhe pedia, parecendo-lhe o mor despropósito do mundo, disse, que era muito contente e que lha levasse logo e que tudo o que mais quisesse Albaizar, se lhe fizesse.

Bem sentio Vasperaldo donde nascia aquela liberalidade, mas dissimulando com

¹⁶⁹ A: nal / C: não

¹⁷⁰ A: desasir / C: largar

¹⁷¹ A: que me tendes dado e entendei que eu conheço que me não deveis nada, porque a mi me lembra ainda o que vos devo ate aqui / C: que me tínheis algũa mas eu sei ainda o que devo até aqui

o que entendia, deu ordem a lhe trazerem a gaiola em que estava aquela dona honrada e com ela se foi à pousada de Albaizar e lha entregou.¹⁷²

Estranhamente se espantou ele do que se lhe fazia e estranhamente também estimou ver aquela mulher solta, porque as horas, que o cuidado de Carmélia lhe dava lugar, nenhũa outro cuidado tinha, senão a soltura de Drúsia Velona, havendo aquela prisão, por quebra de sua honra. E depois de passar pela fantasia, o a que aquilo o obrigava, determinou-se em atar de novo as mãos a Drúsia, diante de Vasperaldo e dos mais que estavam com ele, com mais fortes liames, do que o emperador com a gaiola o tinha feito, para que em algũa maneira os deixasse seguros, do que dela podiam temer. E assi, desobrigado do agradecimento de tão arriscada cortesia, como com ele se usara, ficar [232] menos cativo.

E pedindo-lhe a ela depois de lhe dar o parabém da soltura, que jurasse ali pelas suas ágoas estíguas, como não ofenderia jamais aquela casa, com suas artes e não querendo ela vir nisso em nenhũa maneira, foi tal a paixão de Albaizar, depois de porfiar ã pouco em vão, que deu com a ponta do pé na gaiola, que era de ferro, grande e pesada, dizendo que a tornassem a levar, deu-lhe enfim o pontapé com tanta força, que fazendo a gaiola cabeça, sem lhe poderem valer os homens, que a tinham trazido, que caíó pela janela, a que estava vizinha no terreiro, fazendo-se em pedaços a si e a Drúsia Velona, ordenando-o a fortuna e premitindo-o Deus daquele modo, para que nem ela ficasse sem o que merecia, nem o emperador com receos, nem Albaizar, com aquela sombra de queixa, que pudera ter, se lha não deram, o qual Albaizar, vendo aquele sucesso nascido de sua veemência, não mostrando o que porventura tinha no ânimo, disse, que se por algũ respeito, se pudera pôr as mãos em mulheres, lhe pesara a ele muito de ser desastre a morte daquela, porque a troco de assegurar ao emperador, a matara por sua vontade, mas que a sorte o fizera melhor porque contentara a todos sem culpa de nenhũ.[243]

¹⁷² A: e lha entregou / C: e lha entregou pola a mão tirando-a dela

Capítulo 24¹⁷³

Do que succedeo na corte depois de acabada a aventura da Casa do Amor e morte de Drúsia Velona. [244]

Recolheo-se o emperador, como no capítulo passado dizíamos,¹⁷⁴ mal satisfeito de Vasperaldo lhe pedir Drúsia Velona, sobre as rezões que acerca de Albaizar tinham passado e não contente contra a opinião de muitos com sua morte dela, porque se a prudência companheira de sua idade e juízo, parece que pedia contentamento daquele desastre, tão ajustado a suas conveniências, a generosidade de seu ânimo, a benignidade de seu coração, o não deixou verdadeiramente estimar o sucesso desestrado, posto que merecido, de ãa pobre velha e diante de seus olhos, como aquele foi. Com este pesar passou a noite, com pouco sono e com mil outros cuidados, que a vizinhança de Albaizar e o que dele se entendia, lhe causavam.

E tratando de prevenir e reparar os inconvenientes, que se lhe ofereciam ao sossego e quietação sua e de seus parentes e amigos, o primeiro em que se resolveo foi em que devia mandá-lo consolar e visitar, da morte de Drúsia, porque ele entendia bem, que o outro o sentiria, posto que mostrasse o contrário e trás isso ordenar como se ele fosse seguro a suas terras, porque também lhe parecia, que assi Vasperaldo, como Floriano seu pai, não estavam de bom humor para ele, por cima das finezas, que em sua liberdade tinham feito. E posto que lhe achasse razão naquilo, no tempo, nem no lugar, não lha achara, se eles quisessem eleger para o investir, [245] o em que Albaizar pelo menos estivesse naquela casa.

E não fiando nada nas matérias, que ele tinha por de sua honra, senão de si próprio, não bastou para o aquietar na segurança daquele príncepe, o que pudera julgar dos bons procedimentos daqueles dous cavaleiros pai e filho. E ajuntando-se-lhe também o temor da desenvoltura do mouro, que poderia dar algũa ocasião forçosa de pegarem com ele, determinou-se em o mandar logo.

E assi como amanheceo, levantando-se mais cedo do que costumava, andou esperando vestido que os seus se levantassem também (cativoeiro miserável e mal entendido dos príncipes, que vivem muito mais presos e impedidos de sua mesma

¹⁷³ Neste ponto, o manuscrito A salta o capítulo 24 e transcreve o 25. Para melhor compreensão do texto, transcrevemos a seguir o capítulo correto, conforme os manuscritos B e C.

¹⁷⁴ A: emperador, como no capitulo passado diziamos / C: emperador

autoridade, para não poderem obrar em atos livres de suas mesmas pessoas, que aqueles próprios, que seu poder tem aferrolhados nos cárceres).

Estando enfim tudo em ordem, mandou chamar a Dramusiando e vindo, o mandou que da sua parte fosse visitar a Albaizar do desastre de Drúsia Velona, significando-lhe o sentimento, que daquilo tivera, assi pelo que entendia, que lhe a ele havia de ficar do caso, como porque ganhava mais nos favores, que sua casa recebia de Deus, contra as obras daquela molher, do que aventurava nessas mesmas obras. E trás isto, que lhe pedia quisesse nomear tempo para se partir por mar, pois convinha assi a todos, porque ele (como tinha dito a [246] Vasperaldo) o não havia por solto, se não depois que estivesse em sua casa descansado.

Fez Dramusiando esta deligência, como lhe o emperador ordenara e quando referio aquele último ponto, Albaizar, que até então ouvira quietamente, respondeo rindo:

— Pois como senhor Dramusiando? Também nas minhas terras o emperador cuida que me pode ter preso? Pois me não há por solto, senão dentro em minha casa? Ora bem. Vós lhe dizei, que eu lhe beijo as mãos, pela visitaçāo da morte de Drúsia Velona, que não lhe nego, que senti muito assi por se me tirar ũa poderosa ocasiāo de o servir a ele em seus temores, como, porque enfim morreo aquela molher, por meu respeito. Que no mais de minha ida, me haverei por preso de Vasperaldo, até em minha própria casa, porque sei que a ele lhe devo esta, que ao emperador lhe parece liberalidade. Que a jornada farei quando ele for contente, mas que lhe lembro, que sou enjoado no mar e pouco medroso na terra.

Ia Dramusiando avisado e com preceito, que não respondesse a cousa algũa das que Albaizar lhe dissesse e assi obedecendo muito contra sua vontade, se despedio dele, sem fazer mais que sorrir-se e foi dar reposta ao emperador, com quem já achou os mais daqueles reis e cavaleiros, que sempre o acompanhavam, o qual a recebeo, com quem a aguardava peor. [247] E estando tratando de quando e do modo, que o embarcariam e quem o devia acompanhar entrou pela porta ũ escudeiro que indo a demandar ao emperador e pondo-se de giolhos diante dele, disse:

— Dous cavaleiros estranhos, muito alto e muito poderoso senhor, que ficam aguardando a ũa das portas desta cidade, mandam pedir a Vossa Majestade licença e seguro juntamente para diante da sua pessoa, na praça deste terreiro, se combaterem ũ com o outro, sobre certa questāo em que estão desafiados para este lugar e a o demandar vêm caminhando juntos e conformes em tudo, há alguns dias, querendo por testemunha

de suas obras, a presença de Vossa Majestade e dos mais cavaleiros e príncipes desta corte, como os verdadeiros mestres desta ciência, que todos professam. E calando-se com isto, o emperador lhe respondeo:

— Dizei escudeiro a esses cavaleiros, que vos mandam, que eles podem entrar na cidade e nesta casa seguros, porém que a batalha não consentirei, até que por eles saiba a razão, por que se têm desafiado, porque são tão comedidas as palavras, que me mandam dizer, que não podem deixar de nascer de grandes ânimos e que estes se movem às vezes por cousas, que podem ter muito mais fácil remédio e assi enquanto os não ouvir, não consentirei que eles se tratem mal em minha presença, pois como tendes dito, até'gora [248] longe dela vem juntos e em sossego.

Foi-se o escudeiro, com esta reposta, a quem o mandara, tendo feito primeiro sua devida cortesia ao emperador, deixando-o a ele e aos mais praticando uns no que aquilo poderia ser e outros todavia tratando de desterrar dali, aquela, que já ia sendo pedra de escândalo a todos, Albaizar digo. E estando resolto o emperador de o mandar ao outro dia em ã navio bem armado, com mais três, que o acompanhassem e impedissem tomar algũa outra terra, senão a sua e que nela o deixassem entraram pela sala os dous cavaleiros, que em tendo recado do emperador, de acordo no que haviam fazer, vieram logo e passaram, o que neste seguinte capítulo se dirá.

Capítulo 25¹⁷⁵

Do que fizeram estes cavaleiros e do que mais na corte passou.

Eram ambos os cavaleiros airosos e bem postos no chão, vestiam ricas e lustrosas armas e com a novidade de sua história, levaram os olhos trás si, de toda a casa, que eles foram atravessando ambos juntos, tão conformes, [249] no parecer, que não havia que querer mais dos maiores amigos do mundo. E chegando nesta continência ao estrado do emperador, sentando-se ambos em gíolhos, ã deles, que trazia as armas de leonado e negro, apartadas as cores, com ãas espadanas de prata, descalçando as manoplas, pedio a mão ao emperador para lha beijar. Não quis ele dar-lha, segundo costumava fazer com os estrangeiros, que não conhecia e agasalhando-os branda e humanamente e fazendo-os levantar, o outro cavaleiro, que trazia armas de ãa cor verde escura e cubertas todas quasi de uns mares azuis, disse para o emperador em vox algũ tanto embaraçada e descomposta:

— Eu senhor sou ã cavaleiro estranho, que de terras muito remotas desta, vinha a buscar nesta corte ã cavaleiro, que reside nela, para haver brigas com ele, sobre certa treição, que fez a ã parente meu e tendo caminhado algũas jornadas encontrou-me a fortuna com este que aqui vedes e depois de passarmos os cumprimentos devidos, perguntando cada ã ao outro por sua jornada, viemos a entender que o fim de cada ã era esta mesma corte em que estamos. E passando mais adiante na conversação, também conhecemos, que ambos buscávamos ã mesmo homem,¹⁷⁶ porém com diferentes intentos, porque ele é seu amigo e eu mortalmente o desamo, sobre o que quisera ele logo que nos combatêssemos, porém como minha tenção [250] não é vingar-me só nas sombras, roguei-lhe, que difiríssimos para diante de vós esta nossa contenda, pois ambos vínhamos cá e também esperando que estivesse aqui o que buscamos, porque acabada estoutra porfia, não se dilatasse mais o poder logo mostrar, quão injustamente pessue este homem que digo, a estimação, com que me dizem que é respeitado de alguns. Dom Floris de Lusitânia se chama ele, não o conheço, nem sei se está aqui, por isso peço a Vossa Majestade que se estiver aonde possa saber de mi, que o faça armar, para que em acabando com este cavaleiro, possa logo entender, no que mais ocupado trago o sentido.

¹⁷⁵ A: Capítulo 26

¹⁷⁶ A: buscávamos ã mesmo homem / C: buscávamos ã ao outro, digo, ã mesmo homem

O cavaleiro seu companheiro, antes que o emperador respondesse, disse para o mesmo emperador:

— Tudo o que este cavaleiro diz, Vossa Majestade pode crer, porque assim passa. Dom Floris eu o conheço e sei que não está nesta casa, mas não se canse Vossa Majestade muito em o mandar chamar, se está na corte, para que se arme porque eu fio tanto da inocência do mesmo Dom Floris na causa do ódio de meu companheiro que lhe hei de dar tanto que fazer, que pelo menos lhe seja necessário, o que lhe sobejar do dia depois de me matar, par que¹⁷⁷ descanse sem entrar em novas questões.

Muito bem pareceo esta reposta ao emperador e a todos os que a ouviram e não ficou alguém, que lhe não desejasse a vitória, de que duvidavam muitos pela diferença, que o outro lhe fazia nos membros, [251] porque era grande e sendo ambos airosos e bem feitos ã era muito grosso e corpulento e o outro delicado e magro.

O emperador lhe disse:

— A mi me pesa cavaleiros, de virdes a minha casa, com esta desavença, porque ambos me tendes parecido muito bem e folgara de vos deixardes compor nela. Dom Floris, não está nesta casa, porém não está longe. E cuido verdadeiramente que deveis estar mal informado na causa do ódio, que lhe mostrais, como porventura conhecereis se a quiseres dizer, porque eu asseguro, que treição se não achasse nunca em nenhuma ação sua.

— Já vejo (respondeo o Cavaleiro das Ondas) que se não há de perder esta opinião, senão com a confissão da própria parte. Façamos o que temos para fazer e no cabo entenderá Vossa Majestade qual de nós vive enganado.

Tinha corrido a nova desta aventura por todas as pousadas dos cavaleiros, que na sala não estavam e ainda das damas e princesas.

Na de Floramão, se acharam àquele tempo Dom Duardos, Dom Floris e Primaleão, que ali acodiam de ordinário e estava também Albaizar, que viera a visitá-lo acompanhado de Vasperaldo, Palmeirim de Lacedomônia, Leopoldo e Florislao, porque tanto que Dramusiando se despedio dele entendendo que o emperador lhe não daria lugar, quis cumprir, com a obrigação daquela visita, a que ele era também muito afeiçoado. E contando-se o [252] que passava na sala¹⁷⁸ diante de todos, Dom Floris se levantou dizendo, que queria já ver, a quem devia tanto e tão pouco. Dom Duardos, que

¹⁷⁷ A: par que / C: para que

¹⁷⁸ A: daquela visita, a que ele era tambem muito afeiçoado. E contando-se o que passava na sala / C: daquela visita que passava na sala

não via já com bons olhos a Albaizar e Florislao, que como nada obrigado aos primores de Vasperaldo, tinha assentado consigo, tirar-lhe o coração pelas espádoas, apesar de tudo, o que lho defendesse, foram-se também com Dom Floris. Os mais por respeito de Albaizar, que não tinha licença para ir ver ao emperador, se deixaram ficar aonde estavam.

E tendo-se-lhe dito, como os cavaleiros iam já para o campo, porque o emperador acabado de ouvir o que temos contado, que lhe respondera o das ondas, o despedira e ao outro, mandando primeiro recado à emperatriz, para que se quisesse ver a batalha, o fizesse.

Foram-se eles também para ver a uns corredores, de que se descobria melhor o terreiro, que da pousada de Floramão, que não se contentava das de melhor vista. E topando-se uns e outros naqueles mesmos corredores, porque atravessavam os que desciam àquela porta, que saia ao terreiro, o Cavaleiro das Ondas conheceu a Albaizar, com não pequeno espanto e maravilha sua, porque o tinham por morto, ou por perdido de todo, naquela terra donde ele vinha. E vendo-o tão pacificado com aqueles cavaleiros com quem julgava que devia viver ao contrário, chegando-se a ele lhe disse, com alguma perturbação:

— Que [253] é isto Albaizar? Vós em Constantinopla livre e regalado, vestido de galas, vendo espetáculos alegres à vista dos ossos de vosso pai, do sangue dos vossos vassallos? Assi se perde a memória de tão precisas obrigações? Pois certo que com muito menos, venho eu de muito longe daqui a ver se posso vingar em Dom Floris a morte que deu à vossa vista a Beliazém entre estas ondas, tão impiamente que com justiça lhe podemos chamar treição.

Albaizar ã pouco confuso e com alguma cor nova no rosto lhe respondeo:

— Eu vos não conheço, nem vós me deveis conhecer a mi, pois julgando-me por obrigado, me imaginais esquecido. Honrado e mimoso, si o estou destes senhores, mas tão pouco livre, que desejando acompanhar-vos agora de muito boa vontade, nesta batalha contra Dom Floris, o não poderei fazer, sem mandar pedir licença ao senhor emperador, porque ainda que a morte de Beliazém, não foi treição, impia; cruel e desarrezoada, si o foi. E sabem os Deoses se me sae da memória nunca essa lembrança, com outras que me tiram a vida e o medo também da morte.¹⁷⁹ Atalhou-o Palmeirim de Lacedemônia dizendo:

¹⁷⁹ A: memoria nunca essa lembrança, com outras que me tiram a vida e o medo tambem da morte / C: memória esta memória nunca, da companhia com outras que tiram a vida e o medo também da morte

— Não vos canseis senhor em mandar pedir licença ao emperador para essa batalha, que nem ele vo-la dará, pois vo-la negou já para fazerdes outra por vossa própria justiça, nem este cavaleiro se quiser e vós disso fordes servido, [254] ficará sem companheiro chamando a Dom Floris, porque eu o ajudarei contra ele, por amor de vós, de muito boa vontade.

Escandalizados de Palmeirim lhe iam a responder os mais dos homens, que ali estavam, porém Primaleão primeiro que todos lhe disse rindo e tomando-o pelo braço:

— Primo, eu sou-vos mais a vós que a Dom Floris, hei-vos de aconselhar não andeis nestes bicos com ele nesta casa, onde todos vos havemos estorvar. Puxai-lhe pela capa, sem que vos ninguém veja, levai-o para trás de ã muro destes e aí vos desenfadai, que eu vos prometo, que ele vá aonde o chamardes.

Vasperaldo antes que Palmeirim respondesse disse a Primaleão:

— Eu não sei a quem vós sois mais, quem vos deve menos, bem o vejo eu. Dom Floris não é cousa sagrada em quem os homens não possam falar, nem contra quem não possam armar-se. E se Albaizar tiver necessidade de quem ajude este cavaleiro estranho, crede que não lhe há de faltar, ainda que com Dom Floris entreis vós também a defendê-lo.

— Dou-vos esta banda, que me deu Flérída minha prima, respondeo Primaleão e vamos merendar esta tarde fora do lugar, vós, Albaizar e Palmeirim e Dom Floris, Braceliano e eu.

Já o emperador a este tempo estava com eles, porque levando-lhe recado do que passava à jenela em que se tinha posto, acodio com grande sobressalto, temendo que aqueles mancebos inquietassem o [255] repouso de sua casa e alterassem a amizade e parentesco de tantos anos.

E informando-se do que passava, mandou a Primaleão e Palmeirim seus netos, que se fossem para suas pousadas e a Vasperaldo não falou palavra. Folgou de se não terem achado ali Dom Floris, nem Braceliano, por não ter razão de os castigar, porque receava, que com a menor ocasião lhe haviam estalar aqueles homens nas mãos, que ele desejava conservar em seu serviço. Falou a Albaizar, com muito bom rosto e levou o consigo a janela de que tinha vindo, depois que trabalhou ã pouco em vão de estorvar a batalha daqueles cavaleiros, os quais vendo pacificado o rumor, que se alevantara, se foram a começar e acabar sua contenda, o que fizeram pelo modo e com o sucesso, que no próximo capítulo vos diremos.

Capítulo 26¹⁸⁰

Do que passou entre as princesas e da batalha que os dous cavaleiros tiveram.

Perturbadas e cheas de temor e espanto, das novas, que lhe tinham dado da desavença [256] daqueles príncipes, chegaram a emperatriz Miraguarda e as mais rainhas e princesas, as janelas donde haviam de ver a batalha, porque não havia nenhuma entre elas, a quem não fosse quasi todo o gosto e quietação da vida e das esperanças, nos rompimentos, que o ânimo lhe revelava em que ao longo andar elas parariam. Ûas viam aventurados os filhos, outras os irmãos, os primos e parentes todas e algũa, ou algũas, aquela parte de si, que já tinham empenhada com seus cuidados.

Carmélia, que por aqui era a mais livre, nem lhe lembrando já se havia Albaizar no mundo, nem ainda Dom Duardos, angustiada por Vasperaldo, praguejava as razões com que se ele morria pelos outros.

Fidélia sabendo que Primaleão fora o inventor daquela desabrida merenda e sabendo também o que ela propusera e dissera a si mesma, quando a primeira vez ia para a Casa do Amor, não sei se por obrigação daquela palavra, se pela verdade dela, não lhe doía pouco vê-lo tão empenhado, ainda que o não mostrasse muito.

Valerisa colérica contra Palmeirim a querer granjear servindo ao homem que mais lhe aborrecia, que era e fora sempre Albaizar, vinha a ter lástima de Dom Floris, porém mais como a pessoa com que se criara e que tinha por deseparado naquela terra, que por respeito dos intentos que a facilidade de Carmélia, [257] lhe não quis ter segredo.

Gridônia contente de ver a Trineo fora daquele jogo, perguntava muito sesuda porque diria seu irmão a Palmeirim que lhe era mais que a Dom Floris?

Flérída apartada já do respeito de Vasperaldo e tendo-o por demasiado de primuroso nas matérias de Albaizar em que o desejou sempre menos sofrido, argumentando de lhe o emperador não falar naquela ocasião palavra¹⁸¹ algũa, ânimo nele de todo danado e aborrecido de suas cousas e sentindo-o, como quem já tinha dado lugar ao agradecimento, que lhe pintasse ao primo com os olhos tão verdes, como os tinha, mostrando-se raivosa e estando-o verdadeiramente dizia que não havia cousa como ser irmã de Vasperaldo, porque era o homem que mais agradecia o de que os

¹⁸⁰ A: Capítulo 27

¹⁸¹ A: a palavra (o “a” está riscado)

outros mais se descontentavam.

Não ouvio isto Carmélia, que não deixara de lhe responder, porque ao mesmo ponto que saía a lança dos peitos de Braceliano entrou no seu coração aquela antiga ufania e soberba com que soía desprezar o mundo e de que o desvalimento de Dom Duardos a tinha roubada, porque em castigo do que ele não merecia, foi forçado que suas calidades dela padecessem também aquele eclipse que durou o encantamento; mas ouvio-a Valerisa, com quem ela falava, a qual estranhando-lhe aquele arremesso, lhe mostrou como ofendia mais com ele [258] o seu próprio respeito que o da outra, pois em ãa o encantamento não era culpa e na outra o remoque parecia demasiada humanidade.

— Valerisa (lhe replicou Flérída) não me dá nada das vossas filosofias, porque quereis antes persuadir-nos que sabeis mais que nós que encaminhar-nos em nossas ignorâncias e eu creio isto e não quero confessar o outro. A prova é que como vos tocam em algũa cousa vossa saltais e nas das outras estais muito composta e muito ponderada dando preceitos. Carmélia correo bancos de Flandes com Albaizar e Vasperaldo sabe-o muito bem e mete-nos aqui cada dia em revoltas, com as suas finezas, com prisões e desafios. Tome-a já, case-a com ele e viviremos todos e será a verdadeira fineza.

— Jesus, Jesus (lhe disse Valerisa) sequer vós Flérída, não digais tal por amor de Deus, que ainda que Vasperaldo merece muito não é razão que façais tanto por ele.

Verdade devia ser isto, porque parecendo ã despropósito a que Flérída mais folgadoamente pudera e devera responder, ela se calou de maneira que sem falarem mais palavra, se puseram cada ãa em seu lugar a ver a batalha que aqueles cavaleiros começaram, logo que entraram no cerco que para eles estava feito, onde partindo-se-lhe o sol pelos juízes ordinários, que havia daquilo, remeteram ã ao outro, cubertos dos escudos que tomaram a seus escudeiros, porque não tinham entrado [259] com eles na sala e assi se não vira a divisa, que cada ã trazia.

O das Ondas pintara no seu entre outras, como as que tinha pelas armas, ã sepulcro branco, sem mais nada. E o de leonado e negro, ã vulto, que com ãa letra declarava, que era o Agradecimento.

Cubertos, pois, destes escudos e com as lanças baixas, remeteram aqueles cavaleiros ã ao outro, ao maior correr de seus cavalos e topando-se no meio da carreira com os peitos e cabeças deles, quebradas as lanças, os escudos falsados, os cavalos mortos e eles feridos levemente nos peitos, vieram ambos ao chão, onde desembaraçando-se e arrancando das espadas, começaram entre si ãa das bem feridas e

perigosas batalhas que de dous cavaleiros sós, havia dias que se ali tinha visto.

Valente e forçoso era o das Ondas e não faltando nada daquilo em seu contrário, logo se começou a fazer juízo da diferença, que lhe fazia, assi na ligeireza, como em saber-se guardar dos golpes com que era acometido.

Bem lhe lembrou ao emperador (que logo o entendera) dizer que por aquele dia podia Dom Floris estar quieto, mas como tinha a Albaizar consigo, sabendo que lhe ia alguma cousa no Cavaleiro do Sepulcro, não quis magoá-lo, não havendo para quê.

Parece que não aprovava este emperador a opinião de se haver de perder antes ã amigo que ã dicho, pois até ao inimigo com melhor resolução [260] poupava o gosto e assi é que palavras que magoem poucas vezes têm lugar diante de gente honrada e entendida, porque com as obras satisfazem seus agravos os honrados e com silêncio mostram entendimento os que o têm.

Verdade seja que há exceções em todas as regras e que o estilo a que comumente chamamos corte, permite algũas mordedelas e defende assi como as licenças demasiadas, o estarem sempre carregados os homens de sisos e filosofias, particularmente naquelas conversações onde assistem damas e senhoras, que havendo de ser com toda a decência e compostura, importa que pela outra parte também não sejam pesadas e malencônicas. E assi como para isto há regras, que apontáramos se o lugar fora disso, folgara eu de mas alguém dar do que deve fazer ã homem de bem perseguido e infamado de ãa senhora sem razão, sem respeito e sem cortesia, devendo-se-lhe a ela por todas as calidades serviço, cortesia e respeito?

Bem sei ao que chega a defesa natural, mas o que não sei é o modo de que se pode usar dela sem ofensa das circunstâncias que apontamos. Mas porventura, que indo a história por diante venhamos, ou a topar com algum Daliarte, que no-lo revele, ou com o arrependimento de quem ofende, que tudo se pode esperar de ãa inocência muda, quando não seja de ã apetite não regulado. [261]

Capítulo 27¹⁸²

Do fim que houve aquela batalha e de quem eram os cavaleiros e do que mais sucedeo na corte.

Os cavaleiros se andaram ferindo tanto espaço e sempre tão viva e esforçadamente, que começaram as armas a perder a cor e a louçania e eles a força e o sangue em tanta quantidade, que lhes conveio tirarem-se a fora para descansar. Pouca melhoria havia de parte a parte, porém menos ferido e mais alentado estava o cavaleiro agradecido. Não se detiveram eles muito tempo naquele repouso, antes tornando-se a juntar, com igual desejo de se vencerem e igual desesperação de o poderem fazer porventura, trataram-se contudo desta segunda vez de sorte, que na opinião de todos os que os viam, não poderia lograr a vitória muito espaço, o que derradeiro caísse.

Ao emperador lhe pesava de os ver naquele estado e temia que não quisessem compor-se, inda que lho rogassem, ã pela confiança que de si mostrava e outro pela injúria, que nessa mesma confiança recebera, se bem tinha bastantemente dado a entender, quão mal fundada ela fora; porém detreminando-se [262] em lhes poupar a vida enquanto a quebra da honra não era em nenhũ deles tão clara, que lha pudesse fazer aborrecível, comonicou aquele seu desejo com Albaizar, rogando-lhe que ele e Dom Floris, quisessem ir abaixo a pôr em paz aqueles homens, pois seria crueldade grande, deixá-los ir mais adiante naquela porfia em que a nenhũ ia muito.

Albaizar não estava contente da fraqueza, com que o seu cavaleiro se movia e folgou, com o que o emperador lhe mandava, particularmente porque não era tão conhecida cousa a melhora do outro, que pudesse ficar sem questão o juízo daquela contenda e oferecendo-se ao que ele queria, mandou o emperador chamar a Dom Floris e porque não o acharam logo, fez sinal aos juízes, que entretanto apartassem os combatentes em que já o espírito, é que fazia tudo.

Estava Dom Floris na sua pousada com Barceliano, donde se recolheram ambos, depois que souberam o que Primaleão passara com Vasperaldo, a praticarem no que lhes convinha fazer e discordes e encontrados nos pareceres, os acharam nela Recindos, Arnedos e Almourol, que o foram buscar com a mesma ocasião.

Dom Floris lhe parecia, que logo se devia despedir do serviço do emperador e ir-

¹⁸² A: Capítulo 28

se aonde sem a obrigação de criado, satisfizesse a Vasperaldo e a Palmeirim, sendo que com Vasperaldo, desejava ainda mais as brigas, por lhe parecer que com menos ocasião [263] as queria com ele.

E Barceliano, aconselhava o contrário, mostrando que o arremesso de Palmeirim e Vasperaldo, não fazia culpa no emperador para deixar o seu serviço, nem esse serviço o obrigava a não ter brigas com aqueles homens, quando as eles quisessem e que por hora mais perto estava delas naquela casa, que ausente. E que também Primaleão quasi preso por seu respeito, não lhe dava lugar a apartar-se do sucesso de suas cousas.

Replicava Dom Floris, que as dissimulações em matérias tão declaradas eram humildades e não entendimento. E que ele não devia nada ao emperador, nem a ninguém para sofrer impertinências de seus parentes; que tinha razões secretas, para romper com Palmeirim e que não queria esperar que as calidades do mesmo Palmeirim e os respetos dos reis, lhe entibiassem estas mesmas razões, porque o que agora seria brio e conveniência, depois poderia ser indignidade e culpa.

Bem suspeitava Braceliano, que temia ele, que casassem a Valerisa, com Palmeirim, porque ainda que Dom Floris, nem de si fiava aquele segredo, Carmélia, ou por lhe querer fazer a ele bem, ou a Valerisa mal, não o tinha a ninguém no que sabia daquela matéria e assi era ela quasi pública na corte. E dissimulando, com o que entendeo de sua réplica, tornou-lhe a dizer, que por cousas secretas, não se podiam fazer demonstrações públicas e [264] mais quando não podiam faltar brevemente fundamentos para se romper aquilo, sem culpa sua, porque ele fiava da soberba¹⁸³ de Palmeirim, que lhe daria ocasião, com que a não tivesse o emperador de se queixar das que ele fizesse em defesa de sua estimação.

Ia a responder-lhe outra vez o parente, quando aqueles hóspedes que dissemos lhe entraram pela porta e pouco após eles recado do emperador, que o chamava, ao qual obedecendo, foi a ver o que lhe mandavam, deixando-os ali todos praticando nas cousas daquele dia.

Entendeo Dom Floris o que o emperador lhe queria e foi-se com Albaizar a fazer aquele offício, com boa vontade, desejando que ficasse o outro vivo, para que como sarasse, pudesse puxar pela treição que tinha dito, que ele fizera. E cuidando interessar também a Albaizar naquilo e a seus valedores, contra quem estava colérico de maneira, que fora arriscada cousa para cada ù dos gregos as brigas naquela ocasião. E descendo

¹⁸³ A: ele fiava da soberba / C: ela ficava da soberba

mais abaixo sem se falarem palavra ã ao outro, chegaram ao campo, onde os cavaleiros se combatiam, ou tinham combatido, porque já então assi em virtude do que o emperador ordenara, como na de suas poucas forças estava cada ã deles encostado na espada, tão cansados e fracos, que mal se podiam ter em pé, porém com mais viveza e mais alento o agradecido.

Albaizar pedio àquele seu cavaleiro, [265] que não quisesse acabar aquela batalha, assi porque o agravo, que Dom Floris tinha feito à casa de Pérsia, não era diretamente treição e por outra cabeça se lhe havia de pedir a satisfação, como porque pois ele não estava livre para o poder acompanhar era razão diferi-lo, para quando o pudesse fazer, o que não tardaria muito como veria.

— Com essa palavra (lhe respondeo Alibeque¹⁸⁴ que assi se chamava aquele mouro) sou contente de deixar a batalha e não cuido que pesará a esse cavaleiro de fazer o mesmo.

— Ora por amor disso (disse ele que bem o ouvio)

Não o deixou Dom Floris ir por diante, que já enquanto Albaizar fazia aquele ofício, tinha ele acabado o seu, com Felisarte rei de Nápoles seu amigo, que este era o cavaleiro agradecido e atalhando-lhe a justa cólera, que a reposta do outro provocara, como dissemos, foi ele o que respondeo a Alibeque¹⁸⁵ dizendo que si folgava de deixar a batalha, por quão conhecidamente levava o peor dela.

— Bem podeis vós zombar (respondeo Albaizar) mas não me parece a mi que ele tem porque lhe pese de se apartarem.

— Espera o emperador por nós (replicou Dom Floris) e não será razão desgostá-lo com tardarmos. Algũa hora poderá haver em que vos eu responda.

— E não tardará muito vos afirmo, disse Albaizar.

E com isto se foram andando todos quatro para o emperador, que já com algũa inquietação de sua tardança os aguardava, temendo a soberba [266] de Albaizar e a nenhuma paciência de Dom Floris.

Não poudo Alibeque¹⁸⁶ sobir as escadas, ou com o peso do corpo, ou com a falta do sangue e assi o levaram em colos de homens, mas em todo seu acordo, para a pousada de Albaizar. Era este ã primo com irmão de Beliazém, que também com ele se criara e que saío muito bom cavaleiro. E vindo depois de Albaizar segunda vez perdido

¹⁸⁴ A: Alibeque / C: Talibo

¹⁸⁵ A: Alibeque / C: Talibec

¹⁸⁶ A: Alibeque / C: Talibeque

à corte em busca dele, tendo peregrinado por diversas províncias, no tempo que ele esteve nela e no cerco de Aleboazem, achou-a toda cheia de lágrimas e confusões, por se dizer que era Albaizar morto, posto que com pouca cortesia. E com esta nova Aleboazem quisera entrar no governo dos seus estados, apesar de Targiana, que o não consentia, se o comedimento de Alquidiana o não atalhara, mostrando ao marido, como se apressava sem tempo, porque se o irmão fosse morto, ninguém lhe tiraria o reino das mãos e que se tardaria pouco em o averiguar.

Estando as cousas neste estado, chegou Alibeque,¹⁸⁷ e perdido por Beliandra sua prima, quis casar-se com ela e lograr também o senhorio de Pérsia; porém servindo-se deste seu humor Targiana, prometendo-lhe acabar com a outra, o que ela mostrava não querer, com os olhos ainda em Albaizar, mandou-o em busca dele a Constantinopla e que dali, com a resolução certa de sua vida, ou morte, lhe tornasse, para cumprir sua palavra. [267]

Veio ele de boa vontade, porque também desejava brigas, com Dom Floris e lhas encomendara Beliandra, com algũ desejo, de que não tornasse, o qual foi mal entendido do mouro. E caminhando por suas jornadas encontrou-se com Felisarte, que com saudades de Dom Floris, o vinha também buscar, deixando a Lisandra no governo de seu estado, que soffeo a romaria a troco de que Filisarte cumprisse, com ãa tão devida obrigação, como era procurar pagar àquele cavaleiro, o que lhe devia, que não era menos que fazê-lo senhor do seu estado dela, com o qual lhe succedeo tudo o que tendes ouvido e fazendo o emperador muita honra àquele rei, levaram-no a agasalhar e curar, na pousada de Dom Floris, onde foi visitado do mesmo emperador e de tudo o mais que na corte havia e porque as feridas de Alibeque não davam lugar ao embarcarem, nem parecia razão ir-se Albaizar sem ele, difirio-se a sua jornada, até estar em disposição de o poder acompanhar. E nos dias que isto durou, compôs o emperador com grande prudência e sufrimento, os arrufos de todos aqueles cavaleiros, com ajuda de seu filho¹⁸⁸ Florendos e Platir e de Palmeirim e Floriano seus sobrinhos, de Beroldo, Floramão e Dramusiando, de maneira que pareceo ã tempo, que nunca entre eles houvera desavenças algũas, como veremos no capítulo que se segue, até que sucederam outras cousas. [233]

¹⁸⁷ A: Alibeque / C: Talibeque

¹⁸⁸ A: seu filho / C: seus filhos

Capítulo 28¹⁸⁹

Do que passava na corte do emperador depois de acabada a aventura da Casa do Amor.

Não estivera nunca aquela corte nem mais cheia de cavaleiros famosos, nem melhor adornada de damas, princesas excelentes, nem com mais eficazes motivos de contentamento, do que os passados casos tinham deixado em todos os presentes.

O emperador, furtando-se com pouco trabalho aos rebates de sua idade, lograva com coração de mancebo. Palmeirim e Floriano, com os mais daquela camada, se consideramos o como os homens então viviam, bem podemos afirmar que estavam no melhor de seus anos. E os príncipes e seus filhos, que como novas flores então apareciam no mundo, faziam aquele século perfeito.

Dom Duardos andava melhor visto. Albaizar não de todo desenganado. Trineo contente. Primaleão agradecido. Vasperaldo estimado. Palmeirim de Lacedomônia cioso. Dom Floris de todo perdido. Arnedos verdadeiramente namorado. Mal julgado Leopoldo. Recindos sacreficando finezas a ídolos, que [234] nunca vira. Pavorante ansioso. Braciliano corrido e Florislao pasmado de todos eles. Corriam cada ãa após seu fim pelos melhores meios, que podiam.

Carmélia fazia amizade a Dom Floris, não sei se por lhe pagar a jornada de Boêmia, se por desejar ver Valerisa peor ocupada, do que lhe ela alguma hora parecera. Fidélia declaradamente era parcial de Dom Duardos. Não¹⁹⁰ desajudava Flérída a Palmeirim seu primo, nem Gridônia deixava de falar em Albaizar a Carmélia, com pouco perigo na opinião de Valerisa, porém não pequeno na de Fidélia,¹⁹¹ que tinha para si que sempre era tempo de recear feridas velhas, por mais cicatrizadas que estivessem. Leopoldo e Braceliano eram os peor livrados, aquele porque o julgavam por sítio dos segundos pensamentos, estoutro porque o imaginavam doente ainda deles.

Havia máscaras, havia serões, tiravam-se librés de cores significativas, davam-se músicas, compunham-se versos, faziam-se motes e de ordinário se juntavam todos os mancebos e ainda dos outros em casa de Floramão, quando o emperador dava lugar, que por lhes não ser pesado, assestia naquela academia presidindo nas questões, que cada ã

¹⁸⁹ A: Capítulo 24

¹⁹⁰ A: Dom Duardos. Não / C: Dom Duardos, o amor de Primaleão, a razão de Vasperaldo e a fortuna de Trineo; não

¹⁹¹ A: com pouco perigo na opinião de Valeriza, porém não pequeno na de Fidélia / C: com pouco perigo na opinião de Fidélia, porém não pequeno na de Valeriza

movia, conforme ao humor de todos e algũa vez deferiam a resolução às damas e elas a davam com o império que sobre tudo tinham.

Exercícios verdadeiramente de corte, porém continuados, não mui próprios dos daquele [235] tempo em que os cavaleiros tinham mais precisa obrigação de andar peregrinando pelo mundo, juízes dos agravos que recebiam os pequenos, que estar no regalo daquelas ocupações e ensaios e assi não durou ali muito aquela maneira de vida, nem tanto que chegasse a ser caluniada de alguém, havendo todos aquela detença por dívida a satisfação dos desastres, que essa mesma corte padecera.

Mas antes que se dissolvesse aquele ajuntamento, continuando¹⁹² Dom Floris nos êxtacis e acidentes, que o amor de Valerisa fizera já alimento e vida natural sua, veio a incorrer em ã inconveniente novo para ele e de mortal trabalho em sua natureza. Não tinha sabido este cavaleiro depois que se acabaram as ilusões da Casa do Amor, que cousa eram ciúmes, nem se persuadia que podia haver amor com eles, opinião que defendia, com grande acrimônia, na Academia de Floramão, todas as vezes, que se oferecia tratar daquela matéria, sem se deixar persuadir nunca do que sentiam os mais. Era esta sua opinião tão conhecida de todos e de todas,¹⁹³ que estando conversando acerca dela as princesas ã dia, disse Gridônia para as companheiras:

— Eu não cuido que Dom Floris sustenta este parecer, porque entenda que na hora que entram os ciúmes entra a descortesia contra o que se ama em cuja companhia não pode ficar o amor ã ato simplicíssimo e puro, como ele diz e apregoa, [236] senão porque deve crer, que em ã homem chegando a ter ciúmes, não lhe convém mais amar aquele sojeito.

E a verdade era que, ou por aquela, ou por outra razão, nem Dom Floris se ciava de Palmeirim seguir o seu mesmo caminho, nem lhe fora ocasião de ciúmes, se o mesmo Dom Duardos o seguira; mas o Amor, que se não contentava de o marterizar com a condição de Valerisa, com a sua própria dele, quis também martirizá-lo e assi após ãa longa porfia, que consigo mesmo teve, para se defender daquele efeito, veio a render-se-lhe, mas por novo caminho, porque nem se desconfiou da resistência de Valerisa a pertensão algũa, nem de seu desmerecimento¹⁹⁴ próprio, na concorrência de Palmeirim, nem de outrem; mas desanimou-o de todo suspeitar por alguns indícios, que

¹⁹² A: ajuntamento, continuando / C: e que Talibee estivesse para caminhar, continuando

¹⁹³ A: de todos e de todas / C: de todos

¹⁹⁴ A: desmerecimento / C: merecimento

Carmélia lhe fazia¹⁹⁵ a intercessão em que ele se estribava, se não para ser remediado, por o julgarem necessitado de remédio pelo menos. E tanto apertou com ele este pensamento, que sem considerar bem o que fazia, achando-se ã dia com Carmélia em casa de sua irmã, pondo-se de gíolhos a falar-lhe para a ponta do estrado, lhe disse:

— Duvidar de vossos poderes não se pode fazer sem escândalo de vossos merecimentos e duvidar da vontade, com que prometestes guiar minha fortuna, também fora culpa contra a palavra empenhada, sem nenhũa circunstância, que obrigasse, senão a justa mágoa de ã homem injustamente perseguido [237] dessa mesma fortuna, que veio a mostrar-me mais vivas as razões da minha entrega, quando mais obrigado vivo a não me enganar com o desejo. Ora vede o que seria se tivesse algũas para me persuadir que aplicáveis a outra ferida o remédio, que oferecestes à minha. Se temer isto é ofensa da senhora Carmélia, a causa dá-a o pouco merecimento de Dom Floris. Não me melhoreis a esperança, porém tirai-me a suspeita.

— Dom Floris (respondeo Carmélia ã pouco carregada e seca) não useis tão mal da amizade, que por amor de vossas parentas vos faço, que vos atrevais a falar-me de siso em cousas tão alheas de quem eu sou e do decoro de Valerisa em que me a mi não vai menos. Contentai-vos com saberdes que sou vossa amiga, que procurarei vosso acrescentamento e honra, no que derem lugar os respeitos, de que com grande espanto meu, vos vejo estar esquecido. Não me trateis mais destas matérias e porque quero que vos não percais nelas, vos aconselho, que nem de vós as fieis e será o mais certo modo de merecerdes agasalhá-las. O que toca a vossa suspeita, vos perdoo, porque estimo ver-vos reduzido ao passo¹⁹⁶ comum dos outros homens, se porventura não é esta a maior vingança da queixa, que podem ter.

Já estas últimas palavras foram ditas de maneira, que deixaram respirar aquele triste, que até então esteve ouvindo, mais perto [238] de sair de todo de si, cuidando que ofendera a seu cuidado, que de preparar reposta à súbita mudança de Carmélia. E querendo dar-lhe algũa todavia ela mesma o atalhou, ou já cansada de o ouvir, ou arrependida de ter falado tanto e tornou-lhe a dizer:

— Por amor de mi que baste isto agora e seja a troco, de que fique à minha conta dá-la do vosso silêncio, que disto me não desobrigo.

Com o que acabada esta conversação se foi Dom Floris à pousada de Floramão, onde achou amigos e inimigos tratando de mandarem ãa cabeça de motes às damas e

¹⁹⁵ A: fazia / C: passara

¹⁹⁶ Seria paço?

apertando com Floramão que a fizesse ele se escusou com oferecer ã mote e obrigou-os a lançarem sortes, sobre quem a faria e caindo em Braceliano ele não somente quis mostrar a queixa, com que vivia, mas a natureza da pessoa de quem se queixava, na forma que elegera de tratos e de contratos, nova porventura naquelas ocasiões, porém ajustada em tudo com o humor da senhora Daraja. Fez a cabeça e pôs o primeiro mote, como é costume encaminhando-a à princesa Fidélia, testemunho de seus agravos.

Fizeram o mesmo os que estavam na casa e até o próprio Albaizar a rogos de Floramão e mandaram-na por Pleonido, que por ali andava sempre e quiçá que com papelinhos e não de Carmélia, nem para Dom Duardos. Tudo faz o tempo e tudo dizem que vê quem vive.

Enfim levando Pleonido a Fidélia [239] a cabeça de motes fechada ela assi como lha deram a levou à emperatriz, que abrindo-a, mandou a todas, que lhe respondessem, o que fizeram leve e engenhosamente.

Mas se por algum dia foi ocasião de passatempo, levantando argumentos e disputas, não tardou em o ser de grandes perturbações, porque resultou dali grande rotura entre os reis de Espanha e França com a casa de Grécia, mal esperada de ninguém. Tanto pode ã ponto de honra, bem ou mal entendido, nos corações honrados. Mas não antecipemos males, mas demos conta dos motes e repostas.

Cabeça

Livros desencadernados, conhecimentos perdidos, negadas obrigações, trato mudado a outra praça, saber querem os acredores, se ainda podem ter remédio.

A Senhora Fidélia.¹⁹⁷

Pediam câmbio os suspiros,
força foi quebrar com o trato.

Braceliano

Reposta

Sempre com os interessados,
foi melhor esse caminho.

Fidélia

¹⁹⁷ A: Fidélia / C: Carmélia

A Senhora Carmélia

Perdendo sempre no trato, [240]

Sentirei só que se mude.

Primaleão

Reposta

Mui longe está de ganhar,

quem cuida que em tudo perde.

Carmélia.

A Senhora Flérída

Provera a Deus que algũa hora

fora trato, inda que dobre.

Albaizar.

Reposta

Como houvera algũ convosco,

nunca tivera esse nome.

Flérída.

A Senhora Valerisa

Conhecimento perdido

não livra da obrigação.

Vasperaldo.

Reposta

De quem cuida em obrigação

perde-se o conhecimento.

Valerisa

A Senhora Gridônia

O livro em que se escreveo

a obrigação, vive eterno.

Floramão.

Reposta

Bem a experiência o mostra

de vossa grande firmeza.

Gridônia [241]

A Senhora Fidélia

Trato em que nunca se ganha,
que pode ir em que se mude?

Florislao

Reposta

Ninguém duvida quem sois,
não vos canseis em prová-lo.

Fidélia

A Senhora Carmélia

Quem ficar pode obrigado
a quem cuida em seu remédio.

Palmeirim de Lacedomônia

Reposta

Se no perder está o ganho
não vos esquece ele a vós.

Carmélia.

A Senhora Flérída

Desejo só de ganhar
modo para me perder.

Trineo

Reposta

Para perder este mote
fora dita tê-lo achado.

Flérída

A Senhora Valerisa

A dita de perder bem,
novo cabedal dá sempre

Leopoldo

Reposta

Logo estareis já seguro [242]
de vos perder outra vez.

Valerisa

A Senhora Gridônia
Se a minha perda enriquece
algum descuido estou rico.

Arnedos.

Reposta
Que será se porventura
se escondesse aqui vingança?
Gridônia.

A Senhora Fidélia
Negadas bem podem ser,
perdidas nunca serão.
Dom Floris

Reposta
Não se ham de chamar negadas
obrigações nunca tidas.
Fidélia.

A Senhora Carmélia
Como se chama acreedor
o que sempre em tudo deve?
Pavorante.

Reposta
Em verdade Pavorante
que me alegra o vosso mote.
Carmélia

A Senhora Flérída
Em queixosos de perdidos,

que se perde em que se perçam?¹⁹⁸

Dramusiando [243]

Reposta

Inda Dramusiando estamos
muito bem desta doutrina.

Flérída

A Senhora Valerisa

Se nesta praça o não vejo,
onde me espera o remédio?

Recindos

Reposta

Em qualquer o tereis certo
como nesta o não buscardes.

Valerisa.

A Senhora Gridônia

Se comigo se mudara,
não só ganho, onzena fora.

Dom Duardos

Reposta

Bem aviados¹⁹⁹ então
os encantados ficaram.

Gridônia

¹⁹⁸ A: perçam / C: percam

¹⁹⁹ A: aviados / C: guiados

Capítulo 29

Do que passou na corte entre aqueles cavaleiros e princesas depois dos motes.

Entretiveram os motes e as repostas, de que no passado capítulo tratamos, por alguns dias a toda a corte, gabando uns e desgabando outros e no que tocava às repostas, não achando ninguém de que se contentar, dizia Florislao, que se se visse em outra, não faria mote senão a sua irmã, porque só Recindos, que levava aquele caminho fora o melhor livrado entre eles todos.

— Não tendes razão, (lhe disse Floramão em cuja casa isto passava) que Pavorante e eu, não temos de que nos queixar.

— Muita graça tem isso (respondeo Palmeirim) quererdes vós Florislao, que vos escrevessem miminhos, pois por minha vida que sempre eu cuidei, que viessem alguns dos motes sem repostas, mas parece que se tem tornado as casas dos emperadores conventos de freiras, que a todos tratam igualmente ou que cuidaram aquelas senhoras, que éramos todos frades, onde a indeferença dos hábitos, faz a mesma indiferença de pessoas.

— Eu não entendo muito destes primores da corte, replicou Florislao, porque me não criei nela, mas pelo que tenho aprendido de vós e de estoutros cavaleiros, [269] parece-me que não dizeis nada, porque se os motes, que fizemos foram às criadas daquelas princesas então puderam elas com a qualidade de damas, tratar-nos com esses rigores; mas estoutras²⁰⁰ a cuja comparação todos somos menos, que criados, de que melhor maneira nos podiam mostrar a desestima, senão com fazer-nos mimos? E por aqui, se me eu não engano, muito melhor livrado será o mais desvalido. E porque isto é falar de siso, não tenho inveja a vós, nem a Recindos.

Acodio depressa Albaizar, que também ali estava, temendo que Palmeirim, a quem se sentia obrigado, respondesse azedamente e disse:

— Provai-me vós isso, senhor Florislao e dou-vos minha palavra, que vos mande de Turquia ãas muito boas alvíssaras.

— Não as dera eu más, lhe respondeu ele, se vós não fôreis para lá tão depressa.

Floramão andava sobre aviso, para não deixar falar Albaizar, nem que falassem com ele, cousa que cheirasse àquelas, que o emperador temia e assi atalhando, com seu acostumado termo disse:

²⁰⁰ A: mas estoutras / C: estoutras

— Destas porfias havemos de tirar matéria para outros motes e se não forem antes que vós vos vades, senhor Albaizar, lá vo-los hei-de mandar, para que sejais meu companheiro em desdita.

Entendeo-o mui bem Albaizar e não querendo que se frustrasse o intento daquele seu amigo, respondeo-lhe rindo:

— Seja tudo como vós quiserdes, senhor Floramão, que como vos tiver por companheiro [270] na sorte,²⁰¹ seja-o muito embora no disgosto dela.

Estava Dramusiando junto a Dom Floris e disse-lhe manso:

— Isto de Palmeirim motejaduras parecem mais que motes. Vedes vós com quem o ele há.

— Algũa cousa cuido que quis dizer a alguém, tornou Dom Floris, mas não vejo aqui a quem, porque ainda que o não tenho por meu amigo, não cuido que falaria comigo quanto é naquilo, nem o hei de cuidar nunca, por mais claro que o ele diga, porque eu tenho-me por igual a todos os filhos de Adão e se por nascer²⁰², com a cabeça para diante, me caíó a coroa dela, mãos me deixou a natureza, para tirar cabeças e coroas, a quantos em desprezo meu moverem as línguas, como não seja a de meu próprio rei.

— Não cuido eu menos de vós, lhe respondeo Dramosiando, mas não merece esta repostas minha amizade, já que vos pareça que a merece o que vos disse, porque se não estivera rindo, convosco, dos fumos que trazem cego este mancebo, que deve ser a razão, com que lhe não parecemos homens, nunca vos tocara em tal.

— Perdoai-me, replicou Dom Floris, que inda sou o mesmo, que quando me armastes cavaleiro. Sou desconfiado, bem o vejo. Pesa-me, mas não sei que lhe faça, porque estimo mais o que sou, que o que os outros homens porventura querem que seja.

Acabou-se a conversação aquele dia com mais sossego, do que começara e não faltou quem palrasse o que tinha passado às princesas, que em ãa mesma [271] conformidade julgaram a Palmeirim por grosseiro, a Florislao por discreto, a Floramão por sesudo e a Albaizar por mofino. Bem lhe pareceo a todas, que o remoque fora a Dom Floris e a Braceliano. Ora sede lá vassalo e andai entre príncipes para vos apontarem com o dedo!

E desejando muito as princesas saber se dissera algũ deles algũa cousa, só alcançaram por então, que Dom Floris e Dramusiando falaram muito em segredo,

²⁰¹ A: sorte / C: corte

²⁰² A: nascera, foi riscado o a final. / C: nascer

àquele mesmo tempo. E não sossegando, como costumam quando as aperta o desejo de algũa cousa, que em si não seja indecente encarregando-o a Fidélia ela mandou chamar a Dramusiando, por Pleonido e indo ele a horas, que a achou ocupada em outra cousa de mais seu gosto, mandou-lhe dizer pelo mesmo enano, que a visse à quarta-feira seguinte, que era o dia, que ela escolhia para suas boas fortunas. Dramusiando disse, que assi o faria e Pleonido, que depois da vinda de Dom Duardos, não andava tão valido, como cuidava que seus serviços mereciam, replicou:

— Bofé Senhor Dramusiando, que se eu a vós fora, que lhe mandara dizer, que se as quartas eram boas para ela, que os sábados o eram para vós.

— Que é isto senhor Pleonido? (acodio Dramusiando ainda com a sua boa sombra) tão acabado estou eu, que me aconselhais grosserias? Ora não digais isso à senhora Fidélia, mas dissei-lhe que hei medo, que não chegue vivo a esse dia, com a [272] pena de o ver tão longe.

Pleonido lhe voltou as costas carrancudo e de má graça e sem lhe dar reposta algũa, se foi dizendo entre si:

— Como são parvos os mais dos homens, que cuidam que estão sempre obrigados a dizer sempre dichos e galantarias, sem respeitarem tempos, nem idades. Olhai agora o gigantão muito gordo e muito velho, que vem abafando pelas escadas acima, sem se poder arrojear cá e fica para se enforçar de a outra o não querer ver mandando-o chamar e não tendo que fazer nada, senão salear de pousada em pousada, com suas amigas e parece-lhe sobre isso que é obrigação e decência, responder-lhe melindres. Ora bem mais lhe custaram a ele sobir as escadas, que a mi, ainda que também eu já pudera buscar outro ofício, mas não convém declarar desvalimentos, por não quebrantar os amigos, nem dar prazer aos que o não são.

E com isto tornando Dramosiando ao dia, que lhe tinham assinado, soube o que lhe queriam e as princesas, o que queriam dele, porque como o segredo lhe pareceo que não desconvinha aos intentos, que sospeitavam de Dom Floris, de quem ele era grande amigo, não o quis guardar²⁰³ naquela parte, onde a ele lhe estava melhor o saber-se como tornava por si.

E depois de se acabar a visita, tornando-se ele e indo ela dar conta do que alcançara às companheiras, todas juntas assentaram que Dom Floris não errara, a Dramusiando, no que lhe respondera, pois ele o forçara a querer que tomasse [273] por

²⁰³ A: guardar / C: ter

si, o que nem pela imaginação lhe passava. E que no mais não via o caminho para que Palmeirim se seguisse àquele poder deixar de haver algum trabalho grande.

Chegou entretanto a partida de Albaizar, que em todo aquele tempo, que a saúde de Alibeque o detivera na corte, reconcentrando dentro de si mesmo o amor de Carmélia, nem à pousada de Floramão ia as vezes que costumava, ao menos depois daqueles piques, que ali passaram e na sua passava a boca fechada seus martírios, tão entrado da força deles para o atormentarem, quanto de suas resoluções, para não disgostar ao emperador enquanto estivesse em sua casa, nem pagar mal a Vasperaldo, o bem que o tinha servido. E assi passava sem escrever a Celinda, nem ir aos serões, nem passear pela horta, nem ainda a comer, com o emperador, se a emperatriz comia também com ele.

Não podia esta maneira de vida, deixar de fazer grandes e perigosos efeitos naquele príncipe e assi andava magro, descorado e em extremo triste e pensativo sempre. Davam-se estas novas dele às princesas e temendo Fidélia, com razão, que fossem mais poderosos encantamentos aqueles, que os passados, para danarem a DomDuardos, trabalhava instantemente com Carmélia, que tomasse algũa boa resolução em suas cousas, pela qual também se não via pouco apertada²⁰⁴ dele.

E Carmélia posta em sua inteira liberdade, [274] nem de Albaizar, nem de DomDuardos se lhe dava nada e assi diferia a resolução e procurava com indústria que Fidélia a não achasse só, o que a outra entendendo mais para lhe lembrar o que já fora, que para a tirar do que agora a via, a espreitou ãa sesta, que estava na sua pousada sem nenhuma companhia, nem tão descomposta,²⁰⁵ que lhe pudesse fogir e deu lá com ela tão de súbito, que houveram aquela vez de falar à sua vontade.

Fez-lhe Carmélia muita festa, porque não era contudo, o aborrecimento do negócio de maneira, que lhe fizesse aborrecível ãa tão perfeita cousa, como Fidélia era em tudo. E conhecendo o humor, de que ela vinha e não querendo que houvesse entre elas nenhuma cousa de disgosto, disse-lhe rindo, depois que a agasalhou e abraçou:

— Ora sus Fidélia em qual dessas mangas me trazeis Dom Duardos? Dai-mo cá e não peleijemos, que como me não obrigardes a que o queira antes por ele, que por vós, tudo farei a quanto quiserdes obrigar-me.

— Bem folgo de vos ouvir isso, replicou a outra, porque eu me vinha a declarar convosco e não no que cuidais porventura.

²⁰⁴ A: apertada / C: apartada

²⁰⁵ A: descomposta / C: composta

— Pois em que? Disse Carmélia.

— Em vos pedir licença (tornou Fidélia) para eu granjear Dom Duardos e casar-me com ele.

— Olá senhora Fidélia (respondeo Carmélia) não curemos nós disso, que já esse pensamento me a mi deu cuidado quando andava mais colérica do que agora me sinto, mas aí fica Primaleão, que este nome de [275] emperador, é demônio.

— Por esta cruz (tornou a dizer Fidélia) que mor raiva me fizéreis se apontáreis em Albaizar.

Ora já fizestes o a que vínheis, lhe replicou ela, não falemos mais e tornai-vos embora.

— Não, não fiz (disse Fidélia) havemos de falar muito a prepósito, porque Dom Duardos não me crê e diz que não sabe se está aqui contra vosso gosto, nem tem visto cousa, onde julgue o contrário, que se estranha na conversação da gente, nem entende o caminho que siga. E eu suposto²⁰⁶ lhe digo que se não apresse, contudo lhe acho razão quanto até aqui, porque nem a carta, que lhe levou Pleonido o pode certeficar, nem minhas razões²⁰⁷ assegurar de maneira, que perca os receos de vossa condição, particularmente que lhe fazeis tiros²⁰⁸ descubertos e com pouca razão, pelo que quereis encobrir, que pelo mais, não ia muito nisso. Por amor de mi, que vos resolvais no que quereis, que seja deste pobre homem e se de mistura tratáreis de resolver o que vos convém a vós em verdade que me não parece fora de tempo e porventura que sejam estes dous dias próximos, que vem, os em que melhor vos esteja isto, que digo.

— Ah, acabai Fidélia (respondeo ela) pagai-me bem meu amor e conheci-me melhor. Vós dizeis isso, porque vos parece razão, que faça eu ùa demonstração grande, antes que Albaizar se vá desta casa e não importa nada o ir-se, nem o não ir-se, para o que me aconselhais.

— Não o dizia eu por isso (replicou Fidélia) se não porque não haja quem [276] diga, que vos não pareceo vosso primo digno de estimação enquanto o outro esteve presente, que para mi eu vos pago de maneira, que de tudo o que tenho por melhor, vos imagino rica.

— Ora senhora (tornou a dizer Carmélia) ainda que vos vejo tão parcial deste meu parente, todavia me aconselhara convosco, se cuidara que me quiereria aconselhar,

²⁰⁶ A: suposto / C: aposto

²⁰⁷ A: razões / C: palavras

²⁰⁸ A: fazeis tiros / C: fazeis

quem trata de persuadir,²⁰⁹ porque a diferentes fins, se encaminham sempre estes diferentes efeitos. E já isto não vai muito contra o que me mandais, pois quero antes ouvir-vos como terceira de Dom Duardos, que como madrinha de Carmélia. Dom Duardos é moço e muito bom cavaleiro, muito necessário dos menesterosos,²¹⁰ que vivem em o mundo, onde ele ganha honra, seus amigos consolação, glória suas boas venturas e os necessitados ajudas e socorros, nem é razão que o tenhamos aqui a pé quedado, ocupado em segredo na granjearia de ãa vontade, que está posta nas vossas mãos, nem que vós o queirais obrigar nesta idade que tem, a que publicamente o fique, a não se apartar de ãa mulher, com poucos ganhos seus e com tantas perdas dos que o hão mister. Podeis-lhe dizer, se vos parece, que estimo que me sirva, mas que há de ser, contentando-se, com que eu o adivinhe, sem que ele mo diga. Mais que isto, não o hei de fazer, nem vós tereis razão se mo mandásseis. E também vos declaro, que me não obrigo a resestir à vontade de meus pais e do emperador, se entretanto cá [277] me ordenarem outra cousa.

— Ta ta ta Carmélia (lhe disse a outra) Eu estava havendo lástima a vosso primo e agora vos entendo. Vós quereis ganhar comigo o que vos parece, que já algũa hora perdestes e não tendes razão, que não perdestes nunca nada por certo. Eu não tenho mais que falar em Dom Duardos. Esta fita vossa lhe darei e com isto ajude-vos Deus a ambos, se não for o demo, como me a mi parece.

Rio-se Carmélia e porque na fita estava ãa cruz de diamantes, com que ela folgava, respondeu a Fidélia, que já se levantara para se ir:

— Mana deixai-me vós cá a cruz, que para favor, parece que basta a fita.

Saío-se Fidélia rindo, porque Celinda entrava, com o açafate para tocar²¹¹ sua ama e foi-se ela a que lhe fizessem o mesmo, que também viera com ã pouco de descuido.

Entretanto, como dizíamos, tendo chegado o tempo prescrito à partida de Albaizar, havendo já alguns dias que Alibeque estava restetuído à primeira saúde, posto que a do outro estivesse qual vo-la temos pintado. Querendo o emperador descarregar-se do peso, que lhe era aquela hospedage, tendo-se ordenado e embarcado tudo o que à autoridade e comodidade de Albaizar convinha estando o tempo bom para sua navegação, assinou o emperador a tarde do dia seguinte para ela, na qual a maré era

²⁰⁹ A: persuadir / C: me persuadir

²¹⁰ A: necessario dos menesterosos, que vivem em o mundo / C: necessário no mundo

²¹¹ A: escreveu o “u” em cima de “tocar”

mais a propósito e convidou-o para jantar com ele e com a emperatriz, ao que ele respondeu o [278] que a seu tempo veremos.

Capítulo 30

Do estorvo, que teve a partida de Albaizar e do que mais succedeo na corte.

Preparadas as cousas para a partida de Albaizar, na forma, que no capítulo passado vos dissemos, recolhido ele a sua pousada com Alibeque, aguardando o navio dia para dar à vela, não lhe custou tão pouco a imaginação do que deixava, ainda que vivesse tão desenganado, como fica dito, que pudesse passar sem acidentes e paracismos, tão mortais, como se o novo sol, que vinha para o guiar a sua casa e o pacífico governo de seus estados, houvera de ser o último termo de seus assentos.

Não era Alibeque acostumado àquela maneira de dores e assi lhe foi pesada companhia nelas, porque sentindo da cama em que estava, o trabalho e as ânsias com que o pobre lutava, tomando depressa ãa roupa de levantar, se foi a socorrê-lo. E vendo depois de chegar a ele, que ou aquilo era morrer naturalmente, ou querer morrer por força, começou a consolá-lo, com razões tão descompostas e conceitos tão [279] mal entendidos, que teve Albaizar por melhor (pois não morria) dizer-lhe que estava bom,²¹² e que se tornasse a agasalhar.

Assi o fez o mouro, mais por não querer ver o que não conhecia, que por crédito, que desse ao que o outro lhe afirmava. E com razão, porque se bem Albaizar negava com a boca o que sentia n'alma, de maneira tinha esse mesmo sentimento tomado posse de todos os sentidos exteriores, que a nenhuns olhos se podiam encobrir os estragos que nele tinha feito. Perdida a cor do rosto, quasi quebrada a vista, caídos os braços e o peito levantado, lânguida a vox e só com júzo inteiro, dizia este príncepe:

— Senhora Carmélia, que possam menos comigo vossas saudades, que estocadas de Dom Duardos, é culpa que eu castigarei em mi como merece, mas que morra Albaizar sem pena, nem gosto vosso, não queira Deus que o venhais vós a pagar, como alguns julgarão que é conveniência. Bem sei quão pouco valho eu para lembrar-vos, porém enquanto Albaizar Soldão de Babilônia e herdeiro dos estados do Grão Turco está isso muito bem; mas enquanto conhecedor de vossas perfeições e das faltas, que em todo homem há para dignamente adorá-las, quando vos não lembrem para estimação, para saberdes que falta ã trofeo de vossos triunfos, não fora sem razão grande o não esquecer-vos. Quem pode fazer queixas da fortuna, se sabe o quanto menor é que vós? Assi é que eu não me queixo da minha, pelo que vós me fazeis, senão

²¹² A: bom / C: bem

pelo que ela [280] tem feito comigo. Se vosso pai, se vossos parentes, se vossas amigas, julgaram alguma hora, que eu vos tinha bem servido e se nesse mesmo tempo a ira de vosso irmão abriu neste corpo tantas portas à morte, que crueldade tamanha foi a sua, de desviar então que não entrasse alguma, para que venha a morrer agora em ódio deles e esquecimento vosso? Em ódio digo, porque devem cuidar do que determino fazer, que é antes desagradecimento dos gasalhados, que hoje me fazem, que vingança dos danos, que me já fizeram e eu o entendo também assim. Mas que fará quem não tem cabedal para servir-vos, senão granjeá-lo por todos os caminhos, que se oferecem? Devo, é verdade, boas correspondências às fidalguias que estes homens usam comigo. Ir contra esta obrigação, que outra coisa será, senão mostrar-vos, que vos hei de seguir, ainda por onde não caminha o entendimento, se porventura não é mais conveniente que digamos, que o entendimento só está em buscar-vos. Lançam-me daqui, como querem, porque não tornarei eu a buscar-vos como posso? Fá-lo-ei Senhora e quando não queirais dever-me tornar a recuar sem mo mandardes, por força será que me devais tornar a fazer desenganado, o que já em melhor hora encheo de espanto aqueles, que não conhecem a força dos respeitos que me obrigam.

Não diz Henrique Frusto se ia ou não por diante Albaizar nestas lamentações, [281] que vos contamos, diz só, que em acabando com as últimas razões delas, foi tal a paixão, que chegou ao bruto Alibeque entendendo que em vão esperavam os mouros que ele os vingasse, das queixas, que tinham daquela casa, que se resolveo subitamente em matá-lo de qualquer maneira que pudesse, porque com isto podia também granjear Alboazém seu cunhado para se fazer aquela expedição do império grego, que todos desejavam tanto. Mas como conhecia a Albaizar entendendo a dificuldade de seus intentos, se o outro os soubesse, não quis pôr em perigo a si e a eles, fazendo ou dizendo alguma coisa, de que se pudesse ter suspeita.

E tornando-se a levantar, para tornar outra vez a falar-lhe e assegurá-lo, achou-o envolto em lágrimas entrando em um profundo desmaio, com o que vendo a comodidade que lhe o caso dava, querendo primeiro assegurar-se do emperador e dos cavaleiros da sua casa, de quem via que não poderiam deixar de fazer demonstrações grandes naquele acontecimento.

Discorrendo consigo, não achou melhor meio de conservar a vida própria depois de tirar a alhea, que vestir-se em hábitos vis e meter-se entre os pobres, que pelos

pórticos²¹³ da cidade se agasalhavam. E parecendo-lhe também que não seria fora de propósito dar algũ espaço, que fazer ao emperador e à sua casa, para o não buscarem com tanta curiosidade, recolhendo-se em ã retrete escreveo ãa carta a Targiana, para a deixar aonde se achasse, [282] e dizia nela, que estando Albaizar para se embarcar ao outro dia, Recindos, com ã cavaleiro seu, que chamavam Braceliano, corrompendo a ã criado do mesmo Albaizar entraram de noite na sua pousada e o mataram às punhaladas e que ele Alibeque se escondera, por entender que estavam todos vendidos, a ver se podia escapar a vida, para a tornar a perder, sobre os muros daquela infame cidade, com esperança de a abrasar, como pedia a vingança de tamanha treição.

E tendo isto feito, tornou a espreitar o que Albaizar fazia, o qual, ou porque tinha que passar aquele trabalho, ou porque a fortuna que tamanho poder tem, por primissão do Ceo nas cousas humanas, não queria que se lhe perdesse a traça, que ordenara, para as dar tão grandes, como logo veremos, a todos aqueles homens, com que parece, que lhe queria alternar os contentamentos, que também lhe dava, não somente estava ainda no desmaio em que o outro o deixara, mas o tinha oprimido outros e outros, que deram lugar a Alibeque querer pôr em execução o que detreminava.

Ah²¹⁴ Alibeque, detém-te, que matas ã homem, por religião a mesma que professas, por idade moço, por valor dormindo, por partes pessoas, ã dos mais perfeitos indivíduos, que nasceram no mundo, por razões particulares, teu amigo, pelas públicas, teu rei.

Algumas destas cousas deviam de lembrar àquele homem, se homem podemos chamar, ou a quem não soube considerá-las [283] todas, tendo-as à vista, ou se as considerou, se não deixou vencer à força delas, porque todavia, lhe tremeu a mão, que levantou com ã punhal, de maneira, que ao descarregar, não foi tão em cheio pelos peitos, que fizesse o efeito, que ele pretendia, mas nem também tão em vão, que o deixasse sem ãa perigosa ferida. E querendo rematá-lo, com outra, Albaizar, que ao dar daquela despertara, vendo aquele homem sobre si, que o tratava daquele modo, não poudo fazer mais, que desviar o corpo por algũa maneira, com que a segunda ferida, já não foi de tanto efeito. E querendo abraçar-se com ele, achou-se tão impedido da primeira, que lhe pareceo, que não poderia por aquele caminho defender-se.

Mas todavia, como era Albaizar, cujo valor igualava a desdita de seu

²¹³ A: pórticos / C: portais

²¹⁴ A: outros e outros, que deram lugar a Alibeque querer pôr em execução o que detreminava. Ah / C: outros e outros a quem lhe desejam a vida [ainda?] que vivo ao que procurava tirar-lha. Ah

nascimento, ainda se levantou e tomou a espada, que à cabiceira tinha. E querendo, com ela fazer o que o espírito lhe ensinava, vio e conheceo a Alibeque, despido como estava, que tanto que sentio a Albaizar desperto, cortado de medo, ou preso da própria consciência de sua atrocidade, nem se poudo bulir, nem dizer ãa palavra.

Não sei o que sentio Albaizar, tanto que lhe ficou claro isto que vos dissemos, sei só que tendo a espada em ãa mão e posta a outra com ãa almofada da cama na ferida, que o matava, não somente não deu em Alibeque, que estava da maneira, que [284] tendes visto, antes abaixando a espada, assentando-se outra vez na cama, disse:

— Não és tu Alibeque, são os Deoses e sejam embora senhora Carmélia, que muito há que os²¹⁵ eu tivera deixado de todo, se²¹⁶ me consentiram que o fôreis vós só meu no culto público, assi como o sois no secreto.

E com isto, tornou a cair, não digamos que da ferida, tão desmaiado, que lhe ficara pouco para fazer àquele homem, se como digo o não tivera tratado o espírito daquelas cousas a ã estupor tão profundo, que acodindo criados ao rumor, que todavia ao princípio fizeram ambos, acharam a Alibeque, como ãa estátua de pedra, olhando para o que tinha feito.

Os criados encheram logo o ar de gritos, cuidando que Albaizar era morto e uns se abraçaram com o que viram, com as mãos cheias de sangue e o punhal nelas, outros correram a buscar médicos e dar recado a Floramão, que era o maior amigo, que ele ali tinha e com quem mais continuava.

Pouco espaço passou que a casa do emperador não estivesse toda revolta, levantados e armados os principais cavaleiros, que nela se agasalhavam e ainda pela cidade, mas não foi pequeno o em que a confusão daquelas cousas teve cheios de mores confusões e enleios, os ânimos de quasi todos, porque o que se tinha só por certo era a morte de Albaizar, mas nem sabia alguém o como, nem podiam atinar algũ desenho para infirem de donde lhe viera.

O [285] emperador e os mais, criam que novo encantamento causaria aqueles tumultos e assi a primeira diligência sua, foi mandar saber das princesas, a que também tinha chegado o sobressalto, daquele súbito rumor, que enchia de inquietação todos os ânimos e estavam todas juntas em ã oratório, a que se recolheram, com o mesmo temor porventura.

Enfim o emperador, sendo melhor informado, acompanhado de seus filhos e

²¹⁵ A: os / C: vos

²¹⁶ A: se / C: e que

sobrinhos, foi-se à pousada do próprio Albaizar, tão sentido de lhe afirmarem que era morto, que não sei se sentira mais de ver naquele estado, qualquer dos que o acompanhavam. Já lá achou Floramão, Vasperaldo e Palmeirim de Lacedomônia, que tinham já concurrido às primeiras novas e alguns cerurgiões, que começavam a entender na cura do ferido e a ele tornado em todo o seu acordo, mas não porém de maneira que pudesse fazer os cumprimentos ao emperador e àqueles príncipes que suas visitas mereciam.

Tinham já os que lá estavam sabido toda a verdade, porque ainda que Alibeque não falava, tendo achado Palmeirim a carta, que ele fingira e alterando-se com ela notavelmente dizendo a Albaizar se sabia donde lhe aquilo viera e não querendo ele confessá-lo, mostrou-a aos companheiros em quem àquele tempo o ferido se encostara e todavia indo assi abrindo os olhos, depois que o ouvio, lhe respondeu:

— Não creais tal senhor Palmeirim, [286] que nem Recindos, nem Braceliano aqui entraram, nem se vieram fora senão para me defenderem, assi porque a nenhũ deles tenho merecido outra cousa, como porque quando quiseram matar-me, não o fizeram deste modo. A mi me matou minha ventura, com as mãos desse monstro, que aí vedes.

E não podendo, ou não querendo ir mais por diante, ficou-se outra vez caído nos braços de Floramão. Então despregando Alibeque a boca, confirmou o que o outro dissera, com o que mandando-o atar de outro modo, tinham-no para o entregarem ao emperador, que chegando como dizíamos e falando e esforçando a Albaizar ele como melhor pode, lhe deu as graças daquela visita e lhe pedio, que não mandasse matar aquele homem, pois lhe devia mais agradecimento pela lástima, que lhe granjeara, no ânimo daqueles príncipes, que inimizade, pelo dano, que lhe tinha feito.

Mal sabia Albaizar o que dizia nisto, porque verdadeiramente como a nova se publicou entendeu de todo, que até em Flérída e em Valerisa fez grandes efeitos de mágoa. Em Carmélia se não puderam eles encobrir dentro dos limites de todo o seu respeito.

Curou-se Albaizar, tomaram-lhe o sangue e alentaram-no com os medicamentos que naqueles casos são ordinários. E consolaram-se todos com se saber que a ferida não danificara nenhum membro interior, se bem era grande e penetrante. [287]

Esteve o emperador ali com ele até que amanheceo e deixando-o então sossegado e inclinado ao sono, foi-se também acabar de compor, mandando, todavia, que tivessem a bom recado a Alibeque, o qual achou caminho de lhe sair das mãos, tendo atadas as suas, tomando-se o alento a si mesmo e expirando com menos pena do

que merecia e se lhe ordenava, que não foi pequena para o emperador quando o soube, porque não determinava fazer o que Albaizar naquilo lhe pedira.

E mandando entregar, contudo, para exemplo, o corpo morto ao povo, não foi notável cousa as crueldades que nele executaram, porque todas merecia bem o caso, mas foi notavelíssima para alguns, o sentimento que aquele mesmo povo mostrava do perigo de ã homem, que em nenhũa outra cousa estudava, quando o cuidado de Carmélia lhe dava lugar, senão em como o abrasaria e consumiria de todo.

Muitos haverá que dem culpa disto à força com que os príncipes inclinam seus vassallos àquilo que eles querem e não faltarão outros que o atribuam à ignorância comum desta mesma pena, que assi se arroja sempre para o mal como para o bem, mais inconstante a qualquer sopro da fortuna que o próprio mar; porém a mi me parece que melhor se pode dizer que não foi senão o natural ódio que todos os homens racionais têm aos ingratos, violadores das leis, [288] e preceitos da amizade, porque se assi não fora, o emperador por discurso, Vasperaldo por respeito, Dom Duardos por conveniência, porque não folgaram muito? Que melhor ocasião podiam ter que ver morto Albaizar às mãos de um mouro e não só de ã mouro, senão de ãa cousa tão sua, que o agasalhava ele na sua própria câmara, sem custo seu e com tal desculpa para seus vassallos?

E contudo, com serem príncipes independentes de movimentos alheios e não se lhe podendo atribuir os outros efeitos do povo, o sentiram todos de maneira que se os não detivera a autoridade e decência, também com suas mãos fizeram o que faziam os mais.

Não se falou aquele dia em outra cousa em todos os ajuntamentos. Os príncipes lastimavam-se, escandalizavam-se os cavaleiros e o emperador se benzia. E estando falando todos nisto, como dissemos, disse Palmeirim de Lacedomônia, (que ainda tinha a carta) para Recindos, junto ao qual se achava:

— Em verdade, que foi dita, assi o não morrer Albaizar, como o confessar Alibeque sua maldade, porque sucedendo o contrário e achando-se esta carta, mui mal se pudera averiguar este negócio.

Singelamente lhe respondeo Recindos:

— Não vejo grande perigo nisso, porque não sei quem o pudera crer de mim, que não tive nunca, com Albaizar, cousa de disgosto.

— Algũ de nós, porventura que não (tornou a dizer Palmeirim), mas [289] o companheiro, não o tivera ninguém por tão inocente.

— Não o entendo assi (replicou Recindos) nem vós o deveis cuidar, ao menos sem ofensa minha, porque o mesmo era ali levar, que ser levado.

— Senhor Recindos (disse Palmeirim) o entendimento é livre e julga o que lhe parece. Vós cuidais destes homens muito e eu não cuido tanto. Se isso é ofensa vossa, será porque sois mimoso e a mi não me dá disso nada e porventura que vos estivera melhor conhecê-los pelo que são, que queredes que os desconheçamos nós.

Pasmado ficou Recindos daquela reposta e quisera logo ali meter mão à espada e responder-lhe com ela, porém dissimulando ã pouco, disse-lhe:

— Parece-me que estais com frenesis²¹⁷, porque falando em Braceliano só, agora misturais outros, que não sei quem sejam, posto que por outra parte vos acho razão, porque aquele só, vos há de parecer mais que um, quando vós quiserdes exprimentá-lo e de o eu conhecer, me nasce²¹⁸ a opinião, que vós condenais em mi.

Palmeirim lhe respondeo:²¹⁹

— De vós e dele e do vosso senhor Dom Floris, me dá a mi tão pouco, como vos mostrarei, se hoje às quatro da tarde, me quiserdes esperar detrás da horta na fonte velha (era aquele ã bem acomodado²²⁰ sítio para aqueles desenfadamentos) com as capas e as espadas somente e eu levarei outros dous companheiros e quando os não ache, só, mostrarei a cada ã dos dous, quão indignamente [290] ocupam os lugares, que possuem nesta corte e a vós o erra²²¹ da opinião, que tendes deles.

— Estou de acordo (respondeo Recindos) mas pesa-me de queredes buscar tantos companheiros, porque receio que não sejam todos tão calafetados, como estoutros o são e que levem após si quem nos meta em paz. Tivera por melhor, se vós quiséreis, que nós ambos sós averiguássemos isso sem fazer mais poeiras.

— Bem vejo o que devia responder (disse Palmeirim) mas confesso-vos, que o ódio, que me lá leva, não é convosco e assi vejamo-nos todos. E já que estais seguro de lá, de cá o estais também, do segredo digo e não falemos mais nisto por agora, que me parece que reparam²²² em nós os companheiros.

Dizia bem Palmeirim, porque Dramusiando, que por ali estava perto, sentio alguma cousa da prática e querendo aplicar-se bem a ela, deixou outra em que estava

²¹⁷ A: frenesis / C: farnesins

²¹⁸ A: nasse

²¹⁹ A: em mi. Palmeirim lhe respondeo / C: em mi

²²⁰ A: acomodado / C: desenfadado

²²¹ A: erra / C: erro

²²² A: reparam / C: atentam

acerca do sucesso daquela noite, com Floriano e com a suspensão deu causa, a que lhe perguntasse, a que atendia? O que Dramusiando não negou dizendo:

— Palmeirim anda em carne viva, com Dom Floris e Braceliano, não sei o porque e Recindos declara-se por estes cavaleiros, mais do que me a mi parece, que lhe convém aos outros. Estão falando e ã pouco com as bocas secas, temo que sejam enfadamentos certos daquela idade

. — Não será nada, disse o do Salvage, porque Palmeirim não é louco e os outros não farão ãa cousa [291] mal feita, ainda que os matem. Tratarão quando muito em ciúmes, que estas mulheres são demônios, cada ãa embrulhará dous mundos e verdadeiramente, que já me pesara, se Albaizar não morrer, porque não sei que me adivinha o ânimo, que me não deixa sossegar²²³.

— Bom remédio terá isso, disse Dramusiando.

— Se ele viver, não, disse o de Trácia. Porque hão de matar este príncipe²²⁴, se²²⁵ ele procede bem? Casar a Carmélia, é o que convinha e assi cuido lembrar ao emperador.

Chamou-os ele nisto para jantarem e assi se apartaram também as práticas dos outros. Sentados todos às mesas, comeram não sei se igualmente sossegados todos e depois de acabarem com aquilo, recolhendo-se cada ã a sua pousada, como costumavam. Palmeirim de Lacedomônia se foi a demandar os companheiros, que queria levar àquela merenda e Recindos fez também o mesmo. Do sucesso de tudo, nos dará razão o próximo capítulo.

²²³ A: sossegar / C: quietar

²²⁴ A: príncipe / C: homem

²²⁵ A: se / C: e

Capítulo 31

Da resolução que teve aquele desafio da corte e como el-rei Beroldo se saía dela, rompendo, com o emperador. [292]

Mais cuidou Palmeirim enquanto esteve à mesa, nos companheiros, que não havia de convidar, para aquela tarde, que nos que levaria consigo, aos perigos dela, porque sendo os mancebos, que então ali se achavam muitos poucos eram aqueles de quem ele não cria, que ao primeiro aceno o seguiriam, pelo parentesco e rezão, que com os mais tinha.

Dom Duardos era seu primo, com irmão, filho de Polinarda, irmã de Platir seu pai. Vasperaldo também era seu primo e o que mais à mão ele podia cuidar que tinha para aquele negócio, pelo que em seu favor, com Primaleão passara, porém de nenhuma maneira assentava consigo, falar a nenhũ deles, a ã porque não parecesse que o levava para socorro próprio e a outro pelo não fazer de todo perder com o emperador, de quem se entendia, que andava desgostoso dele, pelas cousas de Albaizar. E também como ele Palmeirim, determinava tomar à sua conta Dom Floris, que entre os desafiados era o de melhor opinião, receava que levando a Vasperaldo se acertasse a cair com Recindos era dar-lhe maior contendor, do que queria, lembrado da parte, que a Senhora Valerisa tinha nele.

Em outros, que daqui para baixo lhe oferecia a imaginação, também não vinha, porque como da outra parte estava Barceliano, de cujas obras, todos tinham experiências em suas pessoas, não queria que a cousa deixasse de ficar sojeita, pelo menos à fortuna. E assi após [293] ãa larga ponderação, se resolveo em chamar Florislao e Leopoldo, aquele por desembaraçado de todos os respeitos e este por não obrigado a nenhuma das partes contrárias e ambos valentes e conhecidos por tais. E estando firme neste persuposto, depois que as mesas foram levantadas, o emperador recolhido e eles idos a suas pousadas, antes que Florislao entrasse na sua, se apartou, com ele e lhe disse confiadamente o que tinha sentado com Recindos e o que queria dele. Florislao sem reparar em algũ inconveniente (se o negócio tinha) alegremente lhe disse, que o serviria de boa vontade, naquela ocasião. E tomando-o pelo braço, acrescentou rindo:

— E destas senhor Palmeirim, saberei eu dar melhor conta, que dos motes em que vós me repreendeste.

Creio verdadeiramente (diz o Frusto) que de nenhuma maneira tinha lembrado isto

a Palmeirim, quando fez eleição de Florislao, porque ficou tão atalhado e confuso, com o que lhe ele dissera entendendo que tinha caído em alguma quebra de sua opinião em o ir buscar e que assim o julgaria o mesmo Florislao, a que sem fazer outro nenhũa descurso lhe respondeo:

— Melhor cuidei eu me agradecíeis esquecer-me disso para vos ficar obrigado entre tantos outros homens, a quem de mais tempo conheço, mas pois assi é, nem a vontade, nem a obra quero dever-vos e só vos peço tenhais segredo até a noite. Indignou-se Florislao bravamente e disse-lhe:

— Palmeirim, [294] ide-vos mais atento comigo, que nem aprendi a sofrer, nem quero saber contemporizar. À fonte velha hei de ir à hora, que me tendes dito e se não quiserdes, que seja em favor vosso, buscai outro companheiro, que vos defenda de mi, que desejo muito mostrar-vos o que perde, quem me perder.

A tudo isto o tinha ainda Florislao pelo braço, pelo qual tirando então Palmeirim com força, foi de maneira, que lhe caíu a Florislao o sombreiro da cabeça; com o que ele julgando-se por obrigado deixou cair a capa e meteo mão à espada e remeteo a Palmeirim, que já tinha feito o mesmo. Poucos foram os golpes, assi pela muita gente, que logo acodio, que foram os mesmos príncipes e cavaleiros, que ainda iam pelos corredores, como porque em arrancando das espadas embebidos os braços, se passaram ão outro de parte a parte, com cada ão a sua estocada. Florislao a Palmeirim pelo ombro esquerdo e Palmeirim a Florislao pelo peito direito, mas tão levemente que sendo a ferida por aquela parte o não matou. Abraçaram-se ambos espetados nas espadas e foi dita, que não tardasse o socorro, porque Florislao era robusto, sofredor grande de trabalho, pelos exercícios em que se criara e Palmeirim estava, com menos ão braço. Acertou de ser Dom Floris o primeiro que chegou a eles, que vinha já despedido de Recindos e ia buscar a Braciliano, para lhe dar recado, porque não houvesse alguma suspeita se vissem falar aquele príncipe, com [295] ambos. E ouvindo o rumor e acodindo a ele, chegou sobressaltado em extremo, cuidando a princípio, que se antecipara o mesmo Recindos, porém depois que conheceo a Florislao, ficando ainda mais sobressaltado e pesaroso entendendo que lhe tirara da mão aquela iguaria, pela qual ele andava em extremo apetitoso, porém querendo apartá-los e apartando-os em efeito, Palmeirim o quis haver com ele, deixando a Florislao, que se tinha abaixado a tomar o chapeo. Não arrancou Dom Floris, assi porque estava tão de dentro, que lhe não podia fazer dano Palmeirim, como porque vio vir correndo Dom Duardos, Vasperaldo,

Primaleão, Pavorante, Recindos, Braceliano,²²⁶ Almourol, Polendos, Frenélio e finalmente todos os cavaleiros mancebos daquela casa e entre eles, alguns dos outros. Disse Dom Floris a Palmeirim que pagava²²⁷ mal a quem o servia. E estando todos inquietos sem saberem o que passara, nem o que haviam de fazer, vendo aqueles cavaleiros feridos e acudindo cada ã, a quem mais obrigado se achava, chegou o emperador acompanhado de seus filhos e após ele, os mais reis, que o tinham ido buscar. Na casa tudo eram gritos e confusão, porque nenhã sabia o que havia de dizer eram todos os que perguntavam. A emperatriz e as princesas, a quem também o rumor grande tinha tirado o repouso, ãas, meas destoucadas e outras destoucadas de [296] todo, hei medo, que se as portas não estiveram com chaves, ou que se todas as tiveram, que se houveram ver nos corredores as estrelas, que mais fixas pareciam no seu firmamento. O emperador enfim, chegando àquele ajuntamento, vendo a Palmeirim seu neto ferido e a Dom Floris perto dele entre os cavaleiros, que para aquela parte estavam e debatendo todos, sem perguntar mais, nem querer ser melhor informado, mandou ao seu Capitão da Guarda que prendesse a Dom Floris e levasse a bom recado a ãa torre. Estava ali el-rei Beroldo, que tinha mais algã notícia do caso e foi a querer inteirá-lo. Livre-nos Deus, tornou-se ãa fera cruel, aquele emperador, que tão prudente e tão sesudo estava já, com a idade e com a experiência, podendo ainda mais nele, o ímpeto de sua antiga natureza, que todo estoutro presídio, com que o tempo o tinha armado contra ela e respondeo-lhe tão louco e descomedidamente que lhe disse Beroldo:

— Eu Senhor, nem sou vosso vassalo, nem tenho nenhã razão, porque vos deva sofrer, se não o sangue, que derramei de minha pessoa e dos meus, pela conversação²²⁸ de vosso estado; porém pois vos a vós isto não obriga, para me tratardes melhor eu pouparei o que fica para me fazer respeitar.

— Como? (disse o emperador) ameaços a mi?

E foi a lançar mão dele, para o prender também. Meteu-se então Recindos entre o pai e o emperador puxor²²⁹ por [297] ele, por Recindos Dom Duardos, por Dom Duardos Dom Floris, (que ‘té então não fazia mais que²³⁰ benzer-se e saltava-lhe sangue pelos olhos) por Dom Floris Vasperaldo, por Vasperaldo Almoiro, por Almoiro Floriano, por Floriano Filisarte, por Filisarte Dramusiando, por Dramusiando

²²⁶ A: Recindos, Braceliano / C: Recindos, Luimão de Borgonha, Braceliano

²²⁷ A: disse Dom Floris a Palmeirim que pagava / C: e porém lhe disse a ele e aos mais que chegaram que pagava

²²⁸ A: conversação / C: conservação

²²⁹ A: puxor / C: puxou

²³⁰ A: mais que / C: senão

Barceliano, por Barceliano Primaleão, que então chegava. Com que vendo o emperador a tragédia, que se ia ordenando, tornando já mais a si, detendo a Florendos, a Platir e a Palmeirim de Inglaterra, que iam empuxando a gente, que ajuntara para chegarem a Beroldo, se chegou bem ao mesmo rei de Espanha e disse-lhe:

— Estais em minha casa, dai-me cá essa mão e ide para a vossa.

Beroldo lhe respondeo:

— Em som de preso não, que o não costumam ser os reis de Espanha, mas despejar-vos-ei a terra, se me não fizerdes força, ou pagarei, com a vida, o que devo a minhas obrigações.

— Seja assi, disse o emperador e pague minha autoridade desta vez, o que deve meu estado, ao serviço, que pouco há me alegastes e depois quem se achar enganado esse se arrependa.

E como isto disse, voltou para Dom Floris dizendo:

— Vós estais livre para seguir el-rei Beroldo, que não será²³¹ razão que o serviço da emperatriz vos impida estoutro, que é de mor obrigação.

E após estas palavras, voltou as costas a todos e se recolheu mais descontente de ser vencido de si mesmo naquela ocasião, que das gentilezas [298] que Beroldo fizera com ele, porque para satisfação destas, lhe bastava na sua opinião (e não mal fundada) estar aonde podia fazer o que quisesse do mesmo Beroldo e para desculpa da outra quebra, não via ele cousa que bastasse, propondo sua idade, sua inteireza e o ofício, que tinha, que o obrigava a toda a compostura e modéstia, ainda em matérias de menos calidade e importância; porém veio a necessitá-lo mostrar-se menos malencólico, o que pareceria a muitos que o devia enfadar mais e foi a detreminação, que tomou-o mesmo Beroldo, que em o emperador voltando as espaldas, antes que o pudessem ver, os que o seguiam ou não, assi vestido de corte, como se achava, voltando também as costas a toda a casa, se foi pelos corredores demandar a escada, para se descer ao terreiro, sem querer entrar na sua pousada, que nos passos tinha, nem inda a armar-se. Seguiu seu filho, Dom Floris e Braceliano, Almourol e Graciano rei de França, seu primo e grande amigo, Arnedos, Luimão de Borgonha e Ardimão de França e Filisarte rei de Nápoles e Sicília, por respeito de Dom Floris e nenhũa outra pessoa, de todas quantas naquela corte havia. Mas ainda assi lhe pareceo ao emperador (que o soube logo) que lhe convinha não se mostrar triste, por se não cuidar, que a perda daqueles poucos

²³¹ A: não será / C: será

cavaleiros o cansava.

Parou Beroldo no terreiro, vendo que todavia o seguia algũa gente e disse a seu primo e a Filisarte [299] como chegaram:

— O emperador, Senhores, me tratou como vistes esquecido das calidades de minha pessoa e do serviço, que lhe tenho feito. Está em sua casa e nós na sua terra. O que me parece primeiro que tudo é, que nem vós me podeis aconselhar livremente, nem eu pedir-vos conselho enquanto estiveremos nela, pois a execução será impossível. Ir-me-ei a minha casa e ali procurarei de entender, o que convém a minha honra. Por hora, não me sentindo pouco obrigado aos passos do Senhor rei Filisarte, me parece contudo, primo que me deveis ajudar a lhe dizer, que se queira tornar acima, porque de mi não tem recebido serviços, que o obriguem a aventurar tanto, como agora, sem poder valer-me, nem tem do emperador agravos, que o desculpem de lhe pagar mal o gasalhado, que estes dias lhe tem feito em sua casa. E quanto a Dom Floris, também entendo que deve fazer algũ ofício com a senhora emperatriz, cujo criado é. E para lhe tirar todo o escrúpulo das obrigações, que cuida que me tem a mi eu lhe solto qualquer parte, que por esta via posso ter nele e com isto, lhe pagarei a ela algũ desgosto, se este negócio lho tem dado e der ainda algũ dia.

Filisarte lhe respondeo:

— Este acontecimento foi tão súbito, que não deixou lugar para muitos discursos, de que me pesa, porque quisera cuidando nisso, que não julgáreis por arremesso, o seguir-vos, como agora vejo que o julgais; mas porque [300] todavia vos não pareça, pelo que toca ao bem comum de meus vassalos, que deixei²³² de passar pela fantasia, neste breve espaço, o que lhe a eles vai em minha determinação, vos confessarei, que minhas contas tenho feitas e acho que minha pessoa está obrigada a Dom Floris, que tem convosco as conveniências, que ele publica e meu estado e meu ofício de rei, a vós, como rei ofendido e menos poderoso.

Dom Floris então fazendo-lhe ãa grande inclinação lhe respondeo:

— Não é, Senhor, menos poderoso quem vos a vós tem da sua parte, antes estou tão contente de vos ter em favor de Espanha, que me dá pouco cuidado nenhũa outra cousa. E pelo que toca a mi (sentando-se de gíolhos diante de Beroldo, o que ele não consentio, levantando-o) digo, que contra a lei natural, não obriga nenhũa outra lei, quanto mais que a emperatriz, nem é veúva, nem quererá Deus que o seja e o emperador

²³² A: que deixei / C: deixeis

me desobrigou, como vós senhor vistes,²³³ e não posso eu, nem agora, nem nunca, ser mais obrigado à casa de Grécia, do que o sou à de Espanha. Se eu posso falar nisto, devia mandar buscar as minhas armas e estes cavaleiros as suas,²³⁴ e saíamo-nos dos limites do império, para a parte por aonde mais depressa possa ser e então se tratará do mais, de que agora não quereis saber, nem ouvir; porém vede primeiro se tendes alguma outra cousa, que mandar buscar acima, mais que as armas.

Garciano então disse para Beroldo:[301]

— Dom Floris, senhor, parece que tem razão e o que ele mais diz, é a senhora Valerisa, sem a qual eu cuido, que não nos convém ir daqui.

— Vamos pelas armas, disse Beroldo e pelos cavalos. E quanto a Valerisa, não estou de vossa opinião, porque a pressa, com que é razão que nos saíamos, não a podemos levar, com a decência, que a ela e a mi convém, nem o emperador o consentirá, que já deve ter menos paixão, para ver o que lhe convém. E nesta parte, não quero eu, que ganhe ele comigo a honra de me aconselhar no decoro de minha filha, melhor do que me eu aconselhara se fizera isso assi. E parece-me que Braceliano vá levar esta embaxada.²³⁵

Passava tudo isto no pórtilo da Igreja de Santa Sofia, aonde se recolheram do terreiro. E tal é o mundo, que nem na Igreja lhe abriram, nem do povo houve pessoa, que se chegasse a eles, vendo-os ali estar, antes sabendo-se a nova da desavença,²³⁶ e julgando os mais ao emperador por culpado, não havia nenhũ, que todavia fizesse demonstração alguma de cortesia, com seu favor, a eles ofendidos.

Chegaram entretanto as armas e cavalos de todos e tendo-se armado e postos neles, saindo-se da cidade, com cada ã seu escudeiro esperaram de fora a recolher Braceliano, com a reposta do recado, que foi levar, o qual continha o que no seguinte capítulo vos diremos.[302]

²³³ A: vistes / C: ouvistes

²³⁴ A: devia mandar buscar as minhas armas e estes cavaleiros as suas / C: devíeis mandar buscar as armas e nós as nossas

²³⁵ A: vá levar esta embaxada / C: o faça

²³⁶ A: da desavença / C: das desavenças

Capítulo 32

Do que succedeo, depois que saíu Beroldo da casa do emperador.

Nem tão alegre, que parecesse que festejava aquele successo, nem tão triste, que se duvidasse se o oprimia o sentimento dele estava o emperador na casa, a que se retirara, rodeado de todos aqueles reis e vassallos, que se tinham ido trás ele, que eram os de quem tantas vezes tendes ouvido os nomes. E pelas casas de fora e no terreiro, não cabia a gente e até o próprio regimento e governo da cidade, não tardou, porque todos acodiam ao paço, como a cousa pública, tocante a disgostos da primeira cabeça. E a cada ã lhe parecia que estavam obrigados a fazerem prova de sua lealdade.

Disto se começou o emperador a cansar, mais que de tudo, como efeito já daquela causa, que tão cansado interiormente o tinha. E mandou dizer aos do governo, que se recolhessem, se não queriam mais que consolá-lo da perda daqueles amigos, porque nem ele cuidava que os tinha perdidos, nem duvidava da prontidão em tudo o que conviesse a seu serviço.

Ocupado nisto achou Braceliano ao emperador, que ia a fazer o ofício, que [303] lhe seu rei tinha mandado. Apeou-se na escada, sobio por ela e não passou da primeira sala, assi porque com a gente, que tinha concorrido estavam todas as portas fechadas, como porque a ele lhe pareceo, que devia mandar dali dizer ao emperador que lhe queria falar, antes que cometesse a entrada, que dantes tinha, pois já naquela casa não era, o que de antes soía.

Tanto que o emperador teve recado esteve primeiro considerando o que poderia ser, porque para tudo lhe parecia cedo, o que quer que fosse. E sentia muito parecer-lhe que Beroldo se mostrava demasiadamente mimoso, tanto a respeito da criação que naquela casa tivera, como do successo daquele dia em que ele emperador se julgava a si por mais ofendido, que ao outro e doía-se já sobretudo, não ver bom remédio ao negócio, quando aquele rei se detreminasse em levar fanfarrices adiante, porque quando ele se despusesse a sofrê-las, pelo bem público de cristianíssimo, não o sofria a dignidade imperial, nem a companhia, que consigo tinha.

Bem lhe lembrou se lhe pederiam Valerisa e não se resolvendo no que faria naquele passo e detreminado a ouvir, mandou perguntar a Braceliano, se lhe queria falar como ã cavaleiro andante em negócio particular seu, se em alguma circunstância alhea?

Ao que ele respondeo que já tinha dito ao porteiro da câmara, que trazia ã recado

de seu rei para Sua Majestade. O que sendo dito ao emperador [304] disse:

— Ouçamo-lo logo, como embaxador.

Mandou que entrasse, levantou-se-lhe da cadeira e fez com ele todas aqueles cumprimentos e cerimônias, que naqueles atos costumava, ao que o embaxador respondeo com todo aquele comedimento, que a respeito de seu rei pedia e menos do que ele julgava, que à grandeza do emperador era obrigado. E trás isto estando todos em grande silêncio, disse que por el-rei seu senhor entender o gosto que Sua Majestade tinha de ter a senhora princesa Valerisa em sua casa, cuja assistência não convinha à execução dos negócios de que lhe mandaria dar conta como chegasse a Espanha, quisera prevenir em Sua Majestade o sobressalto da mudança com o advertir antemão dela, para que também a senhora princesa se fosse acostumando de longe, às saudades daquelas senhoras.

E vendo o emperador que parara estando outra vez vencido pela pouca submissão de Braceliano, que sua condição tinha nele em todos os casos, que julgava por de sua honra, perguntou-lhe se tinha mais que dizer? E Braceliano respondeo:

— A senhora princesa hei de falar, se Vossa Majestade me der licença.

Então lhe disse o emperador seca e desabridamente:

— Podeis dizer a el-rei vosso senhor, que enquanto quiser que a princesa²³⁷ esteja nesta casa, a não lançaremos fora e a ela podeis falar, quando a emperatriz der ordem.

Não ficou [305] ninguém na casa, que não julgasse por demasiada de azeda aquela reposta e indigna das calidades da mesma Valerisa, de quem se tratava, a cuja conta o emperador pudera lançar todas as fermosuras, a que o recado parece que abria a porta; porém ele resolto a não dispensar, ou com a vaidade do título, ou com o brio do coração, nenhũ cumprimento quis perder, posto que tacitamente lhe denunciava naquele recado outros maiores descontentamentos, sobre os presentes.

Braceliano foi quem mais o sentio, porque desejando replicar e não lho consentindo o ofício, que fazia, sem comissão nova, pois aquilo era²³⁸ injúria declarada, achava-se embaraçado entre estes dous respeitos, sem se saber bem determinar por qual deles cortaria; porém negoceou-se a caso caminho, para poder cumprir com ambos, porque tendo soado o negócio por todo o lugar, não se poudes esconder a Albaizar na sua pousada, posto que tão mal ferido, como vos temos dito. Foi-lhe a dizer com grande

²³⁷ A: princesa / C: senhora princesa

²³⁸ A: era / B: não era / C: omitiu este trecho

alvoroço ã escudeiro seu, com quem folgava mais que com os outros que o serviam. E depois de lhe referir tudo o que tinha passado, acrescentou:

— E já por aqui senhor parece que andam os Deoses, porque se estes homens se dividirem, ficar-nos-á mais fácil a destruição de todos e a posse da senhora Carmélia, que tanto nos tem custado; por isso trabalhai por²³⁹ sarar e esforçai-vos, que não sei outra [306] cousa, tirando a falta de saúde, que possa impedir o curso desta boa fortuna.

— Ó simples (respondeo ele e bem fracamente) que boa fortuna posso eu ter no disgosto da senhora Carmélia, nem que glória na destruição de gente desbaratada por si mesma? Não entendes o que dizes, mas eu que viva entre as desesperações do que entendo, isto é o que me a mi espanta. Bem haja Alibeque lá onde ele está, que soube fazer justa vingança desta ofensa, que minha vida faz ao entendimento. Vai-te daí e chama-me cá Floramão, ou Vasperaldo.

Foi-se o escudeiro fazer o que seu amo mandava, mal satisfeito das alvíssaras, mas sem entender palavra do que o outro dissera, ouvindo-as todas. E por ãa janela da sala, poudo alcançar a ver Vasperaldo, que acaso se encostara em outra, que respondia pela fachada àquela. E dali fazendo-lhe ã cortês aceno e sendo conhecido por mimoso do amigo, saío-se aquele príncepe de boa vontade, assi por lhe parecer que seria algũ termo que fizesse a saúde de Albaizar, de que se não tinha muita esperança, como porque lhe ia pesando de ver os termos, que as cousas tomavam. E indo-se a ter com ele, depois que falou com o escudeiro entendeo o que lhe queria e era, que de sua parte fosse fazer ã oferecimento de sua pessoa e estado, ao emperador naquela ocasião presente. E não discorrendo²⁴⁰ Vasperaldo se lhe convinha, ou não [307] fazer aquele ofício, se foi depressa executá-lo e acertou de ser ao mesmo tempo em que Braceliano calado estava na preplexidade, que vos contamos, acerca de responder, ou não ao emperador.

E ou que cuidasse, vendo que não falava, que tinha acabado o seu negócio, ou que não ia muito em se antecipar, ou que lhe desse pouco de o interromper, disse ao emperador tudo, o que Albaizar lhe pedira que lhe dissesse.

O que ouvindo Braceliano, roto então sem aguardar também que o emperador respondesse, disse para ele:

— Louvado seja Deus, que ouço ã príncepe como Vasperaldo, trazer recados a Vossa Majestade de Albaizar e oferecimentos, contra ã rei cristão e tão benemérito

²³⁹ A: trabalhai por / C: tratai de

²⁴⁰ A: discorrendo / C: descursando

desta mesma casa, contra a mesma de Albaizar, que enterrou seu pai e seus vassalos, nestes mesmos campos e derramou o sangue de sua pessoa, de que vós sois testemunha, por vos defender a vós e a vosso estado, deste novo valedor, que agora se vos oferece contra ele. E o peor é, que sem me darem lugar que respondesse a Vossa Majestade ao que; porém senhor, aceite Vossa Majestade e agradeça os cumprimentos de Albaizar, que eu estou confiado, que não passará muito tempo, que sem nenhũa comprimento e porventura, que com pouca obrigação el-rei meu senhor venha outra vez aliviar esta cidade, das mãos deste mesmo Albaizar, que agora oferece as suas contra ele.

Confundio-se [308] Vasperaldo, carregou-se o emperador. E como destas cousas nascem sempre outras peores, respondeo Vasperaldo:

— Eu sou amigo declarado de Albaizar ele fez o que devia ao gasalhado, que Sua Majestade lhe tem feito nesta casa, no recado, que por mi mandou e eu fiz também²⁴¹ o que devo a esta amizade, que professo em o trazer. E se me apressei em o dar, foi culpa de vos tardardes em responder, o que houvêreis de fazer e não falardes no que não toca a vossa embaxada, porque nem Albaizar tem para que vir a esta cidade com mão armada, nem quando venha ela poderá chegar a tal miséria, que haja mister para nada ao vosso rei. E senão estivêreis diante do emperador e o ofício, que representais vos não segurara eu vos ensinara como havêeis de julgar as cousas de Albaizar e as minhas.

Ia a responder Braceliano e o emperador então (tarde a juízo de todos) acodio, mandando-lhes a ambos severamente que calassem. E chamando a seu mordomo mor, disse-lhe, que levasse a Braceliano a casa da emperatriz, para que falasse, com Valerisa e se fosse. Ao que ele replicou raivoso de ser só a quem se atalhara a reposta.

— Daqui me deve Vossa Majestade dar licença, para que me vá dar conta a el-rei meu Senhor que me aguarda aos muros, assi da reposta do recado, que trouxe, como do mais que aqui tem sucedido, com o que entendo ele deve mudar parecer nas cousas [309] de sua filha e levá-la logo consigo e assi é escusado falar-lhe eu agora.

O emperador carregado, cada vez mais, lhe disse:

— Quando estiverdes com vosso rei, aconselhai-lhe o que vos parecer, hoje fazei o que vos digo, que eu fio do entendimento da senhora Valerisa, que saberá encaminhar ao que a seu pai convém.

— El-rei meu senhor (replicou Braceliano) espera por mi, não me mandou que

²⁴¹ A: e eu fiz também / C: e eu

esperasse eu ordens da senhora emperatriz para falar a sua filha, reposta de Vossa Majestade si esta tenho e com ela não me fica mais que fazer.

Sorrio-se o emperador e então disse para Dramusiando, que sempre era o que mais perto de si tinha:

— Prático cavaleiro é este, no ofício e licenças de embaxador.

E tornando a continuar com ele, respondeo-lhe:

— Ora ide-vos embora, que vos não quero mor castigo, que deixardes de ver por vossa vontade a senhora princesa.

Com o que despedindo-se pouco satisfeito e deixando também pouca satisfação de si, aos que desejavam melhor paradeiro àquelas cousas, do que parecia, que lhe ele procurava, foi-se a dar conta a el-rei e seus companheiros, que o estavam aguardando, o qual ouvindo o que Braceliano particularmente lhe referio, pedio aos que o acompanhavam, com algum sobressalto em que o caso o metera, que lhe quisessem dizer o que nele faria. [310]

Capítulo 33

Do que mais houve em casa do emperador e do roubo das princesas.

Com geral sentimento daquelas cousas, com discursos vários do sucesso delas, ficou toda a sorte de gente em Constantinopla, vendo partidos aqueles reis e cavaleiros, voltados em ameaços e fúrias, os agradecimentos e saudades antigas, do hospício, da conversação daquela cidade e corte.

Não lhe parecia a alguns, que Beroldo podia soldar suas quebras, senão tendo banhado primeiro as mãos em sangue; e começava-lhes a ser formidável e tremenda a força de Espanha, de França, de Nápoles e de Sicília e do melhor de Alemanha unida toda contra eles; porque o maior poder do emperador, na amizade e abrigo daquelas personagens estribava. E respondiam aos que blasonavam do valor de seus príncipes, ãa conclusão certíssima e de grande perturbação para todos e era que estes assi tão valerosos eram poucos e que afora²⁴² que não faltariam de outras partes alguns, que se lhes opusessem, não havia dúvida em que o comum daquelas nações excedia com conhecida ventagem em valor e disciplina militar às suas deles.

Outros fazendo a conta ao peor, [311] como se já ouviram ranger abalada a monarquia em seus quícios, afirmavam, que não só o fim dela, mas o da cristandade juntamente era chegado; porque ou o número dos espanhões,²⁴³ e seus valedores oprimissem os gregos, ou fossem oprimidos deles, não viam como tudo pudesse deixar de ficar presas,²⁴⁴ ludíbrio e desfadamento de Albaizar em favor do qual julgavam que a fortuna ordenara aquela desunião e rotura.

Mas não faltavam alguns (e não os peor fundados) que se persuadiam que tudo pararia em bem, porque nem viam em Beroldo porque quisesse, contra todas as conveniências públicas e próprias empenhar-se em lançar a perder o mundo esquecido da criação, amizade e parentesco do emperador e o que mais, do respeito de cristão e de prudente; nem no emperador cousa, que o obrigasse a continuar princípios tão apaixonados, só por não torcer e dissimular com ãa pequena parte da autoridade, vã e fermosa sempre, perigosa e pestelencial naquela conjunção e tempo.

A prudência de Valerisa, conhecida e admirada de todos e sua assistência

²⁴² A: afora / C: a força

²⁴³ A: espanhões / C: espanhóis

²⁴⁴ A: presas / C: pesas

naquela casa era de grande confiança também a muitos para a composição do sossego, que desejavam e queriam e só se conformavam uns e outros em dano, ruína e morte de Albaizar, com a mesma resolução (para que errassem sempre) com que pouco tempo havia, lhe procuravam a vida, [312] e a saúde. Mostrou-lhes a separação²⁴⁵ daqueles homens, o perigo e o perigo o medo e o medo o desatino e com o desatino²⁴⁶ fabricavam traças, com que os médicos atossigassem as feridas do coitado, que emprastado em ãa cama, padecia as dores delas, sem se lembrar do que eles se temiam, senão só, que nenhũa acidente humano, o poderia fazer senhor do gosto de Carmélia, sem o qual, nem mundo, nem vida, nem Carmélia havia para ele.

Detreminados a se partirem a suas casas estavam de antes, como deixamos escrito, todos os príncipes casados, que na corte se achavam; porém vendo as carrancas, que a fortuna mostrava sobre Constantinopla, não parecia razão a algum deles, apartarem as pessoas, de donde ameaçava o perigo, mas não havia entre todos quem sobre aquela matéria ousasse falar, não digo já ao emperador, mas nem ainda ã com outro, por mais amigos e parentes, que fossem, porque lhes parecia toda a deligência danosa, a respeito de empenharem com ela, ou haverem por empenhada algũa das partes e ficava ali fazendo notável dano o silêncio ao negócio, deixando ganhar força a desconfiança do emperador e os pensamentos da reputação ofendida em Beroldo.

O mesmo emperador o entendia assi também e pasmava de como nem aqueles homens tratavam de se ir, nem lhe falavam nos que se foram, porque fazendo [313] já as contas, com menos paixão, não via em si, nem o ânimo alheio da amizade de Beroldo, nem o imaginava nele mau,²⁴⁷ para a amizade da sua casa. E vinha (galantes são as cousas do mundo) a lhe serem suspeitos os juizes de suas ações (e por isso de algũa maneira pesados) aqueles mesmos homens, que pendurados de seu gosto, se esqueciam de suas próprias conveniências, a troco de o contentarem e servirem e todos tinham rezão.

Não deixa Frusto este lugar sem ãa exclamação grande do que podem respeitos, ainda em cabeças coroadas e da cegueira e curto limite do juízo humano, a qual não quis tresladar, não por proluxa e comprida, como algũas outras, senão porque sendo pouco tudo o que se disser nesta matéria estão os homens tão ensinados a experiências custosas, que não há nenhũa, que não possa ser dotor nela.

²⁴⁵ A: separação / C: ausência

²⁴⁶ A: o perigo e o perigo o medo e o medo o desatino e com o desatino / C: o perigo, o medo, o desatino e com ele

²⁴⁷ A: nele mau / C: nele; mas

E assi continuando com o fio da história, que o nosso autor, não perdeo, ainda que interrompesse, dizemos, que com esta imaginação e disgosto, que o emperador tinha de seus hóspedes, como ele particularmente não era homem dobrado, não podiam eles deixar de lho conhecer, mas atribuindo-o a outrem, ficaram magoados, do que se melhor o entenderam, deviam escandelizar-se (acidentes naturaes de singileza e bondade) porém crescendo a malencolia no emperador,²⁴⁸ despertou-se neles, não desejo de o deixarem, senão de se arriscarem aos efeitos de sua [314] cólera, a troco de verem se se podia fazer algũa entrada em seu ânimo, para o disporem, quando não à quietação antiga, pelo menos a ãa trégoa e suspensão de suas próprias paixões, que lhe aliviasse a pessoa e não danasse a saúde.

E com esta determinação, tendo todos pedido a Palmeirim de Inglaterra, que lhe falasse e acertando-o²⁴⁹ ele, para lhe dar princípio ao outro dia depois de missa, succedeo cousa aquella noite, que alterou não só o que se assentara, mas de novo todo o mundo, com estranhos acontecimentos e aventuras.

E foi, que Milênia em quem tantas vezes temos falado e de quem Dramusiando deu tão roim conta, o dia do desencantamento de Albaizar e Braceliano, vendo-se solta, como naquele capítulo dissemos, perdido o fruto de todo o seu estudo e máquina, caindo (posta já em seguro) no erro, que fizera em deixar Albaizar em poder de seus inimigos, que então pudera levar, com facilidade esteve por vezes para tomar a vingança de si própria com suas mãos, que sua vida merecia ao mundo e a Deus, que lhe esperava, para que acabasse de encher a medida de suas abominações e como faltava ainda (porventura que) a maior, alargou-lhe a vida, deixando-a nas mãos de seu alvedrio.

Resolveo-se enfim Milênia, de não se privar dela em benefício de Constantinopla, até ver se podia fazer-se memorável, nas suas ruínas. E com este persuposto, tratando com [315] seus ministros, que também achou raivosos do roim sucesso, que tiveram, na ocasião passada, acordaram entre si de tornarem àquela cidade, a ver o em que poderiam danar-lhe e ela e eles, foram os que teceram e ordenaram a descomposição e discórdia, de que temos falado.

E inda que parecesse, que dela podiam esperar os danos, que desejavam, não lhe sofrendo o coração a tardança em que repousavam, levantando, com a sutileza de seus engenhos, a imaginação a maiores cousas, traçaram (e saíram com isso) como

²⁴⁸ A: emperador / C: emperador e carregame

²⁴⁹ A: acertando-o / C: aceitando-o

roubassem, não só Albaizar, não só Carmélia, senão todas as princesas juntamente. E não querendo embarção²⁵⁰ o sucesso, com a fortuna de alguns, não intentaram mortes por então, nem cativoiro nos príncepes.

E porque a experiência lhe tinha mostrado, que os ruídos e gritas, serviam mais de chamar a Daliarte e de o assegurar no que faziam e também não querendo por a perigo toda a negociação, com a fidalguia de Albaizar, que estava tão melhorado em saúde, que tratar de embarcá-lo era o por onde Palmeirim cuidava começar a sua arenga, nem a ele quizeram comunicar, nem descobrir cousa algũa, o que depois uns creram mal, outros nem mal, nem bem e ele pagou como culpado, para que em tudo fosse verdadeiro mártir de amor e com ã silêncio e taciturnidade estranha, observadas as peores horas, os mais terríveis influxos e preparadas as [316] cousas, com lacrimoso e não ouvido sucesso, sepultadas em sono, ou em pecados de seus pais, com permissão e juízo do altíssimo, desapareceram de Constantinopla aquela noite as princesas Carmélia, Fidélia, Flérída, Gridônia e Valerisa, com Albaizar juntamente mais injuriado e ofendido naquele roubo, que elas próprias, porque padeceo a sua honra, na opinião do mundo e padeceo o gosto, de lhe tirarem no sono o merecimento do que fizera ofendido e desesperado em serviço daquelas senhoras e padeceo a vida, que lhe veio a custar esta mentira, que ele, como então disse, sentio perder, mais por não ficar clara esta verdade, que pelo que perdia nela.

E o perigo das princesas na realidade não foi grande, se bem não pode deixar de ser fastio, sensaboria da sorte, andar com mulheres daquela qualidade e estados, cada dia em sobressaltos e peregrinações, hoje presas, amenhã encantadas.

E certo que pudera o Frusto deixar em silêncio esta história, porque se não pode dar tanto à fortuna. E de prepósito me escandelize de este historiador, que brada aqui pelo anel de Daliarte, desestimado sempre de Carmélia, quando menos lhe convinha, mais do que se ele escandelize do próprio Daliarte, assi por não acudir, como por não ter dado outros anéis a todas, sabendo o perigo, que ãas e outras corriam, como que não fora de maior eficácia [317] para as assegurar das grosserias do mundo, o decoro de seus pareceres e pessoas, que os caracteres de nenhuns sigilos. Mas a ventura qui-lo, Deus permiti-o,²⁵¹ ele escreve-o e eu treslado tudo; porém²⁵² antes condenado por grosseiro, falando verdade, que ser julgado por fino, faltando a ela, diz a isto o Frusto.

²⁵⁰ A: embarção / C: embarçar

²⁵¹ A, C: permiti-o / B: permitiu-o

²⁵² A: tudo; poreu / C: tudo o que me disserem entendo porém

Amanheceo o dia, chegaram-se as horas em que soíam acordar as princesas, tardou cada ãa em chamar, a princípio, com pequena perturbação de suas criadas, porém a pouco mais entrando Enaclia a dizer a sua ama que era tarde e não a achando, nem algũa das cousas, que o dia passado trouxera vestida, cuidando que ela fora a que tardara e que a ama estava com Carmélia, começando a querer compor a casa entrou Celinda, que vinha buscar a Carmélia, com o mesmo pensamento. Logo chegaram as mais e logo começou o rumor, que crescendo pouco a pouco, se converteo, após algũa deligência em gritos e acidentes.

A emperatriz estava em ãa tribuna da capela e Miraguarda em ã oratório seu. Lá lhe chegou tudo. Cada ãa correo à pousada de Gridônia e ali veio também o emperador mais a confortá-las, que a inteirar-se do desastre, que antes de lho contarem meudamente teve por certo, como quem o trazia nos olhos, particularmente depois que soube que faltava Albaizar em cuja [318] casa mandou logo fazer deligência. Espalhou-se a nova, chegaram a antecâmara da emperatriz aqueles reis e personagens, que na corte estavam. Vasperaldo não, nem Dom Duardos, nem nenhũ dos cavaleiros mancebos, porque uns por mar, outros por terra esses e os mais deles, se saíram de Constantinopla tão depressa, que chamando-os o emperador, porque quisera falar a todos, já não achou nenhũ.

Qual ele estava, será difícil cousa de pintar, porque aprestado de todas as circunstâncias desta matéria e lembrado de como tinha adivinhado e temido, do que fizera para remedear e do que os mais dos presentes fizeram por lhe tirarem o remédio das mãos, faltava-lhe a paciência e fervia dentro de si mesmo. Doutra parte vendo que já o dano pedia outra cura encomendando-se de todo coração a Deus e conformando-se com ele, quanto a fraqueza humana consentia, depois que com o melhor semblante que poudes, deixou a molher e as outras juntas e quieta a grita de suas casas, saindo onde o esperavam seus amigos, mais cortados (se podia ser) das considerações apontadas, que da perda das princesas, vendo os que faltavam e mandando que lhos chamassem, sabendo o que todos tinham feito, disse que lhe pesava, porque entendia que os cavaleiros foram só a passear,²⁵³ e cercar a terra, buscando sós aventuras e batalhas singelas, [319] porque já àquelas horas, quem levava suas filhas, as tinha em Berbéria e que o remédio era acabar-se daquela vez, ou a seita de Mafoma e seus assaclas, ou lavar-se, como sangue de todo o cristianismo, a injúria, que sua casa recebera. E que

²⁵³ A: porque entendia que os cavaleiros foram só a passear / C: porque entendia pera que passear

assi lhes pedia aos presentes, que cada ã se fosse a suas terras a fazer e aprestar a mais gente, que pudesse, para aquela expugnação, de que ele próprio queria e determinava ser capitão e cabeça. E porque Beroldo, Graciano e os mais, não ganhassem honra conosco, acudindo sem serem chamados, às necessidades, que parecem minhas, vós senhor Dramusiando (disse para ele) ide por suas casas e de minha parte lhe dissei, que com a mais gente sua e de seus valedores, que puderem juntar, se venham para mim, porque só assim me valerei deles e só valendo-me deles, lhes pago o desgosto, com que se daqui foram.

Ora perdoem-me as princesas e seus desastres (diz Henrique Frusto) que antes que a lástima deles, me ocupam agora o coração júbilos de contentamento e espanto, de ver o valor e ânimo, a inteireza de ã emperador velho em idade, mal são na pessoa, acometido do maior infortúnio, que em toda a vida tivera e contudo, tão constante, tão inteiro, tão senhor da mesma fortuna, que lhe não esqueceo o que convinha a sua reputação ainda naquela hora. E com isto acaba [320] este capítulo, guardando para outros dar conta do sucesso das cousas, que neste se principiam.

Capítulo 34

De como Daliarte veio à corte, o que emperador passou com ele e o em que Milênia se resolveo acerca das princesas.

Depois de acabar de tresladar a segunda parte desta história, paramos por muito tempo, sem trabalhar na terceira, que temos entre mãos, assi porque os intentos, com que se começou a obra, se acabaram na mesma conjunção, como por nos forraremos a nós e àqueles leitores, a quem com gosto comunicamos nossos trabalhos, pela honra e alívio, que nos dão neles, da paixão, que os esperava nos lacrimosos sucessos, que nela se incluem. Mas tornou-nos a pôr na carreira, por ãa parte, desejo de pessoa, a que se não podia resecir, sem encorrer em mores perigos, ainda que os de escrever (sendo tamanhos) e por outra, ãa pouca de carne e sangue, nossa particular em vingança, ou defesa das injúrias, de tresladações [321] apressadas, a furto da confiança, com que lisa e singelamente se entregaram os originaes a ânios pouco singelos, que os tornaram adulterados naquelas cópias, pelos respeitos apontados, ou por quererem por alguns outros que fossem ignorâncias nossas próprias, o que propriamente eram faltas de deligências alheas.

Porém também, depois de correr ã pouco, tendo como nos foi possível, mostrado a diferença da fruta, que colhe, ou que escolhe o dono do pumar, à que leva, o que entra a furtar nele, metigou-se o fervor da paixão deste queixume, nas considerações, que logo acorreram dos accidentes desta mesma história e tornamos a fazer outra pausa nela, deixando-a no capítulo undécimo em que se vêm as mal merecidas finezas, da triste Luciana, princesa digníssima da melhor fortuna, cuidando (a meu juízo, com razão) que bastaria aquilo, não só para não ver quem quisesse ir mais adiante senão para fazer aborrecível a todos, tudo o que de antes tinha deleitado a alguns.

Não foi assi, antes o que a princípio se nos confiava por uns longe da vontade, se nos mandou depois, com império absoluto em perceiveito declarado, com o que nos pôs a prontidão no capítulo 34²⁵⁴ em que vemos rotas e quebradas, contra toda a opinião das gentes, amizades de tantos anos, parentescos de tanta força, razões e conveniências extrínsecas, [322] com justos e prováveis temores, de se lhe haverem de seguir mortes,

²⁵⁴ Na verdade, o capítulo descrito é o 31 e não o 34. Ou houve um erro de cópia, ou alguma mudança na divisão dos capítulos.

latrocínios, desolações e ruínas de reinos e impérios cristãos em trágica, cevil e intestina guerra de entre eles.

E da mesma maneira foi também pouco isto, para sossegar o ânimo de quem os move, que como tem os pés postos nos casos, parece que sem receio se deleita nas misérias do mundo. Cheguei enfim, com gosto alheio e com mágoa grande minha, a escrever o roubo das princesas como se leu no capítulo passado, matéria que leva após de si já ao mesmo trabalho esforçado na grandeza dela, na qual bem vejo quanto melhor fora lançar ã veio de perpétuo silêncio. Apeles novo, porém²⁵⁵ por lhes não dever a eles os juízos, que podem fazer alguns curiosos de onde e em poder de quem acordariam, determino antes aventurar-me pelas tornar a trazer à parte donde saíram, a todo o perigo, que tenho certo, com as devotas de Albaizar, se o não puder desviar de Florislao, que sempre lhe receei, que a ficar livre dele, deixando-as a elas expostas a imaginações travessas, que porventura me não estiveram a mi mal, se atendera a vingar-me da queixa que de algũa destas senhoras tenho; mas sacrificando todos os respeitos, aos seus respeitos delas, dizemos, com Henrique Frusto, que tendo o emperador dito àqueles reis, o que no capítulo [323] passado referimos e querendo despedi-los, porque lhe dava trabalho encobrir-lhes ãa certa comoção interior, que sentia daquele caso,²⁵⁶ que não folgara²⁵⁷ que se lhe entendesse, apareceu entre eles o sábio Daliarte, não risonho, nem prezenteiro, porém não arranhado, nem carpido.

Muito parentesco e muito amor havia entre eles e todos os circunstantes. Muito bem lhes pareceo sempre a todos. Muitas festas, muitos contentamentos se mostraram sempre em suas aparições e vindas, porém naquela hora e naquela necessidade, não ficou alguém em casa, que o não julgasse por ã anjo vindo do ceo, a resgatá-los do mais pesado cativoiro, que se podia imaginar.

Não assi o emperador, a quem por todas as razões que se alcançam houvera de parecer melhor, com as filhas (como lhe ele chamava) perdidas e a honra aventurada e a palavra empenhada e o estado em contingência.

Não sei eu cousa, com que ele não festejaria mais que todos o remédio e reparação de tudo isto, que na pessoa de Daliarte, parece que lhe entrava pela porta. Eu não o sei, como digo, mas ele o devia saber bem, que com causa, ou com o que fosse, lhe disse com rosto carregado e grave, depois de quieto o rumor, que sua vinda causara,

²⁵⁵ A: Apeles novo, porém / C: Apeles novo. Ephiginia, porém

²⁵⁶ A: caso / C: mais tenrado caso

²⁵⁷ A: não folgara / C: folgava

indo o outro a falar-lhe:

— Pois vos não devo Daliarte a perservação dos desgostos desta casa, tão pouco vos quero dever [324] a cura deles, que esperando-a de Deus será mais segura se vier e o mal melhor sofrido, quando não seja servido de no-la dar e assi vós podeis tornar a ir muito embora, que nem me hão de alterar as desesperações, do que me derdes novas, nem alegrar vossas esperanças, porque tenho postas as minhas, aonde só creio que se não perde o cuidado do que mais convém.

E fazendo trás isto quereria de lhe voltar as costas, deixando espantados e confusos a todos os presentes, Daliarte o deteve (não sei eu como) e respondeo-lhe, com muito boa sombra o seguinte:

— Se a grandeza da paixão de Vossa Majestade tivera necessidade de crédito, para com estes príncipes, assaz dele lhe ficara agora nisso que me diz, pois são, como todos conhecemos, antes fervores dela, que dúvidas de minha prontidão em vosso serviço. E se isto entendera Beroldo, aqui o achara eu e fora bem peor para esta casa, a qual defende e castiga Deus juntamente para ter em balança igual, o trabalho, com a epulência,²⁵⁸ que é quando pesam mais os delitos²⁵⁹ dos príncipes menos mimosos seus, do que vós sois. O que importa é sabê-lo²⁶⁰ agradecer e servir sempre, como agora vejo na resignação, que fazeis de vós em sua vontade, que nem sem ela pode ninguém ser guardado, nem resistir e perservar ciência algũa os danos, que ele permite.[325] Consolem-vos, ou não vos consolem estas novas, que eu não hei de deixar de vos dizer, que irem-se estes reis para suas casas, poderam, que são necessários e desejados nelas, porém fazerem aprecebimentos de guerra, é escusado, nem as princesas estão em Berbéria, nem tem culpa em as levar daqui senão só ãa mulher, contra quem não é razão, que vos armeis. E dir-vos-ei mais, se me credes, que brevemente estarão em sua liberdade e que ma não deverão a mi. E juntamente que depois que o souberdes o sentireis com o mesmo excesso vê-las livres, como o com que tendes sentido a perda delas, porém mais por culpa do brio e da condição, que por falta de merecimento de tamanho serviço. E agora me deixai ir falar com a emperatriz e com a senhora Miraguarda, que porventura folgarão mais de me ver, do que vós tendes mostrado.

Não ficou o emperador de todo quieto, mas porém não pouco mitigado e assi lhe respondeo:

²⁵⁸ A: epulência / C: opulência

²⁵⁹ A: pesam mais os delitos / C: pesa mais o barranco

²⁶⁰ A: sois. O que importa é sabê-lo / C: sois sabê-lo

— Quem entra pelos telhados, não sei para que pede licença! Sei só que se houver de dever a restituição de minhas filhas a quem me pese, que antes as quero afogadas. E vós fazei o que vos parecer e estes senhores também, que eu não me sinto com boa cabeça e quero-me recolher ã pouco.

E deixando-os com isto, ficaram todos rodeando o sábio, tendo-se por mais ditoso, o que lhe ficava mais perto. [326] A emperatriz e Miraguarda, a quem já tinham chegado as novas daquele hóspede, mandaram-no logo chamar, com não pequeno sobressalto do que lhes diria, mas primeiro que fosse, lhe disse Florendos a ele:

— Com qualquer outra pessoa, que não fôreis vós, senhor Daliarte, desculpara eu o emperador meu senhor, do que vos disse, mas convosco, que vedes e nos mostrais, qual ele está, não há mais deligência que fazer, senão pedir-vos que acudais primeiro à dor, que me tem opresso, que ao perigo de vossas parentas, o que também vos lembro, pelo que vos ouvi acerca da ida destes príncipes, porque não sei eu, que necessidade possa haver tamanha deles em algũa parte, que iguale a com que o emperador está de não o deixarem agora, nem creio também que o eles farão, pois lho não merecemos nunca nesta casa.

— Vamos aonde nos chama a emperatriz, respondeo Daliarte, que no mais se fará tudo o que ao emperador lhe convém.

E praticando naquilo, o acompanharam seus irmãos e Florendos e Platir, até onde elas o esperavam, menos valentes ainda naquele comum trabalho, do que o emperador se mostrava, mas não porém de maneira já postradas ao desastre, que deixassem de todo nas mãos dele a autoridade e compostura, como com a primeira nova demos a entender, que sucedera. [327] Consolou-as Daliarte, com palavras geraes primeiro, depois, com promessas e afirmações, que cedo as veria restituídas ao contentamento, que Milênia lhe roubara.

— Por certo (acodio Miraguarda) que não sei eu como isso possa ser, porque a mi se me afigura, que morrer minha filha ao mesmo momento que faltou desta casa, é só aquilo, que me pode fazer contente.

— Deixai isso para Dom Floris senhora (lhe replicou ele) que não serão pequenos os discursos, que fará nessa matéria e vós alegrai-vos e consolai-vos, que vossa filha é viva e todas as princesas são vivas. E nessa consideração, nunca tão princesas e nunca tão filhas desta casa. Poude castigá-la a ela, levando-as, quem as levou, com permissão do supremo poder, mas castigar as princesas, não o permitirá nunca, quem tem na sua mão as vidas, as honras e contados os cabelos da cabeça de nós

todos. Não digo que vos alegreis, que o não pede a razão, senão que não deis lugar com vos entristecerdes demasiadamente, a que vos faça, com vossas mãos, o que não poudes com as suas, quem vos não deseja servir.

E deixando-as com isto mais sossegadas, tornou aos companheiros e todos juntos, se foram a saber como estava o emperador, o qual tanto que se apartou deles entrando em ã oratório seu particular, começou a fazer ã profunda oração [328] a Deus em fazimento de graças, do que a Daliarte ouvira, que todavia creu, como costumava, por cima de tudo o que lhe respondera. E tornando-se outra vez a lançar sobre uma camilha, sabendo dos filhos, que entraram a ele, aonde os mais ficaram, fê-los entrar também e sentar a Daliarte já mais humanamente perto de si em ã pequeno tamburete, que a cabiceira lhe servia da campainha e disse-lhe:

— Assi vos quis esperar para vos ouvir e sofrer como doente, porque são e sentando na cadeira imperial de Grécia tenho por indignidade, receber consolações em nenhũ estado, pelo que argüem de miséria.

— Vedes ai senhor (lhe respondeo Daliarte) o porque Deus as dá aos reis, que nem são Deoses, nem é razão que se tenham assi por tais. E pois²⁶¹ que estamos com esta matéria entre mãos e Vossa Majestade na cama pronto a ouvir, não quero deixar de lhe lembrar, que considere ã pouco, se o que aqui fez com Beroldo e com Dom Floris, sem algũ deles o merecer, podia ser causa do castigo, que agora choramos e de outros ainda maiores, porque a inocência ofendida e a justiça não administrada a todos, com igualdade, não só o é de desgostos grandes nos príncepes, senão também de perderem os reinos e aventurarem as almas.

E com isto voltando-se rindo para os presentes disse:

— Parece-me que vai sarando o emperador, [329] não vamos com o sermão por diante, ou me ajudai todos a livrar das suas mãos.

Também se ele rio e tomando-o por ãa, respondeo-lhe:

— Nunca tão sabedor me parecestes. Tomais-me na cama, rodeado de vossos parentes e amigos, que posso eu fazer mais que sofrer-vos? E contudo me dizei se há algum remédio, contra esta arte de vós outros, que vejo neste tempo, o que nunca vi no meu, nem ouvi que acontecesse nos passados.

— O remédio (lhe tornou Daliarte) já Albaizar o começou, presto o acabará outrem se me não engano.

²⁶¹ A: por tais. E pois / C: por tais, posto que muito que os nós respeitamos a eles até onde chega o limite de suas grandezas e pois

— Valha-me Deus (acodio o emperador, com o riso de todo seco) que sempre havemos de ouvir falar em Albaizar? Ora vos digo, que é mais nova cousa esta, que pode ser e a mais notável fortuna de homem, que se vio, porque até eu muitas vezes lhe desejo a vida.

— Pouca gente sei eu agora, com esse desejo (replicou Daliarte) e o peor é que vem a ser quando ele menos o merece o que tantos lhe procuram.

— Nunca será tão inocente (atravessou Dramusiando) que fique em pecado mortalíssimo, mandá-lo acompanhar o senhor seu pai e parentes.

— Ora isto está assi mui bem discurrido (disse Floriano) mas entretanto senhor Florendos e senhor Palmeirim, nossas filhas estão em poder de Milênia. Daliarte manda-nos estar consolados. [330]

— Eu o não estou muito (respondeo Palmeirim) perdoe-me ele, mas digo-vos de verdade, que quanto a minha eu a quero antes donde quer que está, do que no vosso poder.

Com o que se levantou o emperador e se foi abraçar com ele, com tanta festa sua e dos demais, como se já as viram todas dentro daquelas paredes.

E com este doce assi na boca, vos deixaremos agora, por dizer, o que era feito delas naquele tempo, que não é razão dilatá-lo mais, assi por acudirmos ao desejo dos leitores, como pela decência das presas, as quais pela grandeza de suas qualidades e muito melhor pela assistência, que Deus nosso Senhor lhe fazia, depois de ter mostrado na primeira permissão o que Daliarte dissera ao emperador, começaram a ser carga pesada e terrível a Milênia, que ou cega do ódio, que ali a trouxera, ou da pouca esperança, que sempre teve de acabar o que intentava, não tinha bem prevenido o lugar, a que as levaria e assi entrando naqueles pensamentos e descursos, depois de as arrancar de suas pousadas, que houvera de ter premeditado e dirigido, antes de as tirar delas, tetubeando no que faria, parou no curso, que levava. A acordar a Albaizar e entregar-lhas, de nenhuma maneira vinha nisso, sem outras preparações, que primeiro precedecem e não tanto pelo decoro delas, quanto pelo seu perigo próprio, visto e conhecido já, no que ele [331] fizera com a tia, o que não pode deixar de ser louvor grande deste príncipe, digam seus inimigos o que quiserem.

Afora que em terra de cristãos, nunca seria seguro e no de Albaizar, porventura, que mais perigoso para ele naquele tempo em que como adeante tocará a história, a cobiça de Aliboazém tinha prevalecido contra a prudência de Alquidiana e não somente estava de posse dos estados de Albaizar, senão à própria Targiana fazia de presente

guerra e isto que Milênia sabia, lhe dificultava a resolução de sua empresa.

E sobretudo a dita Milênia posto que tão má, como Drúsia Velona, não sabia tanto, nem era tão animosa, como ela, nem os ministros, de quem se servia eram tão confidentes, que a quisessem consolar e aconselhar nas aflições, que padecia, antes desejavam já que se lhe entregasse de todo, para se pagarem de quanto os tinha feito trabalhar e a isso só a incitavam e persuadiam.

Matar com suas próprias mãos, não podiam os encantadores. Ter as princesas encantadas em algũa parte, que pudera, também não julgava por cousa a propósito estando contraposto Daliarte, com cuja ciência ela sabia, que não podia contender, se não a furto e em algũ descuido seu dele.

Enfim atochada entre os inconvenientes, que a tudo se lhe representavam [332] não fora muito que dera consigo e com elas de ãa nuvem em que as tinha, no profundo do mar sobre que estava, se lhe fora a ela permitido nas pessoas dos adormidos, como pudera ser na sua se quisesa, fazendo ãa vez a vontade, a quem lha fizera tantas vezes, porém vendo que aquilo não o podia nas outras, não o quis poder consigo só.

E considerando também por fim de tudo, os aprecebimentos, que preparava o emperador para destruir sua seita e a não esperada paz, que em razão daquilo contratava de novo, com Beroldo, deixando frustradas todas as traças, com que os tinha desunido e apartado.

Vendo juntamente quão mal se lhe a terra poderia defender sem cabeça algũa e no estado em que Aliboazém a tinha posta, quis ver se com algũa indústria das suas, podia salvar sua gente e destruir a nossa, ainda que fosse a troco de largar as presas,²⁶² posto que também entendia, que se lhe elas servissem disso, o mesmo vinha a ser para que as ela tomara.

E tinha por conveniente²⁶³ em primeira cousa, chover a Albaizar daquela nuvem em casa de sua mai, para reparo de suas cousas, fazendo conta também que ocupando-se na guerra, perdera o cuidado que os tinha mortos a todos e que com a ocasião dela, poderia vir sobre Constantinopla e destruí-la, se de suas máquinas ficasse por acabar algũa parte.

E que para isto se achariam [333] despertar com ãa carta sua na mão em que só lhe dissesse, como para aqueles efeitos o tirara do poder de seus inimigos,²⁶⁴ trás o que

²⁶² A: presas / C: praças

²⁶³ A: conveniente / C: inconveniente

²⁶⁴ A: do poder de seus inimigos / C: das mãos e poder de seus inimigos

tinha por eficaz meio de nova e maior rotura entre Beroldo e o emperador, meter-lhe as princesas nas mãos de parte²⁶⁵ de Daliarte, com outra carta em seu nome em que lhe diria, que em satisfação do escândalo, que fora para todo o homem honrado, sobre o procedimento que o emperador tivera com ele, não lhe querer dar sua filha, lha mandava de presente, com todas as mais princesas, para que a troco²⁶⁶ delas, ficasse senhor dos estados do emperador, que soubesse desejar. E que na própria carta lhe avisaria as palavras, com que pudesse despertara todas, ou qualquer delas, que quisesse.

Persuadia-se também, que se aperfeiçoaria todo o intento, se escrevesse outra carta ao próprio emperador deixadiça,²⁶⁷ como dizem, sem nome de autor em que se lhe dissesse, que Beroldo levava as princesas enganandas, ou furtadas, metido de noite com ordem de sua filha, onde a poude fazer a seu salvo, contudo o mais, que entendia, que melhor servisse de incitar a cólera daquele emperador contra o outro, de quem julgava que bastaria menos para o reduzir a termos, que não houvesse alguns, que os pudessem compor nunca. E resolta firmemente em fazer isto [334] deu-lhe a execução pelo modo e com o sucesso, que a seu tempo veremos, que agora nos chama a história a falar ã pouco do próprio Beroldo e dos mais que o acompanhavam.

²⁶⁵ A: nas mãos de parte / C: de parte

²⁶⁶ A: filha, lha mandava de presente, com todas as mais princesas, para que a troco / C: filha, que a troco

²⁶⁷ A: deixadiça / B: hechadissa / C: he ochadissa.

Capítulo 35

Do que sucedeo a Beroldo e seus companheiros, depois que se partiram de Constantinopla e do modo porque as princesas vieram a poder do próprio Beroldo.

Voltaram Beroldo e seus companheiros as costas a Constantinopla, mas a quanto se pode entender de Henrique Frusto, não os ânimos, nem as vontades, porque ainda que as conveniências de honra possam mais que todos os outros respeitos em os homens honrados, não era Beroldo tão claramente ofendido nela, que deixasse pelo menos de por em balança, com aquele impulso, que o levava, a criação de tanto tempo, a amizade e parentesco, as boas obras daquela casa e sobretudo a incerteza dos sucessos nas cousas presentes e o que ele e o mundo todo nesses mesmos sucessos arriscavam.

Dos outros [335] não há que duvidar, que o seguiam como cousa alhea. Não falamos em Braceliano,²⁶⁸ não falamos em Arnedos em Dom Floris menos. Àqueles, lembrava-lhe Daraja a ã Enfília²⁶⁹ a outro e pendurados destas mesmas imaginações,²⁷⁰ mais se pode dizer que os levavam, que não que iam. Dom Floris deixava-se a si, deixava a sua alma, com o que, depois que começaram a caminhar, antes parecia sombra, que seguia a si e a seus passos.²⁷¹

Iam eles na volta da Floresta das Três Fontes, onde não havia muitos tempos, que sucederam as cousas, que na primeira parte desta história ficam escritas, porque ali tinham ordenado em segredo, a ã escudeiro de el-rei homem prático, que lhes levasse a mais cômoda embarcação, que pudesse achar, que como já dissemos, por mar cuidavam que se apartariam mais depressa dos limites daquele império. Não pode ser isto com a pressa, que eles desejavam e sendo a floresta tão perto da cidade como temos dito, foi forçado aguardarem nela ‘té que o navio chegasse, de que no caminho tiveram novas, que ao outro dia seria na ponta onde se embarcaram os gigantes, que prenderam o emperador e ao próprio Beroldo.

Apearam-se ali, deixaram os cavalos aos escudeiros e aos primeiros passos, começaram logo a entrar na consideração das cousas, [336] de que aquelas árvores foram testemunhas e trás isto uns se difundiram em louvor de Dom Duardos, outros no

²⁶⁸ A: Braceliano / C: Leopoldo

²⁶⁹ A: Enfília / C: Confilia

²⁷⁰ A: mesmas imaginações / C: mesmas

²⁷¹ A: sombra, que seguia a si e a seus passos. / C: sombra que seguia algum corpo, que corpo verdadeiro de homem que seguia a si e a seus passos

espanto dos poderes da fortuna e Beroldo só na lástima de algum sangue, que vira derramar ao emperador, na admiração de seu ânimo, na igualdade e constância,²⁷² com que sofria aquela desordem dos fados. E disse tanto disto, que lhe respondeo Filisarte:

— Certo senhor que é ditoso o emperador, porque não somente creio o que ouço, contra o que vi, senão que me persuado, que se ele agora aqui se achara, dissera o mesmo de vós.

— O mesmo não (replicou Beroldo) que fora dizer muito porém mais pela conveniência de sua magnanimidade, que pelo merecimento desse serviço, não deixara de se lembrar, do que eu também derramei, por lhe poupar o seu.

Todos gabaram aquilo em Beroldo. Ardimão não muito, porque como era homem feito a seu modo, parecia-lhe que bastava ser amigo dos amigos, sem dissimular para os inimigos, com cumprimentos de boca, o rencor, que se agasalha na alma e disse assi a Dom Floris e a Braciliano, junto aos quais se achara.

Não lhe respondeo Dom Floris, nem ainda sei se o ouviu, porém o outro lhe replicou, que ainda quando o apartamento daqueles homens produzira esse rancor, não se podia deixar de falar nas cousas como [337] elas de si pediam, quanto mais que a ele lhe pareciam o destes príncipes, que só eram arrufos de namorados, sobre cujas iras o sol se punha poucas vezes.

— Não vos entendo (lhe tornou Ardimão) nem quero que me ensineis as doçuras e fidalguias portuguesas, sei só que quando viermos as mãos, não haveis vós de ser, quem peor as menee²⁷³ em dano do emperador. Então determino lembrar-vos isto de agora.

Nestas e em outras conversações, passaram ‘té anoitecer, que cearam e se recolheram a repousar, com a comodidade que ali havia pouco estranhada de alguns deles. Dom Floris se apartou mais por entre as árvores e vendo-se só desembaraçado do respeito, com que ‘té então se calara e acompanhado das maiores saudades, que nunca sentira, após tenras²⁷⁴ lágrimas, que derramava, veio a dar falando, ù rico tributo de si a seu cuidado.

— Que poderá dizer que se lhe creia (dizia ele) quem apartado de vós ainda esta vivo? Verdade é que se o viver desacredita a dor, que não injuria a obrigação a maneira de que se vive. Sustenta-me a esperança de que vos hei de tirar de Constantinopla,

²⁷² A: constância (neste ponto há um borrão que não impede a leitura) / C: consistência

²⁷³ A: menee / B: meneie / C: mercee?

²⁷⁴ A: após tenras / C: com o que após tenras

apesar de quantos o defenderem, mas não me deixa lograr a consolação, que daqui nasce, temer se foi vontade vossa o ficar nela. Oh triste, que não sei se digo mais do que se sofre! mas como [338] deixará de falar, quem só na confissão desta fé, assegura a coroa dos seus martírios! Enfim senhora eu não hei de torcer do que devo, como o não posso fazer já do que quero. Quero tudo o que vós quiserdes e por isso me sigo a mi, que se me não conhecera nesta parte, da sua me tivera Palmeirim contra mi mesmo. O Palmeirim? Que te pode dar a circunspecção dos homens, neste apartamento, o que te não deu a natureza, no que tão largamente partio contigo! Não te deram, certo, suas prodigalidades, ou justiça, a inveja de Dom Floris e esta rotura si, que te pôs da parte onde fica Valerisa. Que seria logo, ó pobre, se ela fosse a que fica aonde tu estás? Cruel fortuna, que me metes na cabeça isto deste homem e dificuldades-me tirar-lhe eu o coração, pelo que intenta.

Não estava longe de Dom Floris, acaso, Braceliano, que também se apartara a fazer seus discursos, ou fosse, (como se podia cuidar de sua maior idade) na importância da matéria, que tinham entre mãos, que levava trás si toda a consideração e entendimento, ou como as passadas feridas, deixavam suspeitas,²⁷⁵ nos amores²⁷⁶ de Daraja, de quem nunca o julgaram por são, amigos, nem inimigos. Ouvio e entendeu, com maior lástima, que maravilha, contudo, não pode deixar de dizer consigo:

— Galante amor me parece o deste [339] meu parente, que do mais profundo paracismo, acorda, com quatro cutiladas, que desfarão ã sombra destes; mas seja a culpa destes negros ciúmes, que nunca deixam cousa são na alma, de que se fazem tiranos. Pouca gente haverá que lhe não ache razão. É mancebo, Palmeirim é gentil-homem, tem boas partes, é príncipe, que não desajuda nada. Também eu assi o julgara, se só pusera os olhos nisto, mas todavia me parecem antecipados os ciúmes de Dom Floris. Granjeara eu primeiro Valerisa, se fora a ele e posto que para isso não desconvém afastar inconvenientes entenda toda a pessoa, que o mais certo caminho de conseguir pertensões grandes, é sofrer com paciência, não digo eu argueiros, mas traves nos olhos, se se atravessassem neles. E sobretudo, sempre há de ser o que elas querem.

E dando trás isto, ã íntimo suspiro, apartou-se dali, porque Dom Floris o não sentisse e se pejasse, cuidando que o ouvira.

Sentio o movimento Dom Floris e não lhe parecendo que fora também sentido meteu-se mais pelo mato e foi por parte, onde ouvio uns gemidos baixos e tristes, que

²⁷⁵ A: sospeitas / C: sospeitar

²⁷⁶ A: amores / C: temores

naquele estado em que ia, o enterneceram não pouco.

E indo atinando para onde soavam, veio a dar em uma como cabana, feita de ramos daquelas árvores, de dentro da [340] qual, saíam aqueles lastimosos ais, que o levavam e saía também por entre os ramos de quando em quando, ãa luz confusa e como que se apagava.

Chegou à porta enfim e reconhecendo, que sem se abaixar muito não poderia entrar no vão, que não era pequeno, teve por cousa mais fácil desfazê-lo com as mãos e começou a entender nisso. Tinha sua chegada alterado já os moradores daquela casa, que com aquela luz que era de ãa lanterna, o viram chegar e vendo juntamente o trabalho em que logo entrara, disse-lhe aquela mesma vox, que dava os ais:

— Menos fúria há mister senhor Cavaleiro, para derrubar essas paredes, que para quebrantar as forças das minhas desventuras, que me meteu entre elas. Poupai-vos para isto, pois Deus vos trouxe aqui a esta hora e se o puderdes fazer, não fareis pouco.

Tinha ele já lançado a terra tantas daquelas estacas, de que a casa se compunha, que pode entrar e vio, que lhe falava ãa molher, sentada ao pé de ãa faia em que a cabana tinha as costas e atada, com ãa não leve cadea de ferro, por debaixo dos braços ao tronco dela; porém com tanto sossego e compostura na pessoa, que não merecia a seus olhos aquele tratamento em nada.

E antes de lhe poder responder, de detrás da mesma molher, por ã lado daquele tronco, lhe deram [341] com ã pao²⁷⁷ tostado, tamanha pancada pela cabeça, que a colhê-lo sem elmo, não fora muito que deixara a Palmeirim sem competências e porventura, que a Valerisa, com mágoas, porque ainda assi, lhe fez rebentar o sangue pela boca e narizes em não pequena quantidade.

Acodio ele contudo depressa ao remédio de outra, que já descia pela mesma parte, que foi apor-lhe²⁷⁸ o escudo e remeter, com a espada, que tinha na mão à árvore, que dava aquela fruta, mas por muita pressa, que se deu, não vio por então mais que a própria árvore e ã bastão lançado, ou deixado cair em terra.

Não era encantamento isto, senão ãa aventura e acontecimento estranho, fundamento de outras novidades, de não menos coriosidade e maravilha, assaz digna de saber-se, de que por hora não diremos mais, senão que depois de livre aquela molher, com não pequeno trabalho de Dom Floris, de poder de uns salvagens, que ali a tinham tiranizada, mais para casarem com ela, que por outros respeitos, a mesma molher de

²⁷⁷ A: pao / C: pauo

²⁷⁸ A: apor lhe / C: opor-lhe

comum consentimento de toda a companhia de Dom Floris,²⁷⁹ que acodio à briga levou consigo a quantos eles eram, no navio em que houveram navegar a Espanha, ficando só em terra Beroldo, Graciano e Filisarte, aguardando o outro, que mandaram buscar em que no mesmo dia se foram [342] mais espantados do que acharam no deserto, que do que os tirara do povoado.

Ficaram estes para irem a seus reinos a aprestarem os exércitos e armadas, que desejavam trazer a Constantinopla, para mostrarem ao emperador Primaleão, que eles eram sós, a bási e fundamentos, de sua grandeza dele. Não se lhe baldaram estes desejos em tudo, porque se bem não tornaram com as armadas, que desenhavam, não tardou muito que não entrassem nela, com armas, a que só o Ceo podia fazer resistência, porque estando resoluta Milênia, como no capítulo passado vos dissemos em revolver de novo ao emperador com Beroldo, pelo modo que lhe pareceo mais eficaz e poderoso executou-o assi como o tinha traçado, mandando em primeiro lugar ao nosso Albaizar, à parte aonde ela cuidava, que tinha Targiana e logo escreveo ao mesmo emperador em nome de Daliarte, a quem também julgava por ausente (dormem os sábios às vezes) o que já dissemos que propusera consigo.

E trás isso formando ã navio no ar, começou a navegar na volta de Beroldo, que logo se lhe fez presente, com aquele inestimável tesouro, de quem os juízos de Deus a tinham feito depositária e tão cega de sua paixão, ou o que é mais certo destes mesmos juízos, que nem soube que Daliarte estava na corte, nem a gente, que naquele [343] navio faltava, nem a causa porque, que era porventura o que lhe a ela mais importava saber.

Quem há de dar razão a isto, senão ou encolher os ombros, ou chamar nomes a Henrique Frusto, que para compor a sua história, quando lhe importava era lince Milênia e toupeira também quando queria. E nesta opinião o tenho eu às vezes, por mais que sejam mistiriosas as rezões, com que nos quer persuadir o contrário.

Viram Beroldo e os que iam com ele, o mesmo dia que deram à vela com pouco cuidado vir aquele navio na sua isteira; porém conhecendo brevemente que fazia deligência por se lhe chegar, já com mais algũ, mandaram dar por davante²⁸⁰ para esperá-lo e ia-se desenfadando parece Milênia.

Chegou enfim e atravessando-se-lhe pela quadra perguntou em vox alta se ia ali

²⁷⁹ A: Dom Floris, de poder de uns salvagens, que ali a tinham tiranizada, mais para casarem com ela, que por outros respeitos, a mesma mulher de comum consentimento de toda a companhia de Dom Floris, / C: Dom Floris

²⁸⁰ A: davante / C: devante

el-rei Beroldo? E com ordem sua lhe responderam que si. Após o que desfazendo-se o fingido navio à vista dos outros em ã leve fumo, deixou-lhes no seu ã novo camarote de forma também nova e misteriosa.

Era ã tûmulo de cristal, que incluhia dentro de si cinco catres da mesma matéria e lançadas em cada ã deles, vestidas como saíram de Constantinopla as princesas, com uns veos brancos, que lhes cobriam os rostos e uns meios cobertores de cetim de ouro, [344] que lhes tomavam pouco mais, que as rodas das saias a Carmélia,²⁸¹ Fidélia, Gridônia, Flérída e Valerisa, sepultadas naquele profundo sono, com que dali foram roubadas. E em cima do tûmulo, com as pontas levantadas ã pano de brocado grande, com que se tudo cobria quando puxavam por elas.

Achou-se mais Beroldo na mão com ãa carta de Daliarte e a ãa almilha dentro. Nela lhe dava conta de todo aquele mistério, com os mais apertados termos, que se podiam achar, tanto em ordem a provocar a agradecimento²⁸² daquele benefício, a quem lho fizera e a furor²⁸³ contra quem lhe negara o de seus passados serviços. E na almilha do modo, com que acordaria aquelas senhoras todas juntas, ou a qualquer delas só, que quisesse acordar.

Nunca a Beroldo lhe pareceo que tão encantado estivera, nunca tão espantado, nunca tão alheio de si, como depois de entender, o que naquela carta e escrito se continha e ver o que debaixo daquele pano estava, o qual derrubou logo sobre o tûmulo e ficou cada ã olhando para os mais, como gente atalhada sem saber o que fariam.

Graciano enfim rompendo aquele silêncio, disse para eles:

— Vi as princesas e vejo essa carta e não somente me não sei determinar no que faremos, mas nem a crer que seja verdade o que temos visto; porque se a confiança, [345] que se deve a Daliarte, puxa por toda a boa opinião e grandeza deste caso, obriga em toda a boa razão a toda a dúvida. E assi senhor rei Felisarte, se ou²⁸⁴ como mais desobrigado, ou como mais entendido, nos quisésseis aconselhar a meu primo e a mi, nenhũa melhor ajuda nos podíeis fazer nunca.

E rogando-lhe Beroldo o mesmo, respondeo o italiano:

— Mal merece o ânimo, que tenho de vos servir, a experiência, que quereis fazer do pouco, que alcanço, a qual eu lanço em vós antes à conta da perturbação, que a tamanha cousa se deve, que à de zombaria que queirais fazer de meu discurso, porque

²⁸¹ A: saias a Carmelia / C: saias as cinco princesas, Carmélia

²⁸² A: a agradecimento / C: o agradecimento

²⁸³ A: furor / C: furor e ira

²⁸⁴ A: ou / C: eu

este ficara em escândalo e a outra fica-me em doutrina. Mas pois é forçado falar naquilo, que mal entendo, a mi me parece senhor Beroldo, que antes de outra deligência sigais a receita do escrito, acordando a senhora Valerisa, porque se é verdade o que ele diz, ganharemos aconselhar-nos ela, que é segundo tenho ouvido, quem melhor poderá e saberá fazer. E quando não seja o desengano desta mentira, com o que não ficará sobre que aconselhar mais, nem discorrer.

Não dessentio daquilo Graciano, segundo a demonstração que fez logo; nem a mi me parece que ele ia muito por esses oiteiros, como dizem; porém Beroldo, movido de outros respeitos, lhe respondeo o seguinte:

— Primeiramente, senhores, eu não creio, que os retratos que ali jazem, sejam as princesas, que ontem [346] deixamos em Constantinopla, nem que esta carta é de Daliarte. Para não crer que sejam elas basta-me o decoro de suas pessoas contra quem não parece que se atreveria ciência alguma. E para não ser a carta de Daliarte, ver quão ofendido seria o emperador nesta matéria, sendo verdadeira e a muita obrigação, que o mesmo Daliarte lhe tem a ele e a pouca que me tem a mi e que me não conhece, senão por ã cavaleiro de sua conversação e casa. Mas demos que Deus Nosso Senhor por seus ocultos juízos, premitisse, que quisesse Daliarte fazer este roubo e que voltando as costas às obrigações que digo, por alguma razão oculta, pusesse em minhas mãos a satisfação de minha queixa, não entendo ainda assi que convinha fazer a prova, que aconselha o senhor rei Felisarte, porque se resultar dela ficar tudo em fumo, perdemos a ocasião de fazer ã grande gentileza com o emperador, que segundo sua condição, será a mor vingança, que dele se possa tomar. E quando fosse verdade, acordada minha filha, ou a havemos de levar a ela e às outras a Espanha, ou torná-las a Constantinopla. Se as levarmos, não nos vingamos do emperador, vingamo-nos de nós e de nossas honras, porque ã furto, não satisfaz de ã força, nem ã traição de ã agravo. E se as tornamos, clara cousa é que se há de julgar que por medo e por fraqueza o fazemos, desesperados de poder soste muito tempo o [347] peso de tamanha cousa²⁸⁵ em nossos ombros. E assi se me crerdes, parece-me que nestas preplexidades, sem tratar de aclarar dúvidas, voltemos a proa para Constantinopla em cujo porto saberemos logo se faltam as princesas. Se lá estão, perto estamos, pequeno escárneo nos fez fosse quem fosse. Se faltam então com mais fundamento mandaremos recado ao emperador, com esta mesma carta e escrito e assi sendo ele quem as acorde, não poderá algũ condenar-nos por

²⁸⁵ A: cousa / C: causa

curiosos, nem tachar-nos por tímidos e poderemos tornar a buscar, como tínhamos assentado, com que melhor poder levara Valerisa. Fica para considerar a obrigação, que temos a Daliarte, que a ser esta matéria lisamente verdadeira, parece que por amor de mi, se perde com o emperador, se lhe eu mostrar a sua carta. A isto respondo que não me persuado, como está dito, que Daliarte haja entrado neste negócio, mas quando seja, não foram amores meus os que o percepitaram a tamanho desatino. Ódio do emperador, por alguma causa que eu não vejo e respeitos seus dele, o deviam mover e nesta conformidade, antes tenho de que me queixe, que não de que me obrigue,²⁸⁶ pois me quis pôr a perigo de errar com ele, fazendo-me cumplice, de tão mal atenta²⁸⁷ resolução, como foi tirar estas senhoras da casa do emperador, com tanta indecência e pouco comedimento e assi antes me queixarei [348] dele, como ofendido, que apadrinhá-lo, como obrigado. Havei-o assi por bem senhores e vamos curar a chaga, que deve ter morto ao emperador, a quem não desejo senão as que lhe eu fizer.

E com isto ficando os outros não só da sua opinião, mas satisfeitos grandemente do que lhe ouviram, tornaram a fazer vela para Constantinopla, donde havia só três dias, que tinham saído (tanto podem os orbes superiores) em poucas horas e no mesmo dia surgiram no porto, ainda que já tão tarde, que lhes não pareceo fazerem mais deligência, porque da falta das princesas os informaram logo, assi alguns marinheiros, com que falaram, como a universal tristeza, que os edifícios, os próprios navios e as mesmas ondas mostraram.

Porém Daliarte, que já trazia tudo em olho, como dizem, sabendo que Milênia arrependida do que fizera, vendo para onde voltara Beroldo a proa, trazia já enganados a Dom Duardos e a Vasperaldo, para desbaratar aquela entrega, não querendo dar-lhes tempo, apareceu àquela hora no navio de Beroldo, que se não sobressaltou pouco, com seus companheiros de o²⁸⁸ verem, temendo que ia a puni-los do que detreminavam e assi sem mais consideração, antes que lhes falasse, lançaram mão dele com menos comedimento, do que sua boa presença e melhor ânimo mereciam.

Não se lhe deu muito a Daliarte, porque só tinha o cuidado em salvar aquelas senhoras, do novo perigo que se lhe [349] ordenava e disse rindo para Beroldo:

— A mi e ao tûmulo, ponde depressa em terra, que o podereis fazer só com querer fazê-lo e mandá-lo levar, que eu enquanto está no mar, não posso livrá-lo de

²⁸⁶ A: não de que me obrigue / C: não que lhe agradeça

²⁸⁷ A: atenta / C: atentada

²⁸⁸ A: o / C: a

quem tem feito o dano, como me posso livrar a mi de vossas mãos, para o que vos sejam testemunha o pouco que importam estes vossos abraços para deter-me.

E dizendo isto se lhes mostrou longe deles risonho e bem assombrado, dizendo-lhes mais:

— Senhor Beroldo fazei o que vos digo, que pode ãa pequena tardança trazer-vos arrependimento para toda a vida e depois que estivéremos com os pés na area eu vos mostrarei sem receio, quanto acertadamente discorrestes acerca deste negócio.

E porque nem contudo isto ele mostrava ânimo de o crer, tornou a dizer-lhe que visse o que fazia, porque quem levava aquelas princesas, lhas entregara a ele naquela forma, mais por Deus a querer cegar, que por boa razão, que a movesse e que arrependida vinha já a estorvar a desembarcação em que consetia poderem elas ter remédio e que lhe encomendava, que guardasse bem o escrito, que lhe deram com a carta, que era o desfecho de todo aquele enredo, porque ãa vez perdido, tornavam as princesas a ficar na deposição,²⁸⁹ e vontade de quem as adormira, ao que ele não podia resistir enquanto durasse o sono, porque não era lícito a ã professor de sua arte, desfazer por meios próprios, o que outro fazia, ainda [350] que o entendesse e que assi lhe protestava, que logo as pusesse em terra, ou lhe desse o escrito a ele para as acordar e que então ficava senhor do negócio para não ter que temer novos desastres, porém quanto mais Daliarte instava, mais suspeito se fazia a Beroldo e menos o despunha a fazer nada do que ele aconselhava, imaginando que de se ver perdido, o queria tornar a enganar e já depois que lhe tornou a pedir o escrito, não fazia dúvida, senão que era tudo fingido, para que o emperador não soubesse nada e ele tornasse a rapar as outras.

E enquanto estavam nestas dúvidas vinha Milênia voando, com aqueles dous cavaleiros, que dissemos, que apartara por engano de ãa batalha em que sem conhecer-se combatiam, com as mãos dos quais pertendia tirar o escrito das de Beroldo, porque como não podia fazer ã encantamento sobre outro e aquele se acabava com o escrito, ou ordem, que ela nele dava, todo seu trabalho era chegar antes que se lesse, que depois bem sabia que Daliarte lhe poria tal presídio, que não pudesse ela mais obrar em seu dano.

Estas eram as razões, que a traziam e estas também as com que Daliarte puxava por Beroldo, o qual cada vez mais confuso e renitente, nenhũa cousa menos queria fazer, que o que lhe o outro aconselhava e todo o seu cuidado então era tratar como

²⁸⁹ A: deposição / C: desposição

prendesse a quem se lhe fora das mãos.

Enfim, lhe disse Graciano rindo: **[351]**

— Primo, Daliarte poderá não ser aquele, mas não haverá algũ que o veja, que diga que o não é. Que melhor desculpa podemos ter, que ã tão verdadeiro retrato de Daliarte? Quanto mais que ele nos aconselha, o que nós queríamos fazer, que era sair em terra. Ponhamo-nos nela e não lhe deis o escrito, posto que a mi me parece que se ele o quiser, não sei como lho poderemos defender.

Beroldo então, apertado de tantas partes, condescendendo, disse para Daliarte:

— Pouco tempo há senhor, que não quis crer que éreis vós, quem me escrevera e segundo agora me dizeis, não me enganei nisso. Se sois o que agora vemos, bem conhecereis que não são desarrezoadas as minhas dúvidas, assi acerca da vossa pessoa, como da pessebilidade²⁹⁰ de poder obedecer-vos, no que toca a por o tũmulo chovido aqui do ceo, fora do navio, porque nem ele se move, nem sei como poderá mover-se.

— Será fácil cousa, lhe replicou Daliarte, porque basta só pordes-lhe as mãos e mandar-nos que vos ajudemos. E quanto ao mais que me dizeis eu vos responderei, mas fora do navio, que estou com tamanho medo de outro que vem em busca de nós, que de puro sobressaltado,²⁹¹ não ousa a deter-me nada. Guarde-nos Deus dele e guarde-os a eles de quem os guia, depois de nos estaremos²⁹² em terra.

Obedeceo Beroldo em tudo. Chegaram-se todos ao tũmulo e com menos que ordinária deligência, o **[352]** desceram ao batel, que já os aguardava e nele o puseram depressa em terra e logo o puseram na praia, que se não contentou com menos Daliarte, o qual vendo-o nela, começou a ler, ou a sussurrar certas palavras, com que poudes livrar a Dom Duardos e seu companheiro, da fúria de Milênia, que os trazia para o fim, que temos dito, pelo modo, que em seu lugar diremos.

E não era com a pressa, que ela pudera e desejava, a respeito da espada de Dom Duardos, que Primaleão lhe tinha restituído em virtude da qual não podia padecer danos de encantamentos quem a trouxesse. E assim foi, que tanto que ela vio e entendeu, que o tũmulo estava em terra e que já chegaria tarde para o efeito que pretendia, vendo juntamente que fora ela instrumento de aqueles senhores se não matarem, sendo a cousa que mais desejava, vê-los mortos a todos, a si quis matar-se primeiro e logo a eles.

Não fez ãa cousa, nem outra enfim. No que tocava a Dom Duardos, graças a sua

²⁹⁰ A: pessebilidade / C: possibilidade

²⁹¹ A: sobressaltado / C: sobressalto

²⁹² Estarmos.

espada e a Vasperaldo, graças a Daliarte. Desviou-os porém de donde eles folgaram de se ver e donde folgaram de vê-los, o para onde diremos na quarta parte e o mais que sucedeo aos príncipes que saíram de Constantinopla em demanda das princesas e a Dom Floris e seus companheiros e diremos também o gasalhado que àquelas horas tiveram as princesas e que tudo agora tomamos ao órgão por darmos fim a esta terceira parte.²⁹³

Fim.

²⁹³ A: e diremos tambem o gasalhado que àquelas horas tiveram as princesas e que tudo agora tomamos ao órgão por darmos fim a esta terceira parte / C: com a sua pressa as princesas que estão com incomodidade do sereno na area e no próximo capítulo veremos o gasalhado que àquelas horas lhes fizeram

Glossário

Este glossário pretende ser apenas uma ferramenta para facilitar a leitura da *Crônica de Dom Duardos* e, por isso, não apresenta todas as acepções possíveis, mas apenas as que nos pareceram mais adequadas para o contexto em que se encontram. Foram consultados os seguintes dicionários:

BLUTEAU, Raphael. Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Editora Nova Fronteira, 1ª edição, Rio de Janeiro, 1988.

PINTO, Luiz Maria da Silva. Diccionario da Lingua Brasileira por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Provincia de Goyaz. Na Typographia de Silva, 1832.

SILVA, Antonio Moraes. Diccionario da lingua portugueza - recompilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por ANTONIO DE MORAES SILVA. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

- Abafar: [III,29] Respirar com dificuldade, sufocar-se.
- Abanico / Abanilho: [II,86] Leque.
- Abolinar: [II,27] (Bolinar) Navegar à bolina: Orientar as velas e vergas em torno do mastro para poder navegar com ventos contrários.
- Açafate: [II,71] s.m. Cesto pequeno, de vime, sem arco, sem asa e sem tampa.
- Acender: [III,2] Entusiasmar.
- Achar: [III,7] Descobrir.
- Ache: [III,8] Ferida leve.
- Acreditar: [II,6/III,6] Conceder reputação a, tornar digno de confiança.
- Adormido: [III,34] Adormecido.
- Adufa: [II,28] Anteparo de madeira usado em janelas e portas.
- Afirmar-se: [II,8] Certificar-se, assegurar-se.
- Afistulado: [II,14] Que tem feridas profundas.
- Afogado: [III,17] Reprimido.
- Agoar/aogoar/auguar: [II,36, 63] (Aguar) Interromper a alegria de, frustrar.
- Agudo: [III,21] Ativo, alegre, perspicaz.
- Alabarda: [II,44] Tipo de arma antiga.
- Alar: [II,47] Puxar, içar.
- Alcantilado: [II,15] Profundo.
- Alcobilha [II,27] (Alcovilha) Quarto interior onde está o leito.
- Algeraria: [II,7] Éspecie de túnica mourisca com capuz.
- Almazéis: [II,33] (Almazém) Armazém.
- Almilha: [III,35] Colete que se vestia sobre a camisa.
- Alquice/Alquile: [II,10] Tipo de vestimenta.
- Alvedrio: [II,30] Arbítrio.
- Alvíssaras: [II,6] Prêmio que se concede a quem anuncia boas novas.
- Ameas: [II,17] (Ameia) Cada uma das partes salientes separadas por intervalos iguais na parte superior de muralhas. [Figura]
- Antifaces: [II, 7] (Antefaces) Véu com que se cobre o rosto.
- Antojar: [II,9] Figurar, representar.
- Aogoar/auguar: ver Agoar
- Apaixonado: [III,33] Parcial, exaltado.
- Aparcelado: [II,34] Cheio de recifes ou bancos de pedra.
- Aprestado: [III,33] Apressado.



Arção: [II, 70] Peça arqueada de madeira que faz parte da armação de uma sela.

Arenga: [II,8] Discurso enfadonho.

Armar: [II,85] Servir, convir.

Armeiro: [II,56] Oficial que faz e conserta armas.

Arminhado: [II,52] Relativo à pele de um animal pequeno chamado arminho.

Arraia: [III,5] (Raia) Fronteira, limite.

Arrais: [II,46]. Capitão do batel.

Arras: [II,20] Garantia de um contrato, penhor.

Arrastar arrostrar: [52] (Arrostar) Encarar, afrontar.

Arremesso: [III,31] Arrojo, ousadia.

Assacar: [II,75] Imputar aleivosamente; inventar e espalhar (calúnias).

Assacla: [III,33] (Assecla) Adepto, seguidor.

Assento: [II,5] Determinação, resolução.

Assistência: [II,5] Permanência, companhia.

Assoalhar: [II,52] Expor, ostentar.

Assombrado: [II,1] Boa aparência.

Atabales: [II,78] Espécie de tambor.

Atalhado: [II,22] Perplexo, confuso.

Atanazar: [III,14] (Atenazar) Torturar, apertar com tenaz ardente.

Atochado: [II,26] Apertado, entalado.

Atossigar: [III,33] Envenenar, intoxicar.

Aviados: [III, 28] Bem aviados: bem arranjados (ironia). Em má situação.

Avir: [II,44] Arranjar-se.

Baluarte: [II,29] Obra que se faz para proteger os muros. [Figura]

Barbacã: [II,10] Espécie de antemuro.

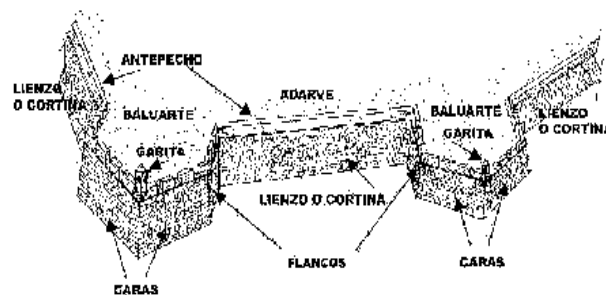
Bateria: [II,84] (Baterias) Acometimento, ação de bater.

Batel: [II,1] Embarcação pequena que serve para levar as pessoas do navio a terra.

Baxéis: [II, 12] (Baixel) Navios ou barcos de pequeno porte.

Beguino: [III,20] Frade mendicante. Religioso que professava a pobreza.

Beliche: [II,28] Camarote do navio para dormir.



Bergantim: [II,34] (Bargantim) Embarcação pequena de dois mastros.

Bersoleta/Borsoleta: [II,11] Recepiente.

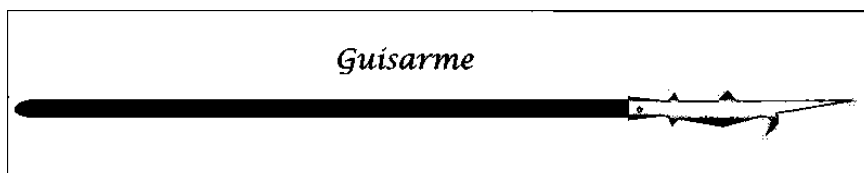
Bestiaes: [II,23] (Bastiões ou bastiões) Baluarte. No texto, espécie de andaime.

Bíbora: [III,17] (Víbora) Assanhado, irritado.

Bico: [III,25] Pretexto insignificante, causa de desavença.

Bioco: [II,4] Maneira de se disfarçar a modéstia.

Bizarma: [II,46] Arma com ferro largo e haste comprida. [Figura]



Blasonar: [III,33] Ostentar, vangloriar-se.

Bolhício (Bulício): [II,71] s.m. Ruído pouco distinto e prolongado de coisas que se agitam; motim, revolta.

Bordão: [II,13] Vara que se traz na mão para dar segurança ao andar. Cajado.

Bordar: [II,31] (Abordar) Abalroar uma embarcação para tomá-la de assalto.

Bordo: [II,50] Ato ou efeito de bordejar, navegar em ziguezague.

Botareo: [III,7] (Botaréu) Obra que reforça as paredes. Espécie de pilastra exterior.
[Figura]

Boto [ô]: [II,74] De gume embotado, sem corte.

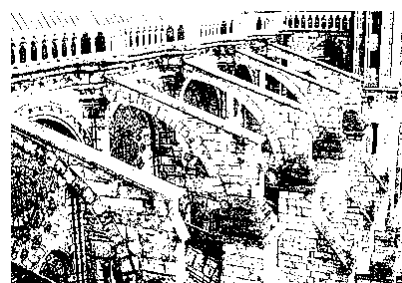
Bravamente: [III,2] Muito.

Bregado: [II,47] Pregado.

Brinco: [II,14] Brincadeira.

Bulhas: [II,65] Brigas.

Burel: [II,2] Pano grosso e áspero de lã.



Cabeço: [II,14] Pequeno monte arredondado.

Cabrestante: [II,28] Máquina destinada a içar a amarra da âncora.

Cafre: [II, 74] Rude, bárbaro.

Cair: [II,40] Entender, perceber, reconhecer.

Calar: [III,7] Descer, lançar-se.

Calheta: [II,44] Quebrada nas costas bravas que serve para o navio abordar.

Camilha: [III,34] Cama de encosto para descansar.

Cansar: [III,31] Aborrecer.

Cantaria: [III, 7] Pedra.

Capelhar: [II,8] Vestimenta mourisca

Capitania: [II,27] A nau em que vai o general da armada.

Carocheo/Corucho: [II, 67] (Coruchéu) Remate piramidal de edifício. [Figura]

Carpido: [III,34] Lamentoso, lamuriante.

Carregar: [III,22] Chegar em grande número.

Cartel: [II,70] Carta de desafio para duelo.

Cartuxo: [II,28] Religioso da ordem cartuxa, eremita.

Casais: ver Casal

Casal: [II,30] Casa de campo.

Castelo: [II,27] Castelo de proa: Tudo o que se levanta da coberta do convés à proa.

Catações: [II,85] Observações? Do verbo *catar*, examinar com atenção?

Catre: [III,35] Leito pequeno.

Celada: [II,44] Armadura de ferro para cabeça.

Certo: [II,35] Com certeza.

Cevadeira: [II,27] Vela pequena na proa do navio.

Cevar1: [II,21] Saciar-se, satisfazer-se.

Cevil: [III,34] Civil.

Chapins: [II.85] Calçado de quatrou ou cinco solas para realçar a estatura da mulher.

Chapitéu: [II,28] A parte mais elevada da proa e da popa do navio.

Charneca: [II,30] Terra areenta e estéril.

Choupana: [II,29] Casa rústica de madeira.

Choupo: [II,15] Árvore alta.

Chusmado: [II,34] Provido de chusma, ou seja, gente de serviço nos navios.

Chuveiro: [II,27] Grande pancada de chuva que dura pouco tempo.

Ciar: [III,28] Ter ciúme.

Cilada: [II,5] Lugar escondido.

Cimitarra: [II,18] Alfange com curva na ponta. [Figura]

Cioso: [III,28] Que tem ciúme.

Clausular: [II,66] Encerrar.

Coberta: [II,29] Convés situado abaixo do convés principal.

Cometer: [II,20] Cometer partido: fazer uma proposta.

Conserva: [II,29] Companhia de naus.

Consoante: [II,14] Rimas consoante.



- Contemplação: [II,75] Consideração, deferência.
- Continente: [III,20] A feição do semblante.
- Contínuo: [II,4] Empregado que transmite recados.
- Conto: [II,14] A extremidade da lança.
- Conversação: [II,6] Amizade e trato familiar.
- Cópia: [II,24] Dar cópia: Dar audiência.
- Corar: [III,14] Disfarçar.
- Coriosidade/Curiosidade: [II,12] Capricho, cuidado
- Corredilha/ Corredixa: [II,28] Encaixes de madeira sobre o qual se movem os batentes da porta.
- Corrido: [II,70] Envergonhado.
- Cortado: [III,33] Afligido, lastimado.
- Cortina: [II,17] Muro que liga dois baluartes.
- Cotilada: [II,15] (Cutilada) Golpe de espada.
- Couto: [III,5] Asilo, refúgio.
- Criança: [64] Criação
- Cumpridamente: [III,17] Completamente.
- Cumprir: [II,41] Ser necessário, conveniente, proveitoso.
- Curioso: [III,20] Notável, excepcional.
- Davante: [III,35] (Devante) Diante
- Deacidrão: [II, 11] (Diacidrão) Doce de cidra cristalizada.
- Defensão: [II,24] Defesa.
- Demão: [II,21] Auxílio, ajuda.
- Depositório: [II, 30] Aquele a quem se confiou alguma coisa.
- Derrota: [II,1] Rumo que as embarcações seguem no mar. Rota.
- Derrotado: [II,28] Apartar da rota ou rumo que se levava.
- Desabrimento: [II,27] Aspereza, desagrado no trato.
- Desasir: [III,23] Soltar, largar o que se tinha seguro.
- Desembaçadamente: [II,34] Claramente.
- Desencasado [II,6]: Tirado do encaixe, solto.
- Desenfadar: [II, 14] Divertir-se, escarnecer.
- Desenhar: [III,35] Projetar, imaginar.
- Desmenuindo: [II,55] Diminuindo.

Despejar: [II,17] Desocupar.

Dessarte: [II,49] Desse modo.

Dessenho: [III,30] Ideia, desígnio.

Dessintir: [III,5] Discordar.

Devação: [III,10] Devoção.

Dicho: [II,68] Dito, palavra, usualmente cômica.

Disínio: [II,31] (desígnio) Intento.

Dispensação: [III,18] Ato de desobrigar-se do cumprimento de alguma lei ou voto.

Dispensar: [III,12] Determinar.

Dita: [III,7] Boa sorte, fortuna.

Divertir [II,1] Separar, desviar; [III, 16] Distrair.

Dobrado: [III, 33] Que não diz o que sente.

Dogmatista: [II,2] Pessoa que ensina algum dogma.

Domesticar [II,1] Familiarizar.

Emboçar: [II,12] (embuçar) Dissimular, disfarçar.

Emparar: [III,3] Amparar.

Emperrado: [II,74] Obstinado.

Emprasar: [II,7] Empresar

Emprastado: [III,33] (Emplastrado) Coberto com emplastos, doente.

Emprender; [II,49] Resolver.

Empresar: [II,31] Cercar a caça de maneira que não possa fugir.

Enano: [II,12] Anão.

Encantador: [III,6] Que faz encantamentos.

Encetar: [II,15] Principiar.

Encontrado: [II,52] Contrário, oposto.

Encontrar: [II,6] Ser contrário, oposto.

Enfadado: [III,3] Desgostoso, agastado.

Entibiar: [III,27] Enfraquecer.

Entretanto: [III,10] Nesse ínterim

Entroxando: [22] (Entrouxando) Embrulhando.

Enxárcea: [II,27] (Enxárcia) Toda a cordoalha que prende as velas e os mastros de um navio.

Enxerir: [III,16] Inserir.

Equívoco: [II,22] Palavras equívocas, que têm diversas significações.

Escalavrado: [II,28] Ferido.

Escoridade: [III,6] (Ecuridade) Ecuridão.

Escritório: [III,20] Espécie de armário com gavetas que possui uma tampa por fora.

Escusar: [II,6] Poupar, dispensar.

Esmerilhão: [II,30] Pequena ave de rapina.

Espadanas: [III,3] Tipo de planta aquática.

Espádoa: [III,25] Região da omoplata e seu revestimento. Ombro. [espádua]

Espadoado: [II, 70] Que tem o osso da espádua fora de seu lugar.

Espalda: [III,31] Espádoa, ombro.

Espedir-se: [II,26] Despedir-se.

Espenhar: [II,33] Expugnar.

Espessura: [II,2] Área com muitas árvores ou arbustos.

Espírito: [III,2] Índole, ânimo.

Estrovinhado: [III,13] Meio acordado, mal desperto.

Expugnação: [III,33] O tomar de uma cidade, praça ou coisa semelhante.

Expugnar: [II, 33] Conquistar à força de armas.

Faca: [II, 70] Cavalo pequeno

Facha/ hacha/ acha: [II,44] Antiga arma de dois gumes.

Falda: [II,30] (Fralda) Sopé, parte inferior.

Falsar: [71] Falsar o escudo: Inutilizá-lo perfurando-lhe com a lança.

Fato: [II,56] As roupas, a bagagem.

Fervedoiros: [80] (Fervedouro) Grande agitação, movimento?

Fiambre: [II,44] Alimentos preparados para se comerem frios?

Flema: [III,5] (Fleuma) Impassibilidade, serenidade.

Folgo: [II,27] Fôlego

Fonfarrice/Fanforrice: [II:8,26] Fanfarrice

Formidável: [III,33] Temível, que causa medo.

Forrar: [II,19] Livrar, poupar.

Fozil: [II,27] ver Fuzil

Frol: [II,1] flor. Rebentar o mar em flor: Quando a onda sobe e rebenta em grossas espumas.

Fusco/Furco: [II,15] Triste, melancólico.

Fusta: [II,21] Embarcação longa e chata de vela e remos.

Fuzil: [II, 27] Relâmpago.

Gageiro/Gaseiro: [II,50] O marinheiro que vigia o mar na gávea.

Galeaça: [II,4] Embarcação grande de três mastros.

Galeota: [II,5] Tipo de embarcação de dois mastros, que tem até vinte remos.

Galhardete: [II,1] Bandeira para ornamentação em ocasiões festivas.

Garrote: [II,29] Pau curto com que se apertava a corda que estrangulava alguém.

Gente de pé: [II,44] Infantaria.

Giolho: [II,6] Joelho

Granjearia: [II,13/III,29] Serviço.

Greta: [III,6] Abertura ou fenda na parede.

Grosso: [II,1] Mar grosso: Mar agitado.

Grumeto/ Grumete: [29] Moço que serve como criado aos marinheiros.

Gualdrapa:[52] s. f. Cobertura larga, de seda ou lã, que cobre e adorna as ancas da mula ou do cavalo.

Hástea: [56] O pau em que está inserido o ferro da lança da alabarda.

Hastilhas: [61] Rachas, lascas de alguma coisa.

Homem: [II,74] Usado como uma forma de indeterminação do sujeito, assemelha-se ao *on* francês.

Homenagem: [III,5] Juramento de fidelidade, debaixo do qual se promete alguma coisa.

Homiziar: [II,68] Inimizar.

Honestar: [II,37] Coonestar. Fazer que pareça honesto, decente.

Hóspede: [II,4] O homem que dá hospedagem.

Hospício: [III,33] Lugar de acolhimento

Impetrar: [II,57] Pedir, requerer.

Indinado: [II,9] Indignado.

Indústria: [II,9] Astúcia. De indústria: de propósito, de caso pensado.

Infiado/Enfiado: [III,20] Pálido, mudado de cor, desmaiado de ira ou de medo.

Interessar: [II,1] Ganhar, lucrar.

Jazigo: [II,1] Dar o mar jazigo: O mar estar quieto para poder desembarcar.

Janela: [III,25] Janela.

Juguete: [III,13] (Juguete) Brincadeira, zombaria.

Leonado: [III,25] Da cor do leão, fulvo.

Levantado: [II,17] Rebelado, amotinado.

Livrado / bem livrado: [II,7] Isento de mal ou perigo.

Lograr: [II,4] Usufruir da companhia.

Lucerna: [II,11] Candeia.

Maça: [II,71] Maça da espada: Parte arredondada do cabo da espada que protege o punho.

Malhada: [III,12] Malhada de pastor: Lugar em que dormem os pastores com seu gado.

Máquina: [II,1] Trama.

Maranha: [III,19] Intriga

Martinete: [52] Espécie de penacho feito das penas de aves.

Mastareo: [II,27] Mastro suplementar fixado ao mastro real.

Medronhal: [II,2] Medronheiros (tipo de árvore) dispostos proximamente entre si.

Menestero: [III,29] Necessitados.

Mezinha: [III,16] Qualquer remédio caseiro.

Mister: [II,1] Necessidade.

Modorra: [II,27] A terceira vigília da noite nos navios. “Os serviços da vigília de um navio eram divididos por 6 quartos, de quatro horas cada, designados como se segue: quarto da modorra, das 0 às 4 horas; quarto da alva, das 4 às 8 horas; quarto da manhã, das 8 às 12 horas; quarto da tarde, das 12 às 16 horas; quartinho, das 16 às 20 horas (...); e, finalmente, quarto da prima, das 20 às 24 horas.” VAZ MONTEIRO, J.R. *A Viagem de Regresso da Índia da Nau "São Pantaleão" no Ano de 1596*. Coimbra, 1974, p. 108

Mofino: [III,13] Infeliz, desditoso.

Moneta: [II,27] Vela pequena.

Montante: [II,44] Espada grande antiga que excedia a estatura do homem.

Monteiro: [II,43] Aquele que caça nos montes.

Mouro: [II,14] Irado.

Murzelo: [III,15] Cavalo que tem cor de amora (castanho escuro).

Músico: [III,22] Musical.

Nao: [II,12] Embarcação de alto bordo.

Obras mortas: [II,27] Castelos de popa do navio.

Oferecer-se: [III,6] Apresentar-se para algum fim.

Oiteiro/Outeiro: [II,14] Colina, pequeno monte.

Onzena: [III,28] Usura, lucro exagerado.

Opinião: [III,3] Reputação.

Pairar: [II,27] Pairar árvore seca: Flutuar com as velas recolhidas sem sair do lugar.

Palafrém: [14] Cavalo manso para senhoras.

Pao: [III,35] Pau tostado: Paus compridos que, ao serem queimados no fogo, endurecem como ferro.

Paracismo: [II,28] o mesmo que paroxismo. Estágio duma doença em que os sintomas se manifestam com maior intensidade. Desmaio.

Parar: [III,12] Ficar, tornar-se.

Parelha: [III,23] correr parelhas: ser igual

Partido: [II,16] Condição, meio de se reconciliar.

Pavonado: [59] Cor de violeta.

Peitar: [III,19] Dar alguma coisa para que nos façam outra proibida.

Pela: [II,16] (Péla) Bola de couro usada no jogo da pela.

Penso: [71] Tratamento, cuidado.

Perceito: [II,1] Preceito

Percurar: [II,10] Procurar

Pertensor: [III,12] Pretendente.

Pianha/Peanha:[II, 79] Base sobre a qual está uma imagem, estátua.

Pleito: [III,5] Obrigação por promessa.

Podão: [II,38] Foice de podar.

Podengo: [III,8] Cão de caça. Em sentido figurado: homem indigno.

Poial: [II, 3] Assento à porta da rua.

Pola: [III,15] por + a

Ponteiro: [II,27] Vento ponteiro: contrário.

Porfiado: [62,II] Teimoso, obstinado.

Portaló: [II,27] A parte do navio por onde se recebe a carga ou por onde as pessoas entram a bordo.

Porver: [II,49] Prover

Postigo: [II,12] Pequena porta.

Postre: [III,7] Sobremesa.

Prancha/Pancha: [45] Dar de prancha: Bater com a parte mais larga da espada, de modo que não corte.

Prático: [II,12] Homem experiente ou experimentado.

Prazenteiro / Prezenteiro: [III,34] Alegre, simpático.

Precedente: [80] Antecedente, que precede, que vem adiante.

Preço: [III,1] Apreço, valor que se dá a alguma coisa?

Preluxa: [II,20] ver Proluxa.

Prestes: [II,5] Pronto, preparado.

Prima: [II,27] O quarto da prima: A primeira vigia da noite nas naus.

Profiar: [II,6] (Porfiar) Disputar, lutar.

Proluxa: [II,13] (Prolixa) Muito longa, demasiada.

Quarteirão: [II,59] Em heráldica, qualquer das quatro partes de um escudo.

Quedas: [II,79] (Quedo) Imóvel, parado.

Ramadas: [II,29] Ramos cortados e dispostos de maneira que façam sombra em algum lugar.

Ramendado: [II,2] Remendado.

Rebate: [II,34] Sinais, vestígios, anúncio.

Rebuço: [63] Disfarçe.

Recado: [II,8] A bom recado: em lugar seguro.

Recâmera: [II,27] As roupas, bagagem.

Refucilar/Refocilar: [II, 74] Recobrar as forças, revigorar-se.

Rei de armas [II,78] Oficial público.

Relógio: [II,27] A meia hora medida pela ampulheta.

Reparar: [II,46] Proteger.

Resolto: [II,19] (Resoluto) Resolvido, decidido.

Respeitar: [12] Atender a, atentar para.

Respeito: [II,4] Causa, motivo.

Retrete: [II,9] Aposento pequeno localizado na parte mais secreta e apartada da casa.

Revés: [II,46] Golpe diagonal com a espada, que fere da direita para a esquerda.

Revolver-se: [II,57] Brigar.

Rocim: [II,14] Cavalo pequeno e fraco.

Rodela: [II,16] Escudo redondo.

Romance: [II,14] Composição em versos.

Roqueiro: [II,15] Castelo roqueiro: castelo que está fundado sobre uma rocha.

Ruço: [II,14] Pardo, esbranquiçado.

Sabujo: [II,43] Ver Zabujo.

Sacraficio: [33] Sacrificio.

Sacripantes: [III,12] (Sacripanta) Velhaco, patife.

Sacristia: [II,40] Casa dentro da igreja onde se guardam os objetos sagrados.

Saial: [83] Antiga vestidura grosseira para homens ou mulheres.

Salear: [III,29] Andar de sala em sala.

Sancristia: ver Sacristia

Sensaboria: [III,33] Insipidez, sem graça.

Sensitivo: [II, 4] Sensível.

Sertã: [III,8] Frigideira.

Sétia: [II,1] Embarcação pequena.

Siglo: [II,3] (Século) Mundo

Significar: [II,43] Informar.

Silhão: Espécie de sela grande feita para as mulheres cavalgarem nela.

Sindeiro: [II,14] (Sendeiro) Cavalo velho, ruim.

Sinos Samões: [II,78] Dois triângulos de metal atrevassados um no outro que servem como uma espécie de talismã ou enfeite.

Sôbola: [III,16] sobre + a

Sobreiro/Sovreiro/Sovereiro: [II,45] Tipo de árvore.

Sobrepeliz: [II,2] Vestidura eclesiástica.

Sobrevéstia: [III,13] [Sobreveste] Vestidura que se usa sobre outra.

Soer: [II,9] Costumar.

Sofrer: [II,1] Suportar.

Soía: ver Soer

Sombreiro: [II, 52] Chapéu de aba larga.

Sóteas: [II,10] (Açoteias) Sótão, varanda no alto das casas.

Súpito: [II,13/III,29] (Súbito) De súbito, subitamente.

Surgião: [II,46] Cirurgião

Surto: [II,22] Aportado, ancorado.

Talha: [II,28] Cordas com que se governavam os lemes em grandes tormentas.

Talhadas: [II,11] Porção cortada de alguma coisa, fatias.

Temeroso: [II,35] Que causa temor, medo.

Tente: adj. [II,23] À mão tente: Bem perto, com ardor.

Terceiro: [III,4] Intercessor, mediador.

Tímido: [II,67] Que tem temor, receoso.

Tirar: [II,5] Estirar, puxar.

Todavia: [II,83] Ainda.

Torcer: [III,16] Desviar-se.

Traça: [II,1] Meio de se conseguir alguma coisa.

Trela: [43] A correia que prende o cão de caça.

Triaga: [III,14] Remédio de composição complicada que era usado contra mordidas de animais venenosos.

Trigo: [II,86] Estar trigo: Estar com ânimo, animado.

Tudesco: [II, 63] Próprio dos antigos germanos.

Vao: [II,15] Trecho raso de um rio, onde se pode transitar a pé ou a cavalo.

Varar: [55] Varar navio em terra: Fazer o navio encalhar, dar em seco, dar à costa.

Verdugada: [II,86] Antiga vestimenta de mulher.

Verga: [II,28] Vara de madeira que cruza o mastro e lugar onde se prende a vela.

Vésporas: [III,20] Vésperas.

Vilão: [II,1] Que vive numa vila, camponês.

Vir: [II,20] Vir em alguma coisa: concordar.

Vizinho: [II,39] Morador.

Voga: [II,34] Ação de remar, remada.

Zabujo/Sabujo: [43] Cão farejador.

Imagens:

Ameia: <http://www.tintazul.com.pt/castelos/brg/pvl/lanhoso.html>

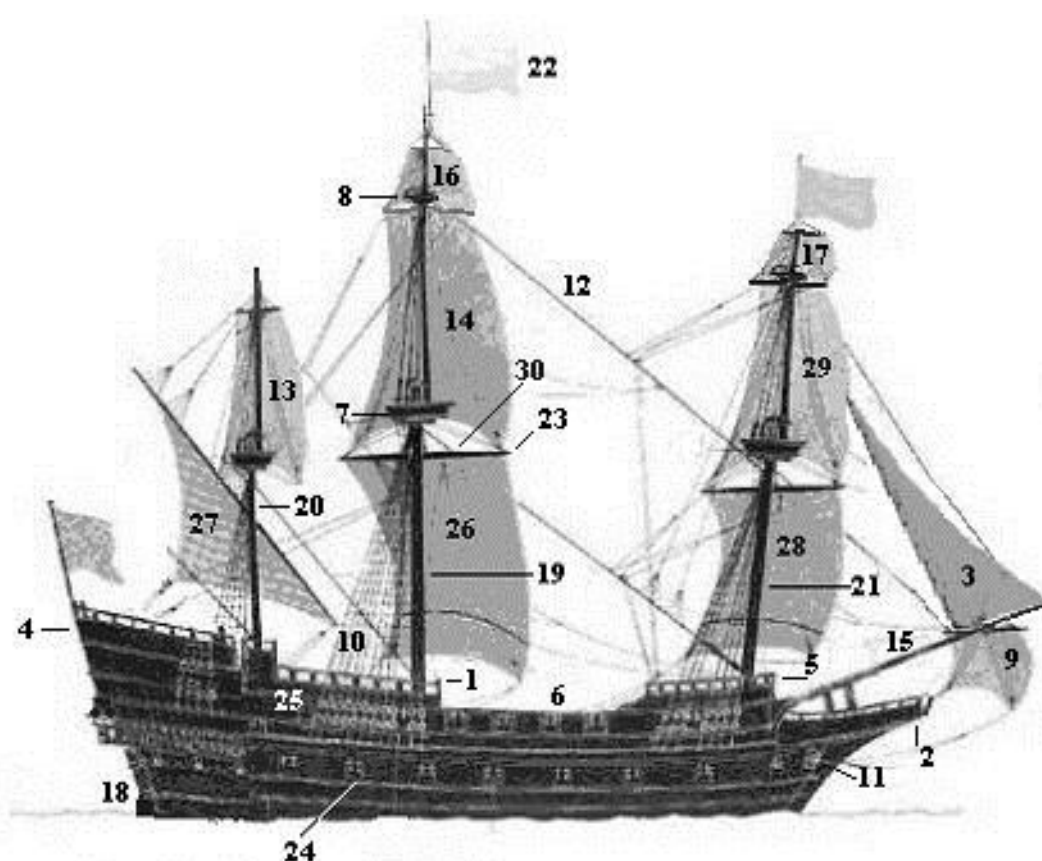
Baluarte: http://www.aforca.org/carlos_iii.htm

Bisarma: <http://fr.wikipedia.org/wiki/Fichier:Guisarme1.jpg>

Botaréu: <http://diariodawikipedista.blogspot.com/2009/06/arco-botante-arcobotante-arco-botante.html>

Coruchéu: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Coruch%C3%A9u>

Cimitarra: <http://contarcuentos.com/2010/03/armas/>



- | | |
|-----------------------|-----------------------------|
| 1. Amurada | 16. Joanete grande |
| 2. Beque | 17. Joanete da proa |
| 3. Bujarrona, giba | 18. Leme |
| 4. Castelo de popa | 19. Mastro grande (ou real) |
| 5. Castelo de proa | 20. Mastro da mezena |
| 6. Convés | 21. Mastro do traquete |
| 7. Cesto da gávea | 22. Pavilhão |
| 8. Cesto do joanete | 23. Penol, lais |
| 9. Cevadeira | 24. Portinhola |
| 10. Enxárcia | 25. Tombadilho |
| 11. Escovém da âncora | 26. Vela grande |
| 12. Estai | 27. Vela da mezena |
| 13. Gata | 28. Vela do traquete |
| 14. Gávea | 29. Velacho |
| 15. Gurupés | 30. Verga |

Fonte: <http://salgari.com.sapo.pt/Barcos.html>

Personagens

A

Agrimo: Súdito de Targiana que ajuda Albaizar a proteger Vasperaldo.

Agriola: Emperatriz, irmã de el-rei Fadrique de Inglaterra.

Albaizar (II): Filho de Targiana e Albaizar (I). Ama Carmélia.

Alcides: Nome dado a Hércules (ou Héracles).

Alibeque/Talibeque: Mouro, primo de Beliazém e apaixonado por Beliandra. Vem a Constantinopla em busca de Albaizar e acaba tentando matá-lo.

Aliboazém/Alboazém: Casa-se com Arquediana, graças a ajuda de Astronômico e Floriano.

Almourol/Almoirol (II): Gigante filho de Almourol (I) e Cardiga.

Altea: Donzela que, no *Palmeirim de Inglaterra*, morreu tragicamente e por quem Floramão foi sempre apaixonado.

Amadis de Gaula: Cavaleiro apaixonado por Oriana.

Anteo: Na mitologia grega, gigante filho de Poseidon e Gea, fundador da cidade de Tânger. Foi morto por Hércules (Alcides).

Ardélio: Escudeiro de Primaleão.

Ardimão de França: Um dos cavaleiros criados na Ilha Perigosa.

Arlança: Giganta, mulher de Dramusiando e mãe de Pavorante.

Arnedos: Príncipe de França. Filho do rei Graciano. Apaixona-se por Enfília.

Arquediana/Arquidiana/Alquidiana: Irmã de Albaizar. Filha de Targiana. Casa-se com Aliboazem.

Arqueduke de Áustria: Pai de Leopoldo. Irmão da rainha Rodogênia.

Arquelino/Arquilino: Cavaleiro que servia Tesbília.

Astróbio: ver Nastróbio.

Astronômico: Sábio amigo de Aliboazém. Planeja entregar Floriano a Targiana em troca da permissão para Aliboazém casar-se com Arquediana.

Atrônio: Gigante que, por raptar uma donzela, luta com Florislao, o qual, vendo a cortesia e amor do gigante pela donzela, a convence a se casar com ele.

B

Barcileno: ver Braciliano

Belcar (II): Filho de Belcar (I), irmão mais novo de Rosuel.

Beliandra: Irmã de Beliazém.

Beliazém: Filho do sultão de Pérsia. Amigo de Albaizar. É morto por Dom Floris.

Beroldo: Rei de Espanha. Pai de Recindos e Valerisa.

Braciliano / Braceliano / Bracileno / Barcileno: Cavaleiro espanhol já mais velho. É apaixonado por Daraja.

Brisdolfo/Brusdolfo: Gigante filho de Bracandor, personagem do *Palmeirim de Inglaterra*, que aprisionou Florendos, Floramão e outros cavaleiros.

Blandidon/Blandindon: Sultão de Niquea.

C

Carmélia: Filha de Floriano e Leonarda. Irmã de Vasperaldo. É amada por Dom Duardos.

Cavaleiro da Roca Partida: Imperador Primaleão, quando jovem e apaixonado por Gridônia.

Cavaleiro das Ondas: Alibeque / Talibeque.

Cavaleiro do Salvagem: Floriano, irmão de Palmeirim de Inglaterra.

Cavaleiro do Sepulcro: Cavaleiro das Ondas, Alibeque / Talibeque.

Cavaleiro do Sol: Primaleão (II).

Cavaleiro dos Malmequeres: Inicialmente Florislao, mas depois este troca as armas com Dom Duardos, que passa a ser conhecido por esse nome.

Celinda: Dama de companhia de Carmélia.

Clorena / Clarina: Donzela que se entrega a Florislao.

Conde de Henao: Pai de Nastróbio e Tesbília e irmão da duquesa de Cleves.

D

Daliarte: Sábio, tio de Dom Duardos (II).

Dalispro / Dalis: Escudeiro de Florislao, filho de Satiafor.

Daraja: Donzela por quem Braceliano se apaixona, a qual arma um plano para matá-lo. Foi apaixonada por Primaleão enquanto esteve disfarçado de pastor.

Dragonalte: Rei de Navarra

Dramaciana/Dramosiana: Rainha de Hungria.

Dramusiando: Gigante, pai de Pavorante.

Drúsia Velona: Sábia turca, amiga de Targiana.

Duardos (I) / Rei Dom Duardos: Rei de Inglaterra e pai de Palmeirim de Inglaterra.

Duardos (II): O melhor cavaleiro de sua geração. É filho de Palmeirim de Inglaterra e apaixonado por Carmélia.

Duque de Cleves: Pai de Luciana e sobrinho do arqueduke de Áustria.

Duquesa de Cleves: Segunda esposa do duque de Cleves e irmã do conde Henao.

Duquesa de Urmedos / Umedos: Gridônia I, casada com o imperador Primaleão.

E

Enácia: Dama de companhia de Fidélia.

Enfília / Orfília: Filha do rei de Sicília, irmã de Filismarte. Durante a aventura da Casa do Amor, Arnedos se apaixona pela imagem dela.

F

Fadrique: Rei de Inglaterra, bisavô de Dom Duardos (II).

Filisarte / Felisarte / Filismarte: Príncipe da Sicília. Ao casar-se com Lisandra, torna-se rei de Nápoles. É muito amigo de Dom Floris.

Fidélia: Princesa, filha do rei de Boêmia.

Flérída(I): Esposa de Dom Duardos (I).

Flérída(II): Irmã de Dom Duardos (II). Filha de Palmeirim de Inglaterra e Polinarda.

Floramão: Rei da Sardenha. Eternamente apaixonado por Altea.

Florendos: Filho do imperador Primaleão e marido de Miraguarda. É pai de Primaleão (II) e de Gridônia.

Floriano: Irmão de Palmeirim de Inglaterra. É pai de Vasperaldo e Carmélia.

Floris de Lusitânia: Irmão de Miraguarda por parte de pai. Apaixona-se por Valerisa.

Florislao: Filho ilegítimo de Floriano e Polifema.

Francião: Rei de Tessália.

Frenélio: Filho de Pompides.

G

Garciano: ver Graciano

Graciano: Rei de França. Pai de Arnedos.

Gridônia (II): Filha de Florendos e Miraguarda.

Grão Turco: Pai de Targiana, mãe de Albaizar.

Gravano: Escudeiro de Dom Floris.

H

Henrique Frusto: Autor fictício da *Crônica de Dom Duardos*.

J

Julião: Dom Duardos (I), enquanto disfarçado de hortelão para conquistar o amor de Flérída.

L

Leonarda: Rainha de Trácia, esposa de Floriano.

Leopoldo: Filho do arqueduke de Áustria. Apaixona-se por Daraja.

Lisandra: Esposa de Filisarte.

Luciana: Filha do duque de Cleves. Apaixona-se por Nastróbio.

Ludínio / Ludímio: Cavaleiro do reino de Boêmia.

Luimão de Borgonha: [III, 31]

M

Milênia / Melênia: Sábia, sobrinha de Drúsia Velona.

Miraguarda: Esposa de Florendos.

Mafoma: Maomé.

N

Nastróbio: Filho do conde Henao.

Nossa Senhora do Pópulo: Segundo a tradição, o ícone da Salus Populi Romani (Nossa Senhora do Pópulo) foi pintado pelo evangelista São Lucas e sua devoção foi muito difundida pelos jesuítas.

O

Orfília: ver Enfília

P

Palmeirim de Lacedemônia: Filho de Platir e Sidela. É apaixonado por Valerisa e inimigo de Dom Floris.

Palmeirim de Inglaterra: Filho do rei de Inglaterra, Dom Duardos (I) e de sua esposa Flérída (I). É pai de Flérída (II) e de Dom Duardos (II).

Paludrão / Palurdão / Puladão: Gigante que, instigado por Milênia, rapta Fidélia.

Pavorante: Gigante filho de Dramusiando e Arlança.

Perequim de Duacos: Gigante apaixonado por Gridônia (I) e morto por Primaleão (I).

Platir: Filho do emperador Primaleão e pai de Palmeirim de Lacedemônia.

Pleonido: Anão amigo de Fidélia.

Polendos: Príncipe de Tessália, filho de Francião.

Polifema: Amiga de Arlança, teve um envolvimento amoroso com Floriano, do qual nasceu Florislao.

Polinarda: Filha do imperador Primaleão e esposa de Palmeirim de Inglaterra.

Polinardo: Irmão de Vernau, governa o Império da Alemanha depois da morte deste, no lugar do sobrinho Trineo.

Pompides: Filho de Dom Duardos (I) e de Argonida, irmão de Daliarte.

Primaleão (I): Imperador de Constantinopla.

Primaleão (II): Filho de Florendos e Miraguarda. É apaixonado por Fidélia.

R

Recindos: Príncipe de Espanha. Filho do rei Beroldo e irmão de Valerisa.

Rosuel: Marido de Dramaciana, duque de Ponta e Duraço.

Rosirão de Labrunda: Pai de Sigismunda. Companheiro de juventude de Floriano.

Rodogênia: Mãe de Fidélia e esposa do rei Venceslao de Boêmia

Rei de Boêmia: Pai da princesa Fidélia. Chama-se Venceslao / Venceslao.

S

Satiafor / Satiaflor: Pai de Dalispro.

Sigismunda: Filha de Rosirão de Labrunda. É amada por Frenélio.

Silana: Filha de Silvião e irmã de Trigônio.

Silvião: Irmão de criação de Palmeirim de Inglaterra. Pai de Trigônio e Silana.

Soldão de Babilônia: Albaizar.

T

Targiana / Tragiana: Esposa de Albaizar (I) e mãe de Albaizar (II). Ainda solteira, teve um relacionamento amoroso com Floriano.

Tesbília / Tisbília: Filha do conde de Henao, a qual prende Dom Duardos em seu castelo com intenção de se casar com ele.

Timandro: Cavaleiro da ilha de Dramusiando, incumbido de levar Albaizar a Targiana.

Tragiana: ver Targiana.

Trigônio / Tregônio / Trogônio: Escudeiro de Dom Duardos. Filho de Silvião.

Trineo: Filho de Vernau e Vasília. É apaixonado por Gridônia (II).

V

Valerisa: Princesa de Espanha, filha do rei Beroldo e irmã de Recindos. É amada por Palmeirim de Lacedemônia e por Dom Floris.

Vasília: Imperatriz da Alemanha, mãe de Trineo.

Vasperaldo: Filho de Floriano e Leonarda. Irmão de Carmélia. É apaixonado por Flérída.

Vesperaldo: ver Vasperaldo